

“Um olhar fascinante sobre a corrupção judicial.”

The Washington Post

John Grisham

A delação

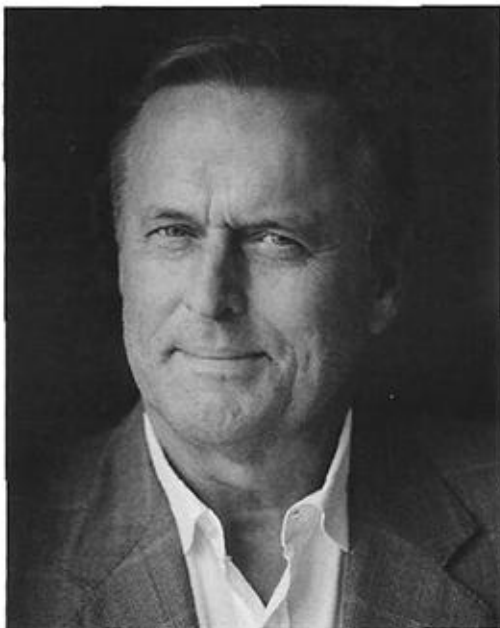
Uma jovem investigadora e um informante secreto
num jogo de altos riscos, ganância e assassinato.

Rocco



Lacy é investigadora do Conselho de Conduta Judicial da Flórida. Ela é advogada, não uma policial, e sua função é responder a denúncias de má conduta por parte de juízes. Depois de nove anos neste trabalho, ela sabe que a maioria dos problemas é causada por incompetência, quase nunca por desonestidade, até que certo dia um estarrecedor caso de corrupção vem parar em sua mesa. Um ex-advogado, desligado da profissão por problemas com a justiça, está de volta aos negócios com uma nova identidade. Ele agora é Greg Myers e afirma saber de uma juíza da Flórida que roubou mais dinheiro do que todos os outros juízes juntos, e não apenas os juízes da Flórida: roubou mais do que todos os juízes do judiciário americano.

Qual seria a fonte de tantos ganhos ilícitos? Há uma suspeita de que a juíza tenha estado secretamente envolvida com a construção de um grande cassino em terras indígenas. A Máfia da Costa financiou o cassino e agora está auferindo uma quantidade astronômica de dinheiro a cada mês. A juíza faz vista grossa e leva a sua fatia do bolo. É um negócio fácil: todos lucram.



Myers, no entanto, quer pôr um fim a esta festa. Seu único cliente é uma pessoa que sabe a verdade e quer denunciar o grande e elaborado esquema de corrupção na esperança de conseguir alguns milhões, segundo reza a lei da Florida. Myers entra com uma denúncia formal e o caso é atribuído a Lacy Stoltz, que suspeita de imediato que este poderia ser perigoso.

Perigoso é uma coisa. Mortal, outra bem diferente.

John Grisham é autor de 29 romances, uma obra de não ficção, uma coletânea de contos e seis romances para jovens leitores.

www.rocco.com.br

Facebook edilrocco Twitter @editorarocco Imagem de capa: ©
Matabum/Shutterstock

John
Grisham

A delação

Tradução de
Maira Parula

Rocco

Título original
THE WHISLER

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens,
lugares e incidentes são produtos da imaginação do autor ou foram
usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais,
vivas ou não, acontecimentos ou locais é mera coincidência.

Copyright © 2016 by Belfry Holdings, Inc.
Todos os direitos reservados.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 - 8º andar
20030-021 - Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (21) 3525-2000 - Fax: (21) 3525-2061
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

Revisão técnica
FERNANDO THOMPSON

Preparação de originais
JOÃO SETTE CAMARA

CIP: Brasil. Catalogação na fonte. Síndico Nacional dos Editores de Livros, RJ.	
G888d	Grisham, John A delação / John Grisham, tradução de Maira Parula. -- 1ª ed. -- Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
Tradução de: The whistler ISBN 978-85-325-3388-2	
I. Ficção americana. I. Parula, Maira. II. Título.	
17-43611	CDD-813 CDU-821.111(73)-3

O texto deste livro obedece às normas do
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

1

O rádio via satélite tocava soft jazz, uma solução de conciliação. Lacy, a dona do Prius e, portanto, do rádio, detestava rap quase tanto quanto Hugo, seu carona, detestava country contemporâneo. Eles foram incapazes de chegar a um acordo com programas esportivos, rádio pública, os hits clássicos de décadas passadas, comédia adulta e a BBC e não se decidiram quanto a bluegrass, CNN, ópera e outra centena de emissoras. Por frustração da parte dela e cansaço da dele, os dois logo jogaram a toalha e se conformaram com um jazz suave. Suave, para que o longo e profundo cochilo de Hugo não fosse perturbado. Suave, porque Lacy não ligava muito para jazz também. Era outro toma lá dá cá, um dos muitos que vinham mantendo de pé a equipe de trabalho deles ao longo dos anos. Ele dormia, ela dirigia, e os dois ficavam satisfeitos.

Antes da Grande Recessão, o Conselho Estadual de Justiça (CEJ) tinha direito a uma pequena frota de Hondas do governo, todos com quatro portas, pintura branca e baixa quilometragem. Com os cortes orçamentários, porém, eles desapareceram. Lacy, Hugo e outros incontáveis funcionários públicos na Flórida agora deviam usar seus próprios veículos para o trabalho do estado, reembolsados em cinquenta cents por quilômetro. Hugo, com quatro filhos e uma hipoteca pesada, dirigia um antigo Bronco que mal conseguia chegar ao escritório, que dirá sair em uma viagem. E, assim, ele dormia.

Lacy gostava de silêncio. Ela lidava com a maioria de seus casos sozinha, assim como seus colegas. Cortes mais radicais haviam dizimado o escritório, e o CEJ estava reduzido a seus últimos seis investigadores. Sete, em um estado com vinte milhões de habitantes e contando com mil juízes alocados em seiscentos tribunais, processando meio milhão de casos por ano. Lacy era eternamente grata por quase todos os juízes serem pessoas honestas e dedicadas ao trabalho, comprometidas com a justiça e a igualdade. Caso contrário, teria ido embora há muito tempo. O pequeno número de maçãs podres a mantinha ocupada cinquenta horas por semana.

Ela ligou delicadamente a seta e reduziu a velocidade na rampa de saída. Quando o carro ia parando, Hugo jogou-se para a frente como se estivesse bem acordado e pronto para o dia.

— Onde estamos? — perguntou ele.

— Quase lá. Vinte minutos. Tempo para você rolar para a direita e roncar na janela.

— Desculpe. Eu estava roncando?

— Você sempre ronca, pelo menos é o que diz sua mulher.

— Bom, em minha defesa, fiquei andando pela casa às três da manhã com o último filho dela. Acho que é uma menina. Qual é o nome dela mesmo?

— Da mulher ou da filha?

— Ha ha.

A linda e sempre grávida Verna guardava poucos segredos quando se tratava do marido. Sua vocação era manter o ego dele sob controle, o que não era tarefa pequena. No que parecia ser outra vida, Hugo fora um astro do futebol americano nos tempos de colégio, depois, o jogador mais bem classificado de sua turma na Universidade Estadual da Flórida, e o primeiro calouro a entrar direto no time titular. Ele jogara na posição de *tailback*, com raça e muitas contusões, por três jogos e meio, até que o carregaram em uma maca com uma fratura de vértebra na parte superior da coluna. Ele jurou que voltaria. A mãe disse não. Ele se formou com mérito e foi para a faculdade de direito. Seus dias de glória estavam desbotando rapidamente, mas ele sempre trazia parte da fanfarronice de todo americano típico. Hugo não podia evitar.

— Vinte minutos, é? — resmungou ele.

— Claro, ou não. Se você quiser, posso te deixar dentro do carro com o motor ligado e você dorme o dia todo.

Ele rolou para a direita, fechou os olhos e disse:

— Quero uma parceira nova.

— É uma boa ideia. O problema é que ninguém mais quer ficar com você.

— E uma parceira com um carro maior.

— Faz dezoito quilômetros por litro.

Ele resmungou de novo, ficou imóvel, depois se torceu, se sacudiu, murmurou e se sentou reto. Esfregou os olhos e falou:

— O que estamos ouvindo?

— Já tivemos essa conversa há muito tempo, quando saímos de Tallahassee, quando você começava a hibernar.

— Pelo que me lembro, eu me ofereci para dirigir.

— É, com um olho só aberto. Significou muito para mim. Como está Pippin?

— Ela chora muito, e com frequência. Geralmente, e digo isso por minha vasta experiência, quando um recém-nascido chora, tem algum motivo. Comida, água, fralda, a mãe... o que for. Mas não essa. Ela guincha absurdamente. Você não sabe o que está perdendo.

— Só para lembrar, eu cuidei da Pippin à noite em duas ocasiões.

— Sim, e Deus te abençoe por isso. Você vem esta noite?

— Quando quiser. Ela é a número quatro. Vocês já pensaram em

contraceptivos?

— Estamos começando a ter essa conversa. E já que estamos falando nisso, como está a *sua* vida sexual?

— Desculpe. Erro meu. — Aos 36 anos, Lacy era solteira e atraente, e sua vida sexual era uma rica fonte de comentários cochichados no escritório.

Eles seguiam para leste, rumo ao oceano Atlântico. St. Augustine ficava doze quilômetros a frente. Lacy enfim desligou o rádio quando Hugo perguntou:

— Você já esteve aqui?

— Já, alguns anos atrás. Depois, eu e meu namorado passamos uma semana na praia, no apartamento de um amigo.

— Muito sexo?

— Lá vamos nós de novo. Sua mente é sempre poluída?

— Bom, pensando bem, a resposta tem de ser sim. Além do mais, você precisa entender que Pippin agora tem um mês, o que significa que Verna e eu não temos relações normais há quase três meses. Ainda defendendo a ideia, pelo menos para mim mesmo, de que ela me isolou três semanas cedo demais, mas isso é discutível. Não dá para a gente voltar de onde parou, sabe? Então, as coisas estão meio críticas para o meu lado, não sei se ela sente o mesmo. Três pirralhos e uma recém-nascida causam sérios danos a esse negócio de intimidade.

— Não tenho como saber.

Ele tentou se concentrar na estrada por um ou dois quilômetros, depois, suas pálpebras ficaram pesadas e ele cochilou. Ela o olhou e sorriu. Em seus nove anos no Conselho, ela e Hugo trabalharam em uma dúzia de casos juntos. Formavam uma boa equipe e confiavam um no outro, e ambos sabiam que qualquer comportamento indesejado da parte dele, e não houvera nenhum até agora, de imediato seria relatado a Verna. Lacy trabalhava com Hugo, mas fofocava e fazia compras com Verna.

St. Augustine era considerada a cidade mais antiga da América, exatamente o lugar onde Ponce de Leon aportou e começou suas explorações. Com uma história antiga e muito turismo, era uma cidade adorável com construções históricas e densas barbas-de-velho que pendiam de carvalhos antigos. Enquanto eles entravam em sua periferia, o trânsito ficou mais lento, e os ônibus de turismo pararam. À direita e ao longe, a antiga catedral assomava sobre a cidade. Lacy se lembrava dela muito bem. A semana com o ex-namorado fora um desastre, mas Lacy tinha lembranças ternas de St. Augustine.

Um dos muitos desastres.

— E quem é esse misterioso informante que devemos encontrar? — perguntou Hugo, esfregando os olhos de novo, agora decidido a ficar acordado.

— Ainda não sei, mas o codinome dele é Randy.

— Tudo bem, e por favor me lembre por que estamos os dois nesse encontro secreto com um homem que usa codinome e ainda vai entrar com uma denúncia formal contra um de nossos estimados juízes.

— Não posso explicar. Mas conversei com ele três vezes por telefone e ele parece, hum, bem honesto.

— Que ótimo. Quando foi a última vez que você conversou com um autor de denúncia que não parecesse, hum, bem honesto?

— Me dê apoio, tá legal? O Michael autorizou, e estamos aqui. — Michael era o diretor, o chefe dos dois.

— Claro. Alguma pista da suposta conduta antiética?

— Ah, sim. Randy disse que era grande.

— Nossa, essa eu nunca ouvi.

Eles entraram na King Street e se arrastaram com o trânsito do centro. Estavam em meados de julho, ainda alta temporada no norte da Flórida, e turistas de bermuda e sandália vagavam pelas calçadas, aparentemente indo a lugar nenhum. Lacy estacionou em uma transversal e eles se juntaram aos turistas. Encontraram uma cafeteria e mataram uma hora folheando grossos folhetos de imobiliárias. Ao meio-dia, como instruídos, entraram no Luca's Grill e se sentaram a uma mesa para três. Pediram chá gelado e esperaram. Passaram-se trinta minutos sem nenhum sinal de Randy, e então eles pediram sanduíches. Fritas de acompanhamento para Hugo, fruta para Lacy. Comendo com a maior lentidão possível, eles ficaram de olho na porta e esperaram.

Como advogados, eles valorizavam seu tempo. Como investigadores, aprenderam a ter paciência. Os dois papéis costumavam entrar em conflito.

Às duas da tarde, eles desistiram e voltaram ao carro, que estava sufocante como uma sauna. Enquanto Lacy girava a ignição, seu celular vibrou. Número desconhecido. Ela o atendeu.

— Sim.

Uma voz de homem: “Eu pedi para você vir sozinha.” Era Randy.

— Acho que você tem o direito de perguntar. Devíamos nos encontrar ao meio-dia para o almoço.

Uma pausa e, depois: “Estou na Marina Municipal, no final da King Street, a três quadras. Diga a seu amiguinho para dar o fora e vamos conversar.”

— Olha, Randy, não sou policial e não sou muito boa nesse negócio de espionagem. Vou me encontrar com você, cumprimentar e tudo, mas, se eu não tiver seu nome verdadeiro em sessenta segundos, vou embora.

“É justo.”

Ela encerrou a ligação e disse em voz baixa:

— E justo.

A marina estava agitada de embarcações de lazer e alguns barcos de pesca chegando e partindo. Um longo catamarã descarregava um grupo de turistas barulhentos. Um restaurante com um pátio na beira da água ainda estava movimentado. Tripulações de barcos fretados salpicavam os conveses e arrumavam as coisas para os fretes do dia seguinte.

Lacy andou pelo píer central, procurando o rosto de um homem que nunca havia visto. À frente, sentado ao lado de uma bomba de combustível, um rato de praia envelhecido acenou desajeitadamente e de leve e assentiu. Ela retribuiu o cumprimento e continuou andando. Ele tinha uns 60 anos e cabelo grisalho demais saindo por baixo de um chapéu-panamá. Bermuda, sandálias, uma camisa chamativa de estampa floral e pele coriácea de quem passou tempo demais ao sol. Seus olhos estavam ocultos por óculos de aviador. Com um sorriso, ele se aproximou.

— Você deve ser Lacy Stoltz.

Ela apertou a mão dele.

— Sim, e você é?

— O nome é Ramsey Mix. É um prazer conhecê-la.

— O prazer é meu. Devíamos nos encontrar ao meio-dia.

— Peço desculpas. Tive uns problemas no barco. — Ele apontou para o píer, para uma lancha grande ancorada na ponta da doca. Naquele momento, não era a embarcação mais comprida no porto, mas chegava perto. — Podemos conversar lá? — perguntou ele.

— No barco?

— Claro. A privacidade é muito maior.

Passear em um barco com um completo estranho lhe pareceu uma má ideia, e ela hesitou. Antes que Lacy pudesse responder, Mix perguntou:

— Quem é esse cara negro? — Ele olhava na direção da King Street. Lacy virou-se e viu Hugo seguindo despreocupadamente um grupo de turistas que se aproximavam da marina.

— É meu colega — disse ela.

— Algum guarda-costas?

— Não preciso de guarda-costas, Sr. Mix. Não estamos armados, mas meu amigo ali pode te jogar na água em uns dois segundos.

— Vamos torcer para não ser necessário. Eu vim em paz.

— É bom ouvir isso. Vou entrar no barco somente se ele ficar onde está. Se o motor for ligado, nossa reunião acabou.

— É justo.

Ela o acompanhou pelo píer, passando por uma fila de veleiros que davam a impressão de não ver mar aberto havia meses, e ao barco dele, inteligentemente batizado de *Conspirator*. Ele subiu a bordo e estendeu a mão para ajudá-la. No convés, embaixo de um toldo de lona, havia uma pequena mesa de madeira com quatro cadeiras dobráveis. Ele gesticulou para lá.

— Bem-vinda a bordo. Sente-se.

Lacy fez uma avaliação rápida do ambiente. Sem se sentar, ela disse:

— Estamos sozinhos?

— Bom, não inteiramente. Tenho uma amiga que gosta de sair de barco comigo. O nome dela é Carlita. Quer conhecê-la?

— Só se for importante para sua história.

— Ela não é. — Mix olhava a marina, onde Hugo estava recostado numa grade. Hugo acenou como quem diz, “Estou de olho em tudo”. Mix retribuiu o aceno.

— Posso fazer uma pergunta?

— Claro — disse Lacy.

— Posso supor que o que estou prestes a lhe dizer será repetido ao Sr. Hatch muito em breve?

— Ele é meu colega. Trabalhamos juntos em alguns casos e talvez neste. Como sabe o nome dele?

— Por acaso tenho computador. Olhei o website. O CEJ devia atualizá-lo.

— Eu sei. Cortes no orçamento.

— O nome dele me lembra vagamente de alguma coisa.

— Ele teve uma breve carreira no futebol americano da Universidade Estadual da Flórida.

— Talvez seja isso. Eu mesmo sou torcedor do Gator.

Lacy se recusou a responder a isso. Era tão típico do Sul, esse pessoal que se liga a times de futebol universitário com um fanatismo que ela sempre achou irritante.

— Então, ele vai saber de tudo? — disse Mix.

— Vai.

— Chame-o para cá. Vou arrumar uma bebida para nós.

2

Carlita serviu as bebidas em uma bandeja de madeira — refrigerantes diet para Lacy e Hugo, uma garrafa de cerveja para Mix. Ela era uma hispânica bonita, pelo menos vinte anos mais nova do que ele, e parecia satisfeita por ter convidados, em particular outra mulher.

Lacy fez anotações em seu bloco.

— Uma pergunta rápida — disse ela. — O telefone que você usou quinze minutos atrás tinha um número diferente daquele que usou na semana passada.

— Isso é uma pergunta? — respondeu Mix.

— Chega perto.

— Tudo bem. Uso muitos telefones pré-pagos. E estou circulando o tempo todo. Estou supondo que o número seu que tenho é um celular fornecido por seu empregador, correto?

— É verdade. Não usamos telefones pessoais nos assuntos do estado, então meu número não deve mudar.

— Acho que isso simplifica tudo. Meus telefones mudam uma vez por mês, às vezes uma por semana.

Até agora, em seus primeiros cinco minutos juntos, tudo o que Mix disse abria portas para outras perguntas. Lacy ainda estava zangada por ter levado um bolo no almoço e não gostou da primeira impressão que teve dele.

— Ok, Sr. Mix, agora Hugo e eu vamos nos calar. Você começa a falar. Conte-nos sua história, e, se ela tiver hiatos imensos que exigirão de nós mais perguntas por informações, vamos nos entediar e ir para casa. Você foi reservado o bastante ao telefone para me atrair até aqui. Comece a falar.

Mix olhou para Hugo com um sorriso.

— Ela é sempre assim, brusca?

Hugo, sem sorrir, fez que sim com a cabeça. Cruzou as mãos na mesa e esperou. Lacy baixou a caneta.

Mix engoliu um pouco da cerveja e começou.

— Exerci a advocacia por trinta anos em Pensacola. Um escritório pequeno... em geral, tínhamos cinco ou seis advogados. Naquela época, éramos bem-sucedidos, e a vida corria tranquila. Um de meus primeiros clientes foi um empreiteiro, um sujeito que apostava alto construindo prédios de apartamentos, condomínios, hotéis, centros comerciais, essas coisas típicas da Flórida que aparecem da noite para o dia. Nunca confiei no cara, mas ele estava ganhando

tanto dinheiro, que acabei mordendo a isca. Ele me incluiu em alguns negócios, me dando uma fatia aqui, outra ali, e, por um tempo, tudo correu bem. Comecei a sonhar em enriquecer, o que, na Flórida, pode acarretar problemas muito sérios. Meu amigo estava fraudando a contabilidade e acumulando muitas dívidas, coisa que eu não sabia. Por acaso, havia alguns empréstimos falsos, tudo falso na verdade, e o FBI apareceu com uma de suas bombas de fragmentação, a lei RICO(1) de combate ao crime organizado, e indiciou metade de Pensacola, inclusive a mim. Muitos caras se queimaram... empreiteiros, banqueiros, corretores de imóveis, advogados, e outros picaretas. Você não deve ter ouvido falar nisso porque investiga juízes, e não advogados. Mas, então, eu abri o verbo, entreguei o que sabia, consegui um acordo, aleguei culpabilidade em uma acusação de fraude em correspondência e passei dezesseis meses numa penitenciária federal. Perdi minha licença e fiz muitos inimigos. Agora eu pego leve. Solicitei reingresso e consegui minha licença de volta. Hoje em dia, tenho um cliente, e ele é o cara de quem vamos falar a partir de agora. Perguntas? - Da cadeira vaga, ele pegou uma pasta sem etiqueta e a entregou a Lacy. — Este aqui é meu dossiê. Artigos de jornais, meu acordo judicial, tudo o que você precisa saber. Sou legítimo, ou tanto quanto pode ser um ex-prisioneiro, e cada palavra que digo é a verdade.

— Qual é seu endereço atual? — perguntou Hugo.

— Tenho um irmão em Myrtle Beach, e uso o endereço dele para fins legais. Carlita tem uma casa em Tampa, e recebo parte da correspondência lá. Mas basicamente moro neste barco. Tenho telefones, fax, wi-fi, um chuveiro pequeno, cerveja gelada e uma linda mulher. Sou um cara feliz. Rodamos pela Flórida, Keys, Bahamas. Não é uma aposentadoria ruim, graças ao Tio Sam.

— Por que você tem um cliente? — perguntou Lacy, ignorando a pasta.

— Ele é amigo de um velho amigo que conhece meu passado nebuloso e acha que eu vou fazer a coisa certa por um bom honorário. E ele tem razão. Meu amigo me procurou, depois me convenceu a aceitar esse caso. Não peça o nome do cliente, porque não tenho. Meu amigo é o intermediário.

— Você não sabe o nome do seu cliente? — perguntou Lacy.

— Não, e nem quero saber.

— Devemos perguntar por que ou só aceitar isto? - perguntou Hugo.

— Hiato número um, Sr. Mix — disse Lacy. — E não gostamos de hiatos. Ou você nos conta tudo, ou vamos embora e não levaremos nada.

— Relaxa, tá bom? - disse Mix, enquanto bebia a cerveja. - Esta é uma longa história que vai levar algum tempo para se desenrolar. Envolve uma tonelada de dinheiro, corrupção espantosa e uns caras muito desagradáveis que não

pensariam duas vezes antes de meter uma ou duas balas entre os meus olhos, os seus, os de meu cliente, de qualquer um que fizer muitas perguntas.

Houve uma longa pausa enquanto Lacy e Hugo absorviam isso. Por fim, ela perguntou:

— Então, por que você está na jogada?

— Dinheiro. Meu cliente quer entrar com uma ação com a salvaguarda do Estatuto de Proteção ao Delator da Flórida. Ele sonha em conseguir milhões. Eu vou receber uma boa fatia disso e, se tudo der certo, nunca mais vou precisar de clientes.

— Então, ele deve ser um funcionário do estado - disse Lacy.

— Eu conheço a lei, Srta. Stoltz. Você tem um emprego exigente, eu não. Tenho muito tempo para vasculhar os códigos e a jurisprudência. Sim, meu cliente é empregado pelo estado da Flórida. Não, sua identidade não pode ser revelada; não agora, pelo menos. Talvez, no futuro, se o dinheiro estiver na mesa, talvez possamos convencer um juiz a manter o sigilo. Mas, como ponto de partida, meu cliente está com medo demais para assinar uma denúncia formal no Conselho de Conduta Judicial.

— Não podemos começar a agir sem uma denúncia **formal** assinada - disse Lacy. — O estatuto, como sabe, é muito claro.

— Sei, de fato. Eu vou assinar a denúncia.

— Sob juramento? — perguntou Hugo.

— Sim, como é exigido. Acredito que meu cliente esteja dizendo a verdade e estou disposto a assinar eu mesmo.

— E você não tem medo?

— Vivi com medo por muito tempo. Acho que estou acostumado com isso, mas as coisas podiam piorar. — Mix pegou outra pasta de onde retirou alguns documentos que colocou na mesa. — Seis meses atrás, fui a um tribunal em Myrtle Beach e troquei de nome. Agora sou Greg Myers, o nome que vou usar na denúncia.

Lacy leu a ordem judicial da Carolina do Sul e, pela primeira vez, duvidou da sensatez de vir a St. Augustine para se encontrar com esse sujeito. Um funcionário do estado assustado demais para revelar a sua identidade. Um advogado aposentado tão amedrontado, que foi a um tribunal de outro estado e mudou de nome. Um ex-prisioneiro sem nenhum endereço de verdade.

Hugo leu a ordem judicial e, pela primeira vez em anos, desejou portar uma arma. Perguntou:

— Você se considera escondido no momento?

— Digamos que sou muito cauteloso, Sr. Hatch. Sou um capitão de barco experiente que conhece a água, os mares, as correntes, ilhotas e recifes, praias

remotas e esconderijos muito melhor do que qualquer um que procurar por mim, se, de fato, alguém vier aqui.

— Bom, sem dúvida parece que você está se escondendo — disse Lacy.

Myers apenas assentiu como se concordasse. Os três tomaram um gole. Uma brisa enfim chegou e rompeu parte da umidade. Lacy folheou os poucos documentos e falou:

— Uma pergunta. Seus problemas legais têm alguma relação com o ilícito que você quer discutir?

O gesto afirmativo de cabeça parou enquanto ele ponderava.

— Não.

— Voltando ao cliente misterioso — disse Hugo. — Você tem algum contato direto com ele?

— Nenhum. Ele se recusa a usar e-mail, correio comum, fax, ou qualquer telefone que possa ser rastreado. Ele fala com o intermediário, o intermediário ou me visita pessoalmente ou liga para um dos meus telefones descartáveis. É canhestro e consome muito tempo, mas é bem seguro. Sem rastros, sem registros, nada fica para trás.

— E se você precisasse dele agora, como o encontraria?

— Isso nunca aconteceu. Acho que eu ligaria para o intermediário e esperaria mais ou menos uma hora.

— Onde seu cliente mora?

— Não sei bem. Em algum lugar da costa da Flórida, na região do Panhandle.

Lacy respirou fundo e ela e Hugo se entreolharam.

— Tudo bem, qual é a história? — perguntou ela.

Myers olhou para longe, pela água, para além dos barcos. Uma ponte levadiça se abria e ele parecia hipnotizado por ela. Por fim, ele falou:

— Existem muitos capítulos na história, alguns ainda sendo escritos. O propósito desta pequena reunião é contar a vocês o bastante para deixá-los curiosos, mas também assustá-los o suficiente para que vocês desistam, se quiserem. A verdadeira questão agora é esta: vocês querem se envolver?

— Existe má conduta judicial? - perguntou Lacy.

— A expressão “má conduta” subestima muito a realidade. O que sei envolve corrupção em um nível jamais visto neste país. Vejam bem. Srta. Stoltz e Sr. Hatch, meus dezesseis meses na prisão não foram um completo desperdício. Eles me encarregaram da biblioteca de direito, e eu meti a cara nos livros. Estudei cada caso de corrupção judicial que já foi processado, em todos os cinquenta estados. Tenho a pesquisa, os arquivos, anotações, tudo. Sou uma fonte e tanto, caso vocês um dia precisem de alguém que esteja por dentro de

tudo. E a história que posso lhes contar envolve mais dinheiro sujo do que todas as outras combinadas. Também envolve suborno, extorsão, intimidação, julgamentos forjados, pelo menos dois homicídios e uma condenação injusta. Tem um homem apodrecendo no corredor da morte a uma hora daqui, e armaram para ele. O homem responsável pelo crime deve estar sentado em seu barco agora mesmo, um barco muito mais bonito do que o meu.

Ele fez uma pausa, bebeu da garrafa e lhes lançou um olhar presunçoso, satisfeito por ter a completa atenção deles.

— A questão é: querem se envolver? Pode ser perigoso.

— Por que ligou para nós? — perguntou Hugo. — Por que não procurou o FBI?

— Já lidei com o FBI, Sr. Hatch, e não foi bom. Não confio neles, nem em ninguém com um distintivo, em particular neste estado.

— Repito, Sr. Myers, não estamos armados — disse Lacy. — Não somos investigadores criminais. Parece que você precisa de vários ramos do governo federal.

— Mas vocês têm poder de intimar — disse Myers. — Vocês têm estatutos que lhes dão o direito de obter intimações. Podem exigir que qualquer juiz deste estado entregue qualquer registro guardado em seu gabinete. Vocês têm um poder considerável, Srta. Stoltz. Portanto, de muitas formas, vocês investigam atividade criminosa.

Hugo falou.

— É verdade, mas não estamos equipados para lidar com gangsteres. Se sua história for verdadeira, parece que os bandidos são bem organizados.

— Já ouviram falar de uma quadrilha chamada Máfia do Bagre? — perguntou Myers depois de outro longo gole da garrafa.

— Não — respondeu Hugo. Lacy meneou a cabeça, em negativa.

— Bom, essa é outra longa história. Sim, Sr. Hatch, é uma quadrilha bem organizada. Eles têm uma longa história de crimes cometidos que não são da conta de vocês porque não envolvem membros do judiciário. Mas teve um empreendimento em que eles compraram um juiz. E isso diz respeito a vocês.

O *Conspirator* balançou na esteira depois que um velho pescador de camarão passou por eles, e, por um momento, os três ficaram em silêncio. Lacy perguntou:

— E se não quisermos nos envolver? O que vai acontecer com sua história?

— Se eu entrar com uma denúncia formal, não é necessário que vocês se envolvam?

— Em tese, sim. Como sei que você sabe, temos 45 dias para fazer uma avaliação e determinar se a denúncia tem algum mérito. Depois, notificamos o

alvo, o juiz e estragamos o dia dele. Mas também sabemos ignorar denúncias.

— Ah, sim, somos burocratas. Podemos fugir e embromar como ninguém — disse Hugo com um sorriso.

— Não podem fugir desta — disse Myers. — É grande demais.

— Se é tão grande, por que não foi descoberta antes: - indagou Lacy.

— Porque ainda está acontecendo. Porque não chegou na hora certa. Por muitos motivos, Srta. Stoltz, sendo o mais importante e fato ninguém ninguém com o conhecimento esteve disposto a tomar a iniciativa, até agora. Eu estou tomando. A questão é simplesmente esta: **o Conselho** de Conduta Judicial quer investigar o juiz mais corrupto da história ia jurisprudência americana?

— Um dos nossos? - perguntou Lacy.

— Você entendeu.

— Quando teremos o nome dele? — perguntou Hugo.

— Você está supondo que seja um homem.

— Não estamos supondo nada.

— Este é um bom jeito de começar.

A brisa morna finalmente arrefeceu, e o ventilador oscilante chocalhando acima deles pouco fez além de agitar o ar pegajoso. Myers parecia ser o último dos três a perceber que tinham a roupa colada na pele e, como anfitrião da pequena reunião, enfim tomou a iniciativa.

— Vamos a pé ao restaurante ali para beber alguma coisa — disse ele. - Eles têm um bar com um bom ar-condicionado. — Ele pegou uma bolsa carteiro de couro verde-oliva, gasta e parecendo grudada a seu corpo. Lacy se perguntou o que haveria dentro dela. Uma pistola pequena? Dinheiro, um passaporte falso? Talvez outra pasta?

Enquanto eles andavam pelo píer, Lacy perguntou:

— Este é um dos lugares que você frequenta?

— Por que eu responderia a isso? — retorquiu Myers, e Lacy desejou não ter dito nada. Estava lidando com um homem invisível, que morava como se o pescoço estivesse sempre perto do cepo, e não com um marinheiro despreocupado que parava de porto em porto. Hugo balançou a cabeça. Lacy se xingou por dentro.

O restaurante estava vazio naquela hora, e eles pegaram uma mesa na parte de dentro que dava para o porto. Depois de assar no calor pela última hora, eles acharam o ar quase frio demais. Chá gelado para os investigadores, café para o Sr. Myers. Estavam sozinhos, ninguém poderia ouvi-los.

— E se não ficarmos entusiasmados demais com este caso? — perguntou Hugo.

— Então, suponho que acabarei partindo para o Plano B, mas não quero fazer isso. O Plano B envolve a imprensa, dois repórteres que conheço, e nenhum deles é inteiramente confiável. Um está em Mobile, outro, em Miami. Para falar com franqueza, acho que eles vão se alarmar logo de cara.

— O que lhe dá tanta certeza de que não vamos nos alarmar logo de cara, Sr. Myers? — perguntou Lacy. — Como dissemos, não estamos acostumados a lidar com gangsteres. Já temos casos demais.

— Estou certo que sim. Não faltam juízes ruins.

— Na verdade, não existem muitos. Só algumas maçãs podres, mas há litigantes decepcionados em número suficiente para nos manter ocupados. Muitas denúncias, e a maioria tem pouco mérito.

— Muito bem. - Myers lentamente retirou os óculos de avião e colocou na mesa. Seus olhos eram inchados e avermelhados como os de um alcoólatra, e eram cercados pela pele branca, um contraste que lhe dava uma semelhança com um guaxinim invertido. Ele olhou em volta mais uma vez, como quem quer averiguar se quem o persegue não entrou no restaurante, e pareceu relaxar.

— Sobre essa tal de Máfia do Bagre — disse Hugo.

Myers grunhiu com um sorriso, como se estivesse louco para desfiar um rosário.

— Então quer saber da história, hein?

— Foi você quem levantou o assunto.

— E verdade. — A garçonete colocou suas bebidas na mesa e desapareceu. Myers tomou um gole e começou.

— Faz mais ou menos uns cinquenta anos. Começou como uma gangue indefinida de malandros que aprontava em várias partes do Arkansas, Mississípi e Louisiana, qualquer lugar onde eles podiam subornar um xerife. Principalmente contrabando de bebida, prostituição, jogos de azar, os pecados a moda antiga, acho, mas eles tinham muitos membros, e não faltavam cadáveres. Eles escolhiam um condado com bebida liberada perto de uma região de maioria batista em que a bebida era proibida, de preferência em uma divisa de estado, e montavam as operações. Invariavelmente, os moradores se enchiam, elegiam um novo xerife, e os bandidos saíam da cidade. Com o passar do tempo, eles se acomodaram pela costa do Mississípi, lá por Biloxi e Gulfport. Aqueles que não levaram bala foram condenados e mandados para a prisão. Quase todos os gangsteres originais desapareceram no início dos anos 1980, mas ainda sobraram alguns de uma geração mais nova. Quando o jogo foi legalizado em Biloxi, abriu um buraco e tanto nos negócios deles. Eles se mudaram para a Flórida e descobriram os encantos das negociatas com terras e as impressionantes margens de lucro do tráfico de cocaína. Ganharam muito dinheiro, se reorganizaram e se

metamorfosearam em um grupo conhecido como Máfia da Costa.

Hugo balançava a cabeça em negativa.

— Fui criado no norte da Flórida, fiz faculdade lá, depois me especializei em direito, morei lá a minha vida toda e, nos últimos dez anos, investiguei corrupção judicial e nunca ouvi falar nessa Máfia da Costa.

— Eles não fazem propaganda, e seus nomes nunca estão nos jornais.

Duvido que um membro tenha sido preso nos últimos dez anos. É uma rede pequena, muito rígida e disciplinada. Desconfio de que a maioria dos integrantes seja de parentes. Provavelmente teria sido infiltrada, estourada, e todos iriam para a prisão se não fosse pela ascensão de um cara que vou chamar agora de Omar. Um sujeito mau, mas muito inteligente. Em meados dos anos 1980, Omar levou a gangue para o sul da Flórida, que, na época, estava nos primórdios do tráfico de cocaína. Eles tiveram uns anos bons, e depois as coisas foram para o ralo quando eles irritaram uns colombianos. Omar foi baleado. Seu irmão também, só que ele não sobreviveu, e seu corpo nunca foi encontrado. Eles fugiram de Miami, mas não da Flórida. Omar tem uma mente criminoso genial, e uns vinte anos atrás se apaixonou pela ideia de ter cassinos em terras indígenas.

— Por que não estou surpresa? — resmungou Lacy.

— Você entendeu. Como deve saber, agora existem nove cassinos indígenas na Flórida, sete deles de propriedade dos seminóis, que são, de longe, a maior tribo, e um de apenas três cassinos reconhecidos pelo governo federal. Como um todo, os cassinos seminóis rendem quatro bilhões por ano. Omar e seus rapazes acharam a oportunidade irresistível.

— Então, sua história envolve criminosos organizados, índios donos de cassinos e um juiz desonesto, todo mundo junto? - perguntou Lacy.

— É um bom resumo.

— Mas o FBI tem jurisdição sobre questões indígenas — disse Hugo.

— Sim, e o FBI nunca demonstrou muito entusiasmo para correr atrás de índios por qualquer delito. Além disso, Sr. Hatch, e por favor preste atenção, porque estou me repetindo, não vou lidar com o FBI. Eles não têm os dados. Eu tenho, e estou falando com vocês.

— Quando teremos a história toda? - perguntou Lacy.

— Assim que seu chefe, o Sr. Geismar, der o sinal verde. Vocês falam com ele, contam o que eu disse, cuidem para que ele entenda os perigos envolvidos, e, quando ele me disser, por telefone, que o Conselho de Conduta Judicial vai levar a sério minha denúncia formal e investigá-la plenamente, vou preencher o maior número possível de lacunas.

Hugo bateu os nós dos dedos na mesa e pensou na família. Lacy olhou outro pesqueiro de camarões se aproximar do porto e se perguntou como Geismar

reagiria. Myers os olhava e quase sentia pena deles.

[1](#)

Racketeer Influenced and Corrupt Organizations Act, lei americana usada para julgar ilícitos praticados pelo crime organizado. (N. do R. T.)

3

O Conselho de Conduta Judicial tinha sede em metade do terceiro andar de um prédio de quatro pavimentos no centro de Tallahassee, a duas quadras do prédio da assembleia legislativa. Cada aspecto de seu “mobiliário” — do carpete gasto e puído às janelas estreitas de prisão que, de algum jeito, conseguiam desviar a maior parte da luz do sol, aos painéis quadrados do teto ainda manchados por décadas de fumaça de cigarro e às paredes cobertas por estantes baratas que oscilavam e se vergavam sob o peso de grossas pastas e memorandos esquecidos — fedia a orçamentos declinantes e apertados, sem falar do fato óbvio de que o trabalho na instituição não era exatamente uma prioridade premente para o governador e a assembleia legislativa. Todo mês de janeiro, Michael Geismar, diretor do CEJ havia muito tempo, era obrigado a andar até o prédio da assembleia, de chapéu na mão, e observar enquanto as comissões da Câmara e do Senado dividiam o bolo da receita. Era necessário se humilhar. Ele sempre pedia mais algum dinheiro e sempre recebia cada vez menos. Era esta a vida do diretor de um conselho que a maioria dos legisladores nem mesmo sabia que existia.

O conselho era composto de cinco indicados políticos, em geral juízes e advogados aposentados que caíram nas graças do governador. Reuniam-se seis vezes por ano para analisar denúncias, realizar audiências que pareciam julgamentos e receber atualizações de Geismar e de sua equipe. Ele precisava de mais pessoal, mas não havia dinheiro. Seus seis investigadores — quatro em Tallahassee e dois em Fort Lauderdale — trabalhavam uma média de cinquenta horas por semana, e quase todos, em segredo, procuravam outros empregos.

Da sala de Geismar, que ficava numa das esquinas do prédio, ele tinha a vista, se quisesse, o que raramente fazia, de outro prédio no estilo bunker ainda mais alto do que o dele e, para além dali, da miscelânea de prédios governamentais. Sua sala era grande porque ele tinha derrubado paredes e acrescentado uma mesa comprida, a única no labirinto de cubículos que o CEJ chamava de lar. Quando o conselho se reunia para assuntos oficiais, pegava emprestada a sala de reuniões da Suprema Corte da Flórida.

Hoje, quatro pessoas se reuniam em torno da mesa: Geismar, Lacy, Hugo e a arma secreta do CEJ, uma paralegal anciã chamada Sadelle que, mesmo entrando pelos setenta anos, ainda era capaz não só de pesquisar uma vasta quantidade de material, mas também de se lembrar de todo ele. Trinta anos antes,

Sadelle concluíra a faculdade de direito, mas não foi aprovada no exame da Ordem em três ocasiões, e assim ficou relegada ao papel de eterna paralegal. Ex-fumante inveterada — boa parte das janelas e tetos manchados de fumaça podia ser atribuída a ela -, Sadelle vinha lutando contra um câncer de pulmão nos últimos três anos, mas ainda assim não perdia uma semana inteira de trabalho.

A mesa estava coberta de papelada, com muitas folhas não grampeadas e sublinhadas de amarelo, ou editadas em vermelho. Hugo falava.

— O cara é quente. Conversamos com contatos em Pensacola, gente que o conheceu quando ele era advogado. Boa reputação e tudo, pelo menos até ser indiciado. Ele é quem diz ser, apesar de ter um nome novo.

Lacy acrescentou:

— Seu histórico na prisão é imaculado. Cumpriu dezesseis meses e quatro dias em uma penitenciária federal no Texas e, na maior parte desse tempo, administrou a biblioteca da prisão. Feito um advogado de cadeia, ele ajudou vários companheiros com seus recursos, até conseguiu a soltura antecipada de dois porque seus advogados tinham se atrapalhado com a sentença.

— E a condenação dele? - perguntou Geismar.

Respondeu Hugo:

— Pesquisei a fundo para verificar o que disse Myers. Os federais estavam atrás de um fraudador do setor imobiliário chamado Kubiak, um sujeito da Califórnia que passou vinte anos agindo entre Destin e Panama City. Eles o pegaram. Ele cumpriu trinta anos por uma extensa lista de crimes, principalmente fraude bancária, fraude fiscal e lavagem de que Mix, agora Myers, tinha escondido algum dinheiro. Ele disse que muitos réus tentavam esconder grana. Mas provavelmente nunca saberemos. Se o FBI não conseguiu encontrar sete anos atrás, é seguro supor que não encontraríamos agora.

— Até parece que temos tempo para procurar — resmungou Geismar.

— Exatamente.

— Então, esse cara é um vigarista? — perguntou Geismar.

— Certamente ele é um criminoso condenado, mas cumpriu sua pena, pagou suas dívidas e agora é um membro honrado de nossa Ordem, assim como nós três — disse Hugo. Ele olhou para Sadelle e lhe abriu um rápido sorriso, que ela não retribuiu.

— Talvez seja meio forte dizer que seja um vigarista — comentou Geismar —, então, digamos que seja de caráter duvidoso. Não sei se engulo a tese do dinheiro escondido. Se ele o entocou *offshore* e mentiu a um juiz de falências, ainda está enrolado por fraude. Será que o cara assumiria esse risco?

— Não sei - disse Hugo. - Ele parece muito cauteloso. E tenha em mente que ele saiu da prisão há seis anos. É preciso esperar cinco anos na Flórida para pedir

readmissão na Ordem. Enquanto ele esperava, talvez estivesse ganhando uma grana aqui e ali. Ele parece bem safo.

— Por que isso realmente importa? — perguntou Lacy. — Quem estamos investigando, ele ou um juiz corrupto?

— Bom argumento — disse Geismar. — E ele deu a entender que é uma juíza?

— Mais ou menos — respondeu Lacy. - Ele não foi muito claro.

Geismar olhou para Sadelle.

— E estou supondo que temos nosso número politicamente correto de juízas na Flórida.

Ela puxou o ar com esforço e falou com a voz rouca de sempre, arruinada pela nicotina:

— Posso fazer uma pergunta óbvia? — indagou Hugo. — Se ele entrar com a denúncia, e nós a entregarmos ao juiz e começarmos nossa investigação, e as coisas ficarem bem perigosas, por que não podemos simplesmente procurar o FBI? Myers não pode nos impedir a essa altura, pode?

— Claro que não — disse Geismar. — E é exatamente o que vai acontecer. Não é ele que controla a investigação, somos nós. E se precisarmos de ajuda, certamente vamos ter.

— Então, vamos pegar? — perguntou Hugo.

— Mas é claro que vamos, Hugo. Na verdade, não temos alternativa. Se ele entrar com a denúncia e acusar um juiz de má conduta ou corrupção, segundo nosso estatuto, não temos escolha senão fazer a avaliação. É bem simples. Está nervoso?

— Não.

— Lacy, alguma hesitação?

— É claro que não.

— Muito bem. Notifiquem o Sr. Myers. Se ele quer ouvir a minha voz, coloquem-no ao telefone.

Levaram dois dias para colocá-lo ao telefone, e, quando Lacy finalmente fez contato, Myers mostrou pouco interesse em falar com ela ou com Geismar. Disse que estava “atolado” com problemas de negócios e ligaria para ela depois. A ligação estava fraca e picotada, como se ele estivesse em algum lugar longe da terra firme. No dia seguinte, ele ligou para Lacy de um telefone diferente e pediu para falar com Geismar, que lhe garantiu que a denúncia teria prioridade e seria investigada imediatamente. Uma hora depois, Myers ligou para Lacy de novo e pediu uma reunião. Disse que queria vê-la com Hugo novamente e discutir o caso. Havia muito material relevante que ele não podia colocar no papel,

informações cruciais que seriam essenciais para a investigação deles. Ele se recusaria a assinar e entrar com a ação se eles não se reunissem.

Geismar disse que sim, e eles esperaram que Myers marcasse o local. Ele esperou uma semana, disse que ele e Carlita estavam “batendo uma bolinha de golfe em Abaco”, nas Bahamas, e que voltariam a Flórida em alguns dias.

Num fim de tarde de sábado, com a temperatura pairando em torno de 37 graus, Lacy foi de carro a um condomínio com portões que nunca pareciam se fechar e costurou por uma série de lagos artificiais, todos com fontes baratas jorrando água quente no ar. Ela passou por um campo de golfe lotado, por filas e mais filas de casas idênticas, todas projetadas para exibir suas garagens para dois carros, e enfim estacionou perto de um grande parque com uma série de piscinas conectadas. Centenas de crianças espadanavam e brincavam na água enquanto as mães ficavam sentadas embaixo de grandes guarda-sóis, bebericando seus drinques.

O Meadows tinha sobrevivido a Grande Recessão e foi reanunciado como uma comunidade multicultural para famílias jovens. Hugo e Verna Hatch compraram uma casa ali cinco anos antes, depois do Filho número dois. Agora que eles tinham quatro, seu bangalô de duzentos metros quadrados estava abarrotado. Mas não havia a alternativa de se mudar para uma casa maior. O salário de Hugo era de sessenta mil dólares por ano, o mesmo de Lacy, e, enquanto ela era solteira e capaz de economizar um pouco, os Hatch viviam de um contracheque a outro.

Mas eles gostavam de dar festas, e quase todo sábado à tarde no verão Hugo estava junto a churrasqueira perto da piscina, com uma cerveja gelada na mão, preparando hambúrguer e falando de futebol com os amigos enquanto as crianças brincavam na piscina e as mulheres se escondiam na sombra. Lacy se juntou às mulheres e, depois das saudações habituais, foi até uma construção perto da piscina que fazia as vezes de vestiário e sala de visitas, onde Verna tinha a bebê no colo e a mantinha refrescada. Pippin tinha um mês e até agora havia sido uma criança extremamente rabugenta. Lacy de vez em quando ficava de babá das crianças Hatch para que os pais tivessem uma folga. Em geral, não era difícil encontrar uma babá. As avós moravam a 45 quilômetros dali. Hugo e Verna vinham de famílias grandes e esparramadas com incontáveis tios, tias, primos, e não faltavam drama e conflito. Lacy costumava invejar a segurança trazida pelo fato de se integrar a um clã, mas também se sentia grata por não precisar se incomodar com tanta gente e seus problemas. Ocasionalmente, Verna e Hugo precisavam de uma ajuda com as crianças, mas queriam evitar os parentes.

Ela pegou Pippin enquanto Verna foi pegar umas bebidas. Enquanto balançava a criança, olhou a multidão no pátio: uma mistura de negros, brancos, hispânicos e asiáticos, todos jovens casais com crianças pequenas. Havia dois advogados da Procuradoria Geral, amigos de Hugo da faculdade, e outro que trabalhava para o Senado do estado. Não havia outros solteiros presentes, nem pretendentes, mas Lacy não esperava encontrar nenhum. Ela quase nunca saía com alguém porque havia muito poucos homens adequados, ou poucos que a atraíssem. Lacy teve um rompimento feio no passado, uma separação medonha que, depois de quase oito anos, ainda a magoava.

Verna voltou com duas cervejas, se sentou de frente para ela e sussurrou:

— Por que ela sempre fica em silêncio quando *você* a segura?

Lacy sorriu e deu de ombros. Aos 36 anos, ela se perguntava todo dia se teria um filho. Não tinha a resposta, mas a medida que o relógio corria, receava que suas chances ficassem cada vez menores. Verna parecia cansada, assim como Hugo. Eles queriam ter uma família grande, mas quatro filhos não eram o bastante? *Lacy não se atreveria a* tocar nesse assunto, mas para ela a resposta era evidente. Os dois tiveram a sorte de fazer faculdade, os primeiros na família a chegar a tanto, e sonhavam que os filhos teriam a mesma oportunidade. Mas como se pode esperar poder pagar as mensalidades para quatro filhos?

— Hugo disse que Geismar deu um caso grande a vocês dois — falou Verna em voz baixa.

Lacy ficou surpresa porque Hugo acreditava firmemente em não levar para casa assuntos do escritório, além de o CEJ enfatizar a confidencialidade, por motivos óbvios. De vez em quando, depois de algumas cervejas tarde da noite, os três riam do comportamento abusivo de algum juiz que estavam investigando, mas nunca mencionavam um nome verdadeiro.

— Pode ser grande, ou pode não dar em nada — respondeu Lacy.

— Ele não me contou muita coisa, não conta nunca, mas parece estar meio preocupado. O estranho é que eu nunca considere o trabalho de vocês perigoso.

— Nem nós. Não somos policiais armados. Somos advogados com intimações.

— Ele disse que queria portar uma arma. Isso me incomodou de verdade, Lacy. Você tem de me prometer que os dois não estão se metendo em nada perigoso.

— Verna, vou fazer uma promessa a você. Se eu um dia sentir a necessidade de andar armada, vou pedir demissão e procurar outro emprego. Nunca disparei uma arma na minha vida.

— Bom, no meu mundo, no nosso mundo, existem armas demais, e coisas ruins demais acontecem por causa delas.

Pippin, dormindo por quinze minutos inteiros, de repente explodiu com um grito. Verna estendeu o braço para ela e falou:

— Essa menina, essa menina. — Lacy entregou a criança e foi olhar os hambúrgueres.

4

Quando enfim Myers fez contato, disse a Lacy para se encontrarem com ele na mesma marina em St. Augustine. Tudo estava igual o mesmo calor escaldante e a mesma umidade, a mesma rampa no final das docas; Myers até usava a mesma camisa de estampa floral. Enquanto eles se sentavam à mesma mesa de madeira na sombra de seu barco, ele bebeu a mesma marca de cerveja de uma garrafa e começou a falar.

Seu personagem Omar na vida real era um homem chamado Vonn Dubose, descendente de um dos gangsteres originais que começaram seus delitos na sala dos fundos de um restaurante que servia bagres perto de Forest City, no Arkansas. O avô materno era dono do restaurante e, anos depois, morreu em uma emboscada policial. O pai se enforcou na prisão, ou pelo menos o relatório oficial dizia que o encontraram enforcado. Vários e numerosos tios e primos tiveram destinos semelhantes, e a gangue tinha se reduzido muito até Vonn descobrir o lucrativo filão do tráfico de cocaína no sul da Flórida. Alguns anos ali proporcionaram os meios para voltar a solidificar sua pequena quadrilha. Ele agora se aproximava dos setenta anos, morava em algum lugar no litoral e não tinha um endereço real, nem conta bancária, nem carteira de motorista, número de seguro social ou passaporte. Depois de ter muito sucesso financeiro com o cassino, Vonn reduziu sua quadrilha apenas a alguns primos para que houvesse um número menor de mãos no cofre. Ele operava em completo anonimato e se escondia por trás de uma muralha de empresas offshore, todas supervisionadas por certa firma de advocacia em Biloxi. Segundo diziam, e havia poucos relatos, ele era muito rico, mas vivia modestamente.

— Você o conheceu? — perguntou Lacy.

— Não seja boba. - Myers zombou da pergunta. - Ninguém conhece o cara, entendeu? Ele vive nas sombras, mais ou menos como eu, acho. Você não consegue encontrar três pessoas na área de Pensacola que admitam conhecer Vonn Dubose. Morei quarenta anos lá e só ouvi falar dele alguns anos atrás. Ele vem e vai.

— Mas ele não tem passaporte - disse Hugo.

— Passaporte válido. Se um dia o agarrarem, vão encontrar meia dúzia dos falsos.

Em 1936, a Secretaria de Assuntos Indígenas concedeu um arrendamento

para a nação Tappacola, uma pequena tribo de uns quatrocentos espalhados pelo Panhandle, com a maioria vivendo em casas pequenas nos confins pantanosos do condado de Brunswick. A tribo mantinha uma espécie de sede ali, em uma reserva de 120 hectares cedida pelo governo federal oitenta anos antes. Em 1990, a poderosa nação seminole do sul da Flórida estava descobrindo as vantagens tentadoras do negócio dos cassinos, assim como outras tribos de todo o país. Por coincidência, Vonn e sua quadrilha começaram a comprar terras baratas vizinhas a reserva Tappacola. A certa altura, no início dos anos 1990 — ninguém sabia ao certo por que as conversações haviam sido interrompidas tempos antes —, Dubose procurou os Tappacolas com um acordo bom demais para ser verdade.

— Treasure Key — disse Hugo em voz baixa.

— Isso aí. O único cassino no norte da Flórida, convenientemente situado só a quinze quilômetros da interestadual dez e a quinze quilômetros ao norte das praias. Cassino com serviço completo, 24 horas por dia a semana inteira, diversão estilo Disney para toda a família, o maior parque aquático do estado, apartamentos a venda, para alugar por ano ou temporada, você escolhe. Uma verdadeira meca para os que querem jogar e os que querem brincar ao sol, e é Perfeitamente situado num raio de trezentos quilômetros e cinco milhões de pessoas.

Não conheço os números, porque os índios que cuidam dos cassinos não falam em nenhum, mas acredita-se que o Treasure Key esteja tranquilamente na faixa de meio bilhão de dólares por ano.

— Fomos lá no final do verão — admitiu Hugo, como se tivesse feito algo errado. — Um daqueles passeios de fim de semana com oferta relâmpago por cinquenta pratas. Não foi ruim.

— Ruim? É fabuloso. Por isso o lugar vive lotado, e os Tappacolas estão botando dinheiro pelo ladrão.

— E dividindo com Vonn e seus rapazes? — perguntou Hugo.

— Entre outros, mas não vamos nos antecipar.

— Isso fica no condado de Brunswick — disse Lacy —, que é o 24-Distrito Judicial. Há dois juízes no 24, um homem e uma mulher. Estou chegando perto?

Myers sorriu e jogou uma pasta fechada no meio da mesa.

— Aqui está a denúncia. Entregarei a vocês depois. A honorável juíza chama-se Claudia McDover, no cargo há dezessete anos. Vamos falar dela mais tarde. Por enquanto, por favor, deixem-me lhes dar os antecedentes. É fundamental.

“De volta aos Tappacolas. A tribo ficou violentamente dividida na questão dos jogos de azar. Os adversários eram liderados por um agitador de nome Son Razko, que era cristão e se opunha aos jogos de azar por motivos morais. Ele

organizou seus seguidores, e eles pareciam ser a maioria. Os proponentes do cassino prometeram riquezas para todos — casas novas, pensões vitalícias, escolas melhores, universidade gratuita, assistência médica, a lista continuava indefinidamente. Vonn Dubose estava financiando secretamente a iniciativa para aprovar o cassino, mas, como sempre, suas digitais não podiam ser encontradas. Em 1993, a questão foi colocada em votação. Excluindo aqueles com menos de 18 anos, havia cerca de trezentos eleitores qualificados. Todos, menos 14, compareceram ao pleito, que foi observado de perto por agentes federais, para o caso de as coisas descambarem para a violência. Son Razko e seus tradicionalistas venceram com 54% dos votos. Um processo judicial feio alegou fraude e intimidação de eleitores, mas o juiz do tribunal regional o rejeitou. O cassino estava morto.

“E, logo depois, também Son.

“Encontraram o corpo dele na cama de outro homem, junto com a mulher de outro homem, ambos baleados duas vezes na cabeça. Eles estavam nus e pareciam ter sido flagrados no ato. O marido dela, um homem chamado Junior Mace, foi preso e acusado dos dois assassinatos. Ele foi um aliado próximo de Razko durante o debate sobre o jogo. Mace sustentou firmemente sua inocência, mas ainda assim se viu encarando a pena de morte. Graças à notoriedade, a recém-eleita Claudia McDover transferiu o julgamento para outro condado, mas insistiu em manter a jurisdição. Ela presidiu o julgamento e sempre favorecia a Promotoria.

“O cassino enfrentava dois obstáculos significativos. Um foi Son Razko. O segundo era sua localização. Grande parte das terras Tappacolas era quase inabitável, com pântanos e córregos nos baixios, mas havia planaltos o suficiente para se construir um grande cassino com a área necessária em volta. O problema era chegar lá. A estrada para a reserva era antiga, mal conservada e nunca suportaria o tráfego. Com a perspectiva de receita fiscal, empregos bem pagos e prosperidade, os líderes do condado de Brunswick concordaram em construir uma nova estrada de quatro pistas da rota estadual 288 a fronteira da reserva, que ficava a pouca distância do local onde o cassino seria construído. Mas construir a estrada exigiria a tomada de terras particulares por domínio eminente, ou desapropriação, e a maioria dos proprietários da via principal se opunha ao cassino.

“O condado entrou com onze processos ao mesmo tempo, todos buscando a desapropriação de onze lotes de terra junto da estrada proposta. A juíza McDover assumiu o litígio, passou por cima dos advogados, colocou os casos sob “procedimento sumário” e, meses depois, tinha a primeira tacada preparada para um julgamento. Na época, havia pouca dúvida, pelo menos entre os

advogados, de que ela estava totalmente do lado do condado e queria a estrada construída o quanto antes. À medida que se aproximava o primeiro julgamento, ela organizou uma reunião de conciliação em seu tribunal e exigiu o comparecimento de todos os advogados. Em uma maratona, arrancou um acordo em que o condado pagaria a cada proprietário o dobro do valor avaliado de suas terras. Pela lei da Flórida, havia pouca dúvida de que o condado podia tomar as terras. A questão era a indenização. E o tempo. Apressando o litúgio, a juíza McDover poupou anos de atraso ao cassino.

“Enquanto os casos de domínio eminente eram processados como planejado, e com Son Razko fora do caminho, os defensores do jogo pediram outro referendo. Ganharam na segunda vez por trinta votos. Deram entrada em outro processo por fraude, e a juíza McDover o indeferiu. Agora o caminho estava liberado para começar a construção do Treasure Key, que foi inaugurado em 2000.

“Os recursos impetrados por Junior Mace se arrastaram pelo sistema, e, embora vários revisores fossem críticos da juíza e de suas decisões, ninguém encontrou erros graves. A condenação sobreviveu a medida que os anos passavam. ”

— Estudamos esse caso na faculdade de direito - disse Hugo.

— O assassinato aconteceu dezesseis anos atrás, então você tinha o quê, 20 anos? - perguntou Myers.

— Mais ou menos. Não me lembro do homicídio, nem do julgamento, mas foi mencionado na faculdade. Processo penal, acho. Algo a respeito do uso de informantes de presídios em julgamentos de crimes capitais.

— Você não deve ter ouvido falar, não é? - perguntou Myers a Lacy

— Não. Não fui criada na Flórida.

— Tenho um arquivo grosso sobre o homicídio, completo, com os pedidos de *habeas corpus* - disse Myers. - Mantive atualizado com o passar do tempo e conheço como ninguém, caso precise de uma fonte.

— Então Mace pegou a mulher na cama com Son e se ofendeu? — perguntou Lacy.

— Duvido disso. Ele alega que estava em outro lugar, mas seu álibi era fraco. Seu advogado nomeado pelo tribunal era um novato com pouca experiência e não era páreo para o promotor, um operador muito astuto. A juíza McDover permitiu que ele intimasse dois informantes do presídio que disseram que Mace se vangloriou dos crimes na cadeia.

— Devemos falar com Mace? - perguntou Hugo.

— É por aí que eu começaria.

— Mas por quê? - perguntou Lacy.

— Porque Junior Mace pode saber algo, e há uma possibilidade de ele conversar com vocês. Os Tappacolas são uma turma fechada e reservada, desconfiam muito de quem é de fora, em particular daqueles com autoridade ou que usam uniforme. Além do mais, eles morrem de medo de Dubose e sua gangue. Eles têm sido intimidados facilmente. E por que não calar a boca? Eles estão colhendo o maná. Têm casas e carros, escolas e assistência médica, dinheiro para a faculdade. Por que criar problemas? Se o cassino está fazendo algum negócio sujo com uns gangsteres, quem se importa? Falar pode garantir um tiro em você.

— Podemos falar sobre a juíza? — perguntou Lacy.

— Claro. Claudia McDover, 56 anos, eleita pela primeira vez em 1994, e reeleita desde então de seis em seis anos. Segundo dizem, uma juíza dedicada ao trabalho que leva muito a sério seu cargo e seu tribunal. Ela ganha as reeleições com folga. Muito inteligente, muito motivada. O ex-marido era um grande médico em Pensacola e gostava de enfermeiras novinhas. Divórcio feio em que ela, Claudia, foi majestosamente ferrada pelo maridinho e sua turma de advogados. Magoada e zangada, ela procurou vingança na faculdade de direito, mas, a certa altura, mandou o ex às favas. Estabeleceu-se na cidade de Sterling, capital do condado de Brunswick, onde trabalhou em uma pequena imobiliária. Ela batalhou e logo se entediou de advogar em cidade pequena, e, num dado momento, seu caminho se cruzou com o de Vonn Dubose. Não conheço essa parte da história. Ouvi um boato de que eles talvez tenham sido amantes ocasionais, mas, de novo, isto não foi verificado, e talvez não possa ser. Em 1993, depois que os Tappacolas votaram contra o cassino, Claudia McDover de repente passou a se interessar por política e concorreu ao cargo de juíza do tribunal regional. Eu não sabia de nada disso. Na época, era um advogado ocupado em Pensacola e nem sabia direito onde Sterling ficava no mapa. Ouvira falar dos Tappacolas e lera sobre a briga do cassino, mas não tive interesse. Pelo que dizem, a campanha dela foi muito bem financiada e bem organizada, e ela derrotou o candidato à reeleição por mil votos. Um mês depois de ela assumir o gabinete, Son Razko foi assassinado e, como eu disse, ela presidiu o julgamento de Junior Mace. Isto foi em 1996, e, nesse período, Vonn Dubose e seus aliados, sócios e empresas *offshore* estavam comprando grandes lotes de terra no condado de Brunswick, perto da reserva. Alguns outros especuladores entraram quando parecia que os Tappacolas queriam um cassino, mas, depois da primeira votação, esses caras fugiram do mercado. Vonn ficou mais do que feliz em tirar as terras das mãos deles. Ele sabia o que viria, e logo tinha as terras indígenas cercadas. Com Son Razko fora do caminho, e eliminado de uma forma tão dramática, os proponentes ganharam a segunda eleição. O resto é história.

Lacy digitava no laptop e logo tinha uma grande foto oficial da juíza Claudia McDover, completa, de toga preta e martelo na mão. Tinha o cabelo curto, era muito estilosa, com óculos de grife que dominavam seu rosto e dificultavam investigar seus olhos. Nenhum sorriso, nenhum vestígio de calor humano ou humor, toda pragmática. Será que ela realmente tomou parte na condenação equivocada de um homem que estava no corredor da morte havia quinze anos? Era difícil de acreditar.

— Onde está a corrupção? — perguntou Lacy.

— Em toda parte. Depois que os Tappacolas começaram a construção do cassino, Dubose começou também. Seu primeiro empreendimento foi uma comunidade de golfe chamada Rabbit Run, vizinha à propriedade do cassino.

— Passamos de carro por lá - disse Hugo. — Achei que fazia parte do Treasure Key.

— Não, mas do *driving range* do campo de golfe dá para chegar ao cassino a pé em cinco minutos. Parte da conspiração com os Tappacolas é que eles fiquem longe do golfe. Eles cuidam do jogo e do entretenimento, Dubose fica com o golfe e todo o resto. Ele começou com dezoito buracos no Rabbit Run, todos os *fairways* ladeados por belos imóveis residenciais.

Myers deslizou uma pasta pela mesa.

— Aqui está a denúncia, feita sob juramento por Greg Myers. Nela, alego que a honorável Claudia McDover é dona de pelo menos quatro casas no Rabbit Run, cortesia de uma corporação sem rosto chamada CFFX, sediada em Belize.

— Dubose? — perguntou Lacy.

— Tenho certeza, mas ainda não posso provar.

— E quanto aos registros de propriedade? — perguntou Hugo.

Myers deu um tapinha na pasta.

— Estão aqui. Eles lhe informarão que a CFFX transferiu pelo menos vinte imóveis a empresas *offshore*. Tenho motivos para acreditar que a juíza McDover tem participação em quatro, todos mostrando propriedade de entidades estrangeiras. Estamos lidando com picaretas sofisticados que têm advogados excelentes.

— Qual é o valor das casas? — perguntou Lacy.

— Atualmente, cerca de um milhão cada uma. O Rabbit Run teve muito sucesso, até conseguiu suportar a Grande Recessão. Graças ao cassino, Dubose tem muito dinheiro e gosta de comunidades fechadas com casas idênticas ao longo dos *fairways*. Ele foi de dezoito buracos para 36 e depois 44, e tem terras suficientes para mais ainda.

— E por que ele deu os imóveis à juíza McDover?

— Talvez porque ele seja um cara legal. Foi parte do acordo original,

suponho. Claudia McDover vendeu a alma ao diabo para ser eleita e vem sendo paga desde então. A construção do cassino e o desenvolvimento do condado de Brunswick criaram uma tonelada de litígios. Disputas de zoneamento, queixas ambientais, domínio eminente, processos de proprietários de terras, e ela tem conseguido se manter bem no meio disso. Os que estão do lado de Dubose sempre parecem vencer. Os inimigos perdem. Ela é tremendamente inteligente e pode sustentar qualquer decisão com uma farta documentação bem fundamentada. Raras vezes uma decisão dela é revertida no recurso. Em 2001, ela e Dubose tiveram uma desavença, não sei pelo quê, mas a coisa ficou feia. Acreditava-se que ela queria mais do caixa dois do dinheiro do cassino. Dubose achou que ela estava sendo adequadamente recompensada. E aí a juíza McDover fechou o cassino.

— E como exatamente ela conseguiu isso? - perguntou Lacy.

— Outra boa história. Depois que o cassino estava em pleno funcionamento, e ganhou muito dinheiro desde o primeiro dia, o condado percebeu que não ganharia muito com a receita fiscal. Nos Estados Unidos, os índios não pagam impostos sobre o lucro dos cassinos. Os Tappacolas não queriam dividir. O condado se sentiu rejeitado, em particular depois de ter todo o trabalho de construir uma rodovia de quatro pistas nova em folha que atravessa 110 quilômetros. E, então, o condado conseguiu dar uma volta e convenceu a assembleia legislativa do estado a permitir recolher tributos sobre a estrada nova.

Hugo riu.

— É, tem de parar em uma cabine a um quilômetro e meio do cassino e pagar cinco pratas para continuar.

— Na verdade, funcionou muito bem. Os índios agora estão felizes, e o condado ganha um trocado. Então, quando Dubose e a juíza McDover tiveram sua briguinha, ela fez um amigo advogado pedir um mandado com base no fato de que o pedágio era lotado e inseguro. Pode ter havido alguns carros amassados, mas nada sério. Era uma fraude completa, mas de imediato ela assinou um mandado fechando a estrada com pedágio. O cassino ficou aberto porque alguns caras conseguiram chegar por estradas secundárias e tal, mas efetivamente estava fechado. Isto durou seis dias enquanto Vonn e Claudia esperavam para ver quem ia piscar. Por fim, eles se entenderam, o mandado fraudulento foi suspenso, e todo mundo ficou feliz. Foi um momento importante na história do cassino e na corrupção que ele criou. A juíza McDover deu o recado a todos de que quem mandava era ela.

— Você fala de Dubose como se todos o conhecessem - disse Hugo.

— Ninguém o conhece. Pensei ter deixado isso claro. Ele é dono de uma organização, pequena, em que os figurões são parentes e todo mundo ganha

muito dinheiro. Ele diz a um primo para criar uma sociedade de responsabilidade limitada nas Bermudas e comprar algumas terras. Outro primo faz a incorporação em Barbados e negocia alguns imóveis. Dubose está protegido por camadas de empresas fantasma *offshore*. Ele não tem perfil, não deixa rastros.

— Quem dá assistência jurídica a ele? — perguntou Lacy.

— Uma firma pequena de Biloxi, dois advogados tributaristas muito habilidosos no trabalho sujo. Eles representam a gangue de Dubose há anos.

— Parece que a juíza McDover não tem medo de Dubose — disse Lacy.

— Dubose é inteligente demais para matar uma juíza, mas tenho certeza de que ele está pensando nisso. Ele precisa dela. Ela precisa dele. Pensem só. Você é um empreiteiro ambicioso e picareta da Flórida; além disso, praticamente é dono de um cassino, o que naturalmente é ilegal, então você precisa de muita proteção. O que pode ser mais valioso do que ter no bolso uma juíza respeitada?

— Essa história toda tem a ver com a lei RICO - disse Hugo.

— Sim, mas não vamos de RICO, não é, Sr. Hatch? A RICO é federal, e federal é FBI. Não ligo para o que acontece com Dubose. Quero pegar a juíza McDover para que meu cliente abocanhe uma pequena fortuna por abrir o bico.

— Pequena quanto? — perguntou Lacy.

Myers terminou a cerveja e limpou a boca com as costas da mão.

— Não sei. Acho que é seu trabalho descobrir.

— O almoço está pronto — disse Carlita enquanto saía da cabine.

— Juntem-se a mim, por favor — disse Myers a medida que se levantava.

Lacy e Hugo se olharam rapidamente. Eles estavam ali havia duas horas, famintos, e não sabiam onde encontrariam almoço, mas de repente hesitaram se era uma boa ideia comer no barco. Myers, porém, já estava descendo.

— Venham, venham — chamou ele, e eles o acompanharam à cabine. Três lugares estavam arrumados na mesa com tampo de vidro na cozinha apertada. Um ar-condicionado em algum lugar funcionava no máximo, e o ar era refrescante. O cheiro de peixe grelhado era forte. Carlita corria por ali, evidentemente deliciada por ter alguém para quem cozinhar. Ela serviu uma travessa de tacos de peixe, encheu os copos com água com gás, e perguntou se alguém queria vinho. Ninguém quis, e ela desapareceu mais para dentro da cabine.

Myers não tocou na comida; em vez disso, voltou a sua narrativa.

— Não quero dar entrada só nesta denúncia. Nesta, eu alego corrupção só quanto aos imóveis de propriedade da juíza McDover em Rabbit Run. O dinheiro de verdade está nesta pequena conspiração na parte dela do caixa dois mensal do cassino. É disso que estou atrás, porque é uma mina de ouro para o

meu cliente. Se eu conseguir fechar esse, farei um aditamento a denúncia. Se não, existem alegações suficientes para ela ser retirada do cargo e provavelmente indiciada.

— Você menciona o nome de Vonn Dubose na denúncia? — perguntou Lacy.

— Não. Refiro-me às corporações dele como “entidades criminosas”.

— Que original — disse Lacy.

— Tem alguma ideia melhor, Srta. Stoltz? — rebateu Myers.

— Podemos deixar essa história de senhor e senhora de lado? — perguntou Hugo. - Ela se chama Lacy. Você é Greg. Eu sou Hugo.

— É justo. — Os três deram uma dentada, e, enquanto mastigava rapidamente, Myers continuava falando, e a boca mal se fechava.

— Uma pergunta. O estatuto diz que vocês têm 45 dias a partir de hoje para entregar uma cópia da denúncia a juíza McDover. Daqui até lá, vocês fazem sua investigação, a, hum, como se chama mesmo?

— Avaliação.

— Isso. Bom, isso me preocupa. Estou convencido de que essas pessoas não sabem que alguém está de olho no seu empreendimento, seus negócios, e, quando a juíza McDover receber uma cópia desta denúncia, ela vai ficar em choque. Seu primeiro telefonema será a Dubose, e a essa altura muita coisa maluca pode acontecer. Ela vai contratar um advogado de imediato, negar tudo com veemência e provavelmente começar a transferir ativos por aí. Dubose vai entrar em pânico, reunir os seus aliados, talvez até procurar alguém para intimidar.

— Sua pergunta?

— Tudo bem, quanto tempo vocês podem esperar antes de entregar isso a ela? Quanto tempo podem embromar? Parece-me que é fundamental fazer o máximo de investigação possível antes de ela saber que vocês estão nessa.

Lacy e Hugo se entreolharam. Ela deu de ombros.

— Somos burocratas, então, sabemos embromar. Porém, se ela atacar, como você prevê, os advogados dela vão cavar tudo. Se não seguirmos a risca o estatuto, eles vão pressionar para a denúncia ser arquivada.

— Vamos na aposta segura e dizer que temos 45 dias para fazer nossa avaliação — acrescentou Hugo.

— Não é tempo suficiente — disse Myers.

— É só o que temos - disse Lacy.

— O que pode nos dizer sobre seu cliente misterioso? — perguntou Hugo.

— Como ele sabe o que sabe?

Myers bebeu um gole de água e sorriu.

— De novo, você supõe que a pessoa seja “ele”.

— Tudo bem, como quer chamar ele ou ela?

— Existem os três elos em nossa pequena corrente. Eu, o intermediário que indicou o cliente a mim e o cliente, ele ou ela. O intermediário e eu nos referimos ao cliente como infiltrado. Infiltrado pode ser homem ou mulher, jovem ou velho, negro, branco ou amarelo, isso não importa agora.

— Infiltrado? Não é muito original — disse Lacy.

— Que diferença faz? Tem algum nome mais descritivo?

— Acho que vai ter de servir. Como esse infiltrado sabe tanto?

Myers enfiou metade de um taco macio na boca e o mastigou lentamente. O barco balançou depois que algo maior passou por ali. Por fim, ele falou:

— O infiltrado é muito próximo da juíza McDover e tem a confiança implícita de Sua Excelência. Confiança demais, pelo visto. É só o que posso dizer agora.

Depois de uma lacuna na conversa, Lacy falou.

— Tenho outra pergunta. Você disse que essas pessoas, isto é, Dubose e sua quadrilha, são muito inteligentes e usam bons advogados. É evidente que McDover também precisa de um bom advogado para lavar sua parcela do dinheiro sujo. Quem ela contrata?

— Phyllis Turban, uma advogada de investimentos imobiliários de Mobile.

— Nossa, as mulheres estão com uma fama péssima nessa história — disse Lacy.

— Ela e McDover foram colegas de faculdade, as duas se divorciaram sem filhos e são muito íntimas. Tanto que elas podem ser mais do que apenas amigas. Eles engoliram em seco e digeriram a informação.

— Então, para resumir o caso até agora, nosso alvo, a juíza Claudia McDover, recebe suborno de bandidos, recebe dinheiro do cassino dos índios e, de algum modo, o lava com a ajuda de uma amiga muito íntima que por acaso é uma advogada imobiliária — falou Lacy.

Myers sorriu.

— Eu diria que você está no caminho certo. Preciso de uma cerveja. Alguém quer uma cerveja? Carlita!

Eles o deixaram no píer, acenando sua despedida e prometendo manter contato. Ele deixara escapar insinuações de que entraria cada vez mais na clandestinidade agora que dera entrada na denúncia, e isso logo causaria problemas. Lacy e Hugo não detectaram nada que indicasse como ou por que Vonn Dubose e Claudia McDover suspeitariam de Greg Myers, antes conhecido como Ramsey Mix, e um homem que eles supostamente nunca chegaram a

conhecer. Era outro hiato na história, e eram muitos.

5

Eles passaram o dia seguinte no escritório reunidos com Geismar, bolando um plano. Com a denúncia em andamento, o relógio só fazia correr. Se as coisas seguissem o cronograma, Lacy e Hugo logo iriam de carro à cidadezinha de Sterling e entregariam uma cópia dela à honorável Claudia McDover. A essa altura, seria imperativo saber o máximo possível.

Primeiro, porém, eles precisavam fazer uma visita ao corredor da morte. Hugo já havia estado lá, em uma excursão da faculdade de direito. Ao longo de toda a sua carreira, Lacy ouvira falar da penitenciária de Starke, mas nunca encontrara uma desculpa para ir até lá. Eles saíram cedo o bastante para vencer o rush matinal em Tallahassee e, quando o trânsito diminuiu na autoestrada 1-10, Hugo estava cochilando. A prisão ficava a duas horas e meia de distância. Lacy não havia sido obrigada a ninar um bebê chorando a noite toda, mas também não dormiu muito. Ela e Hugo, assim como Geismar, tinham a impressão de estar metendo o nariz numa confusão que não cabia a eles arrumar. Se Greg Myers era digno de crédito, uma atividade criminosa grave corria desenfreada no condado de Brunswick havia um bom tempo. Investigadores com muito mais recursos e experiência deviam se encarregar deste caso. Afinal, eles eram advogados, não policiais. Eles não *queriam* andar armados. Eram treinados para ir atrás de juízes corruptos, não de quadrilhas do crime organizado.

Esses pensamentos a impediram de dormir na maior parte da noite. Quando ela se pegou bocejando, parou em uma lanchonete drive-thru e pediu um café.

— Acorde — ela repreendeu o parceiro. — Temos uma hora e meia de viagem, e não consigo ficar acordada também.

— Desculpe - disse Hugo, esfregando os olhos.

Eles beberam café, e Hugo resumiu um dos memorandos de Sadelle enquanto ela dirigia.

— De acordo com nossa colega, de 2000 a 2009, havia dez processos no condado de Brunswick envolvendo uma empresa de nome Nylan Title, uma organização das Bahamas cujo agente registrado é um advogado de Biloxi. Em cada caso, a parte contrária tentou exigir a identidade dos verdadeiros proprietários da Nylan Title, e, a cada vez, a juíza, nossa amiga Claudia McDover, disse não. Fora de questão. Uma empresa sediada nas Bahamas é regida por suas leis, e eles protegem suas empresas. É tudo jogada, mas tem suporte na lei. De qualquer modo, a Nylan Title deve ter excelentes advogados

porque é invicta, pelo menos no tribunal da juíza McDover. Dez a zero.

— Que tipo de casos? - perguntou Lacy.

— Zoneamento, quebra de contrato, diminuição de valor de propriedade, até uma ação coletiva abortada de um bando de donos de imóveis que alegaram problemas de mão de obra. O condado processou a Nylan em uma disputa por avaliações de imóveis e taxas de propriedade.

— Quem apareceu em nome da Nylan?

— O mesmo advogado de Biloxi. Ele é o porta-voz corporativo e parece saber o que está havendo. Se a Nylan for de fato Vonn Dubose, então ele está bem escondido, como disse Myers. Camadas de advogados, como ele colocou. Bem colocado.

— Que encantador.

Hugo tomou um gole do café e baixou o memorando.

— Olha, Lacy, não confio em Greg Myers.

— Ele não inspira confiança mesmo.

— Mas você tem de admitir que tudo o que ele disse, até agora, bateu. Se ele está nos usando, qual é a jogada dele?

— Eu me fiz a mesma pergunta às três horas da manhã de hoje. Temos de pegar a juíza McDover com uma pilha de dinheiro. Ponto final. Se ele for recuperado, o infiltrado leva a sua parte como recompensa e Myers leva a dele. Se Vonn Dubose e seus rapazes forem presos, tudo bem, mas como isso ajuda Myers?

-Não ajuda, a não ser, é claro, que McDover se queime junto com Dubose.

— Ele está nos usando, Hugo. Ele entrou com uma denúncia alegando práticas judiciais corruptas, ou roubo puro e simples. E nosso trabalho investigar. Qualquer um que entre com uma denúncia contra um juiz está nos usando para descobrir a verdade. A natureza de nosso trabalho é essa.

— Claro que sim, mas tem alguma coisa errada com esse cara.

— Tenho a mesma intuição. Gosto da estratégia de Geismar. Vamos sondar um pouco, bicar pelas beiradas, desenvolver uma história, tentar descobrir quem é o proprietário daquelas quatro casas, fazer nosso trabalho, mas com cautela; e, se descobirmos provas definitivas de delito, vamos ao FBI. Myers não pode nos impedir de fazer isso.

— Concorde, mas ele pode sumir e nunca mais falaremos com ele. Se ele tem provas de corrupção no cassino, nunca vamos consegui-las se o FBI chegar atirando.

— O que mais Sadelle pôs na bagagem para nossa agradável viagem a Starke?

Hugo pegou outro memorando.

— Só algumas informações sobre a juíza McDover. Suas eleições, campanhas, adversários, coisas assim. Como as eleições não são partidárias, não sabemos sua posição política. Não há nenhum registro de contribuição a outros candidatos em outras disputas. Nenhuma outra denúncia no CEJ. Nenhuma denúncia a Ordem dos Advogados. Sem crimes, nem contravenções. Desde 1998, ela vem recebendo a mais alta classificação da Ordem dos Advogados. Ela escreve muito, e há uma longa lista de artigos que publicou em revistas jurídicas, essas coisas. Também gosta de palestrar em seminários e faculdades de direito. Ela até ministrou um curso sobre prática de julgamento na Universidade Estadual da Flórida três anos atrás. Um currículo e tanto. Melhor do que a média de nossos juízes de tribunal regional. Não tem muitos bens. Uma casa no centro de Sterling avaliada em 230 mil dólares, construída setenta anos atrás, com uma hipoteca de 110 mil. Escritura emitida em seu nome, McDover, que por acaso é o nome de solteira. Ela voltou a usar o nome depois do divórcio e o tem usado desde então. Solteira desde 1988, sem filhos, sem outro casamento. Nenhum registro de associação a igrejas, organizações sem fins lucrativos, associações de ex-alunos, partidos políticos, nada. Estudos de direito em Stetson, onde foi aluna exemplar. Pós-graduação na Universidade do Norte da Flórida em Jacksonville. Algumas coisas sobre seu divórcio do marido doutor, mas nada que valha o tempo.

Lacy ouvia atentamente e bebeu mais café.

— Se Myers estiver certo, ela está recebendo caixa dois de um cassino indígena. É bem difícil de acreditar, não acha? Quer dizer, uma juíza nossa eleita pelo povo e tão respeitada.

— É verdade. Já vimos juízes fazerem coisas estranhas, mas nada tão ousado assim.

— E como você explica isso? Quais seriam os motivos dela?

— Você é uma mulher solteira que trabalha. Responda você.

— Não consigo. O que é o outro memorando?

Hugo procurou na pasta e retirou alguns papéis.

*

Ao entrarem na área rural do condado de Bradford, eles começaram a ver placas indicando que havia presídios e penitenciárias um pouco adiante. Perto da cidadezinha de Starke, de cinco mil habitantes, eles viraram e seguiram placas para a Penitenciária Estadual da Flórida, lar de quinhentos detentos, inclusive quatrocentos condenados.

Só a Califórnia tinha mais homens no corredor da morte do que a Flórida. O Texas ficava em terceiro lugar, mas, desde que se concentrou mais na redução dos números, sua população era de mais ou menos 330. A Califórnia, com pouco

interesse por executar gente, tinha 650. A Flórida desejava ser outro Texas, mas seus tribunais de recursos não paravam de atrapalhar. No ano anterior, em 2010, só um homem recebeu injeção letal na penitenciária de Starke.

Eles pararam o carro em um estacionamento lotado e caminharam até o prédio da administração. Como advogados trabalhando para o estado, sua visita fora facilitada. Eles foram liberados nas guaritas e acompanhados por um guarda com influência suficiente para conseguir que todas as portas fossem abertas rapidamente. Na Ala Q, o famoso corredor da morte da Flórida, eles passaram por outra guarita e foram levados a uma sala comprida. Uma placa na porta dizia “Reunião com Advogados”. O guarda abriu outra porta para uma área fechada menor, dividida por uma lâmina de acrílico.

— Primeira visita ao corredor da morte? — perguntou o guarda.

— Sim — disse Lacy.

— Vim aqui uma vez, quando era estudante de direito — respondeu Hugo.

— Que bom. Vocês têm o formulário de autorização?

— Tenho. — Hugo respondeu enquanto colocava a pasta na mesa e a abria.

Junior Mace era representado *pro bono* por um grande escritório de Washington. Antes de poder falar com ele, Lacy e Hugo tiveram de garantir ao escritório que não discutiriam nenhuma das questões pendentes de seu atual pedido de *habeas corpus*. Hugo retirou uma folha de papel, que o guarda não teve pressa para ler. Quando teve sua aprovação, ele devolveu o documento.

— Mace é esquisito, vou avisando — disse ele.

Lacy virou a cara e não quis responder. Enquanto não conseguia dormir na noite anterior, preocupada com toda a merda que abarrotava seu cérebro, ela leu na internet alguns artigos sobre o corredor da morte da Flórida. Cada prisioneiro era mantido em solitária por 23 horas por dia. A outra hora era para “recreação”, uma oportunidade de andar por uma pequena área gramada e olhar o sol. Cada cela tinha dois metros por três, com um pé-direito de três metros; cada cama era menor do que uma cama de solteiro e ficava a centímetros de uma privada de aço inox. Não havia ar-condicionado, nem companheiro de cela e quase nenhum contato humano, exceto pelo papo habitual dos guardas na hora das refeições.

Se Junior Mace não era um “esquisito” antes de chegar, quinze anos atrás, certamente podia ser perdoado por ficar meio esquisito agora. O isolamento total leva a privação sensorial e a todo tipo de problemas mentais. Especialistas em punições começavam a perceber isso, e um movimento para reformar a prática do confinamento solitário lutava para ganhar ímpeto. O movimento não chegara a Flórida.

Uma porta se abriu para o outro lado, e um guarda passou por ela. Foi seguido por Junior Mace, algemado e vestido na calça azul e camiseta laranja

padrão da penitenciária reservadas para os prisioneiros do corredor da morte. Outro guarda vinha atrás dele. Retiraram as algemas e saíram da sala.

Junior Mace deu dois passos e se sentou a mesa de seu lado. O acrílico os separava. Hugo e Lacy assumiram seus lugares, e, por alguns segundos, as coisas ficaram constrangedoras.

Ele tinha 52 anos. Seu cabelo era comprido, basto e grisalho, preso em um rabo de cavalo. A pele era morena e não perdera a cor com o isolamento. Seus olhos também eram escuros, grandes, castanhos e tristes. Ele era alto e magro, com bíceps bem formados. Provavelmente faz muitas flexões, pensou Hugo. De acordo com a ficha, sua esposa, Eileen, tinha 32 anos quando morreu. Eles tinham três filhos, todos criados por parentes depois que Junior foi preso.

Lacy pegou um dos dois telefones de seu lado da divisória e falou:

— Obrigada por nos receber.

Ele segurava seu fone. Deu de ombros, não disse nada.

— Não sei se você recebeu nossa carta, mas trabalhamos para o Conselho de Conduta Judicial do estado e estamos investigando a juíza Claudia McDover.

— Recebi. Estou aqui. Concordei com a reunião. - Ele falou lentamente, como se cada palavra tivesse de ser primeiro objeto de reflexão.

— Então, hum, não viemos falar de seu caso. Não podemos ajudar nisso, e, além do mais, você tem bons advogados em Washington — disse Hugo.

— Ainda estou vivo. Acho que eles estão trabalhando direito. O que vocês querem de mim?

— Informações — disse Lacy. — Precisamos dos nomes das pessoas com quem podemos falar. Tappacolas, aqueles do lado bom, do seu lado. Este é outro mundo para nós, e não podemos simplesmente aparecer um dia e começar a fazer perguntas.

Os olhos dele se estreitaram e sua boca se virou para baixo, como um sorriso invertido. Ele assentiu ao olhar fixamente para eles e, por fim, falou:

— Olha, minha mulher e Son Razko foram assassinados em 1995. Fui condenado em 1996 e levado acorrentado na traseira de um furgão. Isso foi antes de o cassino ser construído, então, não sei se posso ajudar vocês. Eles me tiraram do caminho, eu e Son, antes de poderem construir. Mataram Son, junto com minha mulher, e conseguiram que eu fosse preso por isso.

— Você sabe quem foi? - perguntou Hugo.

Ele sorriu de verdade, mas o humor não alcançou seus olhos.

— Sr. Hatch — disse ele lentamente -, por dezesseis anos eu tenho dito sem parar que não sei quem matou minha mulher e Son Razko. Havia algumas pessoas no segundo plano, uma gente de fora que cuidadosamente se envolveu na situação. Nosso cacique na época era um bom homem que se corrompeu. Os

caras de fora o pegaram, não sei bem como, mas estou certo de que envolveu dinheiro, e ele passou a ficar convencido de que o cassino era a solução. Son e eu lutamos e vencemos a primeira eleição em 1993. Eles pensaram que iam ganhar e estavam preparando o terreno para ganhar muito dinheiro com o cassino e as terras em volta dele. Quando nosso povo rejeitou na primeira vez, esse pessoal decidiu se livrar de Son. E de mim também, acho. Eles descobriram um jeito de fazer isso. Son morreu. Eu estou aqui. O cassino já vem faturando dinheiro há uma década.

— Já ouviu o nome Vonn Dubose? — perguntou Lacy.

Ele fez uma pausa e pareceu se retrair um pouco. Era evidente que a resposta dele seria sim, então, quando ele disse não, os dois perceberam. Haveria uma conversa interessante na volta para casa.

— Lembrem-se - disse ele —, já estou aqui há muito tempo. Quinze anos aqui numa solitária devora sua alma, seu espírito e seu cérebro. Eu perdi muito e nem sempre consigo me lembrar do que devia.

— Mas você não se esqueceria de Vonn Dubose, se o conhecesse.

— Lacy pressionou.

Junior cerrou o maxilar e negou com a cabeça.

— Não. Não o conheço.

— Estou supondo que você tem uma opinião ruim da juíza McDover

— disse Hugo.

— Opinião ruim é pouco. Ela presidiu uma palhaçada de julgamento e fez de tudo para que um inocente fosse condenado. Ela está acobertando também. Sempre suspeitei de que ela sabia mais do que devia. Tudo isso foi um pesadelo, Sr. Hatch. Primeiro me disseram que minha mulher fora morta, junto com Son, e depois o choque de ser acusado, preso e jogado na cadeia. Na época, o sistema estava na pressão máxima, e todo mundo que eu via era bandido. Desde os policiais, os promotores, a juíza, as testemunhas, o júri... Fui mastigado por um sistema que estava a todo vapor. Logo, eu fui enquadrado, condenado, sentenciado, e aqui estou eu.

— O que a juíza está acobertando? — perguntou Lacy.

— A verdade. Suspeito de que ela sabe que não matei Some Eileen.

— Quantas pessoas sabem da verdade? — perguntou Hugo:

Junior colocou o telefone na mesa e esfregou os olhos como se não dormisse havia dias. Com a mão direita, passou os dedos pelo cabelo basto, até o rabo de cavalo. Lentamente, pegou o fone.

— Não muitas. A maioria me considera um assassino. Eles acreditam na história inventada, e por que não? Fui condenado em um tribunal de justiça e aqui estou, apodrecendo e esperando pela agulha. Um dia. vou levar a picada, e

eles vão me mandar de volta ao condado de Brunswick e me enterrar em algum lugar. A história vai continuar viva. Junior Mace pegou a mulher com outro homem e matou os dois em um ato de fúria. É uma boa história, não é?

Ninguém disse nada por um momento. Lacy e Hugo escreveram enquanto tentavam pensar em sua próxima pergunta. Junior rompeu o silêncio.

— Só para vocês saberem, esta é uma visita de advogados, então, não tem limite de tempo. Se vocês não estão com pressa, muito menos eu. Faz uns 38 graus na minha cela agora. Não tem ventilação, só tenho um ventilador pequeno que fica circulando o ar quente. Esta é uma boa folga para mim, e vocês podem voltar a qualquer hora quando estiverem por aqui.

— Obrigado — respondeu Hugo. — Você recebe muitas visitas?

— Não tantas quanto eu gostaria. Meus filhos passam por aqui de vez em quando, mas são visitas complicadas. Durante anos, não deixei que eles me vissem aqui, e eles cresceram muito rápido. Agora estão casados. Já sou avô, mas nunca vi meus netos. Mas tenho fotos por toda a minha parede. O que acham disso? Quatro netos e nunca consegui tocar neles.

— Quem criou seus filhos? — perguntou Lacy.

— Minha mãe ajudou até morrer. Meu irmão Wilton e a mulher dele fizeram a maior parte do trabalho e deram o máximo de si. Foi tudo muito horrível. Imagine ser uma criança e sua mãe ser assassinada. Todo mundo diz que seu pai a matou e que o mandaram para o corredor da morte.

— Seus filhos acham que você é culpado?

— Não. Eles ouviram a verdade de Wilton e de minha mãe.

— Wilton conversaria conosco? — perguntou Hugo.

— Não sei. Vocês podem tentar. Não sei se ele vai querer se envolver. Vocês precisam entender que, hoje em dia, a vida é muito boa para o meu povo, muito melhor do que antes. Pensando bem agora, não sei se Son e eu estávamos do lado certo quando combatemos o cassino. Ele trouxe empregos, escolas, estradas, um hospital, um nível de prosperidade com que nosso povo nunca sonhou. Quando um Tappacola faz 18 anos, passa a receber uma pensão vitalícia de cinco mil dólares por mês, e isso pode aumentar. É chamado de dividendo. Até eu, sentado aqui no corredor da morte, estou recebendo dividendos. Eu economizaria para meus filhos, mas eles não precisam. Então, mando para meus advogados em Washington, imagino que seja o mínimo que posso fazer. Quando eles aceitaram meu caso, não existia sistema de dividendos, e certamente eles não esperavam pagamento nenhum. Cada Tappacola tem assistência médica e educação gratuitas e tem as despesas de faculdade pagas, se quiser fazer. Temos nosso próprio banco e obtemos empréstimos a juros baixos para moradia e carro. Como eu disse, a vida lá é muito boa, muito melhor do que antes. Essa é a parte

positiva. Por outro lado, existem muitos problemas motivacionais graves, principalmente entre os jovens. Por que fazer faculdade e ter uma carreira profissional quando sua renda está garantida pela vida inteira? Por que procurar um emprego? O cassino emprega cerca de metade dos adultos da tribo, e isto é uma fonte constante de atrito. Quem arranja o trabalho fácil e quem não arranja? Há muita briga interna e política. Mas, no geral, a tribo percebe que é uma boa coisa. Por que criar problemas? Por que alguém deveria se preocupar comigo? Por que Wilton ajudaria vocês a destruir uma juíza desonesta quando todo mundo pode se prejudicar com isso?

— Você sabia da corrupção no cassino? — perguntou Lacy.

Mace baixou o fone e mexeu no cabelo de novo, como se pensasse aflitivamente na pergunta. Sua hesitação sugeria que ele lutava não contra a verdade, mas contra que versão dela escolher. Ele pegou o telefone.

— Repito, o cassino abriu alguns anos depois de eu vir para cá. Nunca pus os olhos nele.

— Sem essa, Sr. Mace - disse Hugo. - Você mesmo disse que é uma tribo mínima. Um cassino grande para um grupo pequeno de pessoas. Deve ser impossível guardar segredos. Certamente você ouviu os boatos.

— Que boatos?

— Boatos de dinheiro sendo desviado e levado pela porta dos fundos. Segundo as estimativas, o Treasure Key agora é um cassino de meio bilhão de dólares, e 90% do lucro bruto é em espécie. Nossa fonte nos disse que existe uma quadrilha organizada aliada aos líderes indígenas, e eles estão desviando grana como loucos. Nunca ouviu falar nisso?

— Posso ter ouvido o boato, mas não quer dizer que eu saiba de alguma coisa.

— Então, quem sabe? Quem pode conversar conosco? — perguntou Lacy.

— Vocês devem ter uma boa fonte ou não estariam aqui. Voltem para a sua fonte.

Lacy e Hugo se entreolharam, ambos com a mesma imagem de Greg Myers vagabundeando pelas Bahamas em seu barco, de cerveja gelada na mão, Jimmy Buffett tocando no aparelho de som.

— Talvez mais tarde — disse Hugo. - Por enquanto, precisamos de alguém do local, alguém que conheça o cassino.

Mace meneava a cabeça.

— Wilton é minha única fonte, e ele não fala muito. Não sei o quanto ele sabe, mas muito pouco disso vaza até aqui, em Starke.

— Você telefonaria para Wilton e diria que não tem problema algum ele falar conosco? — perguntou Lacy.

— E o que eu ganho com isso? Não conheço vocês. Não sei se merecem confiança. Sei que suas intenções são boas, mas talvez vocês estejam se metendo numa situação em que as coisas podem sair de controle. Sei lá. Preciso pensar no assunto.

— Onde Wilton mora? — perguntou Hugo.

— Na reserva, não muito longe do cassino. Ele tentou arrumar um emprego lá, mas foi rejeitado. Ninguém de minha família trabalha no cassino. Eles se recusam a contratá-los. É tudo muito político.

— Há ressentimentos, então?

— Ah, sim. Muito. Os que combateram o cassino basicamente estão na lista negra e não podem trabalhar lá. Ainda recebem os cheques, mas não conseguem empregos.

— E como eles se sentem com isso? - perguntou Lacy.

— Como eu disse, a maioria acredita que eu matei Son, o líder deles; então, não são muito simpáticos. Aqueles que apoiaram o cassino me odeiam desde o início. Não preciso dizer que não tenho muitos fãs no meu povo. E minha família paga por isso.

— Se a juíza McDover for desmascarada e a corrupção for provada, há alguma possibilidade de isso ajudar em seu caso? - perguntou Hugo.

Mace se levantou lentamente e se espreguiçou como quem sente dor; depois, deu alguns passos até a porta, voltando em seguida a mesa. Espreguiçou-se um pouco mais, estalou os nós dos dedos, sentou-se e pegou o fone.

— Não vejo como. Meu julgamento foi há muito tempo. Todas as decisões dela foram confrontadas no recurso, e por uns advogados muito bons. Pensamos que ela estava errada em várias delas. Pensamos que um novo julgamento devia ter sido determinado uma década atrás, essas coisas, mas todos os tribunais concordaram com ela. Não por unanimidade; na verdade, todas as decisões em meu caso foram divididas, com fortes divergências a meu favor. Mas a maioria decide, e aqui estou eu. Os dois informantes do presídio que efetivamente conseguiram minha condenação e me mandaram para cá desapareceram anos atrás. Sabiam disso?

— Vi em um memorando - disse Lacy.

— Os dois sumiram na mesma época.

— Alguma ideia?

— Duas teorias. Uma, a melhor delas, é que os dois foram apagados pouco depois de minha condenação. Os dois eram criminosos de carreira, uns sujos que passaram por honestos no julgamento e convenceram o júri de que eu tinha me vangloriado dos assassinatos na prisão. Bom, o problema dos dedos duros é que eles costumam se desmentir, então, a primeira teoria é a de que os verdadeiros

assassinos mataram os informantes antes de eles terem a chance de mudar sua história. Nisto eu acredito.

— E a segunda teoria? — indagou Hugo.

— Que eles foram mortos por meu povo, por vingança. Duvido disso, mas não é um completo exagero. Os ânimos estavam acirrados, e acho que tudo era possível. Apesar disso, os dois informantes sumiram e não são vistos há anos. Espero que estejam mortos. Eles me colocaram aqui.

— Não estamos aqui para falar do seu caso — disse Lacy.

— É só o que tenho para falar, e quem liga? Agora tudo isso é questão de registro público.

— Então, são pelo menos quatro mortos — disse Hugo.

— Pelo menos.

— Tem mais? — perguntou Lacy.

Ele assentia, mas eles não sabiam se era só um tique nervoso ou uma resposta afirmativa.

— Depende do quanto você cavar — disse ele por fim.

6

O primeiro tribunal construído com o dinheiro dos contribuintes do condado de Brunswick foi destruído num incêndio. O segundo foi demolido. Depois do furacão de 1970, os líderes do condado aprovaram um projeto que incluía muito tijolo, concreto e aço. O resultado foi um hangar horrendo no estilo soviético com três andares, poucas janelas e extensos telhados de metal que deram goteira desde o primeiro dia. Na época, o condado, a meio caminho entre Pensacola e Tallahassee, era pouco povoado, suas praias não tinham aglomeração e confusão. Segundo o censo de 1970, havia 8. 100 brancos, 1. 570 negros e 411 índios. Alguns anos depois de o “tribunal novo”, como ficou conhecido, abrir suas portas, o litoral da região do Panhandle ganhou vida à medida que empreiteiros correram para construir prédios residenciais e hotéis. Com quilômetros de praias selvagens e intocadas, a “Costa Esmeralda” tornou-se um destino ainda mais popular. A população aumentou, e, em 1984, o condado de Brunswick precisou ampliar seu tribunal. Fiel ao estilo pós-moderno, construiu um anexo desconcertante de formato fálico que lembrou a muitos um tumor maligno. Na verdade, os moradores se referiam a ele como o Tumor, e não por sua designação oficial de Anexo. Doze anos depois, com a população ainda crescendo, o condado acrescentou outro tumor igual do outro lado do “tribunal novo”, e se declarou pronto para todo e qualquer negócio.

A capital do condado era a cidade de Sterling. O 24º Distrito Judicial da Flórida abrangia Brunswick e dois condados vizinhos. Dos dois juízes desse distrito judicial, Claudia McDover era a única de Sterling; portanto, ela praticamente mandava no tribunal. Tinha antiguidade no cargo, influência, e todos os funcionários municipais pisavam em ovos perto dela. Seu gabinete espaçoso ficava no terceiro andar, onde ela desfrutava de uma vista agradável e alguma luz solar de uma das poucas janelas. Ela desprezava o prédio e costumava sonhar com um jeito de adquirir poder suficiente para derrubá-lo e recomeçar do zero. Mas isto era apenas um sonho.

Depois de um dia tranquilo a sua mesa, McDover informou a secretária que sairia as quatro, o que era cedo para ela. Sua secretária tímida e bem treinada absorveu a informação, mas não fez perguntas. Ninguém perguntava a Claudia McDover por que ela fazia alguma coisa.

Ela saiu de Sterling em seu Lexus de modelo novo e pegou uma estrada do condado para o sul. Vinte minutos depois, virou na grandiosa entrada do

Treasure Key, um lugar que, no íntimo, considerava “seu cassino”. Ela estava convencida de que ele não existiria se não fosse por seus esforços. Era dela o poder de fechá-lo amanhã, se quisesse. Isto, porém, não aconteceria.

Ela pegou a estrada periférica pela margem da propriedade e sorriu, como sempre, para os estacionamentos abarrotados, os serviços de transporte ocupados levando e trazendo jogadores de seus hotéis, as placas espalhafatosas de neon anunciando shows de cantores country decadentes e números baratos de circo. Tudo isso a fazia sorrir porque significava que os índios estavam prosperando. As pessoas tinham empregos. Estavam se divertindo. Famílias de férias. O Treasure Key era um lugar maravilhoso, e o fato de que ela sugava só uma pequena parte da ação não a incomodava nem um pouco.

Ultimamente, nada incomodava Claudia McDover. Depois de dezessete anos no cargo, sua reputação era sólida, seu emprego, seguro, e sua classificação, elevada. Por onze anos recebendo uma fatia dos lucros do cassino, ela era uma mulher incrivelmente rica, com ativos escondidos pelo mundo e outros bens que só se supunham, sem provas. E, embora fizesse negócios com gente de quem não gostava, a conspiração fraudulenta deles era impermeável ao mundo. Não havia rastros, nem provas. Afinal, vinha funcionando tranquilamente por onze anos, desde o dia da inauguração do cassino.

Ela passou por um portão e entrou no sofisticado campo de golfe e empreendimento residencial Rabbit Run. Era proprietária de quatro casas ali, ou pelo menos era proprietária das empresas *offshore* que as possuíam. Uma, ela guardou para si. As outras três, alugou por intermédio de sua advogada. Sua casa no quarto *fairway* era uma fortaleza de dois andares com portas e janelas reforçadas. “Proteção contra furacão”, foi seu raciocínio anos antes, quando ela reforçou o lugar. No interior de um quarto pequeno, ela havia construído uma câmara de três metros por três com paredes de concreto e segurança contra incêndio e roubo. Dentro da câmara, guardava alguns ativos portáteis — dinheiro, ouro, joias. Também havia alguns objetos que não podiam ser deslocados com tanta facilidade — duas litografias de Picasso, uma urna egípcia de 4 mil anos, um aparelho de porcelana para chá de outra dinastia e uma coleção de primeiras edições raras de romances do século XIX. A porta do quarto ficava escondida por trás de uma estante giratória e, assim, quem circulasse pela casa não saberia da existência do quarto e da câmara. Mas ninguém circulava por aquela casa. Uma visita ocasional poderia ser convidada a se sentar no pátio para beber alguma coisa, mas a casa não servia para drinques, visitas ou moradia.

Ela abriu as cortinas e olhou o campo de golfe. Era um dia quente de agosto, o ar estava abafado e pegajoso, e o campo, deserto. Ela colocou a água em uma

chaleira e a pôs no fogo. Enquanto esquentava, deu dois telefonemas, ambos para advogados com casos pendentes em seu tribunal.

Às cinco, na hora marcada, seu convidado chegou. Eles se encontravam na primeira quarta-feira de cada mês às cinco horas da tarde. Vez por outra, quando ela estava fora do país, eles alteravam as datas das reuniões, mas era raro. A comunicação dos dois sempre era cara a cara, na casa dela, onde não havia ameaça de fios e grampos ocultos, ou qualquer tipo de vigilância. Eles usavam telefones apenas uma ou duas vezes por ano. Mantinham as coisas simples e nunca deixavam rastros. Eles eram seguros, e foi assim desde o começo, mas ainda não se arriscavam.

Claudia bebeu chá, e Vonn, vodca com gelo. Ele havia chegado com uma bolsa de couro marrom, que colocou no sofá, como sempre fazia. Dentro da bolsa havia 25 maços de notas de cem dólares, cada um deles bem preso por elásticos e contendo dez mil dólares. O desvio mensal era de meio milhão de dólares, e eles o dividiam em partes iguais, até onde ela sabia. Durante anos, Claudia se perguntou quanto ele realmente desviava dos índios e como fazia o trabalho sujo. Ela não sabia. Com o tempo, porém, passou a ficar satisfeita com seu espólio. E por que não?

Ela não conhecia os detalhes. Como exatamente o dinheiro era separado? Como era mantido fora dos livros contábeis e longe da segurança e da vigilância? Quem adulterava os livros para esconder o desvio? Quem, nos bastidores do cassino, verdadeiramente pegava o saque e o guardava para Vonn? Aonde ele ia para pegá-lo? E quem o entregava a ele? Quantos de dentro estavam sendo subornados? Ela não sabia nada disso. Nem sabia o que ele fazia com sua parcela do dinheiro depois que saía do cassino. Eles nunca tiveram esse tipo de conversa.

Ela não sabia nada sobre a quadrilha dele, nem queria saber. Seu contato era apenas com Vonn Dubose e ocasionalmente com Hank, o fiel assistente dele. Vonn a conhecera dezoito anos antes, quando ela era uma advogada entediada de cidade pequena lutando para ter um ganha-pão decente e ainda tramando vingança contra o ex-marido. Ele tinha um plano grandioso para um enorme empreendimento imobiliário que seria abastecido por um cassino em terras indígenas, mas havia um velho juiz no caminho. Livrando-se do juiz, e talvez de um ou dois obstrucionistas, Vonn estaria livre para começar as obras. Ele se ofereceu para financiar a campanha de McDover e fazer o que fosse necessário para que ela fosse eleita.

Ele tinha por volta de 70 anos, mas podia passar por 60. Com o bronzado eterno e as camisas de golfe coloridas, podia ser só outro aposentado rico levando uma boa vida ao sol da Flórida. Ele passou por dois divórcios e estava

solteiro havia anos. Depois que Claudia tornou-se juíza, ele deu em cima dela, mas Claudia não se interessou. Vonn era uns quinze anos mais velho, o que não era muito, mas simplesmente não houve química nenhuma. Depois, aos 39 anos, ela também aceitara a realidade de que preferia mulheres em vez de homens. E, para falar a verdade, ela o achava chato. Era um sujeito pouco instruído, só se interessava por pescaria, golfe e pela construção do próximo centro comercial ou campo de golfe; além disso, seu lado sombrio ainda a assustava.

Com o passar dos anos, à medida que circulavam os boatos, surgiam detalhes, e os tribunais de recursos levantavam perguntas, Claudia começou a duvidar de que Junior Mace de fato tivesse matado a mulher e Son Razko. Antes e durante o julgamento, ela se deixara convencer da culpa dele, e quis dar o veredito correto para os eleitores que tinham acabado de colocá-la no cargo. Mas, com o tempo e a experiência, passou a ter sérias dúvidas a respeito da culpabilidade dele. Como juíza do julgamento, porém, seu trabalho havia muito fora encerrado, e não havia o que ela pudesse fazer para corrigir um erro. E por que deveria? Son e Junior estavam acabados. O cassino foi construído. Sua vida era boa.

Mas a realidade era que, se Junior não fosse o responsável pelas mortes, então alguém da quadrilha de Vonn tinha metido duas balas na cabeça de Son Razko e Eileen Mace. e alguém providenciou depois o desaparecimento dos dois informantes do presídio que acusaram Junior. Embora Claudia mantivesse uma fachada de durona e influente, tinha um medo mortal de Dubose e seus homens. Em seu único embate aos gritos, cerca de dez anos antes, Claudia o convencera de que ele seria imediatamente desmascarado e preso se algo acontecesse com ela.

Os anos se passaram, e eles se acomodaram em uma relação civilizada de desconfiança mútua, em que cada um tinha um papel bem definido. Era dela o poder de fechar o cassino com mandados por qualquer motivo bobo, e já se provara que Claudia não tinha medo de fazer isso. Ele era encarregado do trabalho sujo e mantinha os Tappacolas na linha. Eles prosperavam juntos, cada um enriquecendo mais a cada mês. Era espantoso quanta cordialidade podia ser criada e quanta suspeita podia ser desconsiderada por conta de caminhões de dinheiro.

Eles estavam sentados no interior da casa, no ar frio, tomando suas bebidas, olhando o campo de golfe deserto, orgulhosos de seus esquemas e da riqueza inacreditável de ambos.

— Como está indo o North Dunes? — perguntou ela.

— Nos trilhos — respondeu ele. — O Conselho de Zoneamento se reúne na semana que vem, e espera-se um sinal verde. Devemos começar a obra em dois

meses.

North Dunes era o mais recente acréscimo a seu império do golfe, com 36 buracos, lagos e açudes, prédios residenciais elegantes e até mansões ainda mais refinadas, tudo envolvendo um centro de negócios planejado com uma praça e um anfiteatro, e a apenas um quilômetro e meio da praia.

— Os supervisores estão de acordo? — Uma pergunta idiota. O dinheiro que Dubose lhe entregava não era o único suborno que ele espalhava pelo condado.

— Quatro contra um — disse ele. — Poley discorda, é claro.

— Por que você não se livra dele?

— Não, não, ele é necessário. Não podemos dar a impressão de muita facilidade. Quatro contra um está ótimo.

Na realidade, os subornos não eram necessários naquela parte do país. Pegue qualquer forma de construção, de condomínios fechados de alto padrão a shopping-centers de baixo custo, prepare um folheto elegante cheio de meias-verdades, rotule de “desenvolvimento econômico” com a promessa de receita fiscal e empregos, e as autoridades eleitas correm para carimbar. Se alguém mencionasse problemas ambientais, trânsito ou escolas lotadas, seria desprezado como democrata liberal, abraçador de árvores ou, muito pior, “nortista”. Vonn dominava o jogo havia anos.

— E a UE? - perguntou ela. Unidade Extra.

— É claro, excelência. Campo de golfe ou andar alto?

— Que altura tem?

— Que altura gostaria?

— Gostaria de ter vista para o mar. É possível?

— Não tem problema. Por enquanto, é um prédio de dez andares, mas, da metade para cima, o golfo do México logo ficará visível em um dia claro.

— Gosto disso. Vista para o mar. Não a cobertura, mas alguma coisa próxima.

A ideia de uma unidade extra tinha sido aperfeiçoada por um lendário empreiteiro da Flórida apelidado de Condo Conroy. Na pressa furiosa de levantar uma torre próxima do mar, planos foram modificados às pressas, paredes, deslocadas aqui e ali, e o resultado foi uma unidade extra, um prédio a mais do qual o Conselho de Zoneamento nada sabia. Podia ser usado para uma dezena de fins, e nenhum deles era exatamente legítimo. Vonn tinha aprendido o truque, e sua juíza preferida acumulara uma impressionante carteira de UE com o passar dos anos. Seu balanço patrimonial também incluía parcelas de negócios legítimos: um shopping-center, um parque aquático, dois restaurantes, alguns hotéis pequenos e muitas terras esperando apenas pelas escavadeiras.

— Mais uma bebida? — perguntou ela. — Há duas coisas que precisamos

discutir.

— Eu vou pegar. — Ele se levantou e foi à bancada da cozinha, onde ela guardava os destilados, coisas em que nunca tocava. Serviu-se de uma dose, acrescentou dois cubos de gelo e voltou a seu lugar. — Estou ouvindo.

Ela respirou fundo, porque aquilo não seria fácil.

— Wilson Vango.

— O que tem ele? — rebateu Dubose.

— Apenas preste atenção. Ele cumpriu catorze anos, e sua saúde está péssima. Ele tem enfisema, hepatite e alguns problemas mentais.

Sobreviveu a vários espancamentos e outras agressões físicas e parece que ficou com algum dano cerebral.

— Ótimo.

— Ele estará qualificado para a condicional em três anos. Agora, a mulher dele está morrendo de câncer no ovário, a família está desamparada, essas coisas. Uma situação terrível. De qualquer modo, alguém foi ao governador, e ele quer comutar o que resta da sentença de Vango, mas só se eu concordar.

Os olhos de Vonn brilharam de ódio, e ele baixou a bebida. Apontou um dedo furioso para ela.

— Esse filho da puta roubou quarenta mil de uma de minhas empresas. Eu quero mais é que ele morra na cadeia, de preferência depois de outro espancamento. Entendeu bem, Claudia?

— Ora, vamos, Vonn. Dei a ele a pena máxima por sua causa. Ele já cumpriu tempo suficiente. O coitado está morrendo, e a mulher dele, também. Pegue mais leve.

— Nunca, Claudia. Eu nunca pego leve. Ele teve sorte de receber uma sentença na prisão, e não um buraco na cabeça. De jeito nenhum, Claudia, Vango não vai sair.

— Tudo bem, tudo bem. Prepare outra bebida. Acalme-se. Relaxe.

— Eu estou ótimo. O que mais você tem em mente?

Ela tomou um gole do chá e deixou um minuto passar. Quando o ar ficou um pouco mais leve, falou:

— Olha, Vonn, eu estou com 56 anos, visto a toga há dezessete anos, e estou ficando cansada do cargo. É meu terceiro mandato e, sem oposição nenhuma no ano que vem, tenho garantidos 24 anos de tribunal. Já basta. Phyllis também pretende se aposentar, e queremos viajar pelo mundo. Estou cansada de Sterling, da Flórida, e ela está cansada de Mobile. Não temos filhos para nos prender; então, por que não ir para outro lugar? Gastar parte de nosso dinheiro indígena?

Ela fez uma pausa e o olhou.

— O que me diz?

— E evidente que gosto das coisas como estão. O melhor que há em você, Claudia, é que você foi muito fácil de corromper e, depois de corrompida, apaixonou-se imediatamente pelo dinheiro. Assim como eu. A diferença é que eu nasci na corrupção, está no meu DNA. Prefiro roubar dinheiro a ganhá-lo. Você, por outro lado, era pura, mas a facilidade de sua conversão para o lado sujo foi impressionante.

— Eu não era pura. Era impelida pelo ódio e por um desejo ardoroso de humilhar meu ex-marido. Eu queria vingança, e não há nada de puro nisso.

— O que quero dizer é que não sei se consigo encontrar outro juiz tão ávido para ser comprado.

— E você precisa mesmo de algum, a essa altura? Se eu for embora, o butim do cassino é todo seu, não é uma rede de segurança ruim. Você é dono dos políticos. Você enfiou suas escavadeiras em metade do condado e tem muita terra para explorar. É bem óbvio, pelo menos para mim, que ficará bem sem uma juíza na folha de pagamento. Estou cansada de trabalhar e, para ser sincera, embora esta não seja a palavra certa a ser usada numa conversa entre nós, eu estou querendo andar na linha por um tempo, ficar na passiva.

— Com dinheiro ou sexo?

— Dinheiro, seu babaca — disse ela, rindo.

Vonn sorriu e bebeu a vodca enquanto as engrenagens giravam. Em silêncio, ele ficou emocionado com a ideia. Uma boca a menos para alimentar, e essa era das grandes.

— Vamos sobreviver — disse ele.

— É claro que vão. Minha decisão não foi tomada, mas queria que você soubesse o que estou pensando. Estou muito cansada de arbitrar divórcios e mandar garotos para a prisão pela vida toda. E não contei a ninguém sobre Phyllis.

— Pode confiar a mim seus segredos mais sombrios, excelência.

— Como amigos íntimos.

Vonn se levantou.

— Preciso ir. A mesma hora no mês que vem?

— Sim.

Na saída, ele pegou uma bolsa de couro vazia, idêntica àquela que havia trazido, mas um tanto mais leve.

7

O nome do intermediário era Cooley, ele próprio ex-advogado, embora sua saída da profissão tenha sido muito menos espetacular do que a do colega Greg Myers. Cooley conseguiu evitar as manchetes, fazendo rapidamente um acordo na Georgia e cancelando sua licença. Não estava nos seus planos tentar recuperá-la.

Eles se encontraram em um pátio sossegado no hotel Pelican em South Beach e, tomando os drinques no pequeno pátio, olharam a mais recente papelada.

As primeiras folhas resumiam as viagens de Claudia McDover nos últimos sete anos, com datas, destinos, duração da estada e assim por diante. A mulher gostava de viajar e fazia isso com estilo, em geral de jato particular, embora nenhum dos voos tenha sido fretado em seu nome. Phyllis Turban, sua advogada, cuidava dos detalhes, e em geral usava uma de duas companhias aéreas sediadas em Mobile. Pelo menos uma vez por mês, Claudia ia de carro a Pensacola ou Panama City, embarcava em um jatinho, com Phyllis esperando, e decolava ou para Nova York, ou Nova Orleans, para o fim de semana. Não havia provas do que elas faziam nessas viagens, mas o infiltrado tinha algumas ideias. Todo verão, Claudia passava duas semanas em Cingapura, e acreditava-se que ela tinha uma casa lá. Nessas viagens mais longas, ela usava a primeira classe da American Airlines. Ia a Barbados pelo menos três vezes por ano de jato particular. Não ficou claro se Phyllis Turban a acompanhou nessas viagens a Cingapura e Barbados, mas o infiltrado, usando celulares pré-pagos e de rastreamento impossível, ligou repetidas vezes para o escritório de Turban e descobriu que ela não estava lá quando McDover achava-se no exterior. E a advogada sempre voltava a trabalhar quando a juíza fazia o mesmo.

Em um memorando, o infiltrado escreveu: “Na primeira quarta-feira de todo mês, CM deixa o gabinete um pouco mais cedo do que de costume e vai de carro até um imóvel residencial em Rabbit Run. Por algum tempo, foi impossível determinar aonde ela ia, mas, depois que um rastreador GPS foi preso a face interna de seu para choque traseiro, seus movimentos exatos passaram a ser conhecidos. O endereço do imóvel é Fairway Drive, 1614D. De acordo com os registros de propriedade de imóveis do condado de Brunswick, a casa trocou de mãos duas vezes e agora pertence a uma empresa registrada em Belize. É fácil especular que ela vai até essa casa, recebe uma quantia do cassino, e depois viaja

ao exterior com parte do dinheiro, ou todo ele. Ainda especulando, o dinheiro pode ser convertido em ouro, prata, diamantes e bens colecionáveis. Sabe-se que há alguns negociantes de Nova York e Nova Orleans que fazem transações com dinheiro em espécie, mas em troca de uma recompensa bem vantajosa. É particularmente fácil contrabandear diamantes e joias para fora do país. O dinheiro também pode ser enviado por correio comum e expresso a qualquer lugar do mundo, em particular ao Caribe.”

— Não gosto de toda essa especulação - disse Greg. — O quanto ele de fato sabe?

— Está brincando? - respondeu Cooley. - Veja o sumário das viagens. Movimentos precisos por um período de sete anos. Além disso, parece que esse cara entende alguma coisa de lavagem de dinheiro.

— Cara? Tipo um homem?

— Tipo nada. Para você, nem homem, nem mulher.

— Mas ele ou ela é cliente meu.

— Sem essa, Greg. Nós temos um acordo.

— Sabendo tanto assim, essa pessoa deve ter contato diário com a juíza. Talvez uma secretária?

— Ele ou ela me disse uma vez que McDover tiraniza seus secretários, demite depois de um ou dois anos. Pare de conjecturar, está bem? O infiltrado vive com medo. Já deu entrada na denúncia?

— Dei. Eles estão investigando e vão enquadrar a nossa juíza no devido tempo. Mas isso é que é jogar merda no ventilador. Dá para imaginar o show de horrores quando McDover perceber que sua festa acabou?

— Ela não vai entrar em pânico, porque é fria e inteligente demais - disse Cooley. — Vai ligar para seus advogados, e eles começarão a trabalhar. Vai telefonar para Dubose, e ele vai começar suas maldades. E você, Greg? Seu nome está na denúncia. É você quem faz as alegações.

— Será difícil rastrear meu nome. Lembre-se, não Conheci McDover, nem Vonn Dubose. Eles não me conhecem, não sabem nada de mim. Existem pelo menos 1.800 Greg Myers neste país, e todos têm endereços, telefones, famílias e empregos. Dubose não saberia por onde começar a procurar. Além do mais, se eu vir uma sombra que seja, posso dar o fora no meu barquinho e virar uma partícula no oceano. Ele jamais vai me encontrar. Por que o infiltrado vive com tanto medo? O nome dele nunca será revelado.

— Sei lá, Greg. Talvez ele ou ela não seja sofisticado no mundo da violência criminal organizada. Talvez esteja com medo do fato de que divulgar sujeira demais da juíza McDover possa revelar sua identidade.

— Bom, agora é tarde demais - disse Greg. — A denúncia foi protocolada, e

as rodas estão girando.

— Vai usar essas coisas logo? - perguntou Cooley, agitando alguns papéis.

— Não sei. Preciso de algum tempo para pensar. Digamos que eles podem provar que a juíza gosta de viajar em jatos particulares com sua parceira. Grande coisa. Os advogados de McDover dirão simplesmente que não é crime, já que Phyllis está pagando a sua conta, e como Phyllis não tem casos pendentes no tribunal de McDover, onde está o problema?

— Phyllis Turban tem um pequeno escritório em Mobile, e sua especialidade é redigir testamentos grandes. Aposto que ela ganha no máximo 150 mil por ano. Os jatos que elas estão usando custam 3 mil dólares por hora, e elas viajam em média oitenta horas por ano. Faça as contas. Isso dá um quarto de milhão só nas tarifas de frete aéreo, e isso só do que nós sabemos. Como juíza de tribunal regional, o salário de McDover este ano é de 146 mil dólares. Juntas, elas não podem nem pagar o combustível do jatinho.

— Phyllis Turban não está sob investigação. Talvez devesse, não me importa. Se quisermos ganhar algum dinheiro com este caso, precisamos pegar um juiz em exercício.

— Entendi.

— Com que frequência você se encontra com o infiltrado? — perguntou Myers.

— Não muita. Ele ou ela anda muito tímido ultimamente, e com medo de morrer.

— Então, por que está fazendo isso?

- Por odiar McDover. E por dinheiro. Eu convenci nosso infiltrado de que isso pode gerar muita grana. Só espero que eu não acabe provocando a morte de ninguém nessa história.

Lacy morava em um apartamento de dois quartos em um armazém convertido perto do campus da Universidade Estadual da Flórida e a cinco minutos de carro de seu escritório. O arquiteto que converteu o prédio fez um trabalho incrível, e os vinte apartamentos foram vendidos rapidamente. Graças a uma apólice de seguro de vida que seu pai tinha e à generosidade da mãe, Lacy conseguiu dar uma entrada considerável para comprar seu imóvel. Ela suspeitava de que esse seria o único presente bom dos pais. O pai morrera cinco anos atrás, e a mãe, Ann Stoltz, parecia ficar cada vez mais sovina com a idade. Chegava aos 70 e não envelhecia tão bem quanto Lacy gostaria. Ann não dirigia mais do que oito quilômetros a partir de sua casa, e, assim, as visitas se tornaram menos frequentes.

O único companheiro de Lacy era Frankie, seu buldogue francês. Desde que

saíra da faculdade aos 18 anos, ela nunca havia morado com um homem. Na verdade, nunca ficara seriamente tentada. Uma década antes, seu verdadeiro amor começara a sugerir que morassem juntos, mas, como Lacy logo descobriria, ele já estava tramando fugir com uma mulher casada. O que ele fez, de forma escandalosa. A verdade era que Lacy, aos 36 anos, estava satisfeita morando sozinha, dormia no meio da cama, só limpava a própria sujeira, ganhava e gastava o próprio dinheiro, entrava e saía quando bem entendia, dedicava-se a sua carreira sem se preocupar com a de parceiro nenhum, planejava as noites sem a opinião de ninguém, cozinhava ou não e tinha a posse exclusiva do controle remoto. Cerca de um terço de suas amigas era de jovens divorciadas, todas com suas marcas e feridas, sem querer uma relação com outro homem, pelo menos não por um bom tempo. Outro terço estava preso em casamentos infelizes, e com pouca esperança de sair deles. E o resto de suas amigas estavam satisfeitas com seus relacionamentos, ou investindo na própria carreira, ou tendo filhos.

Ela não gostava dessa matemática. Não gostava do fato de a sociedade presumir que ela era infeliz porque não havia encontrado o cara certo. Por que sua vida deveria ser determinada pelo momento em que ela se casaria, e pela pessoa com quem se casaria? Lacy detestava o pressuposto de que era solitária. Se nunca morou com um homem, como podia sentir falta de um? E estava muito cansada das perguntas indiscretas da família, em particular da mãe e da irmã dela, a tia Trudy, nenhuma das duas capaz de passar por uma longa conversa sem perguntar se ela estava com alguém “a sério”.

“Quem disse que eu procuro por um relacionamento sério? ”, era sua resposta padrão. Ela detestava admitir, mas ultimamente preferia evitar a mãe e Trudy por causa dessas conversas. Porque ela era feliz e solteira e não procurava o Homem Perfeito, elas a viam como uma desajustada, alguém digno de pena, porque vagava pela vida totalmente só. A mãe era uma viúva em eterno luto, e Trudy tinha um marido pavoroso; entretanto, de algum modo, as duas consideravam suas próprias vidas melhores.

Ah, dane-se. Parte da vida de solteira era lidar com o juízo equivocado dos outros.

Ela preparou outra xícara de chá verde, sem cafeína, e pensou em ver um filme antigo. Mas eram quase dez horas de uma noite comum da semana, e ela precisava dormir. Sadelle havia mandado por e-mail dois de seus mais recentes comunicados, e Lacy decidiu passar os olhos em um deles antes de vestir o pijama. Havia muitos anos que ela sabia que os comunicados de Sadelle eram mais eficazes do que comprimidos para dormir.

O comunicado menor intitulava-se “Tappacola: fatos, números, fofocas”. E

dizia:

População: não se sabe o número exato de nativos americanos Tappacolas (a propósito, a expressão “nativo americano” é uma criação politicamente correta de brancos sem noção que se sentem melhores com seu uso, quando, na realidade, os nativos americanos referem-se a si mesmos como índios, e riem daqueles de nós que não usam esse termo, mas estou divagando). Segundo a Secretaria de Assuntos Indígenas, a população em 2010 era de 441, um aumento em relação aos 402 em 2000. Mas a mina de ouro obtida com o cassino representou uma nova pressão sobre a população porque, pela primeira vez na história, muita gente parecia desesperada para se tornar Tappacola. Isto se deve a um esquema de distribuição de riqueza normalmente chamado de “dividendos”. De acordo com declarações feitas por Junior Mace, cada Tappacola, a partir dos 18 anos, recebe um cheque de 5 mil dólares por mês. Não é possível verificar isto porque, como em tudo o que importa, a tribo não está subordinada a ninguém. Depois que uma mulher se casa, seu dividendo mensal é misteriosamente cortado pela metade.

Os dividendos variam muito de uma tribo para outra, de um estado para outro. Anos atrás, uma tribo em Minnesota ganhou fama porque seu cassino, que rendia quase um bilhão por ano, era de propriedade de apenas 85 membros. O dividendo anual para cada membro era de mais de um milhão. Acredita-se que este ainda seja o recorde.

Existem 562 tribos reconhecidas nos Estados Unidos, mas apenas duzentas operam cassinos. Há aproximadamente outras 150 tribos procurando reconhecimento, mas os federais ficaram desconfiados.

As novas tribos enfrentam uma batalha penosa para conseguir reconhecimento. Muitos críticos alegam que seu súbito orgulho da herança é motivado unicamente pelo desejo de entrar no negócio dos cassinos. A maioria dos índios não partilha dessas riquezas, e muitos ainda vivem na pobreza.

De todo modo, os Tappacolas, como a maioria das tribos, se viram cercados de gente que aparecia alegando ser parente. O sonho dos dividendos os levou a isto. A tribo tem um comitê que investiga e determina os laços sanguíneos. Qualquer coisa menor do que ser um oitavo Tappacola desqualifica o candidato. Isto tem provocado muito atrito.

Parece que o atrito não é incomum na tribo. Segundo uma matéria

publicada sete anos atrás no *Pensacola News Journal*, a tribo promove uma eleição a cada quatro anos para escolher um novo cacique e um novo conselho. São dez assentos no conselho. Evidentemente, o cacique tem um poder considerável sobre todas as questões tribais, em particular o cassino. Deve ser uma posição importante, porque o salário, na época, era de 350 mil por ano. Além disso, o cacique recebe muita liberdade nas questões de emprego e em geral enche a administração de familiares, e todos ganham belos salários. Assim, as eleições são contestadas acaloradamente, são amargas e cheias de acusações de fraude e intimidação (devem ter aprendido isso conosco, os não nativos). É o cenário do tipo em que o vencedor leva tudo.

O cacique atual é Elias Cappel (aliás, muito poucos índios dos dias de hoje usam os nomes pitorescos dos velhos tempos; a certa altura da história, a maioria adotou nomes ocidentais). O cacique Cappel foi eleito em 2005 e reeleito facilmente quatro anos depois. Seu filho, Billy, tem um assento no conselho.

A tribo usou seu dinheiro sensatamente, tendo construído escolas de última geração, uma estação de assistência médica gratuita que mais parece uma clínica do que um hospital, instalações

recreativas, creches, estradas e a maioria das coisas fornecidas por um bom governo. Se alguém que se forma no ensino médio quer fazer universidade, existe um fundo para cobrir as mensalidades em instituições do estado, junto com acomodações e refeições. A tribo também investe mais dinheiro na prevenção e no tratamento do uso do álcool e das drogas.

Como nação soberana, os Tappacolas criam e fazem cumprir suas próprias leis, sem nenhuma consideração real por qualquer interferência externa. A tribo tem um policial que age de forma semelhante ao xerife de condado, e uma força completa de agentes, todos aparentemente bem treinados e equipados. Tem uma unidade reforçada de combate às drogas. (Embora sejam muito reservados, pelo visto o cacique e alguns membros do conselho não se importam em divulgar dados que tendem a favorecê-los, sendo a forte manutenção da ordem pública um de seus assuntos preferidos.) Eles têm um tribunal tribal que consiste em três juízes para lidar com disputas e delitos. Os juízes são nomeados pelo cacique e aprovados pelo conselho. Naturalmente, existe uma cadeia e uma instalação Correcional para criminosos com risco de reincidência.

Os Tappacolas conseguem, com eficácia, manter suas disputas e

controvérsias contidas. Durante anos, o *Pensacola News Journal* e, em menor extensão, o *Tallahassee Democrat* vêm bisbilhotando, procurando pela sujeira; na realidade, só tentando descobrir quanto dinheiro a tribo esteve ganhando, e que facção tem a supremacia. Os dois jornais souberam de pouca coisa. É evidente que os Tappacolas sabem manter a boca fechada.

Embora fosse de certo modo interessante, o memorando fez sua magia, e Lacy já bocejava. Ela vestiu o pijama e passou por seu ritual noturno no banheiro, de porta aberta, porque felizmente estava sozinha, sem ninguém para incomodar. Pouco antes das onze da noite, ela estava quase dormindo quando o telefone tocou. Era Hugo, parecendo cansado como sempre.

— Isto não pode ser bom - disse ela.

— Não. Olha, precisamos de ajuda esta noite. Verna está uma morta viva. Eu não me sinto muito melhor. Pippin está a todo vapor, e a casa toda está tensa. Precisamos dormir um pouco. Verna não quer minha mãe aqui, e eu não quero a dela. Que tal um grande favor?

— Claro. Estou a caminho.

Era a terceira vez, desde a chegada da recém-nascida, em que Lacy era chamada para os deveres da meia-noite. Ela cuidou das quatro crianças em várias ocasiões para que Hugo e Verna pudessem, desfrutar de um jantar tranquilo, mas apenas duas vezes teve de passar a noite lá. Ela vestiu rapidamente jeans e camiseta e deixou Frankie na porta, obviamente confuso. Correu pelas ruas vazias até o Meadows e chegou a casa dos Hatch vinte minutos depois do telefonema. Verna a recebeu a porta, com Pippin, que, no momento, estava calada.

— Deve ser uma cólica — sussurrou ela. — Esta semana, ela foi ao médico três vezes. Parece que a menina simplesmente não consegue dormir.

-Onde estão as mamadeiras? - perguntou Lacy, pegando cuidadosamente a criança com a mãe.

— Na mesa de centro. A casa está um caos. Me desculpe. - Seu lábio tremeu e os olhos lacrimejaram.

— Sem essa, Verna, sou eu. Vá para a cama e durma um pouco. As coisas estarão melhores pela manhã.

Verna lhe deu um beijo no rosto.

— Obrigada - disse ela, desaparecendo no corredor. Lacy ouviu uma porta se fechar em silêncio. Ela abraçou Pippin e começou a andar de um lado a outro da saleta abarrotada, cantarolando baixinho e acariciando suas costas. Tudo era silêncio, mas a trégua não durou. Quando ela explodiu de novo, Lacy meteu uma

mamadeira em sua boca e se acomodou em uma cadeira de balanço, arrulhando para ela sem parar, até que ela enfim cochilou. Meia hora depois, quando a criança estava em sono profundo, Lacy a colocou em um berço portátil de balanço e ligou o botão em uma tranquila canção de ninar. Pippin franziu a testa, remexeu-se um pouco e, por um momento, parecia pronta para outra rodada de barulho, mas relaxou e continuou dormindo.

Depois de algum tempo, Lacy deixou a criança e foi na ponta dos pés até a cozinha, onde acendeu a luz do teto e se assustou com o caos. A pia estava cheia de pratos sujos. As bancadas, cobertas de panelas e de comida que precisava ser guardada. A mesa estava tomada de caixas vazias de lanches, mochilas e até de roupa lavada sem dobrar. A cozinha precisava de uma boa faxina, mas um trabalho direito seria muito barulhento. Ela decidiu esperar até o amanhecer, quando a família estivesse se mexendo. Lacy apagou a luz da cozinha e, em um daqueles momentos deliciosos que não podia partilhar com ninguém, sorriu e agradeceu por sua sorte de ser solteira e tão maravilhosamente livre.

Ela preparou um ninho no sofá perto da criança e por fim adormeceu. Pippin acordou com fome e furiosa às 3h15, mas uma mamadeira colocada com firmeza em sua boca fez o truque. Lacy trocou a fralda, arrulhou e a induziu a outro cochilo, e ela dormiu quase até as seis horas.

8

Wilton Mace morava em uma casa de dois andares e tijolos aparentes em uma estrada de terra a três quilômetros do cassino. Ao telefone, ele relutou em conversar e disse que teria de consultar seu irmão. Ligou para Hugo no dia seguinte e concordou com uma reunião. Esperava em uma cadeira de jardim embaixo de uma árvore perto da garagem aberta, enxotando moscas e tomando chá gelado. O dia estava nublado e não tão quente. Ofereceu chá adoçado a Lacy e Hugo, e eles recusaram. Apontou para as outras duas cadeiras dobráveis, e ambos se sentaram. Uma criança de fralda brincava em uma piscina infantil de plástico no quintal, sob os olhos vigilantes de sua avó.

Wilton era três anos mais novo do que Junior e quase podia passar por seu gêmeo idêntico. Pele morena, olhos ainda mais escuros, cabelo grisalho comprido, quase na altura dos ombros. Falava com uma voz grave e, como Junior, parecia pesar cada sílaba.

— É o seu neto? — perguntou Lacy, tentando quebrar o gelo porque Wilton não mostrava nenhum interesse na conversa.

— Neta, a primeira. Aquela é a minha mulher, Nell.

— Nós nos encontramos com Junior na semana passada em Starke — disse Hugo.

— Agradeço por terem ido vê-lo. Faço a viagem duas vezes por mês e sei que não é o melhor jeito de passar o dia. Junior foi esquecido por seu povo, e isso é difícil para um homem, em especial alguém orgulhoso como ele.

— Ele disse que a maioria dos Tappacolas acredita que ele matou a mulher e Son Razko — disse Lacy.

Ele assentiu por um bom tempo e depois falou:

— É verdade. É uma boa história, fácil de repetir, é fácil acreditar nela. Ele os apanhou na cama e os baleou.

— Podemos supor que você conversou com ele depois que estivemos lá? — perguntou Hugo.

— Telefonei ontem. Ele tem direito a vinte minutos por dia de telefone. Ele me contou que vocês apareceram.

— Ele disse que você tentou arranjar um emprego no cassino, mas não conseguiu. Pode explicar isso? - indagou Lacy.

— É simples. A tribo dividiu-se ao meio, e os dois lados estão entrincheirados desde a eleição sobre o jogo. Os vencedores construíram o

cassino, e seu cacique dirige tudo, inclusive as contratações e demissões. Quanto a mim, eu estava do lado errado, e assim, não consegui um emprego. Eles precisam de duas mil pessoas para cuidar do cassino, e a maioria delas vem de fora. Os Tappacolas que querem trabalhar devem ter as conexões políticas certas para arrumar um emprego lá.

— Então, todos estão ainda muito magoados? - perguntou Hugo.

Wilton resmungou e sorriu.

— Podemos muito bem ser duas tribos inimigas de sangue nessa questão. Não houve nenhum esforço de reconciliação. Na verdade, ninguém quer.

— Junior disse que ele e Son estavam errados em combater o cassino, porque tem sido bom para a tribo. Você concorda? - disse Lacy.

Outra pausa longa enquanto ele organizava os pensamentos. A neta começou a chorar e foi levada para dentro. Ele bebeu um gole de chá e por fim falou:

— É sempre difícil admitir que você está errado, mas acho que estávamos. O cassino nos retirou da pobreza e nos deu boas coisas; então, é um aspecto positivo, e dos grandes. Somos mais ricos, mais felizes, seguros. Há certa satisfação em ver os de fora vindo para cá aos bandos e nos entregando seu dinheiro. Para nós, é como se finalmente recuperássemos alguma coisa, talvez alguma vingança. Alguns da tribo se preocupam, porém, com uma vida levada tão na base da esmola. O ócio traz problemas. Estamos vendo mais casos de alcoolismo. Nossos garotos estão se drogando mais.

— Se a vida é mais próspera, por que não existem mais crianças? — perguntou Hugo.

— Estupidez. O conselho é dominado por idiotas, e eles fazem regras ruins. Quando uma mulher completa 18 anos, passa a ter direito ao cheque mensal, que há anos tem sido de cinco mil dólares. Mas, se ela se casa, ele é cortado pela metade. Eu recebo cinco mil, minha mulher recebe 2. 500. Assim, um número cada vez maior de nossas jovens faz cara feia para o casamento. Os homens estão bebendo e criando problemas; então, por que se incomodar com um marido quando você arranja mais dinheiro sem ele? Há também a teoria de que uma redução em nossa população implica cheques maiores para aqueles que restarem. Outro plano ruim. É preciso investir nas crianças para ter uma sociedade saudável.

— Precisamos falar de McDover — disse Lacy olhando para Hugo.

— Sei pouco sobre a juíza - disse Wilton. — Assisti a todo o julgamento e achei que ela era jovem e inexperiente demais. Ela não fez nada para proteger os direitos de meu irmão. Foi atacada no recurso, mas suas decisões foram mantidas, em geral, por uma margem muito estreita.

— Você leu os recursos? — perguntou Hugo.

— Eu li tudo, Sr. Hatch. Muitas vezes. Meu irmão está enfrentando a morte por crimes que ele não cometeu. O mínimo que posso fazer é me embrenhar nos detalhes e lhe dar apoio. E evidentemente eu tenho muito tempo.

— Son Razko tinha um caso com a esposa de Junior? — perguntou Hugo.

— É muito improvável, mas, como você sabe, quando se trata deste tipo de comportamento, pode acontecer qualquer coisa. Son era um homem de princípios e de moral e tinha um casamento feliz. Jamais acreditei que ele estivesse se comportando mal com minha cunhada.

— Então, quem o matou?

— Não sei. Logo depois da inauguração do cassino, começamos a receber nossa parte do bolo, embora em quantias menores. Na época, eu era motorista de caminhão, não sindicalizado, é claro, e com meu salário e o de minha mulher como cozinheira, além dos cheques dos dividendos, conseguimos economizar 25 mil. Dei o dinheiro a um detetive particular de Pensacola. Supunha-se que ele era um dos melhores. Ele investigou por quase um ano e não descobriu nada. Meu irmão teve um advogado horrível no julgamento, um garoto sem noção que não sabia o que fazer no tribunal, mas teve bons advogados no recurso. Eles também investigaram, por muitos anos, e não descobriram nada. Não posso lhe dar o nome de um provável suspeito, Sr. Hatch. Bem que eu queria. Meu irmão foi enquadrado em uma armação perfeita, e parece que o estado da Flórida um dia vai matá-lo.

— Conhece um homem chamado Vonn Dubose? — perguntou Lacy.

-Já ouvi falar, mas não o Conheci.

— Que reputação ele tem?

Wilton sacudiu os cubos de gelo no copo e, de repente, parecia cansado. Lacy teve pena dele e tentou imaginar o peso de ter um irmão no corredor da morte, em particular alguém que acreditava ser inocente. Por fim, ele falou:

— Antigamente, havia uma lenda por aqui, de que um vigarista peso pesado chamado Dubose estava por trás de tudo isso... do cassino, dos empreendimentos imobiliários em volta dele, da expansão rápida daqui até o litoral. A lenda se estendeu aos assassinos de Son e Eileen. Mas agora tudo desbotou, lavado em uma maré de diversão, jogos, dinheiro, caça-níqueis, tobogãs e happy hours, sem falar no bem-estar social. Agora não importa, porque a vida é boa. Se o homem realmente existe e teve alguma participação nisso, ninguém se importa, ninguém quer causar problema nenhum a ele. Se ele passasse pela porta da frente do cassino e dissesse a verdade, seria venerado como um herói. Ele fez tudo isto acontecer.

— Em que você acredita?

- Não importa em que eu acredito, Sr. Hatch.

- Tudo bem, não importa; ainda assim, estou curioso.

- Está bem. Sim, havia elementos do crime organizado envolvidos na construção do cassino, e esses caras, sem nome e sem rosto, ainda estão levando uma parte. Usam armas e têm intimidado profundamente nosso cacique e seus homens.

- Quais são nossas chances de encontrar alguém de dentro do cassino que vá conversar conosco? — perguntou Lacy.

Desta vez, ele riu de verdade, e, quando o momento passou, ele falou em voz baixa:

- Você simplesmente não entende. — Ele sacudiu o gelo de novo e pareceu se fixar em algo do outro lado da rua. Lacy e Hugo se entre olharam e esperaram. Depois de uma longa pausa, ele falou: — Como uma tribo, um povo, uma raça, não confiamos em quem é de fora. Nós não falamos. É claro que estou sentado aqui com vocês, mas os assuntos são de natureza geral. Não contamos segredos, a ninguém, em nenhuma circunstância. Simplesmente não está no nosso sangue. Desprezo meu povo que está do outro lado, mas jamais contaria a vocês nada a respeito deles.

- Talvez um funcionário descontente, alguém sem a sua discrição — disse Lacy. — Com toda essa divisão e desconfiança, deve haver algumas pessoas insatisfeitas com o cacique e seus homens.

- Existem algumas pessoas que detestam o cacique, mas lembre-se de que ele teve 70% dos votos na última eleição. Seu círculo íntimo é fechado. Todos eles têm uma fatia do bolo, e todos estão felizes. Seria praticamente impossível encontrar um informante de dentro. - Ele fez uma pausa e ficou em silêncio. Eles suportaram outra longa lacuna, que não parecia incomodá-lo nem um pouco. Finalmente, ele falou: — E eu aconselharia vocês a ficar longe disso. Se a juíza McDover está nessa com os bandidos, então, ela está bem protegida por uns rapazes que gostam de violência e intimidação. Isto é território indígena, Srta. Stoltz, e todas as regras que governam uma sociedade organizada, todas as coisas em que você acredita, não valem aqui. Nós nos governamos. Fazemos as leis. Nem o estado da Flórida, nem o governo federal têm muita influência no que fazemos, especialmente quando se trata da administração do cassino.

Eles partiram uma hora depois, sem saber de nada que pudesse ajudá-los além do aviso que receberam, e voltaram a Tappacola Tollway, a estrada movimentada de quatro pistas que o condado construía para faturar um trocado. Perto da entrada da reserva, pararam em uma cabine e pagaram cinco dólares pelo privilégio de prosseguir. Hugo falou.

— Imagino que tenha sido aqui que a juíza McDover decidiu parar o trânsito

com seu mandado.

— Você leu este caso? — perguntou Lacy enquanto acelerava.

— Li o sumário de Sadelle. A juíza alegou que o trânsito era uma ameaça a saúde pública e bloqueou a estrada com agentes por seis dias. Em 2001, dez anos atrás.

— Dá para imaginar as conversas entre ela e Vonn Dubose?

— Ela tem sorte por não ter levado uma bala.

— Não, ela é inteligente demais para isso. E Dubose também. Eles perceberam que tinham interesses em comum, e o mandado foi suspenso.

Logo depois da cabine, eles foram recebidos por placas espalhafatosas que lhes diziam que agora eles estavam em terras Tappacolas. Outras placas apontavam o caminho para Rabbit Run e, ao longe, havia ondas de edifícios residenciais e casas ladeando os *fairways*. Os limites dessa propriedade eram vizinhos à reserva e, como havia dito Greg Myers, uma pessoa podia ir a pé do *driving range* ao cassino em cinco minutos. Em um mapa, a propriedade dos Tappacolas tinha mais curvas e recortes do que um distrito congressional cuidadosamente cabalado. Dubose e companhia tinham abocanhado a maior parte das terras em volta dela. E alguém, provavelmente o próprio Dubose, escolhera o local do cassino o mais próximo possível de suas terras. Tacada de mestre.

Eles fizeram uma curva aberta, e o cassino imenso assomou diante deles, sua entrada majestosa no centro banhada de neon e refletores giratórios. Era ancorado em cada extremidade por hotéis idênticos e altos. Eles pararam o carro em um estacionamento lotado e pegaram o ônibus de traslado até a entrada, onde se dividiram e percorreram os salões de jogos por uma hora. Encontraram-se às quatro da tarde para um café em um bar com vista para as mesas de dados e *blackjack*, e observaram a ação. Com a música tocando, o tilintar constante dos caça-níqueis despejando moedas aos vencedores, o alarido de vozes a uma mesa de dados acalorada, e o barulho animado de gente bebendo demais, era evidente que ali muita grana trocava de mãos.

9

O diretor da Comissão de Jogos da Flórida era Eddie Naylor, ex-senador do estado que entregou de bom grado o seu cargo em troca do gordo salário nessa nova agência governamental. O novo emprego lhe fora oferecido quando os jogos de azar chegaram no início dos anos 1990 e o estado se sentiu compelido a tentar regulamentá-los. Seu escritório ficava a três quadras do trabalho de Lacy, e foi fácil marcar a reunião. Nada parecida com as acomodações esmolambadas do Conselho de Conduta Judicial, a suíte dele ficava em um prédio moderno com móveis refinados, com uma equipe alvoroçada e aparentemente sem nenhuma limitação orçamentária. A Flórida estava feliz no ramo da jogatina, e seus esquemas fiscais flexíveis funcionavam tranquilamente.

Bastou um olhar para Lacy e Naylor decidiu que deveria sair de sua mesa grande e conversar com ela em volta da mesinha de centro. Pelo menos duas vezes antes da chegada do café, ela o flagrou olhando suas pernas, que estavam em plena exposição, cortesia de uma saia quase curta demais. Depois de uma conversa introdutória, ela falou:

— Obviamente nosso escritório investiga denúncias contra juízes não federais no estado. Eles são muitos e nos mantêm ocupados. Nossas investigações são confidenciais, e assim, peço sua cooperação neste sentido.

— Certamente — disse Naylor. Nada no sujeito inspirava confiança, dos olhos matreiros e sorriso sebo ao terno mal cortado e camisa repuxando os botões. Provavelmente tinha uma conta de despesas generosa, pensou ela. Ele poderia muito bem se passar por outro desses lobistas de Tallahassee que pegam clientes nas calçadas.

Para impressioná-la, ele desfiou um sumário pomposo dos deveres de “sua comissão”. Todo jogo de azar no estado era agrupado em um órgão supervisor, e ele era o homem no comando. Corridas de cavalos, de cães, loterias, caça-níqueis, cassinos, cruzeiros marítimos, até o *jai alai* agora estavam sob a jurisdição dele. Parecia ser uma tarefa gigantesca, mas ele estava a altura.

— Com que frequência vocês fiscalizam os cassinos indígenas? -perguntou ela.

— Todos os cassinos na Flórida são administrados pelos índios, sendo os seminóles de longe a tribo maior, e os maiores operadores. Mas francamente, e para falar com total sinceridade, quando se trata de cassinos indígenas, os fiscalizamos e controlamos muito pouco. Uma tribo que tem reconhecimento

federal é sua própria nação e faz suas próprias leis. Na Flórida, entramos em acordo com todos os operadores de cassino, e isto nos permite recolher um pequeno imposto sobre seus lucros. Muito pequeno, porém ajuda. Agora existem nove cassinos, e todos estão indo muito bem.

— O senhor pode entrar em um cassino e inspecionar suas operações?

Ele negou gravemente com a cabeça e admitiu:

— Não, não podemos nem mesmo verificar a contabilidade. Cada cassino entrega um relatório trimestral mostrando sua receita bruta e lucro líquido, e tributamos a partir daí. Mas, francamente, temos de aceitar a palavra deles a respeito disso.

— Então, um cassino pode apresentar o que quiser?

— Sim, é este o estado atual da lei, e não é provável que vá mudar.

— E um cassino não paga nenhum imposto federal?

— É isso mesmo. Durante o acordo, conseguimos convencê-los a pagar um pouco ao estado. Fizemos isto construindo uma estrada aqui e ali e fornecendo alguns serviços, como tratamento médico de emergência e algum apoio educacional. De vez em quando, eles pedem ajuda do estado para uma coisa ou outra. Mas, para falar a verdade, é completamente voluntário. Se uma tribo diz não a qualquer tributação, não há nada que possamos fazer. Felizmente nenhum deles assumiu esta posição.

— Quanto eles pagam?

— Meio por cento do líquido. No ano passado, isto representou cerca de quarenta milhões de dólares. Financia o grosso de nossa comissão, e o resto vai para o fundo de emergência da Flórida. Posso lhe perguntar aonde você quer chegar?

— Claro. Uma denúncia formal foi protocolada, alegando conduta indevida de um juiz do tribunal regional. Envolve um empreiteiro que supostamente faz negociatas com uma tribo e seu cassino, e um juiz que participa dos lucros.

Naylor baixou a xícara de café e meneou a cabeça.

— Com toda franqueza, Srta. Stoltz, isto não me surpreende. Se o cassino quer fraudar as finanças e desviar dinheiro por cima ou por baixo da mesa, não importa realmente, pouco se pode fazer para impedir isso.

É uma combinação perfeita para a corrupção. Você começa com pessoas que não são tão profissionais, e de repente elas estão auferindo mais lucros do que se possa imaginar. Elas atraem toda a sorte de vigaristas e trapaceiros que querem ajudar. Acrescente-se o fato de que a maior parte dos negócios acontece em dinheiro vivo que não pode ser rastreado, e você tem uma mistura ruim. Nós, desta comissão, costumamos ficar frustrados com nossa falta de supervisão.

— Então, a corrupção acontece?

— Eu não disse que acontece. Disse que o potencial está presente.

— Mas ninguém está fiscalizando?

Ele cruzou novamente as pernas grossas e pensou no assunto.

— Bom, o FBI tem autoridade para investigar delitos em terras indígenas, qualquer conduta indevida. Suponho que isto seja muito intimidador. E repito, esse pessoal não é tão profissional e experiente assim; então, a ideia de ter os federais xeretando os mantém na linha. Devo acrescentar que a maioria de nossos cassinos tem contratos com empresas respeitáveis que sabem administrar cassinos.

— O FBI pode entrar com mandados e apreender os livros contábeis?

— Não sei bem. Isto nunca foi feito, até onde sei. E, nos últimos vinte anos, o FBI tem mostrado pouco interesse em questões indígenas.

— E por que isso?

— Não sei bem, mas desconfio de que é uma questão de efetivo. O FBI está concentrado no combate ao terrorismo e ao cibercrime. Não tem muito interesse por trapanças em cassinos indígenas. Por que se dar esse trabalho? Os índios nunca estiveram tão bem, pelo menos nos últimos duzentos anos. — Ele colocou outro torrão de açúcar no café e mexeu com o dedo. - Não seriam os Tappacolas, seriam?

— São.

— Não me surpreende.

— E por que não?

— Nos últimos anos, têm corrido boatos. — Ele tomou um gole e esperou pela pergunta.

— Que tipo de boatos?

— Influência externa. Pessoas estranhas envolvidas desde o início estão dominando e se dando bem em empreendimentos imobiliários em volta do cassino. São apenas suspeitas. Nosso trabalho não inclui investigar crimes, portanto, nem chegamos perto disso. Se tomarmos conhecimento de algum delito, devemos notificar o FBI.

— Boatos sobre desvio de dinheiro?

Ele negou com a cabeça.

— Não, desse eu não ouvi falar.

— Boatos sobre um juiz?

Ainda negando, ele falou:

— Não. Eu ficaria surpreso se fosse verdade.

— É surpreendente, porém, temos uma fonte.

— Ora, é muito dinheiro, e o dinheiro faz coisas estranhas com as pessoas. Eu teria cuidado, Srta. Stoltz. Muito cuidado.

— O senhor parece saber mais do que está disposto a contar.
— De forma alguma.
— Muito bem. Mas, por favor, lembre-se de que nossas investigações são confidenciais.
— Tem a minha palavra.

Enquanto Lacy dava sua primeira e única ida à Comissão de Jogos da Flórida, seu parceiro fazia a primeira e única visita a um campo de golfe. Por sugestão de Michael Geismar, e pegando emprestado os tacos que ele quase nunca usava, Hugo induziu um colega do CEJ chamado Justin Barrow a fingir que jogariam uma partida de golfe. Justin contou com um amigo que conhecia alguém, e, depois de uma boa dose de manipulação discreta e mentiras descaradas, fizeram a reserva de um horário no Rabbit Run. Justin era um jogador de fim de semana; assim, conhecia as regras básicas e a etiqueta o suficiente para não despertar suspeitas. Hugo não tinha a menor ideia, nem um fiapo de interesse. No mundo em que ele foi criado, o golfe era um esporte de brancos, jogado em clubes de campo privados frequentados por brancos.

O primeiro *tee box* do Rabbit Run East ficava numa curva perto do *driving range* e da sede do clube, e assim ninguém percebeu quando Justin deu a primeira tacada, e Hugo, não. Eram dez e meia de uma manhã de agosto, a temperatura já estava em torno de 32 graus, e o campo estava deserto. Embora Hugo, o motorista do carrinho de golfe, não entendesse nada do jogo, preferiu não reprimir os comentários sobre a falta de jeito de Justin. Quando Justin falhou em três tacadas consecutivas na areia para tirar a bola de um *bunker*, Hugo se divertiu tanto, que soltou uma gargalhada. No terceiro *green*, Hugo pegou seu taco emprestado e uma bola e imaginou que qualquer um poderia acertar. Quando errou repetidamente e não conseguiu acertar o buraco de apenas três metros de distância, Justin soltou uma avalanche de insultos.

Usando fotografias por satélite, eles tinham localizado os quatro imóveis supostamente de propriedade, de uma forma ou de outra, da juíza Claudia McDover. Geismar queria visitas e fotos no local. De pé junto do quarto *tee box*, Hugo e Justin olharam para o extenso *par 5*, um *dogleg* à esquerda, e examinaram uma fileira de belas casas a cerca de 250 metros de distância a direita, fora do campo.

— Agora que eu sei que a maioria de suas tacadas vazam campo afora - disse Hugo -, tente colocar a bola perto daquelas casas. Um *slice* poderoso, uma de suas especialidades.

— Por que você não experimenta, grandão, para ver se é fácil? — respondeu Justin.

— Bola em jogo. - Hugo cravou um *tee* na grama, colocou uma bola nele, preparou a tacada, tentou relaxar e deu um longo *swing*. A bola voou um quilômetro e meio no ar e lentamente começou a descambar para a esquerda. A curva ganhou ímpeto e, quando desapareceu na mata, a bola ficou fora de vista. Sem dizer nada, ele retirou outra bola do bolso, colocou no *tee* e, com uma determinação ainda maior, deu uma tacada. A bola voou baixo e com força, ganhando aos poucos altitude. Parecia ir diretamente para as casas à direita, mas logo subiu o suficiente para voar acima delas.

— Bom, pelo menos você está usando o campo inteiro - disse Justin. — Essas duas tacadas foram a um quilômetro de distância e bem fora da área.

— É minha primeira vez.

— Deu pra notar. - Justin colocou a bola em posição e olhou para o campo. - Preciso ter cuidado aqui, porque um contato bom do taco pode mandar a bola para as casas. Não quero quebrar nenhuma vidraça.

— Manda ver, depois eu passo algum tempo procurando por ela.

A tacada saiu justo como planejado, um forte *slice* que saiu do campo e caiu em um dos arbustos que cercavam as casas.

— Perfeito — disse Hugo.

— Obrigado.

Eles entraram no carrinho de golfe e aceleraram para o meio do campo; depois, entraram a direita, na direção das casas. Justin largou uma bola na grama, como se fosse seu *tee shot*, e sacou um pequeno aparelho que parecia um telêmetro a laser, usado para medir a distância de sua bola até o buraco. Na verdade, era uma câmera de vídeo, e, enquanto Hugo seguia até o pátio da casa 1614D como quem procura uma bola perdida, Justin fez uma gravação em close da casa. Hugo tinha no cinto uma pequena câmera digital que tirava instantâneos enquanto ele fuçava os arbustos com seu taco.

Só dois golfistas amadores procurando por bolas perdidas. Acontecia todo dia, quer alguém estivesse vigiando ou não.

Três horas depois, após procurarem muitas bolas perdidas, Hugo e Justin deram o dia por encerrado. Enquanto se afastavam de carro, Hugo jurou em silêncio que nunca mais colocaria os pés em um campo de golfe.

No caminho de volta para Tallahassee, eles pegaram um desvio até a cidadezinha de Eckman para um papo rápido com um advogado chamado Al Bennett. Ele tinha um belo escritório na rua principal e pareceu gostar da visita de Hugo, como uma quebra na monotonia da redação de documentos. Justin encontrou uma cafeteria para matar o tempo.

Cinco anos antes, Bennett entrara para a política pela primeira e última vez quando concorreu com Claudia McDover, que tentava a reeleição. Fez uma

campanha pesada, gastou dinheiro demais e, quando apenas 31% dos eleitores lhe deram voto, Bennett voltou logo para Eckman com um desejo menor de servir ao público. Por telefone, Hugo não revelou nada e prometeu apenas algumas perguntas rápidas a respeito de um magistrado local.

Pessoalmente, Hugo explicou que o CEJ estava investigando uma denúncia contra a juíza McDover, que a investigação era confidencial e que a acusação poderia muito bem ser por motivo fútil. Esta era uma questão delicada, e Hugo precisava da palavra de Bennett de que tudo

seria mantido na maior discrição.

- É claro - disse Bennett, ansioso para fazer parte da investigação e mostrando-se um pouco animado. Enquanto conversavam, Hugo se perguntou como aquele sujeito chegou a conseguir os 31% dos votos. Ele falava acelerado, nervoso, com uma voz aguda irritante aos ouvidos. Hugo não conseguia imaginá-lo na tribuna ou diante de um júri.

Hugo estava preocupado com aquela reunião. Em geral, podia-se confiar que os advogados guardariam segredos que envolvessem seus outros clientes, mas eram fofoqueiros horríveis quando se tratava de qualquer outra pessoa. Quanto mais testemunhas eles entrevistavam, mais vazamentos haveria, e logo a juíza McDover e seus aliados saberiam que estavam sendo seguidos de perto. Lacy concordava com ele, mas Geismar queria resolver a questão Bennett.

— Foi uma campanha dura? — perguntou Hugo.

Bennett respondeu:

— Bom, você pode dizer que o resultado foi duro. Ora essa, perdi por uma maioria esmagadora. Doeui, mas praticamente já superei isso.

— Foi uma campanha suja?

Ele pensou por um momento e pareceu resistir à tentação de atacar a antiga adversária.

— Nunca ficou pessoal demais. Ela se aproveitou muito do fato de que não tenho experiência de tribunal. Não pude contestar isso, então, tentei o rumo mais seguro e disse, bom, ela também não tinha experiência nenhuma até ser eleita. Mas demorei demais para explicar isso e, como você sabe, os eleitores prestam pouca atenção. Além disso, Sr. Hatch, você precisa ter em mente que a juíza McDover tem uma boa reputação.

— Você a atacou?

— Na verdade, não. Não consegui encontrar muita coisa.

— Alguém alegou violações éticas por parte dela?

— Não. — Ele meneou a cabeça. — Que violações éticas vocês estão investigando?

Hugo tomou a decisão rápida de evitar revelar qualquer coisa de substancial.

Se Bennett enfrentou uma campanha difícil contra McDover e não ouviu boatos de conduta imprópria, Hugo não ia revelar as alegações.

— Não ouviu falar de nada? — perguntou Hugo.

Bennett deu de ombros como se não tivesse nenhuma informação.

- Não. Muito tempo atrás, ela passou por um divórcio feio. Ainda está solteira, mora sozinha, sem filhos, sem qualquer envolvimento real com a comunidade. Não estávamos procurando sujeira, e não veio nenhuma a tona. Lamento.

- Está tudo bem. Obrigado por seu tempo.

Saindo de Eckman, com outra pendência resolvida, Hugo estava certo de ter desperdiçado um dia inteiro na busca de Claudia McDover.

Lacy encontrou a viúva de Son Razko morando em um pequeno loteamento perto de Fort Walton Beach, a cerca de uma hora da reserva dos Tappacolas. Como a mulher havia se casado de novo, tecnicamente não era viúva. Seu nome era Louise e, de início, ela relutou em falar. Na metade do segundo telefonema, ela concordou em se encontrar em um café e conversar brevemente. Como tinha emprego, só estaria disponível depois do trabalho. Lacy dirigiu três horas e se encontrou com ela às seis da tarde, no mesmo dia em que Hugo zunia por Rabbit Run em um carrinho de golfe.

De acordo com o arquivo e os registros, Louise Razko tinha 31 anos quando o marido foi encontrado assassinado, e despido, no mesmo quarto da mulher de Junior Mace. Ela e Son tiveram dois filhos, agora jovens adultos, e ambos tinham saído da Flórida. Louise casou-se novamente alguns anos antes e se mudou da reserva.

Ela agora estava perto dos 50 e tinha cabelo grisalho e uma complexão atarracada. Os anos não foram generosos com ela.

Lacy explicou o que estava acontecendo, mas Louise demonstrou pouco interesse.

- Não vou falar dos crimes e de tudo o que aconteceu — disse ela inicialmente.

- Tudo bem. Assunto proibido. Lembra-se da juíza McDover?

Ela bebeu o chá gelado por um canudinho e deu a impressão de querer desesperadamente estar em outro lugar. Por fim, deu de ombros e falou.

— Só do julgamento.

— Então, você assistiu ao julgamento? — perguntou Lacy, tentando uma abertura, qualquer coisa para animar a conversa.

— É claro que assisti. A todo ele.

— O que achou da juíza?

— Que importância tem isso agora? O julgamento já foi há muitos anos. Está investigando a juíza por algo que ela fez naquela época?

— Não, de jeito nenhum. A denúncia que investigamos está centrada em alegações de que a juíza tem envolvimento com uma conspiração para receber subornos, essas coisas. Tudo gira em torno do cassino.

— Prefiro não falar do cassino. É má influência para o meu povo.

Que beleza, Louise! Se não podemos falar do cassino e não podemos falar do assassinato de seu marido, então por que exatamente tive o trabalho de dirigir até aqui? Lacy escrevia em um bloco, como que imersa em pensamentos.

— Algum membro de sua família já trabalhou no cassino?

— Por que você pergunta?

— Porque precisamos de informações sobre o cassino e está sendo difícil conseguir. Alguém de dentro pode ser de muita ajuda.

— Pode esquecer. Ninguém vai falar com você. As pessoas que trabalham lá estão felizes por ter empregos e receber os cheques. Quem não trabalha lá tem inveja, talvez sinta até amargura, mas também está satisfeito com seus cheques. Ninguém vai incomodar o cassino.

— Já ouviu falar de alguém chamado Vonn Dubose?

— Não. Quem é?

— E se eu lhe disser que ele provavelmente é o homem que matou seu marido para tirá-lo do caminho e poder construir o cassino? Você acreditaria nisso? — Lacy de fato acreditava, o problema era que tinha muito poucas provas. Ela fez uma sugestão ousada numa tentativa de trazer Louise para a conversa.

Louise tomou outro gole e olhou por uma janela. Lacy estava aprendendo algumas coisas sobre os Tappacolas. Primeiro, e nada surpreendente, eles não confiavam em quem era de fora. Isto era compreensível. Segundo, eles não tinham pressa quando conversavam. Tendiam a uma fala lenta e pensativa, e os longos hiatos na conversa jamais pareciam incomodá-los.

Enfim, Louise olhou para Lacy.

— Junior Mace matou meu marido. Isso foi provado em tribunal. Eu fui humilhada.

Com a maior firmeza possível, Lacy falou:

— E se Junior não matou o seu marido? E se ele e Eileen Mace foram mortos pelos mesmos criminosos que convenceram os Tappacolas a construir o cassino, as mesmas pessoas que ganharam uma fortuna com os imóveis em volta do cassino, os mesmos que provavelmente estão desviando muito dinheiro dos negócios? Essas mesmas pessoas estão em negociatas com a juíza McDover. Isto a deixa chocada, Louise?

Seus olhos lacrimejaram, e uma lágrima escorreu na face direita.

— Como você sabe disso? — perguntou ela. Depois de ter acreditado em uma versão por tantos anos, seria difícil acreditar subitamente em outra.

— Porque somos investigadores. É isso o que fazemos.

— Mas o crime foi investigado pela polícia muitos anos atrás.

— Foi um julgamento forjado que resultou em uma condenação errônea. As duas principais testemunhas eram informantes do presídio que foram coagidos pelos policiais e promotores a mentir ao júri.

— Eu disse que não quero falar dos assassinatos.

— Tudo bem. Então, vamos falar do cassino. Não espero que você coopere antes de ter pensado bem nisso. Mas precisamos de nomes de pessoas, do seu povo, que sabem o que está acontecendo. Se você nos der um ou dois nomes, ninguém vai saber. Eu prometo. Nosso trabalho é proteger a identidade de nossas testemunhas.

— Eu não sei de nada, Srta. Stoltz. Nunca pus os pés no cassino e nunca vou botar. Minha família tampouco. A maioria de nós saiu de lá. É claro que recebemos os cheques, porque são nossas terras, mas o cassino destruiu a alma de nosso povo. Não sei nada a respeito dele. Desprezo o lugar e as pessoas que o administram.

Ela foi convincente, e Lacy entendeu que a conversa estava encerrada.

Menos uma pendência.

10

Michael Geismar andava de uma parede a outra de seu escritório, com a gravata frouxa, as mangas arregaçadas, o olhar atormentado de um investigador que dera em muitos becos sem saída. Lacy segurava uma foto de um dos imóveis de McDover e se perguntava como a imagem poderia ser de algum valor. Hugo, como sempre, bebia outro energético cafeinado e tentava ficar acordado. Sadelle estava ciscando no laptop, perseguindo outro fato evasivo.

— Não temos nada - disse Michael. - Quatro imóveis de propriedade de empresas *offshore* que pertencem a alguém imerso nas sombras, alguém que não conseguimos identificar. Quando confrontada, a juíza McDover, sem dúvida por intermédio de sua equipe jurídica, simplesmente negará a propriedade ou alegará que comprou os imóveis como investimentos.

Tais investimentos podem dar a impressão de improbidade, em vista de seu salário, mas não chega a ser uma violação da ética judicial. Não preciso lembrar a vocês que ela contará com uma tropa de advogados com talento jurídico suficiente para travar o processo por uma década. Precisamos de muito mais sujeira.

— Não vou jogar mais golfe - disse Hugo. - Uma perda de tempo completa.

— Tudo bem - respondeu Michael —, foi má ideia minha. Vocês têm alguma melhor?

— Não vamos desistir, Michael — comentou Lacy. — Nós descobrimos o suficiente para acreditar que Greg Myers está dizendo a verdade, ou pelo menos algo muito próximo dela. Não podemos dar as costas agora.

— Não estou sugerindo isso, não agora. Em três semanas, teremos que entregar a denúncia a McDover, ou informar Greg Myers de que nossa avaliação inicial nos leva a acreditar que sua denúncia não tem mérito. Creio que todos concordamos que tem mérito. Assim, entregamos a denúncia e, depois, intimações para todos os arquivos e registros dela. A essa altura, ela estará escondida atrás de uma muralha de advogados, e assim, toda requisição que fizermos será contestada. Digamos que um dia consigamos os arquivos dela. Arquivos do tribunal, jurídicos, relacionados com os casos que ela examinou ou com que esteja lidando atualmente. Ainda intimamos seus registros financeiros pessoais, a não ser que tenhamos causa provável para acreditar que ela cometeu roubo, suborno ou peculato.

— Conhecemos o estatuto — disse Hugo.

— É claro que conhecemos, Hugo, mas me acompanhe, está bem? Estou tentando avaliar em que pé estamos e, como sou o chefe, tenho esse direito. Quer voltar ao campo de golfe?

— Não, por favor.

— Alguém com sofisticação suficiente para operar por trás dessas complicadas empresas fictícias provavelmente não vai manter seus registros financeiros pessoais em um lugar que possamos encontrar, não é?

Lacy e Hugo concordaram com a cabeça, fazendo a vontade do chefe.

Depois, houve um silêncio. Michael continuou andando de um lado para o outro e coçando a cabeça. Hugo bebeu sua cafeína e tentou ativar o cérebro. Lacy rabiscava no bloco, pensando. O único barulho era o do teclado de Sadelle.

Por fim, Michael falou:

— Sadelle, você ficou em silêncio.

— Sou apenas uma paralegal — lembrou-lhes ela. Depois tossiu, quase se engasgou e continuou: — Voltei onze anos e localizei 33 projetos de construção no condado de Brunswick, de tudo, campos de golfe, shopping-centers, loteamentos, o centro comercial em Sea Stall e até um cinema com 14 salas. A Nylan Title, das Bahamas, está envolvida em muitas dessas construções, mas existem dezenas de outras empresas *offshore* que são donas de outras empresas *offshore* e empresas de responsabilidade limitada que são de propriedade de corporações estrangeiras. Pessoalmente, acho que é um sinal claro de que alguém está se esforçando muito para guardar segredo. Cheira mal. Também é inédito, na verdade, ver tantas empresas *offshore* prestando tanta atenção a um lugar tão pouco desenvolvido quanto Brunswick. Cavei um pouco nos registros de outros condados do Panhandle... Oklaloosa, Walton, até Escambia, onde fica Pensacola... e, embora todos tenham tido muito mais empreendimentos do que Brunswick, há um envolvimento muito menor de empresas *offshore*.

— Alguma sorte com a Nylan Title? - perguntou Hugo.

— Nenhuma. É impossível penetrar nas leis e nos procedimentos das Bahamas. Impossível, a não ser que o FBI se envolva, é claro.

— Isso terá de esperar. — Michael olhou para Lacy. — Tem falado com Myers ultimamente?

— Ah, não. Só falo com Myers quando ele decide que quer conversar.

— Bom, está na hora de uma conversa. É hora de informar ao Sr. Myers de que sua denúncia corre perigo. Se ele não puder dar mais informações, e rápido, talvez tenhamos de indeferi-la.

— Está falando sério? — perguntou Lacy.

— Não, ainda não. Mas vamos manter a pressão em cima dele. É ele que tem a fonte de dentro.

Foram necessários dois dias e uma dúzia de telefonemas a três celulares diferentes para conseguir uma resposta da parte de Myers. Quando ele finalmente ligou para ela, parecia animado ao ouvir a voz de Lacy e disse que pensava em outra reunião. Tinha mais informações para passar. Lacy perguntou se ele poderia marcar o encontro em um lugar mais conveniente. St. Augustine era linda e tudo o mais, mas ficava a três horas e meia de carro para eles. Eles tinham um horário apertado; evidentemente, não era assim para Myers. Por motivos óbvios, ele preferia ficar longe do Panhandle. “Tenho muitos inimigos por aí”, de certo modo ele se gabou. Eles concordaram com México Beach, uma pequena cidade junto do golfo, a cerca de duas horas a sudeste de Tallahassee. Ele se encontraram em um bar perto da praia e pediram camarão grelhado para o almoço.

Myers tagarelou sobre suas explorações de pesca perto de Belize e as aventuras como mergulhador nas Ilhas Virgens Britânicas. Estava ainda mais bronzeado e parecia um pouco mais magro. Não pela primeira vez, Hugo se viu invejando o estilo de vida despreocupado desse sujeito que morava em um lindo barco e aparentemente não tinha preocupações financeiras. Ele bebia cerveja de um caneco gelado e suado, outra coisa que Hugo invejava. Lacy estava longe de sentir inveja e achou Myers ainda mais irritante. Não dava a mínima para a sua vida aventureira; ela queria fatos, detalhes, provas de que a história dele valia alguma coisa.

Myers perguntou, com a boca cheia de camarão:

— E então, como vai a investigação?

— Muito lenta — disse Lacy. — Nosso chefe está nos pressionando para encontrar mais sujeira, ou talvez tenhamos de indeferir sua denúncia. E o relógio está correndo.

Ele parou de mastigar, limpou a boca com as costas da mão e retirou os óculos escuros.

— Vocês não podem indeferir a denúncia. Fiz a denúncia sob juramento. McDover é proprietária de quatro imóveis, e eles foram dados a ela como suborno.

— E como vamos provar isso, quando está tudo malocado no exterior? — perguntou Hugo. — Chegamos a um beco sem saída lá. Todos os registros estão metidos em Barbados, Grand Cayman, Belize. Jogue um dardo no mapa e já procuramos pistas ali, sem prova nenhuma. Uma coisa é alegar sob juramento que ela é dona das empresas que possuem os imóveis, mas precisamos de provas, Greg.

Ele sorriu, tomou um bom gole da cerveja e falou:

— Entendi. Esperem só.

Lacy e Hugo se entreolharam. Greg meteu o garfo em outro camarão, encharcou-o no molho e o mandou para dentro.

— Vocês não vão comer?

Eles cutucaram seus cestos de camarão com os garfos de plástico, mas nenhum dos dois tinha muito apetite. Era evidente que Myers não comia havia algum tempo e estava com sede, mas ele também estava embromando. Havia um casal de aparência estranha na mesa ao lado, perto demais para uma conversa séria. Eles saíram enquanto a garçonete trazia a segunda cerveja de Myers.

— Estamos esperando — disse Lacy.

— Tá legal, tudo bem — disse ele enquanto tomava um gole e mais uma vez limpava a boca com as costas da mão. — Na primeira quarta-feira de todo mês, a juíza sai de seu gabinete em Sterling mais ou menos uma hora mais cedo e dirige o carro por uns vinte minutos até um de seus imóveis em Rabbit Run. Estaciona o Lexus na frente da casa, sai do carro e entra na casa. Duas semanas atrás, ela estava com um vestido azul-marinho sem mangas e sapatos Jimmy Choo e carregava uma bolsinha Chanel, a mesma com que saiu do gabinete. Ela foi até a porta da frente e abriu-a com sua chave. Prova de propriedade, esta é a primeira prova. Tenho fotografias. Cerca de uma hora depois, um Mercedes SUV estacionou ao lado do Lexus, e um sujeito saiu do banco do carona. O motorista ficou ao volante, sem se mexer. O sujeito foi até a porta da frente. Tenho fotografias e, sim, senhoras e senhores, acho que finalmente tenho um vislumbre do esquivo Vonn Dubose. Ele carregava uma bolsa de couro marrom que parecia cheia de alguma coisa. Enquanto ele apertava a campainha, olhou em volta e não parecia nem um pouco nervoso. Ela o recebeu dentro da casa. Ele ficou 36 minutos, e, quando reapareceu, levava o que parecia ser a mesma bolsa, mas, pelo jeito como a carregava, pode ter deixado algo para trás. Não sei dizer. Ele entrou no carro e foi embora. Quinze minutos depois, ela fez o mesmo. Esta reunião acontece, como eu disse, na primeira quarta-feira de cada mês, e somos levados a acreditar que é marcada com antecedência sem o uso de telefones ou e-mail.

Myers empurrou de lado o cesto agora sem camarões, tomou outro gole e, de sua onipresente bolsa carteiro de couro verde-oliva, retirou duas pastas sem etiqueta. Olhou em volta e entregou uma a Lacy e outra a Hugo. Todas as fotografias eram 20 x 25, em cores, e aparentemente tiradas do outro lado da rua. A número um era da traseira do Lexus, com a placa do carro claramente identificável.

— Estamos esperando — disse Lacy.

— Tá legal, tudo bem - disse ele enquanto tomava um gole e mais uma vez

limpava a boca com as costas da mão. — Na primeira quarta-feira de todo mês, a juíza sai de seu gabinete em Sterling mais ou menos uma hora mais cedo e dirige o carro por uns vinte minutos até um de seus imóveis em Rabbit Run. Estaciona o Lexus na frente da casa, sai do carro e entra na casa. Duas semanas atrás, ela estava com um vestido azul-marinho sem mangas e sapatos Jimmy Choo e carregava uma bolsinha Chanel, a mesma com que saiu do gabinete. Ela foi até a porta da frente e abriu-a com sua chave. Prova de propriedade, esta é a primeira prova. Tenho fotografias. Cerca de uma hora depois, um Mercedes SUV estacionou ao lado do Lexus, e um sujeito saiu do banco do carona. O motorista ficou ao volante, sem se mexer. O sujeito foi até a porta da frente. Tenho fotografias e, sim, senhoras e senhores, acho que finalmente tenho um vislumbre do esquivo Vonn Dubose. Ele carregava uma bolsa de couro marrom que parecia cheia de alguma coisa. Enquanto ele apertava a campainha, olhou em volta e não parecia nem um pouco nervoso. Ela o recebeu dentro da casa. Ele ficou 36 minutos, e, quando reapareceu, levava o que parecia ser a mesma bolsa, mas, pelo jeito como a carregava, pode ter deixado algo para trás. Não sei dizer. Ele entrou no carro e foi embora. Quinze minutos depois, ela fez o mesmo. Esta reunião acontece, como eu disse, na primeira quarta-feira de cada mês, e somos levados a acreditar que é marcada com antecedência sem o uso de telefones ou e-mail.

Myers empurrou de lado o cesto agora sem camarões, tomou outro gole e, de sua onipresente bolsa carteiro de couro verde-oliva, retirou duas pastas sem etiqueta. Olhou em volta e entregou uma a Lacy e outra a Hugo. Todas as fotografias eram 20 x 25, em cores, e aparentemente tiradas do outro lado da rua. A número um era da traseira do Lexus, com a placa do carro claramente identificável.

— É claro que eu verifiquei a placa; o carro está registrado em nome de nossa meritíssima Claudia McDover, evidentemente um dos poucos bens em seu nome — comentou Hugo. — Comprado no ano passado, zero quilômetro, de uma concessionária em Pensacola.

A número dois era uma foto de corpo inteiro de Claudia, seu rosto parcialmente escondido por óculos escuros grandes. Lacy examinou os sapatos de salto 10 e perguntou:

— Como você sabe a marca dos sapatos?

— O infiltrado sabe — disse Myers, e ficou por isso mesmo.

A número três era de Claudia de costas para a câmera enquanto abria a porta da casa, presumivelmente com uma chave, embora não houvesse nenhuma visível. A número quatro era do Mercedes estacionado ao lado do Lexus, a placa também claramente visível.

— O Mercedes está registrado em nome de um homem cujo endereço é de um edifício perto de Destin, e não surpreende que seu nome não seja Vonn Dubose — disse Myers. — Ainda estamos pesquisando. Dê uma olhada na número cinco.

A número cinco era do próprio homem, um aposentado da Flórida de boa aparência e muito bronzado, com camisa e calça de golfe, magro e careca, um relógio de ouro no pulso esquerdo.

— Até onde sei, e não faço ideia do que está nos arquivos do FBI, mas desconfio de que eles não têm nada, esta é a única foto de Vonn Dubose — disse Myers.

— Quem tirou? - perguntou Lacy.

— Um cara com uma câmera. Também está gravado em vídeo. Digamos que o infiltrado seja engenhoso.

— Não basta, Greg. — Lacy rebateu com um lampejo de raiva. — É evidente que alguém está vigiando os movimentos de McDover. Quem é? Você ainda está brincando de gato e rato, e eu gostaria de saber por quê.

— Olha, Greg, precisamos confiar em você, mas temos de saber o que você sabe — disse Hugo. - Alguém está seguindo McDover. Quem é?

Por hábito, e um hábito irritante, Myers olhou em volta de novo, constatou que não havia problemas, tirou os óculos de aviator e disse em voz baixa:

— Obtenho minhas informações do intermediário, ainda sem nome para vocês. Ele trata com o infiltrado, cujo nome ainda não sei e ainda não tenho certeza se quero saber. Quando o infiltrado tem algo importante a passar adiante, o intermediário me localiza, entrega, e eu dou a vocês. Lamento se vocês não gostam desse esquema, mas, por favor, lembrem-se de que, um dia, o infiltrado e o intermediário e vocês e todos os envolvidos nessa historinha podem muito bem acordar mortos, com uma bala entre os olhos. Não me importa se vocês confiam em mim ou não. Meu trabalho é passar informações suficientes para ajudar vocês a pegar a juíza Claudia McDover. Do que mais vocês precisam? - Ele deu um gole rápido em seu caneco suado. — Agora, por favor, voltem à foto número cinco. Não sei se esse cara é Vonn Dubose, mas vamos supor que seja. Vejam a bolsa dele. Couro marrom, grande, mais parece uma mochila do que uma pasta, surrada, ou talvez seja só o visual pobre que está na moda hoje em dia, e não é pequena. Isto não é nenhuma maleta fina de executivo contendo algumas pastas. Não, esta bolsa está sendo usada para carregar alguma coisa. O quê? Bom, nosso cara especula que McDover e Dubose se reúnem na primeira quarta-feira de cada mês para uma troca. Por que Dubose, que se veste como um jogador de golfe, precisa de uma bolsa de bom tamanho a essa hora do dia? Evidentemente está entregando alguma coisa. Olhem a foto número seis. Foi tirada 36 minutos

depois da foto cinco. O mesmo cara, a mesma bolsa. Se vocês examinarem o vídeo, poderão argumentar que a bolsa talvez pese menos pelo jeito como ele anda com ela. Francamente, não sei dizer.

— Então ele leva dinheiro para ela uma vez por mês — disse Lacy.

— Ele leva alguma coisa até aquela casa.

— Essas fotos são recentes? — perguntou Hugo.

— De doze dias atrás, em 3 de agosto.

— Mas não há como verificar se este é de fato Vonn Dubose? — perguntou Lacy.

— Não que eu saiba. Repito, Dubose nunca foi preso. Não tem ficha criminal, nem identidade. Só usa dinheiro vivo para as despesas comuns. Esconde-se por trás de subordinados e associados e não deixa rastro. Procuramos um pouco, e sei que vocês também fizeram isso, e não existe carteira de habilitação, número de seguro social ou passaporte emitido a um Vonn Dubose em lugar nenhum deste país. Ele tem um motorista, como podemos ver. Até onde sabemos, ele pode estar vivendo como um cara qualquer, com documentos perfeitos.

Myers retirou outras duas pastas de sua bolsa grossa. Entregou uma a Hugo e a outra a Lacy, que perguntou: - O que é isso?

— Um resumo detalhado das viagens de McDover nos últimos sete anos. Datas, locais, jatos fretados, e assim por diante. Quase sempre ela vai com sua amiguinha Phyllis Turban, que contrata os jatos e paga as contas. Turban também reserva os quartos quando elas usam hotéis. Ela cuida de todos os detalhes. Até agora, nada aparece no nome de McDover.

— E por que isto é valioso? — perguntou Lacy.

— Por si só, não é tão útil, mas dá fundamento a teoria de que essas garotas ambiciosas gastam uma boa grana voando de jatinho pelo país, supostamente comprando objetos valiosos com dinheiro sujo. Seus ganhos combinados não cobririam o custo do combustível do avião. Sabemos o salário da juíza. Posso calcular qual é a renda de Turban e aposto que é menos do que o ganha-pão de McDover. Pode chegar uma hora em que seja necessário montar um caso baseado na renda líquida, em consumo e ativos, então, estou reunindo toda a sujeira que consigo encontrar.

— Por favor, continue cavando — disse Hugo. — Precisamos de muita ajuda.

— Vocês não falam sério quando dizem que vão indeferir minha denúncia. Quer dizer, ora essa, vejam só essas fotos. Como podem argumentar que ela não é dona deste imóvel, quando ela foi até lá nos últimos sete anos e tem a chave? Está registrado em nome de uma empresa fantasma em Belize e vale, pelo

mercado de hoje, no mínimo um milhão.

— Ela nunca passa a noite ali, nem recebe ninguém? - perguntou Lacy.

— Acho que não.

— Verifiquei na semana passada — disse Hugo. — Joguei golfe e tirei fotos da *fairway*.

— E descobriu alguma coisa? — Myers lhe lançou um olhar indagativo.

— Absolutamente nada. Uma completa perda de tempo, como a maioria das partidas de golfe.

— Experimente a pesca em alto mar. É muito mais divertida.

Enquanto Lacy pintava as unhas dos pés perto do final de um filme com Cary Grant, seu telefone tocou com uma chamada não identificada. Uma voz lhe disse que podia ser Myers, e a voz estava certa.

— Últimas notícias — disse ele. — Amanhã é sexta-feira.

— E como você adivinhou?

— Espere aí. Parece que as garotas vão a Nova York. Claudia vai pegar um jato no aeroporto de Panama City por volta do meio-dia, a hora exata não importa, porque, quando você aluga um jato, sai quando quer. Um Lear 60, prefixo N38WW, de propriedade e operado por uma empresa de táxi aéreo sediada em Mobile. Presumivelmente, a amiga advogada estará a bordo, e elas vão a Nova York para se divertir, provavelmente com um saco de dinheiro para fazer umas boas compras. Caso você não saiba, não há praticamente nenhuma segurança nas viagens de jatinho. Nenhum escâner para bagagem ou revista corporal. Acho que os espertinhos da Segurança Nacional imaginam que os ricos têm pouco interesse em explodir os próprios aviões no ar. De qualquer modo, você pode literalmente embrulhar cinquenta quilos de heroína pura e viajar para qualquer lugar do território nacional.

— Interessante, mas o que ganhamos com isso?

— Se eu fosse você, e se não tivesse nada melhor para fazer, daria uma volta pelo terminal de aviação geral, é chamado Gulf Aviation, e daria uma olhada. Deixaria Hugo no carro, porque não se veem muitos negros nesse negócio de táxi aéreo, então, ele pode chamar atenção. Eu também deixaria com ele uma câmera para tirar algumas fotos. Talvez Phyllis saia do avião para ir ao toalete. Quem sabe? Você pode ter muitas informações. Certamente poderá ver com quem está lidando.

— Eu chamaria muita atenção?

— Lacy, minha cara, você sempre chama muita atenção. E bonita demais para passar em branco. Vista uma calça jeans, prenda o cabelo, experimente óculos diferentes. Você vai ficar bem. O terminal tem um saguão, com bancas de

jornais e revistas e gente sentada por ali o tempo todo. Se alguém perguntar, diga apenas que está esperando um passageiro. O lugar é aberto ao público, então não será invasão de sua parte. Eu daria uma boa olhada em Claudia. Veria o que ela está vestindo, mas também o que leva. Não esperaria ver bolsos estufados de dinheiro, mas pode haver uma ou duas malas a mais. Não deixa de ser divertido, um bom jeito de passar o tempo. Pessoalmente, eu gostaria de aproveitar a chance de esbarrar na garota da Flórida que só por acaso é a juíza mais corrupta da história da América. E alguém que logo ganhará as manchetes, embora ela não saiba disso. Aproveite.

— Nós vamos tentar.

11

A juíza McDover estacionou perto da vaga onde Hugo estava sentado, bem desajeitado, no Prius de Lacy, com a cara escondida por um jornal, a câmera a seu lado. Para acompanhar sua coleção de fotos completamente inúteis do campo de golfe, ele agora poderia acrescentar algumas imagens de um Lear 60 decolando da pista. Enquanto Claudia rodava sua mala pequena pelo estacionamento e ia para a porta de entrada do Gulf Aviation, ele tirou algumas fotos de suas costas. Aos 56 anos, ela era magra e, pelo menos de trás, podia passar por uma mulher vinte anos mais nova. Na verdade, ele tinha de admitir que, deste ângulo, ela parecia melhor do que Verna, que, depois do filho número quatro, lutava para perder peso. Ele simplesmente não conseguia perder o hábito de olhar o traseiro de todas as mulheres de corpo bonito.

Depois que ela desapareceu dentro do prédio, Hugo deixou a câmera e o jornal de lado e dormiu.

Após anos no crime, Claudia McDover aos poucos aprendeu a pensar como uma suspeita. Ela notou tudo: o negro sentado no banco do carona do pequeno Toyota Prius lendo jornal, o que era meio estranho ao meio-dia; a ruiva bonitinha que trabalhava na recepção e lhe abriu um grande sorriso; o executivo apressado de terno escuro cujo voo obviamente estava atrasado e uma mulher bonita no sofá folheando um exemplar da *Vanity Fair*. Ela parecia meio deslocada. Em questão de segundos, Claudia avaliou o saguão, considerou-o seguro e liberado, e arquivou todos os rostos. Em seu mundo, cada telefone podia estar grampeado, cada estranho podia estar vigiando, cada carta podia ser violada, cada e-mail podia ser invadido. Mas ela não era paranoica e não vivia com medo. Era apenas cautelosa e, depois de anos de prática, sua cautela passou a ser uma reação instintiva.

Um jovem de uniforme imaculado se aproximou, apresentou-se como um dos pilotos e pegou sua mala. A ruiva bonitinha apertou um botão, as portas se abriram deslizando, e Claudia saiu do terminal. Estas saídas, embora tivessem poucas emoções fortes e não fossem testemunhadas pelo mundo, ainda a deixavam entusiasmada. Enquanto as massas entravam em filas intermináveis e esperavam por voos que estavam lotados, atrasados ou cancelados e, por fim, se tivessem sorte, eram conduzidas como gado para aviões sujos e apinhados de assentos estreitos demais para os traseiros americanos atuais, ela, a juíza Claudia

McDover, do 24º Distrito Judicial da Flórida, andava como uma rainha para seu jato particular, onde o champanhe estava no gelo e o voo partiria no horário, sem escalas.

Phyllis esperava. Depois que os pilotos apertaram o cinto e se ocuparam com sua rotina, Claudia lhe deu um beijo e segurou sua mão. Após a decolagem e quando o jato chegou a altitude de onze mil quilômetros, Phyllis estourou a rolha de uma garrafa de Veuve Clicquot e elas brindaram, como sempre, a tribo Tappacola.

Elas se conheceram durante o segundo ano das duas na faculdade de direito em Stetson, e as semelhanças entre elas eram extraordinárias. Ambas saíam abaladas de um primeiro casamento terrível. Ambas tinham decidido estudar direito pelos motivos errados. Claudia fora liquidada e humilhada pelo marido e os advogados desagradáveis dele e tramava vingança. Os termos do divórcio de Phyllis exigiam que o ex cobrisse o custo de sua educação. Ela escolheu a faculdade de medicina para arrastar as coisas o máximo possível, mas tomou bomba no exame de admissão. Voltou-se para a faculdade de direito e o tosquiu por mais três anos de pós-graduação. Ela e Claudia começaram a namorar escondido no terceiro ano, e, depois, tomaram rumos separados após a formatura. Eram mulheres em um mercado de trabalho fraco e agarraram o que puderam encontrar. Claudia foi para uma firma pequena de uma cidade pequena. Phyllis trabalhou como defensora pública em Mobile até se cansar de criminosos comuns e encontrar refúgio em um escritório de advocacia. Agora que os índios as deixaram ricas, elas viajavam com estilo, viviam num luxo sutil e tramavam sua saída definitiva para algum lugar que ainda não havia sido determinado.

Quando o champanhe acabou, as duas adormeceram. Por dezessete anos, Claudia trabalhou diligentemente em seu emprego porque, afinal, ela estava sempre preparada para a reeleição. Phyllis também dedicava longas horas a sua pequena firma movimentada. Elas nunca dormiam o suficiente. Duas horas e meia depois de partirem da Flórida, o jato aterrissou em Teterboro, em Nova Jersey, lar de mais aeronaves particulares do que qualquer outro aeroporto no mundo. Um seda preto de luxo esperava, e as levou rapidamente dali. Vinte minutos depois, elas chegaram a seu prédio em Hoboken, um edifício novo e reluzente a margem do rio Hudson, que dava diretamente para o distrito financeiro do outro lado do rio. Do alto do décimo quarto andar, ambas tinham uma vista espetacular do Centro de Manhattan. A Estátua da Liberdade ficava à distância de uma pedrada. O apartamento era espaçoso e pouco decorado. Era um investimento, e não um lar, só um lugar para se ter até que elas decidissem se mudar. Naturalmente era de propriedade de uma empresa fantasma com domicílio nas ilhas Canárias.

Phyllis tinha um prazer enorme no jogo internacional de empresas fantasmas e constantemente transferia dinheiro e empresas para encontrar um novo paraíso fiscal mais quente. Com o tempo e a experiência, ela se tornara uma especialista em esconder o dinheiro das duas.

Quando anoiteceu, elas vestiram jeans e pegaram um carro para ir ao SoHo, onde jantaram em um minúsculo bistrô francês. Mais tarde, em um bar escurinho, beberam mais champanhe e riram do quanto tinham percorrido, não só em distância, mas na vida.

O nome do armênio era Papazian, e elas não sabiam se era seu nome ou sobrenome. Mas isto não importava. Seus negócios eram cobertos de sigilo. Nenhum dos dois lados fazia perguntas porque ninguém queria respostas. Ele tocou a campainha do apartamento às dez da manhã de sábado e, depois da troca de amabilidades necessárias, abriu sua pasta. Em uma mesinha de café da manhã, ele abriu seu feltro azul-escuro e arrumou as belezinhas — diamantes, rubis e safiras. Como sempre, Phyllis lhe serviu um café expresso duplo, que ele tomou enquanto descrevia cada pedra preciosa. Depois de quatro anos fazendo negócios, elas sabiam que Papazian só trabalhava com as pedras mais preciosas. Tinha uma loja em Midtown, onde elas o conheceram, mas agora ficava muito feliz em fazer uma visita domiciliar. Ele não sabia quem elas eram, nem de onde vinham. Sua única preocupação era a transação e o dinheiro. Em menos de trinta minutos, elas escolheram um punhado do que ele tinha de melhor — “riqueza portátil”, como gostava de dizer Phyllis - e lhe entregavam o dinheiro. Ele contou lentamente 230 mil em notas de cem, resmungando o tempo todo em sua língua natal. Quando todos estavam satisfeitos, ele terminou o que restava do expresso, o segundo que tomava, e saiu do apartamento.

Com a maior parte do trabalho sujo já concluída, as mulheres se vestiram e pegaram um carro para Manhattan. Compraram sapatos na Barneys, tiveram um longo almoço no Le Bernardin e, por fim, seguiram para o Diamond District, onde passaram em um de seus negociantes preferidos. Em dinheiro vivo, compraram uma seleção de novas moedas de ouro que nunca entraram em circulação — Krugerrands da África do Sul, Maple Leafs do Canadá e, para auxiliar a economia local, Eagles americanas. Tudo em espécie, sem papelada, sem registros, sem rastros. A loja mínima tinha pelo menos quatro câmeras de vigilância, e antigamente isto era motivo de preocupação. Alguém em algum lugar podia estar observando, mas essas preocupações foram postas de lado. Em seus negócios, sempre havia riscos. O truque era escolher qual deles aceitar.

No sábado à noite, elas viram um musical na Broadway, jantaram em seguida no Orso, mas não viram celebridade nenhuma, e foram para a cama depois da

meia-noite, satisfeitas com mais um dia de sucesso na lavagem. No final da manhã de domingo, guardaram seu butim junto com a bela coleção de sapatos novos e tremendamente caros e pegaram o carro de volta a Teterboro, onde o jato esperava para a viagem de volta ao Sul.

12

Hugo estava atrasado para a reunião, e, enquanto esperavam, Geismar analisava as novas fotos e os registros de viagem, e Lacy respondia a e-mails.

— Alguma ideia de por que isto cobre apenas sete anos? — perguntou ele.

— Nenhuma. Myers não sabe, mas especula que o infiltrado chegou na cena mais ou menos nessa época. É evidente que o infiltrado é próximo de McDover, e talvez tenha sido nessa época que ele ou ela se envolveu.

— Bom, ele ou ela certamente está gastando algum dinheiro. É difícil acreditar que essas fotos tenham sido tiradas por alguém sentado em um carro na rua. É mais provável que o fotógrafo estivesse dentro de uma das casas do condomínio.

— São quatro delas em uma unidade do outro lado da rua — disse Lacy. - Duas estão para alugar a mil dólares por semana. Estamos supondo que esse infiltrado alugou uma, instalou a câmera e sabia exatamente quando McDover e Dubose chegariam. Isso é trabalho sério de inteligência.

— De fato é. Myers sabe do que está falando, Lacy. Esse pessoal está fazendo algum trabalho sujo. É claro que não podemos provar, mas as evidências parecem mais fortes. O que dirá McDover quando confrontada com tudo isso?

— Acho que descobriremos em breve.

A porta se abriu e apareceu Hugo.

— Desculpem-me pelo atraso. Outra noite difícil. — Ele jogou a pasta na mesa e tomou um gole de um copo alto de café. — Eu teria chegado mais cedo, mas estava ao telefone com um cara que não me deu seu nome.

Geismar assentiu, esperando, ainda segurando uma das fotos.

— E então? — perguntou Lacy.

— Ele ligou primeiro lá pelas cinco da manhã, meio cedo, mas por acaso eu tinha acabado de acordar. Disse que trabalhava no cassino e tinha algumas informações que podiam ser úteis. Disse que sabia que estávamos investigando a tribo e a juíza e que podia ajudar. Pressionei um pouco, e ele desligou. Cerca de uma hora atrás, telefonou de novo, de um número diferente, e disse que queria se encontrar e conversar sobre um acordo. Perguntei que tipo de acordo, e ele foi muito vago. Disse que havia muita coisa duvidosa acontecendo, e seria só uma questão de tempo até que tudo estourasse. Ele é da tribo, conhece o cacique e o pessoal que administra o cassino e não quer ser apanhado na tempestade quando tudo bater no ventilador.

Hugo andava pela sala, como era seu hábito ultimamente. Sentar lhe dava sono.

— Isto pode ser interessante — disse Lacy.

Geismar se sentou em sua cadeira giratória e entrelaçou as mãos na nuca.

— Mais nada?

— Não, mas ele quer se encontrar esta noite. Disse que trabalha tarde e só estará livre depois das nove da noite.

— Acha que ele está falando a verdade? — perguntou Geismar.

— Quem sabe? Ele parecia nervoso e usou dois telefones diferentes, provavelmente descartáveis. Insistiu em me pedir sigilo absoluto e em saber como podíamos proteger sua identidade. Disse que muitos de seu povo estão fartos da corrupção, mas têm medo de falar.

— Onde ele quer que seja o encontro? — perguntou Lacy.

— Ele mora não muito longe do cassino, na reserva. Disse que vai encontrar um lugar e ligar para nós quando estivermos perto.

— Precisamos ter cuidado com isso - disse Geismar. - Pode ser uma armadilha.

— Não acho que seja — disse Hugo. — Tive a impressão de falar com um cara que precisa de ajuda e quer ajudar.

— Que celular você está usando?

— Do CEJ. Conheço as regras, chefe.

— Tudo bem, como ele conseguiu seu número? — perguntou Geismar. - Até agora, nessa investigação, a quem vocês deram seus números? Os dois.

Hugo e Lacy se entreolharam e tentaram se lembrar. Ela falou: — Myers; Junior Mace; as autoridades da penitenciária; Wilton Mace; a viúva de Razko; Al Bennett, o advogado que concorreu com McDover cinco anos atrás; Naylor da Comissão de Jogos, e acho que é só isso.

— É só isso - disse Hugo. — No caminho para cá, eu me fiz a mesma pergunta.

— Parece o bastante para um vazamento — disse Geismar.

— Mas nenhuma dessas pessoas está nem remotamente envolvida com Dubose e a corrupção — disse Lacy.

— Até onde sabemos — disse Hugo.

— E então, vocês querem ir? - perguntou Geismar.

— É claro que vamos — respondeu Lacy.

Geismar levantou-se e foi até sua janela estreita.

— Esta pode ser a oportunidade. Alguém de dentro.

— Nós vamos — disse Lacy.

— Tudo bem, mas tenham cuidado, por favor.

Eles ficaram sentados no carro de Lacy na extremidade do estacionamento do cassino até quase onze da noite, esperando que o informante ligasse. Era uma noite de segunda-feira, lenta nas mesas e caça-níqueis. Hugo, é claro, cochilou enquanto Lacy ficou on-line em seu iPad. Às 22: 56h, ele ligou dando instruções. Eles saíram do cassino, dirigiram três quilômetros por uma estrada estreita, escura e sinuosa e pararam em uma construção abandonada de metal. Uma placa portátil antiga informava que antigamente aquilo fora um salão de bingo. Uma casa era visível ao longe. As fortes luzes do Treasure Key estavam distantes. A noite estava quente e abafada, cheia de mosquitos. Hugo saiu do carro para esticar as pernas. Com 1, 90 m e 90 quilos, ele não se assustava com facilidade. Lacy encontrava conforto em sua presença. Ela não teria feito a viagem sozinha. Hugo discou novamente para o número mais recente, mas não houve resposta.

Alguém se mexeu nas sombras junto da lateral do prédio.

— Olá! — Hugo gritou para o escuro. Lacy saiu do carro.

Uma voz falou:

— Dê alguns passos nesta direção. — Uma silhueta ficou parcialmente visível e não se mexeu. O homem usava um boné, e a brasa vermelha de um cigarro se deslocava de um lado a outro de sua boca. Juntos, eles se aproximaram até ele falar: — Já chega. Vocês não verão meu rosto.

— Bom, acho que você pode ver o nosso, não é? — disse Hugo.

— Aí está bom. É o Sr. Hatch, não é?

— Isso mesmo.

— Quem é a garota?

— Meu nome é Lacy Stoltz. Somos colegas de trabalho.

— Você não me disse que ia trazer uma mulher aqui.

— Você não perguntou - rebateu Hugo. — Ela é minha parceira. Estamos trabalhando juntos.

— Não gosto disso.

— Que pena.

Uma pausa enquanto ele dava um trago e avaliava os dois. Ele deu um pigarro, cuspiu e falou: — Pelo que sei, vocês estão bem na cola da juíza McDover.

— Trabalhamos para o Conselho de Conduta Judicial da Flórida -disse Lacy.

— Somos advogados, não policiais. Nosso trabalho é investigar denúncias contra juízes.

— Essa juíza precisa ir para a cadeia, junto com um bando de gente. - A voz dele estava acelerada e nervosa. Ele soprou uma golfada de fumaça, e a nuvem vagou no ar denso.

— Você falou que trabalha no cassino — disse Hugo.

Houve uma longa pausa.

— E verdade. O que vocês sabem sobre a juíza?

— Deram queixa, alegando má conduta — disse Lacy. - Não temos liberdade para entrar em detalhes.

— Má conduta, é? — disse ele e soltou um riso nervoso. Jogou o cigarro no chão com um peteleco, e a brasa brilhou por um segundo. — Vocês podem prender gente ou são só, sabe como é, tipo, estão metendo o nariz nessa história?

— Não, não fazemos prisões - disse Hugo.

Outro riso nervoso das sombras.

— Então, estou perdendo meu tempo. Preciso falar com alguém com algum poder.

— Temos autoridade para investigar e afastar um juiz, se necessário — disse Lacy.

— A juíza não é o maior problema nessa história.

Eles esperaram por mais, mas só o que veio foi o silêncio. Esforçaram-se para enxergar a silhueta, mas ela aparentemente tinha desaparecido. O homem escapuliu. Hugo avançou alguns passos e falou: — Você está aí? — Nenhuma resposta.

— Já basta - sussurrou Lacy. — Acho que ele foi embora.

Alguns segundos se passaram num silêncio intranquilo, e Hugo falou: — Acho que você tem razão.

— Não gosto disso. Vamos dar o fora daqui.

Rapidamente, eles abriram as portas e entraram no carro. Enquanto dava a ré, Lacy correu os faróis pela lateral do prédio. Nenhum sinal de ninguém. Ela pegou a estrada e foi na direção do cassino.

— Muito estranho — disse Hugo. — Podíamos ter tido essa conversa por telefone.

Faróis aproximavam-se de longe.

— Acha que eu o assustei? — perguntou ela.

— Quem sabe? Se ele é para valer, está pensando em passar informações que podem arruinar algumas pessoas. Naturalmente, ele está relutante. Acho que ficou com medo e fugiu.

Hugo bateu na cintura.

— Este cinto de segurança abriu de novo. É a terceira vez esta noite. Por que você não manda consertar?

Lacy olhou e ia dizer alguma coisa quando Hugo gritou. Luzes ofuscantes estavam na pista deles. Uma picape tinha cruzado a faixa central. A batida aconteceu de frente, um para choque no outro, com uma força tão violenta, que o

Prius de Lacy voou e girou 180 graus. Com três toneladas e o dobro do peso do Prius, a picape, uma Dodge Ram 2500, levou a melhor na colisão. Parou no acostamento da estrada estreita, a frente amassada quase numa vala rasa.

O airbag do volante explodiu no peito e na cara de Lacy e a deixou tonta. O alto de sua cabeça bateu no teto do Prius enquanto ele amassava, abrindo um corte feio no crânio dela. O airbag do carona não abriu. Sem cinto de segurança e sem airbag, Hugo bateu no para brisa, espatifando-o com a cabeça e os ombros. O vidro retalhou seu rosto e abriu um corte longo no pescoço.

Vidro, metal e escombros espalhavam-se pela cena. O pneu dianteiro da picape rodava. Seu motorista saiu lentamente, tirou o capacete preto e protetores de motociclista, e olhou para trás. Outra picape reduzia. Ele esticou as pernas, passou a mão no joelho esquerdo e mancou até a frente do Prius amassado para dar uma olhada rápida. Viu a mulher com o rosto coberto de sangue, o airbag jogado diante dela, e viu o negro sangrando de suas muitas lesões. Demorou-se por um momento, depois se afastou cambaleando e entrou na segunda picape, onde esperou e esfregou a perna. Notou que seu nariz sangrava. O motorista colocou-se ao volante e eles arrancaram, lentamente, com todas as luzes apagadas. A picape entrou em um campo e desapareceu. Ninguém chamou a emergência.

A casa mais próxima ficava a oitocentos metros pela estrada. Era da família Beale, e Iris Beale, a esposa e mãe, ouviu a batida, mas, a princípio, pensou não saber o que tinha acontecido. Mas se convenceu de que aquilo era incomum e precisava ser visto. Ela acordou o marido, Sam, e o obrigou a vestir uma roupa e ir verificar. Quando Sam chegou ao local, outro carro tinha parado. Minutos depois, ouviram-se sirenes, e luzes faiscantes entraram no campo de visão enquanto chegavam dois carros do departamento de polícia Tappacola. Eram seguidos por duas unidades do corpo de resgate e bombeiros dos Tappacolas. Quase de imediato, um helicóptero Medevac foi chamado do hospital regional mais próximo, em Panama City.

Hugo foi retirado depois de removerem o que restava do para brisa e passarem seu corpo pela abertura. Ele ainda estava vivo, porém inconsciente e com o pulso muito fraco. Macacos hidráulicos foram usados para arrancar a porta do motorista e retirar Lacy, que tentava falar, mas só pronunciava grunhidos ininteligíveis. Ela foi colocada em uma ambulância e enviada para a clínica da tribo, perto do cassino. Ali, ela esperaria pelo helicóptero. Lacy perdeu a consciência no caminho para o centro médico e, assim, não ouviu a notícia de que Hugo tinha morrido. Ela faria a curta viagem ao hospital sem seu colega.

No local, a polícia dedicou-se ao trabalho de tirar fotografias, fazer vídeos e medições e procurar testemunhas. Evidentemente, não havia nenhuma. Também

não estava ali o motorista da picape. O airbag do lado do motorista tinha sido totalmente expandido. Não havia sinal de sangue ou ferimentos, mas uma garrafa quebrada de uísque foi encontrada no piso lateral do carona. O motorista simplesmente havia desaparecido. Mesmo antes de a picape ser rebocada dali, a polícia já sabia que fora roubada seis horas antes de um shopping-center em Foley, no Alabama. O Prius de Lacy foi colocado em um reboque e levado a um pátio fechado perto do complexo de administração da tribo.

O corpo de Hugo foi levado para as instalações médicas da tribo e colocado em uma câmara fria no porão, onde ocasionalmente os corpos eram guardados. Do outro lado da rua, o chefe de polícia, Lyman Gritt, estava sentado a sua mesa e olhava fixamente a pequena coleção de objetos de Hugo — chaves em um chaveiro, cédulas dobradas, algumas moedas e uma carteira. Um sargento sentava-se do outro lado da mesa, igualmente calado. Nenhum dos dois se ofereceu para dar o telefonema.

O chefe de polícia enfim abriu a carteira e retirou um dos cartões de apresentação de Hugo. Ficou on-line, encontrou o site do CEJ e localizou Michael Geismar.

— Ele deve dar o telefonema, não é? — perguntou o chefe. — Afinal, ele conhece o Sr. Hatch e provavelmente a família dele.

— Boa ideia — disse o sargento.

Às duas e vinte da manhã, Michael atendeu ao telefone e deparou-se com um: “Lamento telefonar, mas acredito que o senhor trabalhe com o Sr. Hugo Hatch. Sou o chefe de polícia da tribo Tappacola, no condado de Brunswick. ”

Michael se levantou, trôpego, enquanto sua mulher acendia a luz.

— Sim! O que aconteceu?

— Houve um acidente, uma batida de carros feia, e o Sr. Hatch faleceu. Alguém precisa notificar a família dele.

— Como é? Está falando sério? Não, não pode ser sério. Quem é você?

— Eu sou o chefe de polícia Lyman Gritt, senhor, o responsável pela segurança da tribo. Garanto ao senhor que falo sério. O acidente aconteceu em nossa reserva cerca de duas horas atrás. A jovem, Lacy Stoltz, foi levada para o hospital em Panama City.

— Não acredito nisso.

— Lamento, senhor. Ele tem família?

— Se ele tem família? Sim, Sr. Gritt, ele tem família, uma linda esposa e quatro filhos pequenos. Sim, uma família. Isto é irreal.

— Sinto muito, senhor. Pode notificar?

— Eu? Por que eu? Isso não pode estar acontecendo. Como vou saber se isto não é algum trote ou coisa parecida?

— Senhor, pode entrar em nosso site na internet e verificar meu nome. Pode telefonar para o hospital em Panama City. A moça já deve estar lá. Mas lhe garanto que esta notícia horrível é verdadeira, e logo alguns repórteres descobrirão e ligarão para a família.

— Tudo bem, tudo bem. Deixe-me pensar por um segundo.

— Fique a vontade, senhor.

— E Lacy está bem?

— Não sei, senhor. Ela está ferida, mas viva.

— Tudo bem. Claro, vou de carro até aí agora. Me passe o seu telefone, só por precaução.

— Certamente, senhor, e, se pudermos ajudar de alguma forma, por favor, telefone.

— Claro. E obrigado. Sei que isto não deve ser fácil.

— Não, senhor. Não é. Uma pergunta, senhor. Eles estavam trabalhando em nossa reserva esta noite?

— Sim, estavam. Certamente estavam.

— Posso perguntar por quê? Sou o chefe de polícia.

— Lamento, talvez depois.

Geismar ficou com Verna Hatch e os filhos até a chegada da mãe dela e depois fugiu da casa o mais rápido possível. Ele jamais se esqueceria do horror, do choque, da agonia, do desatino da família ao ouvir a notícia de que Hugo não voltaria mais para casa e, depois, da tentativa deles de convencerem um ao outro de que aquilo simplesmente não podia ser verdade. As vezes ele era o vilão, o detestado mensageiro injustamente encarregado da tarefa de convencê-los de que Hugo estava de fato morto.

Ele nunca testemunhara tamanha devastação emocional, nem jamais suportaria outro pesadelo desses. Ele se pegou chorando enquanto saía de Tallahassee nas horas que antecediam o amanhecer. Chegou a Panama City logo depois das seis da manhã.

13

O estado de Lacy era estável, mas ela ainda se encontrava inconsciente. O diagnóstico inicial incluiu um corte do lado esquerdo da cabeça que exigiu 24 pontos, uma concussão que provocava edema no cérebro, abrasões na face, resultado do atrito violento com o airbag, e pequenos cortes no pescoço, ombro esquerdo, cotovelo esquerdo, mão e joelho. Sua cabeça foi raspada, e os médicos decidiram mantê-la em coma induzido por pelo menos 24 horas. Um deles explicou a Geismar que precisariam de um ou dois dias para avaliar outros ferimentos, mas que ele não havia visto nada, até agora, que pudesse ameaçar a vida dela.

A mãe de Lacy, Ann Stoltz, chegou de Clearwater às oito da manhã, junto com a irmã de Ann, Trudy, e seu marido Ronald. Elas se reuniram com Michael, que transmitiu todas as informações que tinha, o que não era grande coisa.

Depois que todos se acomodaram, Michael partiu de carro para a reserva. Esperou meia hora na central de polícia até Lyman Gritt chegar para trabalhar. O chefe explicou que eles ainda estavam investigando o acidente, mas já sabiam que a colisão evidentemente aconteceu quando a picape atravessou a faixa central e atingiu o Prius. A picape era roubada e estava registrada em nome de um homem do Alabama. Nenhum sinal do motorista, mas parecia que ele estivera bebendo. Ninguém o vira sair do local, e eles não acharam nenhum vestígio dele. O airbag do carona não se expandiu, e o Sr. Hatch não estava com cinto de segurança. Seus ferimentos foram consideráveis, ele sofreu uma visível lesão na cabeça, e parece ter sangrado até morrer.

— Gostaria de ver as fotografias?

— Talvez depois.

— Quer ver os veículos?

— Sim, eu gostaria — respondeu Michael.

— Tudo bem, vamos fazer isso, e levarei o senhor ao local.

— Parece que há algumas perguntas sem resposta.

— Ainda estamos investigando, senhor — disse Lyman. - Talvez possa lançar alguma luz sobre as atividades deles aqui ontem à noite.

— Talvez, mas ainda não. Vamos chegar a isso depois.

— Uma investigação exigirá total cooperação, senhor. Preciso saber de tudo. O que eles estavam fazendo aqui?

— Agora não posso lhe dar esses detalhes — disse Geismar, plenamente

consciente de que só aumentava as suspeitas. Naquele momento, porém, ele não podia permitir-se confiar em ninguém. - Veja bem, um homem foi morto em um acidente de automóvel muito suspeito. Preciso de sua palavra de que os veículos serão lacrados e preservados até que alguém possa examiná-los.

— Alguém? Quem o senhor tem em mente?

— Não sei bem.

— Preciso lembrá-lo de que isto aconteceu em terras Tappacolas, e de que fazemos a investigação por aqui? Ninguém espia por cima de nosso ombro.

— Claro, eu entendo. Só que é meio confuso, entendeu? Me dê algum tempo para pensar bem nisso.

Lyman levantou-se e foi à mesa no canto de sua sala.

— Dê uma olhada nessas coisas — disse ele. No meio da mesa, havia uma grande e estilosa bolsa feminina e, ao lado, um molho de chaves. A meio metro dali, uma carteira e chaves. Michael se aproximou e olhou os objetos fixamente.

— Quando há uma vítima fatal, normalmente examinamos os objetos pessoais e fazemos um inventário. Ainda não fiz isto. Abri a carteira só para pegar o cartão de apresentação. Foi como encontrei o senhor. Não olhei dentro da bolsa.

— Onde estão os celulares deles? — perguntou Michael.

Lyman já meneava a cabeça.

— Não havia celular. Olhamos nos bolsos dele e procuramos no carro e não encontramos nenhum.

— É impossível — disse Michael, espantado. — Alguém pegou os celulares deles.

— Tem certeza de que eles tinham celular?

— Claro que sim. Quem não anda com um celular? E os telefones teriam suas ligações mais recentes, inclusive aquelas para o sujeito com quem eles deviam se encontrar.

— E quem é esse sujeito?

— Eu não sei. Juro. — Michael esfregava os olhos. De repente, ele arquejou e perguntou: — E as pastas deles?

Lyman negou com a cabeça de novo.

— Nenhum sinal de pastas.

— Preciso me sentar. — Michael jogou-se em uma cadeira junto da mesa e olhou chocado os objetos pessoais.

— Quer uma água? — perguntou Lyman.

— Por favor. — As pastas conteriam os arquivos, e os arquivos conteriam tudo. Uma onda de náusea rolou por Michael enquanto ele pensava em Vonn Dubose e Claudia McDover revirando a papelada. Fotos dos quatro imóveis, fotos do próprio Vonn e de Claudia chegando e saindo de sua reunião, fotos da

juíza pegando seu avião para Nova York, todos os registros de viagens detalhados, uma cópia da denúncia de Greg Myers, memorandos de Sadelle, tudo. Tudo.

Michael bebeu água de uma garrafa e enxugou o suor da testa. Quando reuniu força suficiente para ficar de pé, levantou-se e falou:

— Olha, voltarei amanhã para pegar essas coisas e olhar os veículos. Agora preciso ir ao escritório. Por favor, guarde tudo com segurança.

— Este é nosso trabalho, senhor.

— E preciso levar as chaves dela, se não houver problema.

— Não vejo problema nenhum.

Michael pegou as chaves, agradeceu ao chefe de polícia e saiu. Ligou para Justin Barrow no CEJ e o instruiu a ir imediatamente ao apartamento de Lacy e localizar o síndico. Para explicar o que aconteceu e dizer que o chefe de Lacy tem a chave e está a caminho. Como eles não sabiam o código de seu sistema de segurança, precisavam do síndico para desarmá-lo.

— Fique de olho no apartamento até eu chegar lá - disse ele. - Cuide para que ninguém entre ou saia.

Voltando às pressas a Tallahassee, Michael tentou se convencer de que Lacy e Hugo, muito provavelmente, não estariam levando suas pastas. Não precisariam delas, não é? Eles iam a um encontro tarde da noite com uma testemunha desconhecida. De que adiantaria ter as pastas? Mas, então, Michael percebeu que eles, como qualquer outro investigador, na verdade como qualquer outro advogado, raras vezes iam a algum lugar a trabalho sem a velha e confiável pasta. Ele se xingou pela frouxa política de segurança de arquivos do CEJ. Será que eles tinham mesmo uma política? Como todos os casos eram tratados com a máxima confidencialidade, era uma questão de prática manter os arquivos em segurança. Era inerente ao trabalho, e ele nunca sentiu a necessidade de lembrar a sua equipe de guardar as coisas.

Ele parou duas vezes para tomar um café e esticar as pernas. Combateu o cansaço ficando ao telefone. Ligou para Justin, que estava no apartamento de Lacy. O síndico só permitida que ele entrasse quando o chefe chegasse com a chave. Enquanto dirigia e tomava o café, Geismar falou com dois repórteres que tinham ligado para o escritório. Telefonou para Verna e falou com uma irmã dela. Como era de se esperar, ela não tinha muito a dizer. Verna estava no quarto com os dois filhos mais velhos. Ele queria perguntar se alguém podia procurar a pasta e o celular de Hugo, mas o momento não parecia certo. Eles já tinham muito com que se preocupar. A secretária dele preparou uma teleconferência com sua equipe, e ele respondeu ao maior número possível de perguntas. Compreensivelmente, eles estavam chocados demais para trabalhar.

O síndico insistiu em estar presente quando eles entraram na casa de Lacy. Michael encontrou a chave certa da porta, abriu-a, e o síndico rapidamente desarmou a segurança. Frankie, o buldogue francês de Lacy, latiu, querendo comida e água, e tinha feito uma bagunça na cozinha.

— Tudo bem, vou dar comida a esse chato enquanto vocês correm com isso — disse o síndico. Enquanto ele procurava ração de cachorro, Michael e Justin foram de um cômodo a outro. Justin encontrou a pasta de Lacy em uma cadeira em seu quarto. Michael a abriu com cuidado e retirou dela um bloco e dois arquivos. Eram os arquivos de trabalho oficiais do CEJ, cada um deles com o número do caso, e os dois continham toda a papelada valiosa. Eles encontraram seu iPhone recarregando na bancada do banheiro. Agradeceram ao síndico, que limpava o chão e resmungava num volume suficiente para ser ouvido, e saíram com a pasta e o iPhone.

Perto de seu carro, Michael falou:

— Olha, Justin, não posso voltar lá. Eles me associam a uma notícia horrível. Você precisa perguntar a Verna sobre a pasta e o celular dele, está bem? Diga a ela que é fundamental.

Michael Geismar era o chefe, e Justin tinha poucas alternativas.

Era fácil encontrar a casa dos Hatch devido ao grande número de pessoas. Carros se enfileiravam dos dois lados da rua, e vários homens um celular pessoal, e ela disse que não. Ele usava o telefone do CEJ para tudo.

Justin respirou fundo.

— Obrigado. Vejo você por aí.

Saindo com o carro, Justin ligou para Michael, contando as novidades.

No início da tarde, o corpo de Hugo foi transportado para uma funerária em Tallahassee, onde foi preparado para o sepultamento, embora Verna ainda não tivesse condições de finalizar os detalhes.

Lacy continuou o dia todo na unidade de tratamento intensivo. Os sinais vitais dela eram fortes, e os médicos estavam satisfeitos com seu progresso. Outro exame de varredura revelou uma leve melhora no edema, e os médicos pretendiam retirá-la do coma num prazo de 36 a 48 horas, se tudo corresse bem. Lyman Gritt queria falar com ela, mas disseram-lhe para esperar.

Depois de uma noite inquieta na cama, Michael foi ao escritório ao amanhecer da quarta-feira e esperou por Justin. Ainda como um sonâmbulo atravessando um pesadelo, ele leu a respeito de Hugo na primeira página do jornal matinal. Havia duas fotos — uma de publicidade de Hugo, de quando ele jogava pela Estadual da Flórida, e outra com ele de paletó e gravata, tirada para

o site do CEJ. Michael leu os nomes de seus quatro filhos e teve vontade de chorar de novo. O funeral seria no sábado, dali a três dias. Ele nem podia imaginar o pesadelo que seria.

Ele e Justin partiram às sete horas e foram de carro a reserva. Lyman Gritt tinha inventariado o conteúdo da carteira de Hugo, contado o dinheiro e fotografado tudo. Pediu a Michael para assinar um formulário de inventário e depois entregou tudo a ele. Michael também saiu com a bolsa de Lacy. Eles andaram pela rua até um pequeno ferro-velho estavam pelo jardim, como se estivesse lotado demais lá dentro. Justin se aproximou com relutância e assentiu para os homens. Eles foram educados, porém pouco falaram. Um deles, um branco de camisa e gravata, parecia vagamente conhecido. Justin explicou a ele que trabalhava com Hugo no CEJ. O cara disse que se chamava Thomas e que trabalhava na Procuradoria Geral. Ele e Hugo foram colegas de faculdade e continuaram próximos. Quase aos sussurros, Justin explicou a natureza de sua visita. Era imperativo localizar e guardar a pasta de Hugo. Continha arquivos sigilosos do CEJ e coisas desse tipo, e Thomas entendeu. E o celular fornecido pelo escritório estava desaparecido. Será que havia uma chance de ele tê-lo deixado em casa? “Não é provável”, disse Thomas, e foi para dentro.

Duas mulheres saíram pela porta de entrada aos prantos e foram reconfortadas por seus homens. A julgar pelo número de carros que ladeavam a rua, Justin entendeu que a casa estava lotada de familiares e amigos aturdidos.

Depois de uma eternidade, Thomas saiu pela porta de mãos abanando. Ele e Justin foram a beira da rua para ter alguma privacidade.

— A pasta dele está lá - disse Thomas. - Expliquei as coisas a Verna, e ela me deixou dar uma olhada. Parece estar em ordem, mas ela não me deixou sair com a pasta. Eu disse a ela para garantir que ficasse bem guardada. Acho que ela entendeu.

— Não vou perguntar como Verna está.

É muito triste. Ela está no quarto com os dois filhos mais velhos e mal consegue falar. A mãe de Hugo está estendida num sofá. Tios e primos para todo lado. Tem um médico com eles. É simplesmente terrível.

— Nenhum sinal de um celular?

— Não, Hugo estava com ele. Telefonou na noite passada para ela, lá pelas dez, para ver como estavam as coisas. Perguntei se ele tinha um celular pessoal, e ela disse que não. Ele usava o telefone do CEJ para tudo.

Justin respirou fundo.

— Obrigado. Vejo você por aí.

Saindo com o carro, Justin ligou para Michael, contando as novidades.

No início da tarde, o corpo de Hugo foi transportado para uma funerária em Tallahassee, onde foi preparado para o sepultamento, embora Verna ainda não tivesse condições de finalizar os detalhes.

Lacy continuou o dia todo na unidade de tratamento intensivo. Os sinais vitais dela eram fortes, e os médicos estavam satisfeitos com seu progresso. Outro exame de varredura revelou uma leve melhora no edema, e os médicos pretendiam retirá-la do coma num prazo de 36 a 48 horas, se tudo corresse bem. Lyman Gritt queria falar com ela, mas disseram-lhe para esperar.

Depois de uma noite inquieta na cama, Michael foi ao escritório ao amanhecer da quarta-feira e esperou por Justin. Ainda como um sonâmbulo atravessando um pesadelo, ele leu a respeito de Hugo na primeira página do jornal matinal. Havia duas fotos - uma de publicidade de Hugo, de quando ele jogava pela Estadual da Flórida, e outra com ele de paletó e gravata, tirada para o site do CEJ. Michael leu os nomes de seus quatro Filhos e teve vontade de chorar de novo. O funeral seria no sábado, dali a três dias. Ele nem podia imaginar o pesadelo que seria.

Ele e Justin partiram às sete horas e foram de carro a reserva. Lyman Gritt tinha inventariado o conteúdo da carteira de Hugo, contado o dinheiro e fotografado tudo. Pediu a Michael para assinar um formulário de inventário e depois entregou tudo a ele. Michael também saiu com a bolsa de Lacy. Eles andaram pela rua até um pequeno ferro-velho com uma dúzia de carros amassados, um portão trancado e cercado de tela por toda a volta. Sem tocar em nada, examinaram os dois veículos. A picape ainda tinha cheiro de uísque. O Prius estava muito mais danificado, e havia tanto sangue, que nem Michael nem Justin quiseram sondar demais. Era o sangue dos amigos e ainda estava fresco.

— Provavelmente haverá um processo judicial — disse Michael com gravidade, embora não tivesse conhecimento real disto. — Assim, é imperativo preservar esses veículos como estão. Algum problema nisso?

— Claro que não — disse Lyman.

— Além disso, as seguradoras estarão envolvidas e vão mandar seus peritos.

— Nós já passamos por isso, Sr. Geismar.

— E vocês procuraram os celulares em todo canto?

— Como eu disse, procuramos por todo lado e não encontramos nada.

Michael e Justin se entreolharam como se estivessem céticos. Perguntaram se podiam tirar fotos, e Lyman disse que não se importava. Quando eles terminaram, seguiram o chefe de polícia até a estrada do condado onde tudo aconteceu. Olharam em volta, no início hesitantes, e ficaram impressionados com o caráter remoto do lugar. O local perfeito para um acidente sem

testemunhas. Eles viram a casa dos Beale ao longe, o antigo bingo não muito além e nenhuma outra construção.

— Não tem marca de derrapada — disse Michael enquanto olhava o calçamento.

— Nenhuma - disse Lyman. - Ela não teve tempo de reagir. Parece-me que a picafe cruzou a faixa central, e eles bateram bem aqui. — Lyman estava no meio da pista sentido leste. - O carro dela rodou e ficou de frente para lá. Não saiu de sua pista. A picafe, que naturalmente era muito mais pesada, quicou aqui e quase foi parar na vala. Evidentemente, deu uma guinada rápida para a pista dela, antes que ela pudesse fazer alguma coisa.

- Alguma estimativa da velocidade no impacto? - perguntou Michael.

- Não, mas um especialista em reconstituição pode chegar bem perto.

Michael e Justin olharam a cena e notaram as manchas de óleo, os cacos de vidro, os pedaços de alumínio e metal. Na beira do asfalto, quase no acostamento, perceberam o que só podia ser sangue seco. No mato, havia um pedaço de tecido, também manchado. Um dos colegas deles foi morto ali e a outra, gravemente ferida. Parecia um lugar impróprio para morrer.

Eles tiraram mais fotos e, de súbito, quiseram ir embora.

Frog Freeman tinha uma mercearia e posto de gasolina uns três quilômetros ao norte de Sterling. Ele morava próximo dos estabelecimentos, em uma casa antiga que seu avô tinha construído e, como estava sempre por perto e a loja era a sua vida, ele a mantinha aberta até as dez horas todas as noites. Como todo o comércio rural do condado de Brunswick depois do anoitecer, ele poderia tranquilamente fechar às seis, mas não tinha outra coisa para fazer. Na noite de segunda-feira, não tinha fechado às dez devido a um vazamento de água em algum lugar no freezer da cerveja. Frog vendia muita cerveja, a maior parte gelada. Um freezer enguiçado não era aceitável, e, como ele próprio fazia todos os reparos, ele estava consertando o freezer quando um cliente entrou procurando gelo, álcool de farmácia e duas latas de cerveja.

Uma estranha combinação, pensou Frog, enquanto limpava as mãos e ia à caixa registradora. Era dono da loja havia mais de cinquenta anos e um especialista em prever o que os clientes fariam com base simplesmente no que compravam. Ele já vira de tudo, mas gelo, álcool e cerveja eram uma compra incomum.

Frog tinha sido roubado três vezes, duas à mão armada, e anos atrás começara a revidar. Tinha seis câmeras de vigilância espalhadas pela loja. Quatro visíveis, para que os possíveis ladrões pudessem perceber os riscos de seu roubo planejado, e duas ocultas, inclusive uma acima da varanda da frente.

Frog entrou no minúsculo escritório atrás da caixa registradora e olhou o monitor. Picape branca, placa da Flórida. Um jovem sentado no banco do carona. Havia algo errado com o nariz dele. Segurava um pano no nariz, e o tecido parecia estar manchado. O motorista entrou no campo de visão com o saco de gelo e um saquinho pardo com o álcool e a cerveja. Colocou-se ao volante, disse algo ao carona e deu a ré.

— Os garotos se meteram numa briga — disse Frog e voltou para seu conserto.

Acidentes automobilísticos com vítimas fatais eram raros em Brunswick. Na manhã seguinte, o grupo de café de Frog fervilhava com os boatos. Um negro e uma branca de Tallahassee se perderam na reserva, e um bêbado bateu neles de frente. Picape roubada, e o bêbado fugiu. Simplesmente foi embora. Nenhum sinal dele ainda. A ideia de um motorista embriagado afastando-se trôpego do acidente, desaparecendo nas profundezas da reserva e surgindo são e salvo para além de seus limites era uma ótima fonte de humor, especulações e incredulidade.

— Ele não duraria uma hora lá — disse um bebedor de café.

— Ainda deve estar andando em círculos — falou outro.

— Não se preocupem. Os índios vão ferrar tudo — disse o terceiro.

Mais tarde, enquanto se acumulavam os detalhes, Frog começou a juntar os pontos. Ele conhecia bem o xerife e sabia que o xerife tinha problemas com a polícia Tappacola. Graças a sua riqueza, a tribo montara uma força policial com o dobro do tamanho da polícia do condado, e com equipamento muito melhor. O ressentimento era inevitável.

Telefonou para Clive Pickett, o xerife do condado de Brunswick, e disse que podia ter algo de interesse. Pickett passou por lá depois do trabalho e eles assistiram ao vídeo. As primeiras palavras dele foram “Isso é estranho”. Ele disse que o condado teve uma noite de segunda tranquila, como praticamente qualquer outra noite, e disse que, como sempre, os únicos sinais de vida estavam no cassino. Ninguém telefonou a respeito de uma briga, assalto, figuras a espreita ou suspeitas. Na verdade, nada aconteceu até a colisão dos dois veículos.

— Isso foi a quinze quilômetros daqui, não acha? — disse o xerife.

— Numa reta.

— Então o horário bate?

— Parece que sim.

O xerife coçou o queixo, imerso em pensamentos.

— Assim, se o cara com o nariz arrebitado estava dirigindo a picape roubada, como teria conseguido se afastar e pegar uma carona com um estranho

e chegar aqui quinze minutos depois?

— Não sei. O xerife é você.

— Talvez o estranho não seja um estranho.

— Era o que eu estava pensando.

Frog concordou em fazer uma cópia do vídeo e mandar por e-mail ao xerife. Eles combinaram de segurar por mais ou menos um dia antes de informar os índios.

14

No final da tarde de quarta-feira, Michael reuniu o que restava de sua equipe de Tallahassee. Os dois investigadores no escritório do CEJ de Fort Lauderdale não foram incluídos. Justin Barrow, com seis anos de experiência, agora era o investigador sênior. Tinha jogado um golfe ruim com Hugo uma semana antes, conhecia o básico da denúncia protocolada por Greg Myers, mas não sabia da vasta conspiração que espreitava ao fundo. Tinha seus próprios casos com que se preocupar. Maddy Reese, que estava ali havia menos de um ano, não sabia nada da história de Vonn Dubose, da corrupção no cassino e da juíza Claudia McDover.

Michael começou pelo início, por Myers, e contou tudo a eles. Eles absorveram tudo com uma combinação de incredulidade e medo. Certamente seu chefe não ia entregar o caso a eles. Ele destacou que praticamente nenhuma das alegações na denúncia de Myers fora provada, e ele tinha certeza de que o CEJ não estava em condições de prová-las. Porém, ele havia convencido Lacy e Hugo a se aventurar em território fatal.

— O acidente é muito suspeito — disse ele. — Eles foram atraídos para um lugar remoto por um possível informante. Não sabemos se realmente o encontraram e só saberemos quando Lacy puder falar. Em um trecho reto de estrada, com tempo bom e sem trânsito nenhum, eles foram atingidos de frente por uma picape roubada cujo motorista provavelmente jamais será encontrado. O airbag do banco do carona, junto com o cinto de segurança, aparentemente foram sabotados e não funcionaram. E seus telefones do CEJ desapareceram. Provavelmente foram levados. Pretendemos exigir uma investigação, mas estamos lidando com a tribo Tappacola, e não com um típico órgão policial.

— Está dizendo que Hugo foi assassinado? — perguntou Maddy.

— Ainda não. Só estou dizendo que as circunstâncias que envolveram a sua morte são extremamente suspeitas.

-E o FBI? Eles não têm jurisdição?

— Têm, e podemos pedir a ajuda deles a certa altura, mas não agora.

Maddy deu um pigarro.

— E o que acontece com este caso nesse meio tempo?

- Está na minha mesa — disse Michael. — Não sei o que vou fazer com ele, mas, no momento, é meu.

- Se não se importa que eu diga isso - falou Justin -, eu não acho que

estejamos realmente aparelhados para tal coisa. Se esta atividade criminosa está mesmo acontecendo, o que estamos fazendo cutucando isso? Isso é para os caras com armas, distintivos e essa merda toda.

- Concorde. E suponho que sua pergunta é uma que levarei para meu túmulo. Achávamos que talvez houvesse um elemento de perigo, nosso plano era farejar um pouco pelas bordas e ver o que podíamos achar. Lembrem-se: foi protocolada uma denúncia formal e, depois de chegar a nossa mesa, não tivemos alternativa senão investigar. Acho que devemos ser muito mais cuidadosos. Eu devia ter dito a eles para não irem à reserva na noite de segunda.

— É verdade, mas aqueles dois não se assustavam facilmente — disse Maddy.

Houve uma pausa longa e pesada enquanto eles pensavam nos colegas. Por fim, Maddy perguntou:

— Quando vamos poder ver Lacy?

- Pretendem tirá-la do coma em breve. Estarei lá pela manhã. Se tudo correr bem, terei a oportunidade de falar com ela. Alguém precisa dar a notícia sobre Hugo. Talvez vocês possam fazer uma visita daqui a alguns dias. Lembrem-se, o funeral será no sábado, e estaremos todos lá.

— Não vejo a hora — disse Justin.

A polícia de Foley, no Alabama, foi informada de que a picape Dodge Ram roubada que procuravam tinha ido parar em um ferro-velho em território indígena na Flórida. Eles notificaram o proprietário, que notificou sua seguradora. Na tarde de quarta-feira, apareceu um homem na central de polícia e disse que sabia algo sobre o roubo. Era um detetive particular, conhecido de alguns policiais, era pago para seguir uma jovem dona de casa porque o marido suspeitava que ela saía com outro. O investigador estava escondido em seu carro no estacionamento de um shopping-center quando viu uma picape Honda com placa da Flórida parar perto do Dodge Ram em questão. Dois homens estavam na Honda, mas não saíram. Olharam os carros e pedestres que passavam por cerca de quinze minutos e pareciam deslocados. O carona saiu e se aproximou do Dodge. A essa altura, o detetive, porque estava entediado e não tinha mais nada para fazer, sacou seu celular e começou a gravar um vídeo.

O ladrão habilidosamente abriu a porta do motorista com uma lâmina plana — era evidente que tinha experiência —, e, segundos depois, fez ligação direta no motor e arrancou, seguido por seu amigo na picape Honda. O vídeo mostrava claramente a placa da Flórida da Honda. Poucos roubos de carros são resolvidos com tanta facilidade, e a polícia de Foley agradeceu ao cidadão preocupado. Eles identificaram, pela placa, o dono em DeFuniak Springs, Flórida, no condado de

Walton, a cerca de 25 quilômetros do cassino. O homem, um tal de Berl Munger, tinha uma ficha policial longa e pitoresca de delitos menores e atualmente estava em condicional. Como foi apenas o roubo de uma picape e não um crime mais grave, e porque envolveria apelar a outro estado, a polícia de Foley pôs a ficha num cesto para itens a resolver em breve, mas não amanhã.

Greg Myers e seu amado barco estavam ancorados em Naples, na Flórida. Ele tomava um drinque de final de tarde no *Conspirator* quando passou por sua rotina diária de ver os jornais de Pensacola, Tallahassee e Jacksonville. Morar num barco lhe dava a sensação de não ter raízes, de nunca ter certeza de onde estaria no dia seguinte. Acompanhar as notícias dos lugares que ele costumava frequentar o prendia ao passado, aos bons tempos, e passara a ser importante. Além disso, ele tinha muitos inimigos nesses lugares e, de vez em quando, pegava seus nomes nos jornais.

Ele ficou em choque ao ler sobre Hugo, morto em um acidente de carro tarde da noite na reserva Tappacola, e sobre sua parceira, Lacy Stoltz, gravemente ferida. Uma notícia horrível, e por vários motivos. Viriam investigações, pistas seriam seguidas e, por fim, dedos seriam apontados. Como sempre, ele desconfiava do pior — de que Dubose estava por trás do acidente, que não era nada do que parecia.

Quanto mais lia, pior ele se sentia. Embora tivesse se encontrado com Lacy e Hugo apenas em três ocasiões, ele gostava dos dois e os admirava. Eram inteligentes e despretensiosos, não ganhavam muito, mas eram dedicados ao trabalho. Por causa dele, os dois estavam na pista de uma juíza desonesta e seus cúmplices. Por causa dele, agora Hugo estava morto.

Greg saiu do barco e andou pelo píer. Encontrou um banco dando para a baía e ficou sentado ali por um bom tempo, xingando a si mesmo pelo que acontecera. Uma pequena conspiração sombria tornara-se muito mais perigosa repentinamente.

15

Geismar chegou no hospital às oito da manhã de quinta-feira. Parou na sala de espera para falar com Ann Stoltz, que estava sozinha. Os sinais vitais de Lacy continuavam fortes. Os médicos tinham interrompido a sedação na noite anterior, e ela despertava lentamente. Trinta minutos depois, uma enfermeira veio até Ann e disse que sua filha estava acordada.

— Eu darei a notícia sobre Hugo — disse Geismar. — Você vai na frente por alguns minutos, entrarei logo depois de você.

Como Lacy ainda estava na UTI, Michael não havia pedido para vê-la. Quando entrou no quarto, ficou espantado com o estado de seu rosto. Tinha hematomas, vermelhos e roxos, com escoriações e pequenos cortes, e estava tão inchado, que chegava a ser irreconhecível. Através de fendas estreitas e inchadas, ele mal conseguia ver as pupilas. O tubo endotraqueal estava metido no canto de sua boca e preso no lugar por um esparadrapo. Ele tocou delicadamente sua mão e a cumprimentou.

Ela assentiu e tentou murmurar alguma coisa, mas o tubo atrapalhava. Ann Stoltz sentou-se em uma cadeira e enxugou os olhos.

— Como é que está, Lacy? — perguntou Michael, ele mesmo à beira da emoção. Um rosto tão bonito reduzido àquele estado lastimável.

Ela assentiu lentamente.

— Não contei nada a ela — sussurrou Ann. Uma enfermeira entrou silenciosamente no quarto e se colocou ao lado de Ann.

Michael se aproximou.

— Vocês foram abalroados de frente. Um acidente horrível, Lacy. — Michael engoliu em seco e olhou para Ann. — Lacy, Hugo não sobreviveu, entendeu? Hugo morreu.

Ela gemeu de pesar e fechou as fendas estreitas. Apertou a mão dele.

Os olhos de Michael lacrimejaram, e ele continuou:

— Não foi culpa sua, Lacy, você precisa entender isso. Não foi culpa sua.

Ela gemeu de novo e mexeu a cabeça de leve de um lado a outro.

Um médico postou-se ao lado do leito, de frente para Michael, e olhou para a paciente.

— Lacy, eu sou o Dr. Hunt. Você ficou inconsciente por mais de 48 horas. Está me ouvindo?

Ela fez que sim e respirou fundo. Uma pequena lágrima conseguiu abrir

caminho pelo inchaço e escorreu pela face esquerda.

Ele passou a um exame rápido, fazendo perguntas curtas, mostrando dedos e pedindo que ela olhasse para objetos no quarto. Ela respondeu bem, apesar de certa hesitação.

— Sente dor de cabeça? — perguntou ele.

Ela assentiu. Sim.

O Dr. Hunt olhou para a enfermeira e pediu um analgésico. Olhou para Michael e falou:

— Vocês podem conversar por mais alguns minutos, mas nada sobre o acidente. Pelo que sei, a polícia quer falar com ela, mas isto não vai acontecer tão cedo. Veremos como ela estará se sentindo daqui a alguns dias. — Ele se afastou da cama e saiu do quarto sem dizer mais nada.

Michael olhou para Ann.

— Precisamos discutir uma coisa confidencial. Se não se importa. É só um segundo. — Ann concordou com a cabeça e saiu do quarto.

— Lacy, você estava com o telefone do CEJ na noite de segunda-feira? — perguntou ele.

Ela assentiu afirmativamente.

— Ele desapareceu, e o de Hugo, também. A polícia procurou em seu carro e no local do acidente. Procuraram por todo lado, não viram celular nenhum. Não me peça para explicar, porque não posso. Mas, se as pessoas erradas hackearam seu telefone, temos de pressupor que elas podem encontrar Myers.

Os olhos inchados de Lacy se arregalaram um pouco, e ela assentiu para que ele continuasse.

— Nossos técnicos dizem que é praticamente impossível invadir os telefones, mas existe uma possibilidade. Você tem o número de Myers?

Ela fez que sim.

— No arquivo?

Sim.

— Ótimo. Vou trabalhar nisso.

Outro médico apareceu e queria examiná-la. A visita de Michael chegara ao fim. Sua pavorosa missão foi cumprida, e evidentemente ele não faria mais nenhuma outra pergunta sobre o que aconteceu na noite de segunda-feira. Ele se curvou um pouco mais perto e falou:

— Lacy, preciso ir. Direi a Verna que você está bem, pensando na família.

Ela chorava novamente.

Uma hora depois, as enfermeiras desligaram a ventilação e começaram a retirar os tubos. Seus sinais vitais eram normais. Ela teve um sono intermitente

por toda a manhã de quinta-feira, mas, ao meio-dia, estava entediada de tanto dormir. Sua voz ainda soava rouca e fraca, mas estava cada vez mais forte. Ela falou com Ann, a tia Trudy e o tio Roland, um homem de quem ela jamais gostara, mas agora respeitava por sua consideração.

O espaço na UTI era limitado, e, com Lacy estabilizada e fora de perigo, os médicos decidiram que ela podia ser transferida para um quarto particular. A mudança coincidiu com a chegada de Gunther, irmão mais velho e único de Lacy. Como sempre, Gunther foi ouvido antes de ser visto. Estava no corredor discutindo com uma enfermeira a respeito do número de visitas que o hospital permitia em cada quarto numa dada hora. A regra era três. Gunther achava isso ridículo e, além do mais, tinha dirigido sem parar de Atlanta até ali para ver a irmã mais nova, e, se a enfermeira não gostava disso, que chamasse a segurança. E, se ela chamasse a segurança, Gunther podia ligar para seus advogados.

A voz do irmão em geral era um sinal de problemas, mas, para Lacy, naquele momento, era linda. Ela de fato riu, e, ao fazê-lo, sentiu dor da cabeça aos joelhos.

— Acho que ele chegou — disse Ann Stoltz. Trudy e Ronald ficaram atentos como quem se prepara para algo desagradável.

A porta se abriu sem que ninguém batesse, e Gunther avançou quarto adentro, perseguido por uma enfermeira. Deu um beijo na testa da mãe, ignorou os tios, e quase se atirou em Lacy.

— Meu Deus, garota, o que fizeram com você? — perguntou ele enquanto a beijava na testa. Ela tentou sorrir.

Ele olhou rapidamente o quarto e disse:

— Olá, Trudy. Oi, Ronald. Pode ir se despedindo, Ronald, porque você vai ter de esperar no corredor. Essa enfermeira tirana aqui está ameaçando chamar a segurança por causa de alguma regra arbitrária e ilógica que eles têm aqui neste fim de mundo.

Trudy estava pegando a bolsa quando Ronald falou:

— Vamos sair. Voltaremos daqui a algumas horas. — Eles saíram apressadamente do quarto, evidentemente felizes por se afastar de Gunther. Ele olhou para a enfermeira Ratched, ergueu dois dedos e falou:

— Uma visita, duas visitas. Eu e minha mãe. Não sabe contar? Agora que estamos obedecendo às regras, pode, por favor, nos deixar a sós, para que eu converse em particular com a minha irmã?

A enfermeira Ratched também ficou satisfeita em sair. Ann meneava a cabeça. Lacy teve vontade de rir, mas sabia que seria doloroso demais.

Dependendo do ano, ou até do mês, Gunther Stoltz era ou um dos dez empreiteiros comerciais de Atlanta mais bem-sucedidos, ou um dos cinco mais

propensos a pedir falência. Aos 41 anos, ele já pedira falência pelo menos duas vezes, e parecia destinado a viver nessa corda bamba em que alguns empreiteiros se metiam para poder prosperar. Quando os tempos eram bons e o dinheiro, barato, ele tomava empréstimos pesados, construía como um maníaco e torrava dinheiro como se ele fosse infinito. Quando o mercado se voltava contra ele, Gunther se escondia dos bancos e descarregava ativos a preços de liquidação. Não havia um meio-termo, nenhum planejamento prudente, nem economias de parte do dinheiro. Quando estava em baixa, nunca parava de apostar em um futuro mais luminoso, e, quando estava na alta, se afogava no dinheiro e se esquecia dos tempos das vacas magras. Atlanta jamais pararia de crescer, e era sua vocação entupir-se cada vez mais de centros comerciais, prédios de apartamentos e complexos de escritórios.

Durante esta breve invasão, Lacy já havia captado uma pista importante. O fato de que ele viera de carro de Atlanta, em vez de usar um jato particular, era um sinal claro de que suas obras não estavam indo muito bem.

Quase encostando o nariz no dela, ele falou:

— Me desculpe, Lacy, por não ter vindo antes. Eu estava em Roma com Melanie e voltei o mais rápido que pude. Como está se sentindo, querida?

— Já estive melhor — disse ela com a voz rouca. Havia uma forte possibilidade de que ele não fosse a Roma havia anos. Parte de sua encenação era citar nomes de lugares elegantes. Melanie era a esposa número dois, uma mulher odiada por Lacy e que ela, felizmente, raramente via.

— Ela só despertou esta manhã - disse Ann da cadeira. — Teria sido uma perda de tempo vir antes.

— E como você está, mãe? — perguntou ele sem olhar para Ann.

— Bem, obrigada por perguntar. Você precisava ser tão grosseiro com Trudy e Ronald?

E, num estalo, a tensão familiar encheu o ar. Gunther, inusitadamente, respirou fundo e deixou passar. Ainda de olhos fixos na irmã, disse:

— Li as matérias nos jornais. Simplesmente pavoroso. E seu amigo morreu, Lacy? Nem acredito nisso. O que aconteceu?

Ann se intrometeu:

— O médico disse que ela não pode falar do acidente.

Gunther olhou feio para a mãe.

— Bom, não dou a mínima para o que o médico disse. Estou aqui, e, se eu quiser conversar com minha irmã, ninguém vai me dizer sobre o que falar. - Ele se voltou para Lacy: — O que aconteceu, Lacy? Quem estava dirigindo o outro carro?

— Ela não está processando tudo, Gunther — disse Ann. — Esteve em coma

desde segunda à noite. Por favor, pare com isso, está bem?

Porém, parar não estava no manual de Gunther.

— Conheço um ótimo advogado, e vamos processar esse cretino e arrancar tudo dele. A culpa foi toda dele, não foi, Lacy?

Ann suspirou da forma mais ruidosa possível, e depois se levantou e saiu do quarto.

— Eu não lembro. - Lacy balançou a cabeça de leve. Depois, fechou os olhos e dormiu.

Horas depois, Gunther já tinha tomado posse de pelo menos metade do quarto particular de Lacy. Arrumou duas cadeiras, um carrinho sobre rodas, uma mesa de cabeceira que antes tinha uma luminária e o pequeno sofá dobrável em uma configuração que lhe permitia montar um escritório com seu laptop, iPad, dois celulares e mais uma pilha de papéis. A enfermeira Ratched protestou, mas rapidamente aprendeu que qualquer comentário da parte dela seria recebido com uma resposta cáustica e ameaçadora. Trudy e Ronald apareceram algumas vezes para ver como Lacy estava, mas ficaram com a impressão de que agora eram invasores. Por fim, Ann jogou a toalha. No final do dia, informou aos filhos que voltaria para Clearwater por um ou dois dias, que retornaria assim que fosse possível e que, se Lacy precisasse de alguma coisa, por favor, telefonasse.

Quando Lacy cochilava, Gunther ou ficava ao telefone, ou ia para o corredor e trabalhava num ritmo febril, porém silencioso, em seu laptop.

Quando ela estava desperta, ou ele estava na cara dela, ou rosnando ao telefone enquanto outro negócio periclitava no abismo. Repetidas vezes, ele atacou as enfermeiras e auxiliares para que lhe trouxessem mais café, e, quando o café não se materializava, ele andava a passos pesados até a cantina, onde a comida era “horrorosa”. Os médicos fizeram suas rondas, cada um deles olhando feio enquanto Gunther parecia pronto para qualquer confronto. Eles tiveram o cuidado de não provocar.

Para Lacy, porém, a energia dele era contagiante, até estimulante. Ele a divertia, embora ela ainda tivesse medo de rir. Uma vez, quando ela acordou, ele estava de pé ao lado de sua cama, enxugando as lágrimas do rosto.

Às seis horas, a enfermeira Ratched apareceu e disse que seu turno terminaria. Perguntou a Gunther sobre os planos dele e ele respondeu, com muita severidade:

— Não vou embora. Há um motivo para este sofá estar aqui. E, pelo que vocês cobram, podem muito bem providenciar algo mais confortável do que este sofá dobrável mixuruca. Quer dizer, ora essa, uma cama de campanha seria mais confortável.

— Vou transmitir seu pedido - disse ela. - Vejo você de manhã, Lacy.

— Que vaca - resmungou Gunther, num volume suficiente para que ela ouvisse ao fechar a porta.

Para o jantar, Gunther deu a irmã sorvete e gelatina, e ele mesmo não comeu nada. Eles viram reprises de *Friends* até ela ficar exausta. Enquanto ela caía no sono, ele estava de volta a seu ninho, martelando e-mails, sem dar sinais de diminuir o ritmo.

Durante a noite, as enfermeiras entravam e saíam. No início, Gunther reclamava do barulho que elas faziam, mas logo sossegou quando uma bonitinha que agradou a ele lhe passou um Frontal. À meia-noite, ele estava roncando, apesar do sofá dobrável e mixuruca.



Por volta das cinco da manhã de sexta-feira, Lacy começou a se remexer e gemer. Estava dormindo e sonhando, e os sonhos não eram agradáveis. Gunther acariciou seu braço, sussurrou que ia ficar tudo bem, que ela logo estaria em casa. Ela acordou sobressaltada e com a respiração pesada.

— O que foi? — perguntou ele.

— Água — disse ela, e ele levou um canudo à sua boca. Ela tomou um longo gole, e ele enxugou sua boca. - Eu vi, Gunther. Vi a picape pouco antes da batida. Hugo gritou e eu olhei para a frente, e lá estavam os faróis altos bem diante de nós. E depois, tudo escureceu.

— Muito bem, garota. Você se lembra de algum barulho? Talvez da colisão, talvez da explosão do airbag no seu rosto?

— Talvez, não tenho certeza.

— Você viu o outro motorista?

— Não, nada além dos faróis, muito fortes. Aconteceu rápido demais, Gunther. Não tive tempo de reagir.

— E claro que não teve tempo. Não foi culpa sua. A picape atravessou a faixa central.

— Isso, sim, ela atravessou. - Ela fechou os olhos novamente, e alguns segundos se passaram antes que ele percebesse que a irmã estava chorando.

— Está tudo bem, maninha. Está tudo bem.

— O Hugo não morreu de verdade, não foi, Gunther?

— Sim, Lacy. Você precisa aceitar isso, acreditar e parar de perguntar se é realmente verdade. Hugo morreu.

Ela chorou, e não havia nada que ele pudesse fazer. Ele se condoía por ela, enquanto ela tremia, lutava e lamentava pelo amigo. Por fim, felizmente, ela

voltou a dormir.

16

Depois da onda de médicos, enfermeiras e auxiliares no início da manhã, as coisas sossegaram um pouco, e Gunther trabalhou em seus negócios. Lacy dava sinais de melhora a cada hora. O inchaço no rosto cedia, embora os hematomas mudassem para variados tons de azul. Por volta das nove horas, Michael Geismar chegou e se assustou ao ver um complexo escritório improvisado no quarto de Lacy. Ela estava acordada e bebia um café morno por um canudinho.

Gunther, com a barba por fazer, de meias e com a fralda da camisa na altura dos joelhos, apresentou-se como irmão dela e ficou de imediato desconfiado daquele sujeito de terno escuro.

— Relaxa, ele é meu chefe — disse Lacy, e Gunther se acalmou. Ele e Michael trocaram um aperto de mãos hesitante por cima da cama, e tudo ficou tranquilo.

— Está com vontade de conversar? — perguntou Michael.

— Acho que sim — disse ela.

— Lyman Gritt é o chefe de polícia da reserva, e ele quer vir aqui para fazer algumas perguntas. Talvez seja uma boa ideia, mas devemos esclarecer algumas coisas primeiro.

— Tudo bem.

Michael olhou para Gunther, que não deu sinais nem mesmo de pensar em sair do quarto.

— Este assunto é extremamente confidencial - disse Michael a ele. — Tem relação com uma de nossas investigações.

Sem hesitar, Gunther falou:

— Não vou sair daqui, desista. Ela é minha irmã e precisa de meus conselhos. Preciso saber de tudo e entendo o conceito de confidencialidade. Não é verdade, Lacy?

Lacy não teve alternativa senão dizer “Ele pode ficar”.

Michael não estava no clima para uma briga; além disso, Gunther tinha um brilho nos olhos que era sinal claro de fio desencapado. Mas que diabos.

— Nem uma palavra de Myers — disse Michael. — Liguei para os três números de seu arquivo várias vezes e não obtive nada além do toque do outro lado da linha. Acho que ele não usa caixa postal.

— Duvido que consigam localizá-lo, Michael.

— Quem é Myers? — perguntou Gunther.

— Eu te conto depois - disse Lacy.

— Ou não — disse Michael. - Voltando a noite de segunda, o que você pode me dizer sobre o encontro com o informante?

Lacy fechou os olhos e respirou fundo, o que lhe provocou uma careta de dor. Lentamente, ela falou:

— Não muito, Michael, não muito. Fomos ao cassino. Esperamos no estacionamento. Depois, fomos de carro por uma estrada escura e paramos em uma construção pequena. — Ela fez uma longa pausa e parecia estar cochilando.

— Vocês se encontraram com o informante? — perguntou Michael.

Ela meneou a cabeça.

— Nada, Michael. Eu não lembro.

— O Hugo falou com o cara pelo celular dele?

— Acho que sim. Sim, deve ter falado. O cara nos disse para onde ir e encontrar com ele. Sim, eu me lembro disso.

— E quanto a colisão em si? Alguma coisa que levasse a ela? O outro veículo?

Ela fechou os olhos de novo, como se sua memória funcionasse melhor no escuro. Depois de um intervalo, Gunther disse:

— Hoje cedo, ela teve um pesadelo. Acordou e disse que podia ver os faróis, disse que se lembra de Hugo gritando e, antes que ela pudesse reagir, a picape estava bem ali. Ela se lembra de que era uma picape.

Não se lembra do impacto, nem do barulho, de mais nada. Nada sobre o resgate, a ambulância, o helicóptero, a emergência do hospital. Nada.

Um dos celulares mudos de Gunther explodiu numa vibração, uma chamada tão urgente, que o dispositivo tentou quicar pela mesa de refeição na metade dele do quarto. Ele o olhou feio, e conteve a tentação como um bêbado em recuperação olha uma cerveja gelada.

Ele deixou a ligação passar.

Michael indicou a porta com a cabeça, e os dois foram para o corredor.

— O quanto você conversou com os médicos dela? — perguntou ele.

— Pouca coisa. Acho que eles não gostam de mim.

Que surpresa.

— Bom, eles me disseram que a memória dela vai voltar aos poucos. O melhor jeito de ajudar é estimular seu cérebro, principalmente conversando. Faça com que ela fale, ria, ouça e, assim que possível, compre algumas revistas para ela e veja se ela vai ler. Ela adora filmes antigos; então, assista com ela. O que ela precisa é de menos sono e mais barulho.

Gunther se agarrou a cada palavra, emocionado por estar encarregado das coisas.

— Entendi.

— Vamos conversar com os médicos e tentar manter o chefe de polícia longe de Lacy pelo maior tempo possível. Ele quer saber o que ela e Hugo estavam fazendo nas terras dele e, francamente, não quero que ele saiba. É estritamente confidencial.

— Entendi, Michael, mas quero saber dos detalhes do acidente. Tudo. Conte-me o que você sabe até agora. Sinto cheiro de trapaça.

— E com bons motivos. Ponha os sapatos e vamos tomar um café.



Depois do almoço na sexta-feira, enquanto Gunther andava pelos corredores com seu celular e lutava desesperadamente para salvar um negócio em ruínas depois de outro, Lacy digitou um e-mail:

Querida Verna: aqui é Lacy, usando o iPad de meu irmão. Ainda estou no hospital e enfim tenho forças e clareza suficientes para perguntar como você está.

Não sei por onde começar, nem o que dizer. Nem acredito no que aconteceu.

É tão surreal. Fecho os olhos e digo a mim mesma que não estou aqui, que o Hugo está bem e que, quando eu acordar, tudo ficará bem. Mas, então, acordo e percebo que esta tragédia é real, que ele não está mais conosco, que você e as crianças estão sofrendo uma perda que não pode ser descrita. Eu sinto tanto, não só pela perda, mas também por meu papel nela. Não me lembro do que aconteceu, só que eu estava dirigindo e o Hugo era meu carona. Isto não é importante agora, mas levarei essa tristeza pelo resto de minha vida. Assim, gostaria de poder vê-la, abraçar você e as crianças. Amo vocês todos e estou louca para vê-los. Lamento muito faltar ao enterro amanhã. Choro só de pensar nisso. Estou chorando muito, mas não tanto quanto você. Meu coração sofre por você e as crianças, Verna. Vocês estão em meus pensamentos e em minhas orações. Com amor, Lacy

Vinte e quatro horas depois, o e-mail não tinha tido resposta.

O funeral de Hugo Hatch começou às duas horas da tarde de sábado, em uma igreja imensa de subúrbio com um santuário moderno e elevado que acomodava quase duas mil pessoas. Hugo e Verna haviam entrado para a igreja Gateway

Tabernacle anos antes, mas não eram membros muito ativos. A congregação era praticamente toda de afro-americanos e muitos de seus familiares e a maioria dos seus amigos também comparecia aos cultos. Pouco antes das duas da tarde, a multidão se acomodou sobriamente enquanto todos se preparavam para as ondas de emoção que viriam. Havia alguns lugares vazios, mas não eram muitos.

Primeiro, houve uma apresentação de slides em uma tela imensa acima do púlpito. Enquanto um *spiritual* melancólico tocava em um sistema de som, aparecia uma foto depois de outra de Hugo, cada uma delas um lembrete doloroso de que ele partira da vida cedo demais. O pequeno e lindo Hugo quando engatinhava; Hugo banguela na escola primária; Hugo em várias fotos jogando futebol; Hugo no dia de seu casamento; Hugo brincando com os filhos. Havia dezenas de fotografias; elas provocaram muitas lágrimas, e, a medida que o funeral prosseguia, haveria muito de tudo. Por fim, depois de uma meia hora torturante de dor, a tela desapareceu enquanto o mezanino do coro se enchia de uma centena de cantores em belos mantos cor de vinho. Seu pequeno concerto variou aleatoriamente dos réquiens baixos e tristes a favoritos do *gospel* dos velhos tempos, animados e turbulentos, com os quais toda a congregação cantou e bateu os pés também.

Havia alguns rostos brancos na multidão. Michael e sua mulher tinham lugar na primeira fila, no longo balcão curvo. Olhando em volta, ele viu outros membros do CEJ. Ele notou que a maioria dos brancos estava no balcão, como se tentassem guardar alguma distância do tumulto abaixo. Criado nos anos 1960, enquanto as leis de Jim Crow, que institucionalizaram a segregação racial, ainda vigoravam, Michael viu a ironia no fato de os negros ocuparem os melhores lugares enquanto os brancos pareciam banidos para o balcão.

Depois de uma hora de aquecimento, o reverendo passou a comandar a cerimônia e falou, por quinze minutos, seu discurso de abertura. Um orador talentoso e experiente, com uma potente voz de barítono, ele ofereceu conforto aos entes queridos, enquanto fazia a multidão chorar ainda mais. O primeiro panegírico foi do irmão mais velho de Hugo, que contou histórias engraçadas da infância, mas se interrompeu pela metade. O segundo foi de seu treinador de futebol no ensino médio, um branco velho, duro e cascudo que mal conseguiu pronunciar três frases antes de engasgar e chorar como um bebê. O terceiro panegírico foi de um colega de time da Universidade Estadual da Flórida. O quarto, de um professor da faculdade de direito. Em seguida, uma soprano fez uma interpretação magnífica de “How Great Thou Art”, e, quando ela terminou, não havia um só olho seco a vista, inclusive o dela própria.

Verna, no meio da primeira fila, conseguiu de algum modo se controlar. Estava cercada pela família e tinha os dois filhos mais velhos de cada lado. Uma

tia segurava Pippin e o outro bebê. Enquanto os outros gemiam e desmoronavam, Verna simplesmente olhava o caixão, a três metros, e enxugava os olhos sem fazer ruído algum.

Por conselho de um amigo médico, e contrariando a tradição, ela decidira fechar o caixão. Uma linda foto grande do marido foi colocada ao lado dele em um cavalete.

A medida que o funeral continuava, Michael não pôde deixar de olhar o relógio. Era um presbiteriano devoto, e os sermões de sua igreja limitavam-se estritamente a vinte minutos; em casamentos, a trinta e, se um funeral passasse de 45 minutos, alguém levaria uma bronca.

Mas o relógio não importava neste dia na Gateway Tabernacle. Esta era a última música e a última dança para Hugo Hatch e seria uma despedida gloriosa. O quinto panegírico foi feito por um primo que cumprira sentença por posse de drogas, mas que agora estava limpo e trabalhando, graças a Hugo.

Foi tudo muito comovente; porém, duas horas depois, Michael estava se coçando para sair. Ele também ficou aliviado por estar confortavelmente sentado em uma cadeira acolchoada e por não ter de se preocupar em ficar de pé atrás do púlpito. A família Hatch no início perguntou se ele “consideraria” dizer algumas palavras no funeral, mas o pedido foi rapidamente cancelado por Verna. Michael estava consciente de algum ressentimento da parte dela. A morte de Hugo, fosse por acidente ou outra coisa, provavelmente teria sido evitada se o chefe não o tivesse enviado a uma situação tão perigosa. O irmão mais velho de Hugo telefonou duas vezes, curioso a respeito da ida à reserva tão tarde da noite. A família estava superando o choque e fazendo perguntas, e Michael farejava problemas futuros.

O sexto e último panegírico foi de Roderick, filho mais velho de Hugo e Verna. Ele escreveu um tributo de três páginas ao pai, que foi lido pelo reverendo. Até Michael Geismar, um presbiteriano de sangue-frio, enfim sucumbiu a suas emoções.

O reverendo encerrou a cerimônia com uma longa bênção, e, enquanto o coro cantarolava baixo e balançava, o caixão de Hugo ia sendo empurrado pela nave central. Verna colocou-se bem atrás, segurando uma criança em cada mão, o maxilar rígido de determinação, a cabeça erguida, as faces molhadas de lágrimas. Foi seguida por um grupo de familiares, e poucos deles fizeram algum esforço para se conter.

Os enlutados deixaram o prédio e se espalharam no estacionamento. A maioria voltaria a se reunir em meia hora no cemitério para outro memorial que seria longo e torturante demais. Durante tudo isso, nem uma palavra áspera foi lançada a pessoa responsável pela morte de Hugo. É claro que ninguém sabia seu

nome. “Um motorista embriagado em uma picape roubada que fugiu a pé” era a versão aceita e, assim, sem ter a quem culpar, o reverendo e os oradores mantiveram a dignidade do momento sem acusar ninguém.

Quando Hugo Hatch foi baixado em sua sepultura, só Michael e alguns outros suspeitavam de que sua morte não fora acidental. Não muito longe dali, em um leve aclive no fundo do cemitério, dois homens sentados em um carro observavam a multidão com binóculos.

Ao meio-dia de sábado, as enfermeiras e os médicos tinham preparado um plano perfeito para se livrar de Gunther. Ele era bem bolado: bastava apenas transferir a irmã, e ele não teria mais motivos para ficar. Na sexta-feira, Lacy havia pedido a um médico, quando ela estivesse estável o suficiente, para fazer a viagem de volta a Tallahassee. Havia muitos hospitais lá, e muito bons, e como Lacy estava simplesmente se recuperando e não aguardava cirurgia, por que não podia voltar a sua cidade natal? Logo depois desta conversa, uma enfermeira fez uma entrada barulhenta no quarto de Lacy, acordando de um cochilo não só a paciente, mas também o irmão, e a situação se desenrolou., rapidamente. Gunther, usando um linguajar forte, exigiu que enfermeiras e auxiliares mostrassem algum respeito pela privacidade e “simples decência humana”, e parassem de entrar de supetão a qualquer hora do dia. Uma segunda enfermeira veio ao resgate da primeira, mas conseguiu apenas duplicar o nível de abusos verbais. A trama foi bolada para retirar Gunther do hospital.

Mais ou menos na hora em que Hugo estava sendo sepultado, Lacy deixou o hospital em Panama City em uma ambulância para a viagem de duas horas a Tallahassee. Gunther também partiu, mas não antes de fazer uma saída triunfal com algumas ofensas dirigidas a equipe do hospital. Ele seguiu a irmã em seu sedã Mercedes-Benz S600 preto como breu, e que devorava 3. 100 dólares por mês em um leasing de quatro anos. Evidentemente, o pessoal de Panama City havia telefonado antecipadamente e avisado aos colegas de Tallahassee. Enquanto a maca de Lacy era levada para o elevador para a ida ao quarto particular no quarto andar, dois seguranças parrudos se juntaram a ela e olharam feio para Gunther, que retribuiu a encarada.

— Deixa pra lá - sussurrou Lacy ao irmão.

O quarto novo era maior do que o anterior, e Gunther teve o prazer de arrumar os móveis em outro espaço de trabalho aconchegante. Depois que médicos e enfermeiras viram a paciente, Gunther olhou a irmã e anunciou: — Vamos dar uma volta. Já sei dizer que esses médicos são muito melhores do que os outros, e eles disseram que é importante você se movimentar. Você deve estar com escaras. Suas pernas estão bem; então, vamos.

Ele a retirou gentilmente da cama, colocou seus pés em um par de chinelos baratos de algodão do hospital e falou: — Segure meu cotovelo. - Eles saíram do quarto e pegaram um corredor largo. Ele apontou para uma janela grande na

extremidade. — Vamos andar daqui até lá e voltar. Tudo bem?

— Tudo bem, mas estou meio dolorida. Tudo dói.

— Eu sei. Não tenha pressa e, se achar que pode desmaiar, é só dizer.

— Entendi.

Eles foram arrastando os pés, ignorando os olhares fortuitos das enfermeiras, segurando-se um no outro enquanto os pés e as pernas de Lacy começavam a trabalhar. Seu joelho esquerdo tinha um grave hematoma, um corte, e o movimento era doloroso. Ela cerrou os dentes, decidida a impressionar o irmão. A mão dele era forte e reconfortante. Ele não aceitaria um não como resposta. Eles tocaram a janela e deram a volta. Seu quarto parecia ficar a um quilômetro, e, quando eles se aproximaram, seu joelho esquerdo gritava. Ele a ajudou a subir na cama.

— Tudo bem, vamos fazer isso uma vez por hora até a hora de dormir.

Entendeu?

— Se você pode fazer, eu também posso.

— É isso aí, garota. — Ele prendeu os lençóis em volta dela, se sentou na beira da cama e acariciou seu braço. - Seu rosto está cada vez melhor.

— Meu rosto parece carne de hambúrguer.

- Tudo bem, mas de carne de primeira, orgânica e de gado de pasto. Olha, Lacy, vamos conversar sem parar até que você não consiga mais falar. Ontem passei algum tempo com Michael, bom sujeito, e ele me informou. Não sei tudo sobre a investigação e não devia saber, mas sei o bastante. Sei que você e Hugo foram a reserva na noite de segunda--feira para se encontrar com um informante. Foi uma armadilha, uma armação, uma situação perigosa demais. Depois que atraíram vocês para lá, eles pegaram vocês em flagrante na propriedade deles. A colisão não foi acidental. Vocês foram intencionalmente atingidos de frente por um sujeito que dirigia uma picape roubada, e, logo depois da colisão, ele, ou alguém com ele, foi até o seu carro e pegou os dois celulares, e seu iPad. Depois, os babacas desapareceram na noite e provavelmente nunca serão encontrados. Está me acompanhando?

— Acho que sim.

- Então, o que vamos fazer é o seguinte: vamos começar por você e Hugo indo de carro a reserva... horário, rota, o que tocava no rádio, do que vocês falavam, tudo. O mesmo enquanto você estava sentada no carro esperando no cassino. Horário, conversa, rádio, e-mails, tudo. E vamos dirigir seu carro pela estrada para nos encontrar com o informante. Eu farei as perguntas, centenas, e você pensará nas respostas. E depois que eu te interrogar por trinta minutos, vamos fazer uma pausa e você pode cochilar, se quiser, e depois andaremos até o final do corredor de novo. Não é divertido?

— Não.

- Desculpe, garota, você não tem alternativa. Colocamos as pernas para trabalhar; agora, chegou a hora de o cérebro funcionar. Entendeu? Primeira pergunta: a que horas vocês saíram de Tallahassee na segunda a noite?

Ela fechou os olhos e passou a língua nos lábios inchados.

— Era o início da noite, mas não estava escuro. Devia ser mais ou menos umas sete e meia.

— Havia um motivo para vocês esperarem até tão tarde?

Ela pensou por um segundo, depois começou a assentir, com um sorriso.

— Sim, o cara trabalhava até as nove, um turno da noite no cassino.

— Perfeito. Que roupas vocês vestiam?

Ela abriu os olhos.

— Sério?

— Muito sério, Lacy. Pense bem e responda às minhas perguntas. Isto não é uma brincadeira.

— Hum, jeans, acho, e uma blusa leve. Fazia calor, e estávamos com roupas informais.

— Que caminho vocês pegaram?

— A Interestadual 10, como sempre. Só existe um jeito de chegar lá. Saída na Estadual 288, dirigir quinze quilômetros para o sul, entrar à esquerda no pedágio.

— Vocês estavam ouvindo rádio?

— Está sempre ligado, mas quase sem som. Acho que Hugo estava dormindo. - Ela gemeu e de imediato começou a chorar. Seus lábios inchados tremeram, e as lágrimas escorreram pelo rosto. Ele as enxugou por ela com um lenço de papel, mas não disse nada. — O enterro dele foi hoje, não foi? — perguntou ela.

— Foi.

— Eu queria poder ter ido.

— Por quê? Hugo não saberia se você apareceu ou não. Enterros são perda de tempo. Nada mais do que um espetáculo para os vivos. Os mortos não ligam. A tendência agora é não fazer um funeral, mas uma “celebração”. Para celebrar o quê? O morto certamente não está celebrando.

— Lamento ter levantado esse assunto.

— Voltando à noite de segunda.

A notícia de que Lacy estava de volta à cidade se espalhou, e, no início da noite, as visitas se atropelavam. Como a maioria era de conhecidos, o clima ficou festivo e as enfermeiras reclamaram várias vezes. Gunther, sempre o

sedutor, tomou o palco central, falou mais do que qualquer outro, devorou a atenção e brigou com as enfermeiras. Lacy ficou exausta e satisfeita por deixá-lo fazer o que fosse.

A princípio, ela ficou apavorada com a ideia de ver alguém, ou melhor, deixar que alguém a visse. Com a cabeça enfaixada, suturas, hematomas, e olhos e rosto inchados, ela se sentia uma figurante num filme barato de monstro. Mas Gunther colocou as coisas em perspectiva dizendo: — Fique calma. Essas pessoas te amam e sabem que você acaba de sobreviver a uma colisão frontal. E em um mês você estará uma gata de novo, e a maioria desses pobres coitados ainda será feia. Nossa genética é boa, garota.

As visitas acabaram às nove da noite, e as enfermeiras, satisfeitas, limparam o quarto de Lacy. Ela estava exausta. Sua sessão de tortura da tarde com Gunther havia durado quatro horas e só terminou com a chegada dos amigos. Quatro horas de interrogatório constante e longas caminhadas pelo corredor, e ele prometia mais para o dia seguinte. Ele fechou a porta, disse que queria poder trancá-la e manter todo mundo do lado de fora, depois apagou a luz e preparou seu ninho no sofá. Com ajuda de um sedativo leve, Lacy caiu logo em um sono profundo.

O grito. O som de pavor de uma voz que jamais gritava, jamais mostrava emoção. Havia algo de errado com o cinto de segurança. Ele reclamava. Ela olhou rapidamente e, depois, veio o grito enquanto seus ombros largos jogavam-se para trás por instinto. As luzes, tão fortes, tão próximas, tão chocantemente inevitáveis. O impacto, a sensação de seu corpo jogado para frente por uma fração de segundo antes de ser apanhado e atirado para trás. O barulho, a explosão de uma bomba no colo enquanto cinco toneladas de aço, metal, vidro, alumínio e borracha colidiam e se embolavam. O golpe cruel em seu rosto enquanto o airbag a trinta centímetros disparava e lançava-se a trezentos quilômetros por hora, salvando sua vida, mas trazendo sua parcela de danos. O rodopio, o carro voando por um segundo enquanto girava 180 graus, arremessando destroços. Depois, nada. Quantas vezes ela ouviu as vítimas dizerem: “Devo ter apagado por alguns segundos”? Ninguém jamais sabe quanto tempo. Mas havia movimento. Hugo, preso no para brisa, mexia as pernas, tentando ou sair, ou voltar para dentro. Hugo gemendo. E, a esquerda dela, uma sombra, uma figura, um homem com uma luz agachando-se e olhando para ela. Ela viu a cara dele? Não. E, se viu, não conseguia se lembrar. Depois, ele estava do lado do carona, perto de Hugo, ou

seria outro? Eram duas sombras se mexendo em volta de seu carro? Hugo gemia. A cabeça dela sangrava, latejava. Passos esmagando cacos de vidro. Os faróis de um carro varreram os destroços e desapareceram. Escuridão. Trevas.

— Eles eram dois, Gunther. Eram dois.

— Tudo bem, maninha. Agora você está sonhando e está suada. Você esteve resmungando e se sacudindo por meia hora. Vamos acordar e conversar, está bem?

— Eles eram dois.

— Eu ouvi. Agora acorde e olhe para mim. Está tudo bem, maninha, foi só mais um pesadelo. — Ele acendeu uma pequena luminária na mesa.

— Que horas são? — perguntou ela.

— Que diferença faz? Você não vai pegar um avião. São duas e meia da manhã, e você teve um sonho e tanto.

— O que foi que eu falei?

— Nada de inteligível, um monte de resmungos e grunhidos. Quer uma água?

Ela tomou um gole de um canudo e apertou um botão para erguer sua cama.

— As imagens estão voltando — disse ela. — Agora estou vendo coisas. Consigo me lembrar de uma parte.

— Boa garota. Agora, essas duas figuras que você viu. Vamos falar delas. Uma evidentemente era o motorista da picape. A outra devia ser o motorista do carro de fuga. O que você viu?

— Não sei, não foi muita coisa. Os dois eram homens, acho. Tenho certeza disso.

— Tudo bem. Consegue ver a cara deles?

— Não. Nada. Eu tinha sido atingida pouco tempo antes, entendeu? Nada está muito claro agora.

— Óbvio. Onde você guardava seu celular?

— No porta luvas, em geral. Não sei dizer com certeza onde estava naquele momento, mas devia estar no porta luvas.

— E onde Hugo guardava o dele?

— Sempre no bolso direito de trás da calça, a não ser que ele estivesse de paletó, — E ele não estava de paletó, não é?

— É. Como eu disse, fazia calor, e usávamos roupas informais.

— Então, alguém precisou estender o braço para dentro do carro e pegar os celulares. Consegue ver isso acontecendo? Alguém tocando em você ou em Hugo?

Ela fechou os olhos e negou com a cabeça.

— Não, não me lembro disso.

A porta se abriu lentamente, e uma enfermeira entrou no quarto.

— Está tudo bem? Sua pulsação acelerou muito — disse ela.

— Ela está sonhando. Está tudo bem - disse Gunther.

A enfermeira o ignorou e tocou no braço de Lacy.

— Como se sente, Lacy?

— Estou bem — disse ela ainda de olhos fechados.

— Você precisa dormir, está bem?

Ao que Gunther respondeu:

— Bom, é meio difícil dormir com vocês entrando aqui de hora em hora.

— Existe um hotel do outro lado da rua, se achar melhor ficar lá —
respondeu a enfermeira com frieza.

Gunther deixou essa passar, e a enfermeira saiu.

18

Quando Lyman Gritt chegou a central de polícia às cinco horas da tarde de domingo, desconfiou de que estava acontecendo algo desagradável. Elias Cappel jamais requisitava uma reunião a essa hora, e ele fora vago a respeito do motivo. Ele esperava do lado de fora da central, junto com o filho, Billy Cappel, quando Lyman estacionou sua picape. Billy era um dos dez integrantes do conselho tribal e havia se tornado uma força dominante no governo. Enquanto trocavam saudações, o presidente do conselho, Adam Horn, chegou de moto. Não houve muitos sorrisos, e, enquanto eles entravam no prédio, Lyman ficou ainda mais desconfiado. Elias vinha telefonando diariamente desde o acidente, e era evidente que não estava satisfeito com o trabalho de Lyman. Por ter sido nomeado, o chefe de polícia Lyman trabalhava segundo a vontade de Elias, o cacique da tribo, e os dois nunca foram próximos. Na verdade, Lyman não confiava no cacique, nem em seu filho e no Sr. Horn, que em geral tinha pouca consideração pela maioria dos Tappacolas.

Elias Cappel era cacique havia seis anos e estava firmemente no controle da tribo. Se Billy era seu braço direito, então Horn era o esquerdo. Os três efetivamente tinham vencido seus inimigos políticos e pareciam intratáveis. Eles sufocavam a dissensão e governavam com mão pesada, e ninguém protestava desde que o cassino estivesse cheio e os cheques de dividendos continuassem fluindo.

Eles se reuniram na sala de Lyman, que assumiu seu lugar atrás da mesa. Enquanto olhava os três, sua cadeira de repente parecia uma chapa quente. O cacique, um homem de poucas palavras e limitadas habilidades sociais, começou por: - Queremos falar da investigação sobre o que aconteceu na segunda--feira a noite.

- Parece haver algumas perguntas sem resposta — acrescentou Horn.

Lyman assentiu.

- Claro - disse ele. — O que gostariam de saber?

- Tudo - disse o cacique.

Lyman abriu uma pasta, folheou uma papelada e retirou um relatório. Repassou o básico do acidente, os veículos envolvidos, os ferimentos, o resgate, a morte do Sr. Hatch. O arquivo já tinha cinco centímetros de espessura, com relatórios e fotografias. O vídeo da polícia de Foley, porém, não estava no arquivo, e ele não foi mencionado. Lyman sentiu cheiro de problemas com o

cacique e guardava dois arquivos; o oficial, aquele em sua mesa, e outro secreto, fora de seu escritório. Como o vídeo de Frog havia sido entregue ao xerife, havia uma chance de o cacique ter ciência dele. Sensatamente, Lyman o colocou no arquivo oficial, mas manteve uma cópia em casa.

- O que ele estava fazendo aqui, em nossas terras? - perguntou o cacique, e seu tom não deixava dúvida de que esta era a sua pergunta mais importante.

— Isto eu ainda não sei. Devo me encontrar com o Sr. Michael Geismar amanhã e ter mais informações. Ele é o chefe dos dois. Fiz essa pergunta, mas até agora as respostas foram vagas.

— Essa gente investiga juízes, não é? — perguntou Horn.

— É verdade. Não são agentes policiais, apenas investigadores, com diploma em advocacia.

— Então, que diabos estavam fazendo aqui? — O cacique exigiu saber. — Eles não têm jurisdição em nossas terras. Estavam aqui, presumo que a trabalho, no meio da noite de uma segunda-feira.

— Estou investigando ainda, está bem? São muitas as perguntas, e estamos procurando pistas.

— Você conversou com a garota que dirigia o carro?

— Não. Eu tentei, mas os médicos dela proibiram. Eles a transferiram para Tallahassee ontem, e irei até lá daqui a um ou dois dias para ver o que ela tem a dizer.

— Você já devia ter falado com ela - disse Billy.

Lyman se eriçou, mas manteve a frieza.

— Como eu disse, os médicos não permitiram. — A tensão aumentava a cada minuto, e ficava mais claro, pelo menos para Lyman, que a reunião não terminaria bem.

— Você falou com alguém de fora? — perguntou Horn.

— É claro. Faz parte da investigação.

— Quem?

— Bom, vejamos. Tive várias conversas com um Sr. Geismar. Perguntei a ele duas vezes o que eles estavam fazendo aqui, e ele foi vago. Falei com os médicos dela, mas não cheguei a lugar algum. As duas seguradoras mandaram peritos aqui para examinarem os veículos, e falei com eles. E assim por diante. Não consigo me lembrar de todos com quem falei. Parte de meu trabalho é lidar com quem é de fora.

— Sabe de mais alguma coisa a respeito da picape roubada? — perguntou o cacique.

— Não há nada de novo — disse Lyman e depois repetiu o básico, sem mencionar o vídeo de Foley.

— E você não tem nenhuma ideia de quem estava dirigindo? — indagou o cacique.

— Até esta manhã, nada.

Os três pareceram enrijecer.

— Continue — grunhiu o cacique.

— O xerife Pickett passou aqui no final da sexta-feira para tomar um café.

Sabem a loja de Frog Freeman ao norte de Sterling? Bom, Frog estava aberto até tarde na segunda, não aberto de verdade, mas também não estava fechado, e um cliente entrou procurando gelo. Frog já foi assaltado, então, ele tem câmeras. Querem ver?

Os três assentiram severamente. Lyman digitou algumas teclas em seu computador e virou o monitor. O vídeo apareceu. A picape estava estacionada na frente da loja; o motorista saiu; o carona segurava um pano sujo de sangue no nariz; o motorista desapareceu dentro da loja e voltou pouco tempo depois; eles partiram.

— E o que isto prova? — perguntou o cacique.

— Nada, mas é um tanto suspeito, considerando a hora e o local, e o fato de praticamente não haver ninguém na estrada a essa hora.

— Então, se você forçar as coisas - perguntou Horn —, devemos acreditar que o cara do nariz arrebitado estava dirigindo a picape roubada que causou o acidente?

— Não estou forçando nada. — Lyman deu de ombros. — O vídeo não foi feito por mim; só estou mostrando a vocês.

— Identificou a placa? — questionou o cacique.

— Sim. Placa falsa da Flórida. Não existe esse número nos registros. Por que alguém se daria o trabalho de usar uma placa falsa se não estava aprontando algo de ruim? Se quer minha opinião, a placa falsa aponta o dedo diretamente para esses dois. O carona teve o rosto atingido pelo airbag e sangrou. Eles não tiveram inteligência suficiente para levar gelo no carro de fuga, aquele com a placa falsa e dirigido, é claro, pelo outro sujeito no vídeo. Então, eles fogem e por acaso encontram a loja de Frog aberta àquela hora. Eles estão tentando dar o fora, não raciocinam com muita clareza e provavelmente nem devem ser tão inteligentes; então, eles não pensam nas câmeras de segurança. Um grande erro. Conseguiram ter suas fotos tiradas, e é só questão de tempo até que sejam encontrados.

— Bom, Lyman, isso não vai acontecer, pelo menos não agora, e não por você — assegurou o cacique. — Estou demitindo você neste exato momento.

Lyman absorveu esse tiro na barriga com mais compostura do que pensou que tivesse. Encarou os três, todos sentados ali, de braços cruzados por cima da

barriga grande, e por fim perguntou: — Com base em quê?

O cacique abriu um sorriso falso.

— Não preciso lhe dar um motivo. Chama-se rescisão a critério do cacique, o que está claramente estabelecido em nossas leis. Como cacique, tenho poder para contratar e demitir todos os chefes de departamento. Você sabe disso.

— De fato, eu sei. - Lyman olhou fixamente para os três, percebeu que estava acabado e decidiu se divertir um pouco. — Então, os três poderosos querem a investigação anulada, não é? Este vídeo jamais verá a luz do dia. E todos os mistérios que cercam este acidente de carro jamais serão resolvidos. Um homem é morto e os assassinos escapam. Isto parece certo, cacique?

— Estou lhe pedindo para sair agora — rosnou o cacique.

— Esta é minha sala, e minhas coisas estão aqui.

— Não é mais a sua sala. Encontre uma caixa e saia daqui. Vamos esperar.

— Está brincando.

— Eu falo sério. E ande rápido, é domingo à tarde.

— Não fui eu que marquei esta reunião.

— Cale a boca, Lyman, e guarde suas coisas. Entregue as chaves e suas armas, não toque nesses arquivos, pegue suas merdas e dê o fora. E, Lyman, não preciso dizer que é de seu interesse ficar de boca fechada.

— É claro. É o que fazemos por aqui, não é? Enterrar a cabeça, calar a boca e dar cobertura para os mandachuvas.

— Você entendeu, e a parte sobre calar a boca pode começar agora — repreendeu o cacique. Lyman começou a abrir gavetas.

Michael bateu na porta de Lacy com certa inquietação e, enquanto ele a abria, seus piores temores se confirmaram. Gunther ainda estava ali! Estava sentado na beira da cama, com um pequeno tabuleiro de gamão entre eles. Com relutância, ele o dobrou e colocou no sofá em seu escritório. Michael e Lacy conversaram por alguns minutos, e depois Michael perguntou delicadamente: — Podemos ter alguns minutos a sós?

— Para o quê? — Gunther exigiu saber.

— Algumas questões delicadas.

— Se é sobre o trabalho dela, acho que a conversa pode esperar até amanhã. Afinal, já é noite de domingo, e ela não está em condições de lidar com questões relacionadas com o trabalho. Se é a respeito do acidente de carro e a investigação e toda essa porcaria, então não vou sair do quarto. Lacy precisa de outro par de ouvidos e precisa de meus conselhos.

Lacy não interferiu. Michael levantou as mãos, rendendo-se.

— Tudo bem. Não vou discutir o trabalho. — Ele se acomodou em uma cadeira ao lado do leito e olhou o rosto de Lacy. O inchaço tinha quase

desaparecido, e os hematomas mudavam de cor.

— Você já jantou? — perguntou Gunther. — A cantina tem uns sanduíches congelados que foram feitos pelo menos dois anos atrás e têm gosto de telha. Não os recomendo, mas comi três e ainda estou vivo.

— Não, obrigado, eu passo.

— Um café, talvez. É ruim, mas dá para beber.

— Ótima ideia - disse Michael. - Obrigado. - Qualquer coisa para tirá-lo do quarto. Gunther encontrou os sapatos e os calçou. Michael não perdeu tempo. — Passei na casa de Verna esta tarde e, como você deve esperar, ainda é um lugar soturno.

— Mandeí dois e-mails para ela, mas não recebi uma resposta. Liguei duas vezes e falei com quem estava atendendo o celular dela. Preciso vê-la.

— Bom, era do que eu queria falar, e vou me calar no momento em que ele entrar pela porta. Prefiro manter isto entre nós. Verna ainda está fora do ar por conta deste pesadelo, como qualquer um estaria, e ainda está em choque. Mas ela está voltando a si, e não sei se gosto do que estou ouvindo. Tem um grupo de amigos de Hugo, que inclui dois colegas da faculdade de direito, e eles estão cheios de conselhos. Têm grandes ideias a respeito de processos, tendo como alvo maior os Tappacolas. É onde se localiza a mina de ouro, e eles sonham com um jeito de consegui-la. Para falar com franqueza, e não sou um advogado especialista em indenizações, não consigo ver aqui responsabilidade civil. Só porque o acidente aconteceu na reserva não quer dizer que a culpa seja dos índios. O acidente também está sujeito a lei tribal, que não é como a lei de responsabilidade civil comum. Como ele era funcionário do estado, Verna receberá metade do salário dele pelo resto da vida. Como sabemos, não é grande coisa. Hugo tinha uma apólice de seguro de vida de cem mil dólares, e será fácil resgatá-la. Depois, tem o seguro da picape roubada. De acordo com o cara que parece ser o principal porta-voz, e ele não para de falar, a picape tinha cobertura da Southern Mutual e um limite máximo de indenização de 250 mil. Embora tenha sido roubada, ainda tinha cobertura do seguro. Pode exigir um processo, mas ele parece achar que as coisas podem ser favoráveis. Não estou tão certo disso. Agora as coisas podem ficar complicadas. Tem havido muita conversa sobre processar a Toyota pelo defeito no cinto de segurança e no airbag. Isto envolveria necessariamente você e sua seguradora, e foi disso que não gostei no tom deles.

— Está brincando, Michael. A Verna está me culpando?

— Neste momento, a Verna está culpando todo mundo. Ela está destruída, apavorada, irracional. Além disso, não sei se recebe bons conselhos. Tenho a impressão de que aqueles caras estão sentados em volta da mesa, da mesa dela,

tramando um jeito de processar qualquer um que tenha a mais remota ligação com a morte de Hugo. Seu nome foi mencionado, e não ouvi nenhuma objeção de Verna.

— Eles discutiram isso na sua frente?

— Ah, eles não se importam. A casa está lotada de gente, e as pessoas continuam mandando comida para lá. Tios, tias, primos, qualquer um com uma opinião pode pegar um pedaço de bolo e puxar uma cadeira. Saí de lá com uma sensação ruim.

— Não acredito nisso, Michael. Verna e eu somos íntimas há anos.

— Vai levar tempo, Lacy. Tempo para você se curar, tempo para ela se curar. Verna é uma boa pessoa e, quando ela superar o choque, vai voltar a razão. Mas, por enquanto, é preciso ter cabeça fria.

— Não acredito nisso — repetiu ela em voz baixa.

Gunther entrou de rompante com uma bandeja e três copos de café fumegante.

— Essa coisa chega a feder. — Ele passou o café adiante e pediu licença enquanto ia ao banheiro.

Michael se curvou e sussurrou:

— Quando ele vai embora?

— Amanhã. Eu prometo.

-Já vai tarde.

19

Ann Stoltz chegou no final da manhã de domingo para passar um ou dois dias com a filha. Felizmente, o filho não estava no quarto, embora fosse evidente que ele ainda não havia fechado seu escritório e se mudado dali. Lacy explicou que Gunther cuidava de alguma coisa na rua. A boa notícia era que ele partiria lá pelo meio-dia, porque, claro, Atlanta desmoronava em sua ausência, e a cidade precisava ser salva. A notícia ainda melhor era a de que o médico pretendia lhe dar alta no dia seguinte. Ela o havia convencido de que seu cabelo cresceria com igual rapidez em casa.

Uma enfermeira retirou as suturas enquanto Ann tagarelava sobre as fofocas em Clearwater. Um fisioterapeuta chegou para meia hora de alongamento e deu a Lacy um quadro de exercícios para fazer diariamente em casa. Quando voltou, Gunther chegou com um saco cheio de sanduíches de delicatessen e a notícia urgente de que devia ir para casa. Depois de uma hora com a mãe, ele estava louco para sair do hospital. Após quatro dias com eles, Lacy precisava de uma folga.

Ele enxugava as lágrimas enquanto se despedia. Pediu a Lacy para telefonar, fosse qual fosse o motivo, em particular se babacas como peritos de seguradora e advogados caçadores de ambulâncias aparecessem como abutres. Ele sabia exatamente como lidar com essa gente. Na saída, ele deu um beijo apressado no rosto da mãe e foi embora. Lacy fechou os olhos e desfrutou do silêncio por um bom tempo.

No dia seguinte, uma terça-feira, um auxiliar a levou de cadeira de rodas para fora do hospital e a ajudou a entrar no carro de Ann. Ela era Perfeitamente capaz de fazer a caminhada por conta própria, mas o hospital tinha suas regras. Quinze minutos depois, Ann estacionou na vaga ao lado do prédio de Lacy. Lacy olhou o edifício.

- Só faz oito dias, mas parece ter passado um mês.
- Vou pegar as muletas — disse Ann.
- Não preciso de muletas, mãe, não vou usar.
- Mas o fisioterapeuta disse...
- Por favor. Ele não está aqui, e sei o que posso fazer.

Ela entrou sem mancar em seu apartamento. Simon, o vizinho inglês, esperava. Esteve cuidando de Frankie, o buldogue francês, e, quando Lacy viu o cachorro, ajoelhou-se lentamente e o abraçou.

— Como estou? - perguntou Lacy a Simon.

— Ora, muito bem, eu diria, apesar de tudo. Acho que as coisas podiam ser piores.

— Você devia ter me visto uma semana atrás.

— É bom te ver agora, Lacy. Ficamos muito preocupados.

— Vamos tomar um chá.

Era revigorante sair do hospital, e Lacy não parava de falar enquanto Simon e Ann ouviam e riam. A conversa passou longe de Hugo e do acidente. Haveria o suficiente disso depois. Lacy ficou contando as histórias de Gunther, e todas pareciam ainda mais engraçadas agora que ele estava ausente.

— Foi seu pai que o criou, não eu - dizia insistentemente Ann.

Por toda a tarde, Lacy telefonou aos amigos, cochilou uma hora ou outra, fez alongamento, se exercitou exatamente como mandaram, dispensou os analgésicos, comeu frutas secas e barras de cereais e olhou alguns arquivos de trabalho.

Às quatro da tarde, Michael chegou para uma reunião, e Ann foi para o shopping mais próximo. Alegando sentir dor nas costas, Michael disse que precisava ficar de pé. Assim, ele andou de um lado a outro pela janela da frente da casa de Lacy, andando e falando, um homem desassossegado pelos pensamentos.

— Tem certeza de que não quer tirar uma licença? — perguntou ele. - Podemos cobrir seu salário por trinta dias.

— E o que eu faria durante trinta dias por aqui, Michael? Puxar os cabelos para que comecem a brotar?

— Você precisa descansar. Foi o que os médicos disseram.

— Pode esquecer - respondeu ela abruptamente. - Não vou pedir licença médica. Estarei no escritório na semana que vem, com cicatrizes e tudo.

— Foi o que imaginei. Já conversou com Verna?

— Não. Você me desencorajou, lembra?

— É verdade. Não mudou nada desde o domingo. Ela está sem dinheiro, é claro, o que não surpreende, e ansiosa para pegar o prêmio do seguro.

— Você sabe qual é o salário dele, Michael. Eles viviam apertados. Podemos ajudar de algum jeito?

— Acho que não. Nenhum de nós ganha muito. Além disso, é uma família grande. Ela vai se aguentar até a chegada dos cheques. Mas, a longo prazo, vai ser dureza sustentar quatro crianças com meio salário.

— A não ser que os processos deem certo.

— O que é uma grande incógnita. — Ele parou para beber água. Ela estava recostada no sofá, exausta depois de suas primeiras horas de liberdade. — Temos

duas semanas, Lacy. Duas semanas ou para entregar a denúncia a McDover, ou para deixar que expire. Ainda quer o caso, ou devo entregá-lo a Justin?

— É meu, Michael, todo meu, especialmente agora.

— Por que não fico surpreso com isso? Para falar com franqueza, não acho que Justin esteja preparado para ele, nem que ele queira. E não o culpo.

— Vou ficar com ele.

— Tudo bem, então você tem um plano? No pé em que estamos, a denúncia, assinada por nosso amigo Greg Myers, que está escondido e é melhor que continue assim, alega suborno na forma da propriedade de quatro imóveis em Rabbit Run, propriedades dadas a McDover por empreiteiros em troca de decisões favoráveis. A denúncia tem muito poucos dados específicos e não tem provas. Dá os nomes de empresas estrangeiras que são as proprietárias oficiais, mas não temos como provar que ela está envolvida até o fundo. Podemos entrar com intimações e obter seus arquivos, registros e essas coisas, mas duvido muito de que saia grande coisa daí. Se a atividade criminosa é tão sofisticada quanto diz Myers, acho difícil acreditar que McDover deixaria algum registro sujo onde possa ser encontrado. Assim, provavelmente é melhor guardar as intimações para depois. McDover vai vir para cima com mais advogados talentosos do que posso e quero pensar. Vai virar uma batalha em que cada movimento que fizermos será acaloradamente contestado pelo outro lado. E, no fim, há uma probabilidade muito grande de McDover conseguir provar que comprou os imóveis como investimentos, algo que não é inaudito na Flórida.

— Você não parece muito entusiasmado, Michael.

— Nunca fico entusiasmado com um de nossos casos, mas, na realidade, não temos alternativa. Agora nós dois acreditamos em Myers. Acreditamos no que está na denúncia e acreditamos em suas outras histórias de corrupção, lavagem de dinheiro, suborno, para não falar em homicídio.

— Bom, já que você falou em homicídio, vamos conversar sobre isso. Há uma quadrilha envolvida, Michael. Primeiro, o informante que nos atraiu a um lugar bem no fundo da reserva e, depois, desapareceu no meio de uma frase. Segundo, o cara que dirigia a picape. Terceiro, seu parceiro que se juntou a ele na cena do acidente, pegou nossos celulares, depois lhe deu uma carona no carro de fuga. Some-se a isso o cara que roubou a picape. Alguém sabotou os cintos de segurança e os airbags do meu carro. Então, se há tantos capangas assim, deve haver um ou dois cérebros dando as ordens. Isso forma uma quadrilha. Se supusermos que é Dubose, e não consigo dar a você o nome de outro suspeito, então, parece o tipo de violência que é bem do gênero dele. Hugo foi assassinado, Michael, e não conseguimos resolver isso. Duvido muito que os Tappacolas consigam também.

— Está sugerindo o FBI?

— Nós dois sabemos que um dia isso vai acontecer. A questão é quando. Se os convidarmos para a festa agora, corremos o risco de afugentar Greg Myers, que ainda é a parte mais importante aqui, por causa do infiltrado. Se Myers ficar irritado e sumir, perdemos uma fonte que não pode ser substituída. Uma ótima fonte que um dia pode resolver o caso. Então, esperamos. Entregamos a denúncia e McDover vai vir para cima, como você diz, mas ela não vai saber o que sabemos. Ela e Dubose vão supor que acreditamos que o coitado do Hugo foi morto por um motorista bêbado e eu fui apanhada no fogo cruzado. Eles vão supor que nada sabemos sobre o gosto dela por jatos particulares, viagens caras, idas a Nova York, Cingapura, Barbados, o que for. Eles não terão ideia de que suspeitamos sequer da existência de Phyllis Turban. Só o que temos nisso é uma pequena denúncia capenga assinada por um sujeito de que eles nunca ouviram falar e nem podem localizar.

— Então, por que nos incomodamos com isso? - perguntou Michael. Ela estava mesmo de volta, sua mente ágil e raciocinando febrilmente. Após a concussão e o edema, evidentemente não restaram sequelas. Como sempre, ela juntava os fatos mais rápido do que qualquer um e procurava todos os ângulos para formar o quadro maior.

— Por dois motivos, de igual importância — disse ela. — Primeiro, para manter Myers satisfeito e ocupado desencavando mais informações. Se deslindarmos este caso, Michael, provavelmente toda a sujeirada fornecida pelo infiltrado virá a tona; o infiltrado sabe muita coisa e tem acesso a nossa juíza. Segundo, precisamos observar a reação de McDover a denúncia. Myers deve ter razão. Ela não sabe o que vem por aí. Nos últimos onze anos, ela e Dubose ficaram a vontade rapinando as terras do condado, desviando dinheiro do cassino, subornando qualquer um que erguesse uma sobancelha, quebrando pernas ou coisa pior. O dinheiro tem vindo fácil demais e provavelmente amorteceu os sentidos deles. Pense nisso, Michael, o dinheiro vem fluindo há onze anos, e ninguém com autoridade jamais veio xeretar. Nós aparecemos com a denúncia, e isso abala o mundo deles.

Michael parou de andar e olhou uma estranha criação com quatro pernas desiguais.

— Uma cadeira? — perguntou ele.

— Na verdade, é uma cópia de uma cadeira do Philippe Starck.

— Ele mora por aqui?

— Não, não mora. Ela funciona. Sente-se.

Lentamente, Michael se acomodou na cadeira e demonstrou surpresa quando ela não desabou. Olhou pela janela e viu a distância o prédio da assembleia

legislativa local.

— Uma linda vista.

— É este meu plano — disse ela. — Tem algum diferente?

— Não, agora não.

20

Na quarta-feira, Lacy estava entediada e pensava em voltar a trabalhar. Seu rosto estava muito melhor, mas ela ainda relutava em ser vista pelos colegas. Ann fez compras e outras coisas na rua, e fez tudo o que Lacy queria, mas também se entediava. Levou Lacy de carro ao mercadinho e a uma consulta com o médico. Levou-a ao escritório de um perito da seguradora que lhe entregou um cheque pelo Prius, que sofreu perda total. Ann era péssima motorista e costurava o tempo todo apesar do trânsito. Lacy estava entorpecida de medo de dirigir veículos, e a direção perigosa da mãe não ajudava em nada.

Lacy dormia bem, sem remédios para a dor. Sua fisioterapia progredia bem, e seu apetite voltava. Assim, não foi surpresa quando Ann anunciou durante o jantar na quarta-feira que precisava ir para casa. Com muita diplomacia, Lacy a estimulou a isso. Valorizava os cuidados e a preocupação da mãe, mas já havia melhorado visivelmente e estava cansada de ter uma babá. Queria todo o espaço para si.

Mais importante, ela conheceu alguém, um fisioterapeuta que passou no final da terça para uma sessão rápida, observada atentamente por Ann. O nome dele era Rafe, aparentava vinte e poucos anos, uns bons dez anos mais novo do que ela, o que não incomodava Lacy em nada. Houve uma ou outra centelha enquanto ele trabalhava em seu joelho e talvez outra quando ele se despediu. Ele não parecia se incomodar nem um pouco com seus cortes e hematomas. Ela lhe mandou por e-mail um curto oi na noite de quarta-feira, e ele respondeu uma hora depois. Trocaram algumas mensagens, e ficou estabelecido que nenhum dos dois estava comprometido, e ambos, interessados em um drinque.

Enfim, pensou Lacy, alguma coisa boa podia sair dessa catástrofe.

Na cama, folheando uma revista, Lacy se sobressaltou ao receber um e-mail de Verna.

Lacy - desculpe-me por não ter escrito ou telefonado antes. Espero que você esteja se recuperando bem. Estou muito aliviada que seus ferimentos não tenham sido tão graves quanto poderiam. Quanto a mim, estou por um fio.

Na verdade, fico completamente arrasada por qualquer coisa. As crianças estão péssimas e se recusam a ir para a escola. Pippin chora cada vez mais.

Às vezes todos estão chorando, e tenho vontade de desistir. Mas me recuso a desmoronar na frente deles. Eles precisam de alguém que seja forte, e assim eu me escondo no chuveiro e choro toda a minha dor. Mal consigo sobreviver a cada dia e detesto a ideia do amanhã. O amanhã sem Hugo. A semana que vem, o mês que vem, o ano que vem sem Hugo. Não consigo entender o futuro.

O presente é um pesadelo. O passado parece ter acontecido há muito tempo e parece ter sido tão feliz, que me deixa doente. Minha mãe está aqui, junto com minha irmã; então, estou recebendo muita ajuda com as crianças. Mas nada é real, tudo parece artificial. Elas não podem ficar; então, irão embora logo, e ficarei aqui com quatro crianças e sem marido. Gostaria de ver você, mas não agora. Preciso de um tempo. Quando penso em você, penso em Hugo e no jeito como ele morreu. Me desculpe. Por favor, me dê algum tempo. Não responda prontamente. Verna

Lacy leu a mensagem duas vezes e voltou à revista. Pensaria em Verna no dia seguinte.

Ann foi embora no final da manhã de quinta-feira, várias horas depois do que esperava Lacy. Maravilhosamente sozinha pela primeira vez em dez dias, ela se jogou no sofá com Frankie e desfrutou do sossego. Fechou os olhos e não ouviu nada, e foi um paraíso. Depois, pensou em Verna e em todos os sons horríveis ecoando pela casa dos Hatch — crianças chorando, telefones tocando, parentes entrando e saindo. Ela se sentiu culpada pelo contraste.

Ela fechou os olhos e estava prestes a tirar uma soneca quando Frankie rosnou baixinho. Havia um homem na sua porta.

Lacy foi até a janela da frente para ver mais de perto. A porta estava trancada. Ela se sentia segura. Bastava apertar rapidamente o botão do painel de segurança e explodiria todo tipo de alarme. O homem era vagamente conhecido — muito bronzeado, cabelo comprido e grisalho.

O Sr. Greg Myers, concluiu ela. Em terra firme.

— Olá — falou ela pelo interfone.

— Procuro por Lacy Stoltz — disse ele. A sua voz era familiar.

— E quem é você?

— O sobrenome é Myers.

Ela abriu a porta com um sorriso e o cumprimentou. Enquanto ele entrava, ela correu os olhos pelo estacionamento e não viu nada fora do comum.

— Onde estão o chapéu-panamá e a camisa espalhafatosa? — perguntou ela.

— Guardo isso para o barco. O que aconteceu com todo aquele cabelo

bonito?

Ela apontou para a cicatriz feia na cabeça.

— Vinte e quatro pontos, e ainda está muito dolorida.

— Você está ótima, Lacy. Tive muito medo de que você estivesse gravemente ferida. Os jornais não disseram muita coisa sobre seu estado, só que foi ferida na cabeça.

— Sente-se. Imagino que queira uma cerveja.

— Não, estou dirigindo. Só uma água.

Ela pegou duas garrafas de água com gás na geladeira, e eles se sentaram a uma mesinha na saleta do café da manhã.

— Então, você acompanhou tudo pelos jornais? — perguntou Lacy.

— Sim, um hábito antigo, suponho. Como moro em um barco, preciso de algum contato com a realidade.

— Não vejo um jornal desde o acidente.

— Não perdeu grande coisa. Quanto a você e Hugo, eles já deixaram esse assunto para trás.

— Estou achando que foi fácil me encontrar aqui.

— Muito. Não está tentando se esconder, está?

— Não. Não vivo desse jeito, Greg. Não tenho medo.

— Deve ser ótimo. Olha, Lacy, dirigi cinco horas de Palm Harbor até aqui. Quero saber o que aconteceu. Você precisa me contar. Não foi um acidente, foi?

— Não, não foi.

— Tudo bem, estou ouvindo.

— Vamos conversar, mas, primeiro, uma pergunta. Você ainda usa os mesmos telefones que estava usando um mês atrás?

Ele pensou por um segundo.

— Um deles.

— E onde está agora?

— No barco. Em Palm Harbor.

— Carlita está no barco?

— Está. Por quê?

— Pode ligar para Carlita agora, dizer a ela para pegar o telefone e jogar no mar? Agora! Você não tem alternativa.

— Claro. - Myers sacou um telefone descartável e obedeceu. Quando encerrou a ligação, ele disse: - Tudo bem, por que tudo isso?

— Faz parte da história.

— Vamos ouvi-la.

Durante a narrativa, Myers às vezes mostrava remorso e às vezes parecia

indiferente à tragédia. “Mas que erro”, resmungou ele mais de uma vez enquanto Lacy descrevia ter engolido a isca do informante.

— Fizeram uma autópsia? — perguntou ele. Pelo que Lacy sabia, ninguém falara em autópsia nenhuma.

— Não. Por que fariam uma autópsia?

— Sei lá. Só por curiosidade.

Lacy fechou os olhos e passou a mão na testa como se estivesse em transe.

— O que foi? — perguntou Myers.

— Ele tinha uma luz, uma luz na cabeça, como a de um capacete de mineiro ou coisa assim.

— Uma lanterna de cabeça.

— Acho que sim. Agora consigo ver. Ele me olhou pela janela do meu lado, que estava quebrada.

— Você viu o rosto dele?

— Não, a luz era forte demais. — Ela cobriu o rosto com as mãos e massageou delicadamente a testa com a ponta dos dedos. Passou-se um minuto, depois, outro. Com delicadeza, Myers perguntou: — Você viu o outro cara?

Ela negou com a cabeça.

— Não, agora sumiu. Sei que eram dois, duas figuras andando por ali. Um, com lanterna de cabeça, e acho que o outro tinha uma lanterna comum. Ouvi os passos deles enquanto pisavam nos cacos de vidro.

— Disseram alguma coisa?

— Nada de que eu me lembre. Eu estava atordoada.

— Claro que estava, Lacy. Você teve uma concussão. Isso fodeu com a sua memória.

Ela sorriu, levantou-se, foi a geladeira e pegou um suco de laranja.

— Que tipo de celulares vocês tinham? — perguntou Myers.

— Modelos BlackBerry mais antigos, fornecidos pelo CEJ. - Ela serviu dois copos e os colocou na mesa. — Tenho um iPhone, mas deixei aqui. Hugo usava o telefone do estado para tudo. Não sei se ele tinha outro. Nosso técnico de TI disse que é impossível hackear os telefones do estado.

— Mas isto pode ser feito. Pela grana certa, eles podem contratar os hackers.

— Nosso técnico diz para não nos preocuparmos. Ele também tentou localizar os telefones, mas não há sinal nenhum, o que significa que provavelmente estão no fundo do mar.

— Eu me preocupo com tudo. Por isso ainda estou vivo.

Lacy foi até uma janela alta da cozinha e olhou as nuvens. De costas para Myers, fez a pergunta: — Então, diga, Greg, o que eles ganham matando Hugo?

Myers levantou-se e esticou as pernas. Tomou um gole do suco de laranja.

— Intimidação. De alguma forma, eles souberam que vocês estavam xeretando e reagiram. Para a polícia, parece um acidente. Mas levar os celulares também manda um recado para você e para o CEJ.

— Eu posso ser a próxima?

— Duvido. Eles tinham você na mira e podiam tranquilamente ter dado cabo de você. Um morto é aviso suficiente. Se alguma coisa acontecesse com você agora, o governo federal se envolveria com todo o seu poder no caso.

— E você?

— Ah, eu nunca estarei seguro. O primeiro objetivo deles será descobrir Greg Myers, seja ele quem for, e acabar com ele, comigo, na calada. Mas eles jamais vão me encontrar.

— Eles podem encontrar o infiltrado?

— Não, acho que não.

— São muitas incertezas, Greg.

Ele foi a janela e se colocou ao lado dela. Começara a chover, e as gotas batiam no vidro.

— Você quer sair dessa? — perguntou ele. — Posso retirar a denúncia e tocar a vida. Você também. Você já derramou muito sangue. A vida é curta demais.

— Não posso fazer isso, Greg, não agora. Se nos afastarmos, os bandidos vencem de novo. Hugo terá morrido por nada. O CEJ seria uma piada. Não. Ainda estou dentro.

— E qual é o objetivo?

— A corrupção é exposta. McDover, Dubose e companhia são indiciados e processados. O infiltrado recebe sua recompensa. A morte de Hugo é investigada, e os responsáveis são levados a justiça. Junior Mace sai do corredor da morte depois de quinze anos. E quem matou Son Razko e Eileen Mace é levado a julgamento.

— Mais alguma coisa?

— Não, isso deve me manter ocupada por mais ou menos um mês.

— Não pode fazer isso sozinha, Lacy. Precisa de muita ajuda.

— Sim, preciso, e é aí que entra o FBI. Eles têm recursos e perícia, nós não temos. Se você quiser que este caso deslanche e que os bandidos sejam apanhados, precisa relaxar com relação ao FBI.

— Está achando que eles vão investigar?

— Sim, e isto pode ser achismo demais.

— Quando vocês vão procurá-los?

— É improvável que o FBI vá se meter se não nos envolvermos primeiro. Como sabe, a agência tem mostrado uma relutância extrema em meter o nariz

em problemas indígenas. Assim, nossos planos são entregar sua denúncia a McDover. Ela terá trinta dias para responder. Vamos dar um passo de cada vez.

— Deve proteger minha identidade o tempo todo, Lacy. Se não pode prometer isso, então saia dessa agora. E não vou trabalhar diretamente com o FBI. Você pode, e eu passarei a você tudo o que conseguirmos com o infiltrado, mas não terei contato com o FBI. Entendeu?

— Entendi.

— E tenha cuidado, Lacy. São pessoas perigosas e estão desesperadas.

— Eu sei, Greg. Eles mataram Hugo, não foi?

— Mataram, e lamento muito por isso. Eu jamais deveria ter procurado vocês.

— É tarde demais para isso.

Ele retirou um celular fino do bolso e o estendeu a ela.

— Use isto no próximo mês. Tenho um também.

Ela o segurou na palma da mão como se fosse roubado e, depois, enfim concordou com a cabeça.

— Tudo bem, acho.

— Daqui a trinta dias, mandarei outro para você. Fique com ele o tempo todo. Se for apanhado pelas pessoas erradas, sou um homem morto e eu também não apostaria em suas chances.

Ela o viu arrancar com um carro alugado com placa de Ohio e segurou seu telefone barato enquanto se perguntava como diabos havia se metido numa confusão dessas. Nos seus nove primeiros anos no CEJ, o caso mais interessante que pegou foi de um juiz do tribunal regional do condado de Duval que assediava mulheres atraentes que passavam por divórcios complicados em seu tribunal. Ele também assediava repórteres de tribunal, escreventes e secretárias, qualquer mulher, na verdade, que tivesse um corpo bonito e azar suficiente para chegar perto de sua corte. Lacy o obrigou a se exonerar e, mais tarde, ele acabou sendo preso.

Mas nada parecido com isso.

O momento inevitável tinha chegado, e Lacy não estava preparada para ele. Jamais estaria, mas não havia escolha para ela. Simon, seu vizinho, concordou em ir junto com ela para dar apoio moral. Hesitante, ela se aproximou do pequeno Ford alugado, um carro substituto fornecido por sua seguradora e entregue um dia antes. Ela abriu a porta e lentamente se colocou ao volante. Segurou-o com força e sentiu sua pulsação bater nas mãos. Simon entrou, fechou o cinto de segurança, e sugeriu que ela fizesse o mesmo. Ela inseriu a chave, deu a partida no motor e ficou sentada e petrificada enquanto o ar-condicionado

lentamente ganhava vida.

— Respire fundo — disse ele. — Vai ser fácil.

— Não há nada de fácil nisso. — Com delicadeza, ela colocou a alavanca de marcha na ré e soltou o freio. Quando o carro de fato se mexeu, ela sentiu uma onda de vertigem e pisou no freio de novo.

— Vamos lá, Lacy. Vamos encarar logo isso — disse ele, um britânico durão que se mantinha firme diante das adversidades. - Você não tem alternativa.

— Eu sei, eu sei. — Ela soltou o freio de novo e avançou um pouco. Virou e deixou a vaga, depois parou e colocou a alavanca de câmbio na posição para dirigir. Não havia nenhum outro carro em movimento no pequeno estacionamento ao lado de seu prédio, mas, mesmo assim, ela teve medo deles.

Animado demais, Simon falou:

— Agora, Lacy, é preciso tirar a pressão do freio para que o carro ande para a frente.

— Eu sei, eu sei - repetiu ela, quase resmungando. O carro começou a avançar, depois virou e parou na rua, que tinha trânsito leve em um dia movimentado. - Entre a direita ali - disse ele. - Não vem carro nenhum.

— Minhas mãos estão suadas - comentou ela.

— As minhas também. Está um calor dos infernos aqui dentro. Agora, vamos lá, Lacy. Você vai ficar bem. Está tudo bem.

Ela entrou na rua e pisou no acelerador. Era impossível ignorar as lembranças da última vez em que havia dirigido, mas Lacy tentou ao máximo. Resmungar ajudava, e ela repetia: “Isso vai dar certo. Está dando certo. ”

— Você está indo muito bem, Lacy. Um pouco mais de velocidade, se quiser.

Ela olhou o velocímetro enquanto passava dos trinta, depois começou a reduzir numa placa de pare. Percorreu uma quadra, depois, outra. Quinze minutos depois, estava de volta ao prédio, com a boca seca, encharcada de suor.

- Vamos de novo? - perguntou Simon.

— Me dê uma hora — respondeu ela. - Preciso descansar.

- Como quiser, querida. É só ligar para mim.

21

Nenhum dos três jamais tinha ido a Sterling, uma cidade com uma população de 3.500 habitantes, e, logo após uma rápida volta pelo horrendo tribunal, tiveram certeza de jamais voltar a botar os pés ali. Michael estacionou seu SUV perto de um memorial de guerra, e os três desceram do carro. Certos de que estavam sendo observados, eles andaram com determinação pela calçada da frente e passaram pela porta principal. Para aquela ocasião solene, Michael e Justin vestiam ternos escuros sóbrios, como se estivessem entrando no tribunal para um julgamento importante. Justin só tinha vindo como acompanhante e também para fazer presença e dar a impressão de que o CEJ tinha bastantes funcionários e não brincava em serviço.

Lacy usava calça preta e calçados sem salto. Podia andar sem mancar, mas o joelho esquerdo ainda estava inchado. Também trajava uma blusa bege e um lenço de seda Hermès na cabeça. Havia considerado se entraria na reunião sem chapéu, sem lenço, sem qualquer coisa que escondesse seu couro cabeludo raspado e o corte irregular com as marcas da sutura ainda frescas. Por um lado, queria que Claudia McDover visse os ferimentos e fosse obrigada a olhar uma vítima de sua corrupção que estava viva e respirando. Por outro, porém, a vaidade de Lacy lhe disse para cobrir a cabeça.

Eles subiram a escada até o terceiro andar e encontraram o gabinete da honorável Claudia F. McDover, juíza do tribunal do 24º Distrito Judicial. Dentro dele, uma recepcionista os recebeu sem sorrir.

— Eu sou Michael Geismar e creio ter falado com você por telefone — disse Michael. — Temos hora marcada com a juíza às cinco.

— Direi a ela.

As cinco horas chegaram e passaram. Às 17h15, a recepcionista abriu a porta e disse: “Juíza McDover.” Eles entraram em seu gabinete, e ela os recebeu com um sorriso que era inteiramente forçado. Lacy evitou apertar sua mão. Em um canto da sala ampla, dois homens se levantaram de uma mesa de reuniões e se apresentaram como advogados da juíza McDover. A presença dos dois não era surpresa. Michael havia telefonado na véspera para marcar a reunião; portanto, a juíza McDover teve 24 horas para começar a reunir sua tropa de advogados.

O sujeito mais velho era Edgar Killebrew, um famoso advogado de defesa de crimes de colarinho-branco de Pensacola. Era alto e parrudo, estava elegantemente vestido num terno de risca de giz marinho, e seu cabelo grisalho,

penteadado para trás, caía abaixo do colarinho. Tinha a reputação de ser estrepitante e espalhafatoso e intimidava porque estava sempre pronto para uma briga e quase nunca perdia diante dos júris. Seu associado era Ian Archer, um sujeito do tipo que não sorria e que se recusou a trocar um aperto de mãos com os recém-chegados. Fedia a azedume e severidade.

Desajeitados, eles se acomodaram em torno da mesa de reuniões. A juíza McDover sentou-se de um lado com um advogado em cada cotovelo. Michael ficou de frente para ela, ladeado por Lacy e Justin. Era inútil jogar conversa fora. Quem se importava se chovia ou fazia sol?

Michael começou:

— Uma denúncia formal foi protocolada contra a juíza McDover 45 dias atrás. Fizemos a avaliação e, como devem saber, nosso limiar inicial não é muito alto. Se a denúncia parecer ter mérito, encaminhamos ao juiz. Por isso estamos aqui agora.

— Isto nós entendemos — disse Killebrew.

Lacy encarava McDover e se perguntava se era tudo verdade. Os anos de subornos em troca de decisões favoráveis; o roubo descarado dos Tappacolas; o assassinato de Hugo Hatch; os jatinhos particulares, dinheiro ilimitado e casas pelo mundo; a condenação injusta de Junior Mace. Não, na verdade, naquele momento não parecia possível que aquela mulher atraente ali sentada, uma juíza eleita de uma cidade pequena, pudesse estar envolvida em crimes tão abomináveis e de consequências tão abrangentes. E o que McDover via quando olhava para Lacy? O lenço escondendo os ferimentos? Uma garota de sorte que poderia ter morrido? Um incômodo a ser descartado posteriormente? Uma ameaça? O que quer que a juíza estivesse pensando, nada revelou. Sua expressão era inteiramente pragmática, recoberta de antipatia.

A beleza da estratégia de Lacy era que, naquele momento, McDover não tinha a menor noção do que o infiltrado havia contado a eles. Nenhuma ideia de que eles tinham suspeitas do dinheiro, dos jatos, dos imóveis, de todos os mimos caros que recebera. Ela estava prestes a saber que os quatro imóveis tinham levantado suspeitas, mas era só isso.

— Podemos ver a denúncia? — perguntou Killebrew.

Michael deslizou pela mesa a denúncia original e três cópias. McDover, Killebrew e Archer as pegaram e começaram a ler. Mas tiveram o cuidado de não reagir. Se a juíza ficou chocada, escondeu bem a surpresa. Nada. Nenhuma raiva. Nem incredulidade. Nada além de uma leitura fria e desapaixorada das acusações. Seus advogados leram a denúncia e conseguiram transmitir uma indiferença presunçosa. Archer fez anotações em um bloco. Os minutos se passavam. A tensão era densa e palpável.

Por fim, McDover falou, sem o menor vestígio de emoção.

— Isto é absurdo.

— Quem é Greg Myers? — perguntou Killebrew com frieza.

— Não revelaremos sua identidade no momento — respondeu Michael.

— Bom, vamos descobrir, não é? Quero dizer, isto é tremendamente difamatório, e vamos processá-lo de imediato por uma tonelada de dinheiro. Ele não pode se esconder.

— Processem quem quiserem processar. Isto não é da nossa conta. — Michael deu de ombros.

Archer perguntou, com um tom anasalado irritante para sinalizar que ele era muito mais inteligente do que qualquer outro na sala:

— Durante a avaliação, o que vocês depreenderam que indicasse que essas alegações têm mérito?

— Não somos obrigados a divulgar isso a essa altura. Como tenho certeza de que vocês sabem, por uma análise criteriosa dos estatutos, a juíza McDover tem trinta dias para responder por escrito. Durante este período, continuaremos a investigar. Depois de recebermos sua resposta, responderemos a ela.

— Tenho uma resposta para vocês agora — rosnou Killebrew. - Isto é difamação, injúria e uma completa bosta. Não passam de mentiras. O Conselho de Conduta Judicial devia ser investigado por levar esta bobagem a sério e sujar o nome de uma das juízas mais consideradas do estado da Flórida.

— Vai nos processar também? — rebateu Lacy com frieza, interrompendo a conversa. Killebrew a fuzilou com os olhos, mas não mordeu a isca.

— Estou preocupada com a confidencialidade — disse a juíza McDover. - Não estou preocupada com essas alegações, porque não têm fundamento, e provaremos isso em breve. Mas tenho uma reputação a zelar. Esta é a primeira denúncia protocolada contra mim depois de dezessete anos no tribunal.

— O que não prova nada — disse Lacy, doida para entrar numa pequena escaramuça.

— Correto, Srta. Stoltz, mas quero garantias de que esta questão será mantida em sigilo.

— Temos plena consciência da necessidade de sigilo, de que estamos lidando com reputações e, por isso, seguimos estritamente o estatuto, que torna nossas investigações confidenciais - respondeu Michael.

— Mas vocês falaram com possíveis testemunhas — disse Killebrew.

— E a notícia vai se espalhar. Sei como são essas investigações. Podem começar uma caça às bruxas em que as fofocas voam e as pessoas se machucam.

— Já teve gente machucada — disse Lacy enquanto olhava de cara feia e sem piscar para a juíza McDover, que correspondeu à encarada como se não desse a

mínima.

Por um momento, não havia ar para respirar. Michael, por fim, veio com um “Lidamos com essas investigações diariamente, Sr. Killebrew. Garanto-lhe que sabemos manter sigilo. Porém, frequentemente o tagarela parece vir do outro lado”.

— Boa tentativa, senhor, mas não haverá tagarelice de nossa parte - disse Killebrew. — Vamos entrar com um pedido de anulação assim que for viável e jogar esta porcaria no lixo.

— Estou no CEJ há quase trinta anos e ainda não vi um caso em que o conselho anulou uma denúncia antes que a resposta à acusação fosse entregue — respondeu Michael. — Mas pode tentar.

— Isto é ótimo, Sr. Geismar, e, em seus anos de vasta experiência, com que frequência o senhor entrega denúncias em que a identidade do autor da denúncia não é revelada?

— O nome dele é Greg Myers. Está bem aí na primeira página.

— Obrigado. Mas quem é o Sr. Greg Myers e onde ele mora? Não há endereço, nenhuma informação de contato, nada.

— Seria inadequado vocês entrarem em contato com o Sr. Myers.

— Eu não diria que quero entrar em contato com ele. Só quero saber quem ele é e por que está acusando minha cliente de algo que equivale a suborno. É só isso.

— Isso será discutido posteriormente — disse Michael.

— Mais alguma coisa? — perguntou McDover. a juíza estava no comando e pronta para encerrar a reunião.

— Não, não de nossa parte — respondeu Michael. - Esperaremos por sua resposta em trinta dias, ou mais cedo.

Sem um aperto de mãos e nem mesmo um gesto de cabeça, eles se levantaram e saíram da sala. Nada foi dito na caminhada ao carro e quando partiam dali. Enquanto a cidade desaparecia atrás deles, Michael finalmente falou.

— Tudo bem, podem falar.

Justin foi o primeiro.

— O fato de ela contratar o advogado mais caro da região antes de saber do que se tratava já é motivo de suspeitas. Ela o contrataria se não fosse culpada de alguma coisa? E como pode a juíza pagar os honorários de um advogado desses com o salário que tem? Narcotraficantes e outros bandidos de alto calibre têm dinheiro para um cara como Killebrew, mas não uma juíza de tribunal regional.

— Acho que ela tem o dinheiro sim - disse Lacy.

— Por mais que ela demonstrasse frieza, eu vi medo — disse Michael. — E

não o medo de uma reputação estragada. Esta é a menor de suas preocupações. Concorda, Lacy? Conseguiu ver algo nela?

— Não me passou a impressão de ter medo. Ela tem sangue-frio demais para isso.

— Olha, sabemos o que ela vai fazer — disse Justin. — Vai entregar uma volumosa resposta a acusação, alegando ter comprado os imóveis anos atrás como investimento. Não é contra a lei fazer isso com empresas *offshore*. Pode parecer suspeito, mas não é ilegal, nem sequer antiético.

— Tudo bem, mas como a juíza poderá provar que pagou por eles? — disse Lacy.

— Ela vai encontrar alguns registros. — Michael arriscou uma conjectura. - Ela tem Vonn Dubose em algum lugar nas sombras fraudando os livros contábeis, e agora tem Edgar Killebrew fazendo uma cortina de fumaça. Isto não será fácil.

-Já sabíamos desde o início — disse Lacy.

— Precisamos que Myers nos revele mais coisas — disse Michael. — Precisamos de provas irrefutáveis.

— Sim, precisamos, e Myers precisa ficar na encolha o máximo possível — acrescentou Justin. — Vocês viram como eles estão ansiosos por encontrá-lo.

— Eles não vão encontrar Myers — disse Lacy com autoridade, como se soubesse mais do que os colegas.

Eles haviam dirigido duas horas para uma reunião de quinze minutos, mas esta era a natureza de seu trabalho. Se houvesse tempo, Lacy queria pelo menos ver o seu carro destruído e procurar pequenos objetos esquecidos no porta luvas e na mala. Michael tentara convencê-la do contrário. O que quer que ela tivesse deixado para trás — antigos CDs, um guarda-chuva, algumas moedas — não valeria o horror de ver a prova dos ferimentos fatais de Hugo.

Porém, como eles estavam nos arredores e tinham alguns minutos, Michael quis encontrar-se com o chefe de polícia Gritt e apresentá-lo a Lacy. Gritt estivera no local do acidente e ajudara em seu resgate, e Lacy queria pelo menos agradecer. Eram quase seis da tarde quando eles chegaram a central de polícia perto do cassino. Um policial estava de bobeira na recepção, e, quando Michael perguntou pelo chefe Gritt, foi informado de que ele não trabalhava mais ali. Havia um novo chefe de polícia, e ele já encerrara o expediente e fora para casa.

— O que aconteceu com Gritt? — perguntou Michael, de imediato desconfiado.

— Pode perguntar ao chefe da tribo, mas duvido de que vá obter uma resposta. - O policial deu de ombros, como se não soubesse.

Eles rodaram duas quadras até o pequeno ferro-velho e, por um portão de

tela trancado, viram uma dúzia de carcaças de carros velhos. A triste coleção não incluía o Prius de Lacy, nem o Dodge Ram que se chocara contra ele. Tinham desaparecido.

— Ah, cara — resmungou Michael. — Gritt me garantiu que os carros ficariam guardados. Eu disse a ele que podia haver uma investigação. Pensei que estivéssemos do mesmo lado.

— Há quanto tempo ele era o chefe de polícia? — perguntou Lacy.

— Acho que ele disse quatro anos.

— Acho que precisamos conversar com ele.

— Teremos muito cuidado, não é, Lacy?

22

O novo chefe de polícia era Billy Cappel, filho do cacique da tribo e membro do conselho tribal. Quando o cacique anunciou a nomeação de Billy, explicou a força policial que seria apenas temporária. Billy prestaria o serviço até que uma escolha apropriada fosse feita, e o homem certo, contratado para o cargo. Como o novo sujeito sem dúvida viria da tribo, essa escolha apropriada não demoraria muito. Na verdade, o cacique e Billy sabiam que aquela interinidade logo evoluiria para um cargo mais permanente. Ele ganhava cinquenta mil dólares por ano como membro do conselho, além de seus dividendos mensais. Como chefe de polícia, seu novo salário era o triplo desse valor, e mais, graças a um novo regulamento, ele poderia brincar de chefe de polícia e permanecer no conselho. Era um bom negócio, em particular para o clã Cappel.

A experiência de Billy como agente da lei era muito escassa, mas, na verdade, ele não precisava de nenhuma. Tinha trabalhado por um curto período na segurança do cassino antes de ser eleito e fora voluntário no esquadrão de resgate antes de ter sido promovido para trabalhar com o pessoal de tempo integral.

No segundo dia de seu novo cargo, a polícia de Foley ligou com algum interesse em prender Berl Munger, o homem que aparecia no vídeo e que ajudou a roubar o Dodge Ram. Como a polícia de Foley não podia atravessar a divisa do estado para efetuar a prisão, e como a polícia Tappacola não tinha jurisdição fora de sua reserva, a situação era meio complicada. Billy prometeu entrar em contato com a polícia de DeFuniak Springs e arregimentar a ajuda deles. Não fez tal coisa; em vez disso, ligou para o pai, que passou a notícia adiante. Berl Munger logo soube que havia um mandado de prisão para ele no Alabama.

Billy não conseguiu encontrar o vídeo de que falava a polícia de Foley. Procurou nos escritórios da polícia, em todos os seus arquivos e computadores e nada encontrou. Desconfiou de que Lyman Gritt de algum modo escondera o vídeo ou o levara consigo. Telefonou novamente para o pai e disse que talvez eles tivessem um problema. Ele ligou para Foley e perguntou pelo vídeo, mas a polícia de lá já estava cética e se perguntava “Que diabos aqueles índios estão fazendo por lá? ”. Disseram que mandariam o vídeo, mas não tinham nenhuma pressa em fazê-lo.

Berl Munger sumiu do mapa. Billy e o cacique fizeram uma visita a casa de Lyman Gritt. Numa reunião tensa, Gritt jurou que não sabia nada a respeito de

um vídeo. Ele não tinha ideia do que os policiais de Foley estavam falando. O cacique fez suas ameaças costumeiras, mas Gritt não se deixava intimidar com facilidade. Por fim, lhes pediu para sair de sua propriedade. Como chefe de polícia, ele sempre achou o cacique intrometido e desonesto. Agora que estava desempregado, ele desprezava o homem, assim como o resto de sua família.

O vídeo estava escondido no sótão de Gritt, junto com uma cópia do vídeo da loja de Frog Freeman. Gritt se considerava um policial honesto que fora demitido por políticos suspeitos de ilícitos. Se chegasse o dia do acerto de contas, ele talvez precisasse de algum poder de fogo.

Honesto e também competente. Dois dias depois do acidente, enquanto as perguntas se acumulavam e as respostas se mostravam esquivas, Gritt fora sozinho, de carro, ao local do acidente. Ele estava perplexo com três enigmas óbvios. O primeiro: por que um ladrão de carros roubaria um veículo que valia no mínimo trinta mil dólares e depois o conduziria durante três horas até um local remoto em uma reserva indígena? A estrada do condado onde o carro veio parar ficava no meio das terras da tribo e, literalmente, não dava em lugar nenhum. Começava na parte de trás da propriedade do cassino, corria sinuosa entrando mais pela reserva e era usada apenas por alguns Tappacolas que moravam em lugares mais remotos. Com orçamentos inchados, a tribo a mantinha pavimentada e bem conservada, mas o mesmo se poderia dizer agora de quase toda estradinha secundária ou rural em suas terras. A julgar pelas ações dele gravadas no vídeo, o ladrão tinha experiência, e veteranos como ele em geral vendiam em algumas horas os veículos roubados a desmanches. Eles não ficavam passeando sem rumo por lugares isolados no meio da noite bebendo Jack Daniel's e dirigindo com imprudência. Pelo que Gritt sabia, não havia nenhum receptor de carros roubados em operação no condado de Brunswick. Ele achava impossível acreditar que o motorista, bebendo ou mesmo bêbado, pudesse sobreviver a uma colisão frontal, mesmo com um Prius pequeno, absorver o golpe do airbag e simplesmente sair andando. E para onde ele iria? Metade da reserva era um pântano inabitado. As terras mais elevadas eram cobertas de uma mata densa. A única área decente havia sido tomada pelo cassino. No meio da noite, um invasor vagando pelas profundezas da reserva ficaria desesperadamente perdido em cinco minutos. Se o cara do nariz estourado no vídeo de Frog era de fato o motorista da picape roubada, então ele tinha um cúmplice, que dirigia a outra picape com placa falsa da Flórida.

Este era o primeiro enigma, e nenhuma peça se encaixava.

O segundo era ainda mais perturbador: o que dois advogados, cuja função era investigar condutas inapropriadas de juízes, estavam fazendo na reserva no meio da noite? Eles não eram invasores - por mais que tentassem, os nativos

americanos até agora se mostravam incapazes de impedir a entrada de estranhos em seu território —, mas os dois não tinham nenhuma jurisdição ali. A corte tribal tinha três membros, bem remunerados, porém carecendo completamente de formação jurídica. O Conselho de Conduta Judicial da Flórida não podia tocar neles.

O terceiro enigma era também óbvio: como aconteceu o acidente?

Aparentemente, não havia trânsito, só aqueles dois veículos em um trecho reto e escuro de estrada. O tempo estava bom. Não havia limite de velocidade, mas, com as curvas, qualquer motorista se esforçaria para passar com segurança dos oitenta quilômetros por hora. Mesmo embriagado, o motorista desaparecido deveria ter sido capaz de permanecer em sua pista.

Colocando-se no local exato do impacto e olhando o asfalto marcado com as manchas de fluidos de motor e destroços espalhados, Gritt admitiu sua perplexidade. Aquele não era um caso evidente de acidente fatal com motorista foragido. Estava na cara que havia muito mais nessa história.

Uma dúzia de veículos de emergência deixara um labirinto de marcas de pneu nos acostamentos e até nas valas e na planície a leste. Se a segunda picape, aquela com placa falsa da Flórida, buscou o motorista, então, para onde teria ido? Talvez tivesse saído da estrada e evitado ser vista por um Tappacola que saísse do cassino depois do turno da noite. Até agora, Gritt havia falado com cada morador da área, e ninguém viu nada; a maioria estava dormindo. Só a Sra. Beale tinha ouvido o barulho do impacto.

Na terra depois da vala rasa do acostamento, Gritt notou rastros que saíam da cena do acidente. Pneus largos, carcaça larga, tração pesada, provavelmente uma picape. Ele os seguiu por cinquenta metros e, em uma moita de carrapichos, encontrou um chumaço de toalha de papel, quatro folhas amassadas em uma bola e unidas por uma substância seca que só podia ser sangue. Não tocou naquilo, voltando a seu carro-patrolha e retirando da mala um saco plástico Ziplock. Usando uma vareta, colocou cuidadosamente as toalhas de papel no saco e continuou seguindo os rastros. Ele os perdeu em uns arbustos e na relva e recuperou-os novamente a quatrocentos metros de distância de seu carro.

Atravessavam um leito seco de rio, continuavam por cerca de cem metros e entravam a esquerda numa estrada de terra que ele jamais vira. A essa altura, era impossível seguir os rastros. A estrada fazia curvas por oitocentos metros, passando apenas por uma casa ao longe e terminando numa estrada pavimentada chamada Sandy Lane. Gritt então voltou lentamente ao local do acidente e entrou no carro. Pelo vídeo de Frog, ele teve uma imagem clara do rosto do sujeito. Agora, com alguma sorte, tinha uma amostra de seu sangue.

O motorista da picape conhecia a área melhor do que o chefe de polícia.



A reunião aconteceu em um imóvel não mobiliado de um condomínio de Seagrove Beach, um dos muitos construídos e vendidos por outra entidade sem rosto perdida no labirinto da organização Dubose. Quando o cacique Cappel chegou ao estacionamento, sozinho, foi acompanhado ao prédio por um homem que ele conhecia apenas como Hank. Depois de anos lidando com Dubose, o cacique ainda ficava admirado do pouco que sabia a respeito do homem e daqueles que o cercavam. Ele imaginou que Hank tivesse alguma influência, porque ficou na sala para a reunião, sem dizer nada, mas ouvindo cada palavra.

Dubose estava no final de um longo dia. Duas horas antes, tinha se encontrado com Claudia McDover em sua casa em Rabbit Run e se informado da reunião com o CEJ. Ele leu a denúncia, fez as perguntas de sempre sobre quem diabos era Greg Myers e tentou acalmar sua juíza um tanto frenética. Depois disso, foi levado de carro ao condomínio, onde esperou pelo cacique.

Cappel carregava uma pasta e dela retirou o laptop, colocando-o sobre o balcão do bar. Não havia cadeiras nem onde se sentar no imóvel novo; o lugar ainda tinha cheiro de tinta fresca.

— Existem dois vídeos — disse Cappel. — O primeiro é da polícia de Foley, no Alabama, e finalmente conseguimos uma cópia dele esta tarde. Temos quase certeza de que eles o enviaram na semana passada e Gritt conseguiu perder, ou esconder o vídeo, seja lá o que for. Não está no arquivo, e não há nenhuma referência a ele. Aqui está. — O cacique digitou algumas teclas e Dubose se aproximou. Eles viram o vídeo do Dodge Ram sendo roubado do estacionamento em Foley. Dubose não disse nada até que terminasse. E então, falou:

— Deixe-me ver o vídeo de novo. — Eles viram o vídeo pela segunda vez.

— O que você sabe? — perguntou Dubose.

— A picape Honda pertence a um homem chamado Berl Munger, que recebeu um telefonema e desapareceu. O que sabe a respeito dele?

Dubose afastou-se e andou pela saleta.

— Nada. Foi um trabalho contratado. Precisávamos de uma picape roubada, então, demos um telefonema. Munger não faz parte do clube, é só um terceirizado independente. Ele não sabe de nada.

— Bom, ele deve ter tratado com alguém quando entregou a picape e recebeu o dinheiro. Ele tem algo a dizer.

— Sim, ele tem. Presumo que tenham mandado que ele sumisse no mundo e ficasse por lá.

— E ele sumiu. Quem era o outro sujeito, aquele que roubou o Dodge Ram?

— Não faço ideia, alguém trabalhando com Munger, eu acho. Repito, não

conhecemos essas pessoas. Só pagamos em dinheiro por uma picape roubada. — Dubose voltou ao balcão e olhou a tela. — Mostre o outro vídeo.

O cacique digitou algumas teclas e apareceu o vídeo de Frog. Dubose o viu e começou a menear a cabeça, irritado. Viu-o novamente e passou a praguejar.

— Imbecil, imbecil, imbecil — resmungou ele.

— Então conhece esses caras, não é?

— Sim.

— E o garoto do nariz arrebitado estava dirigindo o Dodge Ram quando bateu, não é?

— Merda, merda, merda.

— Acho que isto quer dizer sim, sim, sim. Sabe de uma coisa, Vonn, sinceramente não gosto de todos esses segredos. Você arma este serviço em nossas terras e não me diz nada. Não quero ser seu sócio, mas, em muitos aspectos, estamos juntos feito xifópagos. Se há um vazamento no dique, eu preciso saber.

Dubose andava novamente, roendo uma unha, tentando permanecer frio, mas com vontade de explodir.

— O que você quer saber? — vociferou ele.

— Quem é o cara do nariz arrebitado? E como você pode usar gente tão patentemente burra? Eles fizeram uma parada tarde da noite em uma mercearia, não estacionaram nas sombras, mas bem na frente, pedindo para ser flagrados pela câmera de vigilância e, portanto, temos fotos de seus homens logo depois do grande serviço.

— Eles são burros, está bem? Quem viu esse vídeo, o segundo?

— Eu, você, Billy, Frog, o xerife Pickett e Gritt.

— Então podemos conter os danos, não é?

— Talvez. Gritt me preocupa. Ele mentiu a respeito do primeiro vídeo, disse que não sabia nada dele, mas a polícia de Foley disse a Billy que o havia mandado uma semana antes. Gritt está aprontando alguma e, agora que perdeu o cargo, está muito irritado. Não seria nenhuma surpresa se ele tivesse cópias dos dois vídeos escondidas em algum lugar. Tentei falar com ele, mas não deu muito certo.

— Mas o que ele está fazendo?

— Tive de demiti-lo, lembra? Você concordou com esta decisão.

Precisávamos nos livrar dele para ter controle da investigação. O CEJ está farejando por aí e está muito desconfiado. Quem sabe? Eles podem procurar os federais e convencê-los a entrarem na investigação. Gritt nunca foi parte do time. Ele precisava cair fora.

— Tudo bem, tudo bem — disse Dubose enquanto passava pela porta

deslizante e olhava o escuro. - Vou lhe dizer o que vamos fazer. Marque uma reunião com Gritt e convença-o de que ele está brincando com fogo. Ele está se afastando da reserva, então, puxe as rédeas dele.

— Sinceramente, não gosto dessa metáfora.

Dubose virou-se e se aproximou do cacique como se fosse esmurrá-lo. Seus olhos ardiam, o mau gênio prestes a explodir.

— Não dou a mínima para o que você gosta. Não vamos cair porque Gritt está magoado com a perda do emprego. Explique a ele com quem você está lidando. Ele tem mulher e três filhos, e sua vida é muito boa, mesmo sem o uniforme bonitinho de chefe de polícia. Há muito em jogo para ele descobrir a religião a essa altura. Ele que cale a boca, entregue o que está escondendo e entre na linha. Se não... entendeu?

— Não vou machucar um irmão.

— Não precisa fazer isso. Você não entende de intimidação, cacique. Quem escreveu esse manual fui eu. É tudo o que eu sempre soube. E do que gosto. E Gritt precisa entender isso. Se eu cair, você também cai, além de muita gente. Mas isso não vai acontecer. Seu trabalho é convencer Gritt a ficar de boca fechada e entrar na linha. Faça isso e tudo vai ficar bem.

O cacique estendeu o braço e fechou o laptop.

— E o xerife Pickett? - perguntou ele.

— Ele não tem jurisdição sobre o acidente. Você tem. É menos um desastre para ele se preocupar. Além disso, posso cuidar do xerife. Coloque Gritt na linha. Cuide para que Munger desapareça. Enrole os rapazes de Foley. E vamos sair muito bem dessa pequena tempestade.

— E o cara do nariz arrebitado?

— Ele estará a mais de mil quilômetros amanhã ao meio-dia. Deixe que eu cuido dele.

23

Lacy estava de volta ao escritório em tempo integral e, embora sua presença de algum modo elevasse o moral, a ausência de Hugo ainda era um buraco enorme. Ela e Geismar guardaram a maior parte dos detalhes para si mesmos, mas agora havia uma crença aceita por todos de que a morte dele foi mais do que um acidente trágico. Para uma agência mínima, era inquietante a morte misteriosa de um dos próprios colegas. Ninguém no CEJ jamais considerou seu emprego perigoso.

Embora seus movimentos fossem lentos e a cabeça ainda estivesse coberta por uma coleção crescente de lenços, mesmo que modernos, Lacy era uma companhia prazerosa para os colegas e uma fonte de inspiração. Ela estava recuperando suas forças e trabalhando por mais tempo.

Dois dias depois de entregar a denúncia a Claudia McDover, Lacy estava à sua mesa quando recebeu um telefonema de Edgar Killebrew. Pomposo mesmo ao telefone, ele começou com um agradável “Sabe, Srta. Stoltz, quanto mais examino esta denúncia, mais a considero deplorável. Não tem fundamento, e estou espantado que o conselho tenha mesmo que remotamente pensado em aceitá-la”.

— O senhor já disse isso - respondeu calmamente Lacy. — Alguma objeção a que eu grave esta conversa?

— Não dou a mínima para o que você faz.

Lacy apertou o botão de gravar do telefone e perguntou:

— E agora, o que posso fazer pelo senhor?

— Você pode anular esta droga de denúncia, é o que você pode fazer. E pode dizer ao Sr. Greg Myers que vou amarrar o traseiro dele no tribunal nos próximos dez anos com processos por calúnia.

— Darei o recado e tenho certeza de que o Sr. Myers entende que não há nada de calunioso nem difamatório em sua denúncia porque ela ainda não é pública.

— Veremos. Decidi não entrar com um pedido de anulação simplesmente porque só chamaria mais a atenção para este assunto. O Conselho tem cinco membros, cinco políticos vigaristas que mamam nas tetas do governador, e não confio em nenhum deles quando se trata de guardar sigilo, assim como não confio em ninguém de seu escritório. Isto precisa do maior sigilo possível. Compreendeu, Srta. Stoltz?

— Tivemos esta conversa no gabinete da juíza McDover dois dias atrás.

— Bom, estamos tendo novamente. Além disso, gostaria de saber mais detalhes sobre sua investigação. Sem dúvida não dará em lugar algum, então, acho que vocês ficarão desesperados e começarão a importunar todo mundo que possa conhecer minha cliente, seja por telefone ou visitas. É assim que começam os boatos, boatos cruéis, Srta. Stoltz, e, bem, eu simplesmente não confio em vocês nem em ninguém para lidar discretamente com esta questão.

— Está se preocupando demais, Sr. Killebrew. Fazemos isto todo dia e entendemos a confidencialidade. E não estou autorizada a discutir nossa investigação.

— Bom, estou avisando a você que, se este caso se tornar uma caça às bruxas e a reputação de minha cliente for prejudicada, processarei você, o Sr. Geismar e todos do conselho por difamação.

— Pode processar. E vamos processá-lo também por dar entrada em um processo frívolo.

— Lindo, isso é lindo. Adoraria a oportunidade de ver vocês no tribunal. Eu vivo lá, Srta. Stoltz, e vocês, não.

— Mais alguma coisa, Sr. Killebrew?

— Nada. Tenha um bom dia.

Embora ela tenha ficado fria ao telefone, o telefonema foi inquietante. Killebrew era um litigante destemido, famoso por suas táticas de terra arrasada. Um processo deles definitivamente seria considerado frívolo, mas a perspectiva de lutar contra ele a intimidava. E ele tinha razão; ele ganhava muito dinheiro na frente de um júri, e Lacy jamais vira um. Ela mostrou a gravação do telefonema para Michael, que conseguiu rir. Ele já havia recebido ameaças semelhantes; ela, não. Se o CEJ fizesse seu trabalho e não ultrapassasse seus limites, estava basicamente imune a processos civis. Não fosse assim, eles jamais entregariam uma denúncia.

Ela voltou à sua mesa e tentou se concentrar em outras questões. Pela segunda vez, telefonou ao escritório do chefe de polícia e perguntou por Billy Cappel. No momento, ele estava muito ocupado. Ligou novamente uma hora depois, e ele ainda estava em reunião. Telefonou para sua seguradora e, por fim, localizou o perito que tinha dado perda total a seu Prius. Ele informou que havia vendido seu carro amassado a um ferro-velho perto de Panama City por mil dólares, o preço habitual para uma perda total. Alegou pouco saber do que acontecia com esses veículos depois que chegavam ao ferro-velho, mas acreditava que ou eram esmagados e enviados à reciclagem, ou vendidos a desmanches para a obtenção das peças. Dois telefonemas ao ferro-velho não renderam nenhuma informação. Depois do almoço, ela informou a Michael que

tinha hora com o médico e não voltaria na parte da tarde.

Em vez disso, Lacy foi a Panama City em sua primeira viagem de carro sozinha. Ateve-se ao limite de velocidade e tentou não se retrair a cada carro que passava, mas, ainda assim, dava nos nervos. Sua respiração era laboriosa, e um nó apertado ficou em seu estômago, mas ela estava decidida a chegar lá e voltar. No ferro-velho, ela estacionou no cascalho ao lado de um reboque e uma picape amassada e perguntou pelo escritório a um velho de camisa sebosa e uma barba ainda mais suja. Ele apontou com a cabeça uma construção de metal com paredes amassadas e uma porta aberta. Ela passou por ali e entrou em uma sala com um balcão comprido onde mecânicos compravam autopeças usadas. As paredes eram cobertas com uma coleção impressionante de calotas, embora um canto fosse reservado para calendários de mulheres seminuas. A presença de uma mulher bonita interrompeu todas as transações. Um homem com o nome Bo estampado na camiseta sorriu e falou:

— Ei, oi, moça, o que podemos fazer por você?

Ela sorriu, avançou um passo e disse:

— Estou procurando meu carro. Foi amassado três semanas atrás na reserva Tappacola e trazido para cá. Gostaria de vê-lo e pegar alguns objetos pessoais.

Bo parou de sorrir.

— Bom, se foi trazido para cá, então não é mais seu carro. Estou imaginando que sofreu perda total.

— Sim. Conversei com minha seguradora, e me disseram que estava aqui.

Bo foi a uma tela de computador.

— Você tem o documento do carro? — perguntou ele. Ela lhe entregou uma fotocópia. Ele bateu em algumas teclas enquanto seu colega Fred juntava-se a ele. Dois mecânicos olhavam atentamente do outro lado do balcão. Bo e Fred franziram a testa, resmungaram e pareciam confusos. Bo falou “Por aqui” e deixou o balcão. Lacy os seguiu, andando por um curto corredor e passando por uma entrada lateral. Atrás da construção, e fora de vista por uma cerca alta, havia um amplo terreno com carros, picapes e furgões amassados, centenas deles. De longe, uma máquina enorme e deselegante esmagava um veículo destruído. Bo acenou para outro homem, e ele por fim se aproximou. Vestia uma camisa branca, muito mais limpa do que a de Bo ou Fred, sem um nome estampado, e parecia ser quem mandava. Bo lhe entregou uma folha de papel.

— Ela está procurando por aquele Prius que veio da reserva indígena. Diz que era dela.

O homem franziu o cenho e meneou a cabeça.

— Não está aqui. Um cara apareceu uns dias atrás e o comprou, pagando em dinheiro. Foi levado em um reboque.

Lacy, fora de seu elemento, perguntou:

— Quem comprou?

— Não posso dizer, senhora, e, na verdade, não sei. Não acho que tenha dado um nome, só queria o carro e tinha o dinheiro. Acontece o tempo todo. Esses caras compram uma carcaça e vendem as peças. Nunca tinha visto esse sujeito.

— E não tem nenhum registro?

Bo riu e seu chefe sorriu da ignorância dela. O chefe falou.

— Não, senhora. Depois que o carro sofre perda total e o documento é invalidado, ninguém liga para o que acontece com ele. As vendas em dinheiro não são incomuns neste negócio.

Ela não sabia o que ia perguntar. Supôs que eles estivessem dizendo a verdade. Olhou os hectares de veículos destruídos e percebeu que uma busca seria infrutífera.

— Lamento, senhora — disse o chefe e se afastou.

A mensagem de texto de Verna dizia: “Quer conversar?”

Elas trocaram mais algumas mensagens e marcaram uma hora.

Lacy chegou a casa dos Hatch depois do jantar. Verna estava sozinha com as crianças. Os dois mais velhos faziam o dever de casa na mesa da cozinha. Pippin e o outro bebê dormiam. Verna disse que não via um silêncio na casa tão grande desde antes da morte de Hugo. Elas beberam chá-verde no pátio e viram os vaga-lumes no escuro. Verna estava aliviada porque os parentes finalmente foram embora, apesar de a mãe voltar no dia seguinte para ajudar com Pippin. Verna estava exausta, mas dormindo mais. Ainda acordava com o sonho de que Hugo estava com ela, mas conseguia voltar a realidade. Com quatro filhos, não tinha o luxo de um luto decente. A vida não desacelerava.

— Recebi o cheque da seguradora hoje; então, a pressão acabou, pelo menos por enquanto — disse ela.

— Isso é ótimo, Verna.

— Vamos ficar bem por mais ou menos um ano, mas terei de encontrar um emprego. Hugo ganhava sessenta mil por ano, e nunca economizamos um centavo. Preciso guardar parte desse dinheiro para o futuro, para as crianças.

Ela queria falar e queria uma ouvinte que não fosse da família. Seu diploma da Universidade Estadual da Flórida era em saúde pública, e ela fora assistente social por mais ou menos um ano antes da primeira gravidez. Depois da terceira, deixou de lado qualquer ideia de seguir uma carreira profissional.

— Gosto da ideia de um emprego — disse ela. — Fui mãe em tempo integral por muito tempo e estou pronta para uma mudança. Hugo e eu falávamos nisso com frequência e tínhamos decidido que, assim que Pippin estivesse na pré-

escola, eu voltaria a trabalhar. Talvez com dois salários pudéssemos arrumar uma casa maior, talvez pudéssemos começar a economizar para as crianças. Hugo dava muito apoio, Lacy. Ele tinha um ego grande e tudo isso, não conseguia evitar, mas não se sentia ameaçado por uma esposa trabalhadora.

Lacy ouvia e assentia. Verna já havia falado em trabalhar muitas vezes.

Verna tomou um gole de chá e fechou os olhos por um momento. Abriu-os bruscamente em seguida para dizer:

— Dá para acreditar que já tem gente me pedindo dinheiro? Até agora, dois primos de Hugo ficaram por aqui por tempo suficiente para pedir um empréstimo. Eu disse que de jeito nenhum e me livrei deles, mas vão voltar. O que as pessoas têm para fazer essas coisas horríveis, Lacy?

Não havia como se obter resposta a essa pergunta. Lacy se saiu com um “Eu não sei”.

— Aturei gente demais me dando conselhos ultimamente — disse Verna. — Até antes do funeral, todo mundo já sabia que eu ia receber cem mil do seguro de vida, e alguns desses sanguessugas já estavam tentando se imiscuir. Estou enjoada deles, é sério. Não de minha mãe e minhas irmãs, mas de alguns primos, uns sujeitos que Hugo e eu quase nunca vimos nos últimos cinco anos.

— Geismar disse que havia alguns advogados na casa, tramando processos.

— Eu me livrei deles também. Um falastrão disse que eu poderia receber da apólice de seguro que cobria a picape roubada. Por acaso, isso não é verdade. Quando um veículo é roubado assim, a apólice perde a validade, pelo menos na questão da indenização. Falaram num monte de processos grandes. Um era contra a Toyota pelo defeito no airbag e no cinto de segurança, mas não sei se é uma boa ideia. Tenho uma pergunta, Lacy. Quando você e Hugo foram ao cassino naquela noite, o cinto dele estava funcionando?

— Na verdade, não. Ele reclamou porque não ficava fechado. Isso nunca tinha acontecido. Ele mexeu no cinto e, por várias vezes, conseguiu encaixar, mas havia algo de errado com ele.

— Você acha que alguém mexeu ali?

— Acho, Verna. Acredito que o airbag foi desarmado e que o cinto de segurança foi comprometido de algum jeito.

— E o acidente não foi um acidente?

— Não, não foi. Fomos propositalmente atingidos por uma picape que tinha duas vezes o peso do Prius.

— Mas por quê? Precisa me dizer, Lacy. Eu mereço saber o que está acontecendo.

— Vou lhe contar assim que puder, mas você deve prometer que vai guardar segredo.

— O que é isso, Lacy? Você me conhece.

— Você tem advogado?

- Tenho. Um dos amigos de Hugo da faculdade de direito está cuidando de tudo. Confio nele.

- Tudo bem, mas nem mesmo ele precisa saber dessa história, não agora.

- Conte, por favor.

Eram quase dez horas quando Roderick abriu a porta.

— Mãe, a Pippin está chorando.

Verna enxugou as lágrimas rapidamente e falou:

— Bom, que surpresa. Essa menina.

Enquanto as mulheres se levantavam e entravam, Lacy falou:

— Vou passar a noite aqui, está bem? Vou cuidar de Pippin, e talvez a gente possa conversar um pouco mais.

— Obrigada, Lacy. Tenho mais algumas perguntas.

- Eu sei que tem.

A reunião aconteceu no escritório do FBI de Tallahassee, a dez minutos a pé do CEJ. O supervisor era um profissional de carreira chamado Luna que não sorria e, desde o momento em que eles se colocaram em volta de sua larga mesa de reuniões, ele parecia duvidar da importância daquele encontro. À sua direita, estava um agente especial bonito e afável chamado Pacheco, com uns trinta e poucos anos, sem aliança no dedo e com olhos que pareceram engolir Lacy desde o momento em que eles se cumprimentaram. Na cabeceira da mesa, como se precisasse, mas não quisesse realmente, estava o terceiro agente, Hahn. Lacy ficou de frente para Luna e Pacheco, com Geismar a sua direita.

Ela começou:

— Primeiro, agradecemos por seu tempo. Sabemos que vocês são ocupados, e isto não será rápido. Temos algum limite de tempo aqui?

— Não. Estamos ouvindo. — Luna meneou a cabeça.

— Ótimo. Por telefone, ontem, perguntei a vocês sobre um homem chamado Vonn Dubose. Estamos curiosos se vocês sabem alguma coisa a respeito dele.

Pacheco pegou uma folha de papel.

— Sim, bom, não muita coisa. Dubose não tem ficha criminal, estadual ou federal. A Máfia do Bagre, ou Máfia da Costa, como passou a ser chamada, já é conhecida nossa há muito tempo. Acho que vocês têm a história dela. Uma quadrilha pequena com um passado rico, mas nenhum registro aqui na Flórida. Uns vinte anos atrás, um homem de nome Duncan foi apanhado com uma carga de maconha perto de Winter Haven. A DEA [Drug Enforcement Administration, órgão encarregado da repressão e controle de narcóticos] suspeitou de que ele trabalhava para um grupo organizado, provavelmente a mesma Máfia da Costa, mas não chegaram a lugar algum porque Duncan se recusava a falar ou a negociar. Ele cumpriu uma sentença longa e entrou em liberdade condicional três anos atrás. Nunca disse uma palavra. E é só. Quanto ao homem conhecido como Vonn Dubose, ainda não descobrimos nada.

— No que diz respeito a nós - acrescentou Luna —, não existe nenhum grupo conhecido como Máfia da Costa. Ultimamente, passamos nosso tempo concentrados em entidades conhecidas... al-Qaeda, narcotraficantes, toda essa gente boa.

— Tudo bem — disse Lacy. — Temos um informante que passamos a acreditar, com relutância, que está dizendo a verdade. Ele foi advogado, um

criminoso que cumpriu pena e parece saber onde os corpos estão enterrados. Não literalmente, é claro, mas ele está convencido de que existe uma quadrilha organizada com Dubose firmemente no controle. O informante entrou em contato conosco cerca de dois meses atrás.

Pacheco perguntou:

— Este seria Greg Myers?

— Sim, é quem assina a denúncia que entreguei ontem. Mas este é um nome novo, e não o seu verdadeiro. Segundo Myers, Vonn Dubose e o irmão foram baleados em uma transação de drogas que não deu certo muitos anos atrás no sul da Flórida. O irmão morreu. Vonn continua vivo. Não há registro disso?

Pacheco negava com a cabeça.

— Nada. Como Myers saberia disso?

— Não sei. Ele está fugindo e cheio de segredos.

— De quem ele foge? — perguntou Luna.

— Não sei bem, mas nem vocês ou qualquer órgão da lei sabe. Quando alegou culpa, ele irritou um monte de gente e agora se sente ameaçado.

— As acusações dele foram em nível federal? — disse Pacheco.

— Sim, foram, e ele cumpriu pena numa penitenciária federal. Mas, por favor, por motivos que talvez eu possa dar a vocês depois, não percam seu tempo tentando encontrar o verdadeiro Greg Myers. Não é ele o motivo de nossa presença aqui. Vocês leram a denúncia formal protocolada contra a juíza McDover. Fizemos nossa avaliação e achamos que ela tem mérito. A verdadeira história vai muito mais fundo do que o que aparece na denúncia. De acordo com Myers, Vonn Dubose e a tribo Tappacola entraram em acordo cerca de vinte anos atrás para construir um cassino, e eles estão desviando dinheiro dali desde o início. Muito dinheiro, e parte dele agora é dividido com a juíza McDover.

— A juíza está levando uma grana? — perguntou Luna.

— Sim, segundo Myers.

— E por que dariam dinheiro a ela?

— A denúncia formal é nossa prova nº 1. Vocês têm uma cópia. Aqui está nossa prova nº 2 para sua apreciação. — Geismar deslizou cópias pela mesa.

Lacy continuou: - É um sumário conciso dos Tappacolas, suas terras, seu reconhecimento pelo governo federal, e os esforços que fizeram para construir um cassino. Envolve pelo menos dois homicídios e um homem chamado Junior Mace, que agora está no corredor da morte em Starke. Sugiro que vocês reservem alguns minutos e leiam o documento.

Eles já estavam lendo, lentamente. Até aquele momento, a história capturara a atenção deles. Metodicamente, eles viravam as páginas, com Pacheco um pouco mais rápido no gatilho. Na cabeceira, Hahn lia palavra por palavra em

silêncio. O ar estava pesado enquanto eles ponderavam cada palavra. Lacy rabiscava anotações sem sentido em um bloco, enquanto Michael lia e-mails no telefone.

Quando eles terminaram, Lacy falou:

— Nossa terceira prova é uma história bastante detalhada da construção do cassino, da construção de uma estrada com pedágio, e de todos os litígios que cercaram as duas coisas. Com uma juíza no bolso, Dubose conseguiu afastar qualquer um que se colocasse em seu caminho, e o Treasure Key abriu as portas em 2000. — Geismar passou pela mesa as cópias da prova nº 3.

— E querem que a gente leia isso agora? — perguntou Luna.

— Sim.

— Tudo bem. Gostariam de um café enquanto lemos?

— Seria ótimo, obrigada. — Hahn despertou e saiu às pressas para encontrar uma recepcionista. O café chegou em canecas de verdade — não em copos de papel —, mas nem Luna nem Pacheco pareceram perceber. Estavam absortos na leitura da prova nº 3.

Pacheco terminou primeiro e, em vez de interromper o chefe, tomou notas nas margens e esperou. Luna baixou sua cópia e falou:

— Uma pergunta. Esse Junior Mace no corredor da morte, devemos suspeitar de que talvez ele não tenha cometido os dois homicídios apontados no documento anterior?

— Francamente, não sabemos, mas Greg Myers acredita que armaram para o Sr. Mace e que ele é inocente — respondeu Michael.

— Tive uma reunião com Mace no corredor da morte — acrescentou Lacy -, e ele alega inocência.

— Duvido que ele seja o único por lá que diga não ser culpado. — Pacheco fez uma piada.

Os outros sorriram, mas não riram. Luna consultou o relógio, encarou a papelada na frente de Geismar e perguntou:

— Quantas dessas provas vocês têm?

— Não são muitas.

— Bom, na prova nº 4, vocês conhecerão a juíza - disse Lacy. Geismar passou-a para eles. — Primeiro, verão fotos dela em uma de suas casas no Rabbit Run.

Pacheco olhou as fotos e falou:

— Ela não está exatamente posando para a câmera. Quem tirou essas?

— Não sabemos — respondeu Lacy. — Greg Myers tem um informante cujo nome não sabemos, porque Myers não sabe. Eles se correspondem usando um intermediário.

Da cabeceira, Hahn soltou um suspiro como se não acreditasse.

— É uma história complicada, e só fica melhor — disse Lacy, olhando de lado para Hahn. — De volta ao documento. Tem algum histórico de McDover, mas não muita coisa, porque ela costuma ser discreta. Sua parceira no crime, ou uma das parceiras, é uma advogada de imóveis em Mobile chamada Phyllis Turban. A foto dela foi retirada da Ordem dos Advogados local. Essas mulheres se conhecem há muito tempo, são muito íntimas, a ponto de viajar com estilo e sempre juntas. Elas gastam muito mais do que ganham. Este documento resume suas viagens nos últimos sete anos.

Claramente intrigados, os três agentes já estavam passando os olhos pela prova nº 4. A sala ficou em silêncio novamente enquanto eles viravam as páginas.

A xícara de café de Lacy estava vazia. Eles já estavam a mesa havia uma hora, e ela até agora estava deliciada com a recepção. Ela e Michael não sabiam o que esperar deles. Supunham que a história que iam contar seria cativante, mas não tinham ideia de como seria recebida. Agora tinham a atenção do FBI. Embora os agentes estivessem cientes do tempo, davam a impressão de não ter pressa.

Luna a olhava.

- Próxima.

- A próxima é a prova nº 5, até agora a mais fina, e é uma cronologia de nosso envolvimento no caso — disse ela enquanto Geismar distribuía mais papelada. Eles leram até o fim.

- Como McDover reagiu quando recebeu a denúncia? - perguntou Pacheco.

- Foi muito fria - disse Lacy. — Negou tudo, é claro.

- Eu a achei assustada, mas meus dois colegas discordaram. Não sei se isso tem muita importância — comentou Michael.

- Bom, ela deve ser culpada de alguma coisa, se contratou Edgar Killebrew - concluiu Pacheco.

Hahn os surpreendeu dizendo: - Foi a primeira coisa em que pensei. Que vigarista.

Luna levantou um pouco a mão para interromper e perguntou: — Mais algum documento?

- Sim, o último — respondeu Lacy. — Tenho certeza de que vocês viram que nosso colega Hugo Hatch morreu em um acidente de carro na reserva.

Eles assentiram com tristeza.

— Bom, eu estava dirigindo o carro quando isso aconteceu. Estou de lenço porque minha cabeça foi raspada no hospital. Sofri cortes e escoriações, uma concussão, levei muitos pontos, mas tive sorte. Não me lembro de muita coisa,

mas está tudo voltando aos poucos. De qualquer forma, meu amigo e colega de trabalho morreu no local, e sua morte não foi um acidente. Acreditamos que ele foi assassinado. — Geismar deslizou cópias da prova nº 6, que eles pegaram com um pouco mais de avidez.

Fotos do Prius e do Dodge Ram; fotos do local do acidente; sumário das conversas com o chefe de polícia; uma descrição do airbag e do cinto de segurança que não funcionaram; os telefones e o iPad desaparecidos; e a conclusão de que alguém estava por trás do acidente, portanto, o assassino, e de que esse alguém era Vonn Dubose e sua quadrilha. Ela e Hugo se deixaram ser levados aos confins da reserva com a promessa de informações e caíram numa emboscada. A ideia era assustá-los, intimidar, mostrar que eles estavam se metendo onde não deviam e que Dubose recorreria a qualquer meio para proteger seu império. De acordo com Myers, e eles não tinham motivos para duvidar dele, ninguém com autoridade jamais xeretou o cassino e fez perguntas. O CEJ era o primeiro a fazê-lo, e Dubose agiu decisivamente para mandar um recado. Ele sabia dos limites da autoridade investigativa do CEJ e supôs, corretamente, que a agência quase não tinha nenhuma capacidade de combate ao crime. Ele supôs que um bom susto os dispersaria.

— Nossa - disse Pacheco enquanto baixava o documento. — Vocês não estão escondendo nada.

— Temos um amigo morto — disse ela. — E não vamos fugir.

— Ao mesmo tempo, porém, não temos recursos nem autoridade para investigar plenamente este caso de corrupção. É aí que vocês entram - disse Michael.

Pela primeira vez, Lima mostrou algo que ou era cansaço, ou frustração.

— Não sei. Este pode ser um caso pavorosamente grande — falou.

Se Luna mostrava relutância, Pacheco parecia pronto para entrar.

— É um caso enorme — disse ele com outro sorriso para o lado de Lacy.

— De fato é — concordou ela. — E grande demais para nós. Simplesmente não podemos investigar crime organizado. Nosso mundo gira em torno de juízes que perderam a compostura e fizeram besteira. Eles violam a ética, mas raras vezes infringem leis. Nunca vimos um caso assim.

Luna empurrou sua pilha de papéis e entrelaçou as mãos na nuca.

— Tudo bem, vocês não são policiais, mas são investigadores. Passaram por tudo isso nas últimas semanas. Se estivesse no nosso lugar, Srta. Stoltz, como agiria?

— Eu começaria pelo assassinato de Hugo Hatch. É claro que tenho envolvimento emocional nisso, mas sua solução pode ser mais fácil do que tentar penetrar em uma centena de entidades *offshore* e rastrear o dinheiro. Alguém

roubou a picape. Talvez outra pessoa estivesse dirigindo. Eles estavam trabalhando para uma organização, para um chefe que ordenou o acidente. É estranho, mas acho que o assassinato foi uma dádiva. Dubose exagerou na mão, teve uma reação exacerbada e fez algo que pode voltar para assombrá-lo. Ele passou a vida toda em um mundo de violência e intimidação. Às vezes esses caras vão longe demais. Ele se sentiu ameaçado e seu instinto foi pegar pesado.

— E não há dúvida de que os dois celulares e seu iPad foram levados? — perguntou Pacheco.

— Dúvida nenhuma. É evidente que eles queriam os aparelhos para obter informações, mas o roubo também foi um aviso. Talvez Dubose quisesse deixar uma pista não muito sutil de que eles estiveram ali, na cena do acidente.

— E você sabe se eles estiveram na cena? — perguntou Pacheco com delicadeza.

— Sim. Não me lembro de muita coisa, mas lembro que alguém andou em volta, alguém com uma espécie de lanterna presa na cabeça. A luz atingiu meu rosto por um instante. Eu me lembro do barulho de passos sobre cacos de vidro. Acho que havia dois homens andando por ali, mas eu estava praticamente inconsciente.

— É claro que estava - disse Pacheco.

— O acidente não foi completamente investigado pelos Tappacolas - Lacy prosseguiu. - O chefe de polícia já foi substituído, e o cara novo por acaso é filho do cacique. Podemos supor que eles estão comprometidos e ansiosos para encerrar o caso de apenas mais um trágico acidente de automóvel.

— Você está supondo que o cacique está mancomunado com Dubose? — perguntou Luna.

— Sem dúvida nenhuma. O cacique governa como um rei e sabe de tudo. É impossível acreditar que estão desviando dinheiro sem o envolvimento dele.

— Voltando aos telefones — disse Pacheco. — Tem certeza de que não conseguem nenhuma informação dos aparelhos?

— Sim — respondeu Michael. — Os telefones são fornecidos pelo estado. Eles têm, ou tinham, a senha habitual de cinco dígitos, mas, além disso, havia uma barreira de criptografia. Nosso pessoal de tecnologia tem certeza de que são seguros.

— Mas qualquer coisa pode ser hackeada — disse Luna. — E se eles de algum jeito conseguissem, o que encontrariam?

— Seria extremamente prejudicial - disse Michael. — Eles teriam os registros telefônicos, uma lista de todos os telefonemas. E provavelmente conseguiriam encontrar Greg Myers.

— E o Sr. Myers ainda está vivo e passa bem, imagino? - perguntou Luna.

— Ah, sim — respondeu Lacy. - Eles não vão encontrá-lo. Ele esteve em Tallahassee duas semanas atrás e passou em minha casa para ver como eu estava. Todos os antigos telefones dele estão no fundo do mar, e ele tem um suprimento de celulares descartáveis novos.

— E o seu iPad? — perguntou Pacheco.

— Não tem nada ali que seja útil a eles. Só coisas pessoais.

Luna empurrou a cadeira para trás e se levantou. Esticou as pernas e falou:
— Hahn.

Na cabeceira, Hahn balançava a cabeça e estava ansioso para colaborar. Talvez ele seja a arma secreta, pensou Lacy.

— Não sei — disse ele. — Se nós entrarmos com meia dúzia de agentes, o que pode acontecer? O dinheiro desaparece da rede de contas deles no exterior. O desvio é interrompido. Os índios morrem de medo de Dubose, e todo mundo se fecha em copas.

— Adoro isso — disse Pacheco em voz baixa.

— Eu não faria assim — retrucou Lacy. — Eu começaria discretamente pela tarefa de descobrir o motorista da picape. Digamos que vocês tenham sorte e peguem o cara. Ele tem a perspectiva de passar o resto da vida na cadeia, e então, talvez queira falar, fazer um acordo.

— Proteção a testemunha? — perguntou Pacheco.

— Esse é o jogo de vocês, e tenho certeza de que sabem jogá-lo.

Luna voltou para sua cadeira, afastou ainda mais a papelada, esfregou os olhos como se estivesse subitamente cansado e falou:

— Olha, nosso problema é o seguinte. Nosso chefe está no escritório de Jacksonville. Nós fazemos uma recomendação a ele, e ele toma a decisão. Parte de nosso trabalho é avaliar o efetivo e o número de horas que este caso pode acabar consumindo. Para falar com franqueza, é sempre uma perda de tempo, porque o alvo se move constantemente e é impossível saber aonde vai dar uma investigação. Mas regras são regras, e este, afinal, é o governo federal. Então, nosso chefe olha nossa recomendação. No momento, ele não está pensando num subornozinho em um cassino indígena. Provavelmente não vai ficar muito impressionado com um acidente de carro que pode ter sido outra coisa. Não, hoje em dia, estamos combatendo o terrorismo. Passamos nosso tempo localizando células terroristas e adolescentes americanos que conversam com jihadistas e idiotas daqui que tentam reunir ingredientes para fazer bombas. E preciso dizer a vocês: tem muita coisa ruim acontecendo. Estamos sem pessoal, e sempre parece que ficamos bem para trás. Nunca nos esquecemos de que chegamos 24 horas atrasados no 11 de Setembro. Este é o nosso mundo. Esta é a pressão que suportamos. Desculpe pelo discurso.

Por um momento, ninguém disse uma palavra. Michael rompeu o silêncio:

— Acho que entendemos, mas o crime organizado continua existindo.

Luna sorriu de verdade.

— Claro que sim. E acho que este é um caso perfeito para o FBI, mas não estou certo se nosso chefe vai concordar.

— Seria justo perguntar quais seriam suas recomendações? — indagou Lacy.

— E justo perguntar, mas não posso dar nenhuma resposta agora. Vamos analisar isso por aqui durante alguns dias e, depois, mandar para Jacksonville com um relatório. — A linguagem corporal dele sugeria que ele não queria se envolver. A de Pacheco sugeria que estava pronto para sacar o distintivo e começar a pegar testemunhas. Hahn não revelava nada.

Lacy recolheu seus papéis e os colocou em uma pilha arrumada. A reunião estava encerrada. Ela falou:

— Bom, obrigada por terem nos ouvido. Vocês foram muito generosos com seu tempo. Vamos dar sequência a nossa investigação e esperar notícias de vocês.

Pacheco os acompanhou na saída do escritório e na descida no elevador, ansioso para ficar o máximo de tempo possível com eles. Michael o observava atentamente. Quando ele e Lacy ficaram a sós no carro, ele disse:

— Ele vai te telefonar daqui a 24 horas, e não terá nada a ver com o cassino.

— Acho que você tem razão — disse Lacy.

— Bom trabalho lá em cima.

Como um relógio, a recepcionista bateu na porta às nove horas da manhã e, sem esperar por uma resposta, colocou a correspondência matinal na mesa de Lacy. Ela sorriu e agradeceu. Todo o lixo tinha sido reunido e posto de lado para o “Florida Recycles!”. Restaram seis envelopes endereçados a Lacy, cinco com endereço de remetente. O sexto parecia um tanto suspeito; então, ela o abriu primeiro. Escrito a mão, dizia:

A Lacy Stoltz: Aqui é Wilton Mace. Tentei telefonar, mas seu aparelho não está funcionando. Precisamos conversar, e logo. Meu número é 555-996-7702. Estou na cidade, esperando. Wilton

Usando o telefone da mesa, de imediato ela ligou para o número. Wilton atendeu, e eles tiveram uma conversa curta. Hospedado no hotel DoubleTree, a três quadras da assembleia legislativa, ele estivera lá desde a véspera esperando pelo telefonema dela e queria que eles se encontrassem pessoalmente. Tinha informações importantes. Lacy disse que estava a caminho e prontamente comunicou a conversa a Geismar, que se mostrou excessivamente protetor, e isso a irritou. Ele concordou, porém, que uma reunião em um hotel movimentado do Centro da cidade representava pouco perigo. Insistiu em que, dali para a frente, ela o notificasse de qualquer viagem ou entrevista relacionada com o caso McDover, e ela concordou, mas duvidou seriamente de que cumpriria a promessa, embora seu apetite pelo risco tenha diminuído bastante depois de tudo o que aconteceu.

Como combinado, Wilton a encontrou perto da entrada do hotel, e eles acharam uma mesa sossegada em uma cafeteria na extremidade do saguão. Para sua viagem a cidade grande, ele se vestira exatamente como estava quando eles se encontraram a sombra de sua árvore algumas semanas antes. Parecia fazer um ano. Jeans da cabeça aos pés, colar e pulseira de contas, cabelo comprido num rabo de cavalo. Ela lembrou-se do quanto ele apoiava o irmão. Enquanto esperavam pelo café, ele transmitiu seus sinceros sentimentos por Hugo, um homem de quem ele gostava. Perguntou sobre os ferimentos dela e disse que ela parecia ótima agora.

— O quanto você sabe a respeito do acidente? — perguntou ela. - O que andam dizendo por aí?

As palavras dele eram tão lentas na cidade quanto foram na reserva. O homem era perpetuamente calmo.

— Muita desconfiança — disse ele.

Uma garçonete colocou as xícaras diante deles - café puro para Wilton, um latte para Lacy. Depois de uma longa pausa, ela falou:

- Tudo bem, estou ouvindo.

- O nome Todd Short a faz se lembrar de alguma coisa? - perguntou ele.

— Talvez, acho que sim, de algum lugar. Preciso de sua ajuda.

— Ele foi um dos dois informantes do presídio que testemunharam contra meu irmão. Em momentos diferentes antes do julgamento, os policiais colocaram cada informante na cela de Junior, retirando-os depois de um ou dois dias. Ambos mentiram ao júri e disseram que Junior se gabava de ter matado o filho da puta que flagrou com a mulher. E, para acertar bem as contas, ele a matou também. Foi um depoimento muito eficaz e incriminou Junior.

Lacy bebeu seu latte e concordou com a cabeça. Não tinha nada a acrescentar e se recusou a se deixar levar por ele. Ele é que tinha marcado esse encontro.

— Mas então, pouco depois do julgamento, Todd Short sumiu. O mesmo aconteceu com o outro informante, um delinquente de nome Robles. Anos se passaram, e todo mundo presumiu que os dois tinham sido eliminados, provavelmente pelas mesmas pessoas que mataram Son e Eileen. Agora, quinze anos depois, Short apareceu na área, e nós conversamos.

Uma pausa enquanto mais café era consumido. Lacy estava prestes a perguntar: “Vai me contar o que ele disse?” Wilton olhou em volta despreocupadamente, deu um pigarro e falou:

— Eu me encontrei com ele três dias atrás, fora da reserva. Quando o vi, me lembrei do quanto o odiei. Eu queria arrebentar a cara dele com uma pedra, mas estávamos em um lugar público, uma espelunca dessas de frango frito. Ele começou dizendo que lamentava por tudo, esse tipo de baboseira. Ele era um vagabundo viciado em drogas, tinha ficha criminal, e sua vida não tinha futuro. Ele não conhecia Robles muito bem, mas soube, logo depois do julgamento, que o cara provavelmente tinha sido morto; então, ele deu o fora. Foi para a Califórnia, onde está entocado desde então. Na verdade, ele agora se endireitou e leva uma vida decente. Está morrendo de câncer e quer dar uma de bonzinho, quer desnudar a alma e confessar seus pecados.

— Que são?

— Na época, ele estava na prisão em Sterling enfrentando outra acusação de drogas, que o deixaria trancafiado por anos. Ele conhecia a vida na cadeia e não queria voltar; então, era uma isca fácil para a polícia. Eles propuseram o acordo. O promotor concordou em deixar que ele alegasse culpa em algo ridículo, e,

depois de algumas semanas na cadeia do condado, ele seria um homem livre. Tudo o que ele precisava fazer era passar alguns dias na cela com Junior e, depois, depor no julgamento. Eu estava no tribunal e vi tudo. Short foi uma ótima testemunha, muito crível, e o júri engoliu cada palavra de seu depoimento. Foi irresistível. Quem não gosta de uma boa história sobre sexo ilícito? De acordo com o depoimento dele, Junior gostava de falar que chegou em casa cedo, ouviu barulho vindo do quarto, percebeu o que estava acontecendo, pegou a arma, arrombou a porta do quarto, e lá estavam sua mulher e Son Razko transando na cama. Furioso, atirou duas vezes na cabeça de Son e, como Eileen não parava de gritar, atirou nela também. Depois, e isso nunca fez sentido nenhum, pegou a carteira de Son e fugiu da cena do crime. Tudo conversa fiada, é lógico, mas Short fez o júri acreditar nessa história. Para alegar que foi um ato passionai, um impulso irresistível, seria preciso confessar as mortes. Como Junior não tinha nada a ver com isso, não podia usar a defesa óbvia. Como eu já disse, ele teve um advogado ruim.

— Short recebeu dinheiro?

— Dois mil dólares, entregues a ele por um policial depois que ele depôs. Ele ficou zanzando pela região por algumas semanas, até ouvir os boatos da morte de Robles, e então fugiu.

O telefone de Lacy estava na mesa, mudo. O aparelho vibrou, e ela o olhou.

— Por que você mudou o número do telefone? — perguntou Wilton.

— Esses telefones são fornecidos pelo estado. O meu antigo foi roubado do meu carro logo depois do acidente. O novo tem um número diferente.

— Quem pegou?

— Provavelmente a mesma pessoa que causou o acidente. E o que Short quer fazer agora?

— Ele quer contar sua história a alguém que possa ouvir. Ele mentiu, e a polícia e o promotor sabiam que estava mentindo, e ele se sente muito mal com isso.

— Um verdadeiro herói - disse Lacy enquanto tomava outro gole do latte e olhava para o outro lado do saguão movimentado. Ninguém estava observando nem ouvindo, mas ultimamente ela não conseguia deixar de reparar nas pessoas.

— Olha, Wilton, isto pode ser uma grande virada, mas este não é o meu caso, está bem? Os recursos de Junior têm sido tratados por aqueles caras de Washington D. C., e ele tem sorte de poder contar com advogados tão bons. Você precisa se sentar com eles e deixar que eles decidam o que fazer com Todd Short.

— Telefonei duas vezes para eles, mas estão ocupados demais. Nem uma palavra. O último recurso contra a sentença condenatória de Junior foi rejeitado

oito dias atrás. Esperamos que ele receba a data da execução muito em breve. Os advogados dele brigaram bastante, mas chegamos ao fim da linha.

— Você falou com Junior?

— Eu o verei amanhã. Ele vai querer saber o que vai acontecer, agora que um dos informantes está se retratando. Ele confia em você, Lacy, e eu, também.

— Obrigada, mas não sou advogada de defesa criminalista e não sei se alguma coisa disso é relevante depois de quinze anos. Existem limitações sobre levantar novas provas, mas não conheço a lei. Se está procurando conselhos, sou a pessoa errada, a advogada errada. Se eu pudesse, ajudaria, mas isto está fora de minha alçada.

— Pode conversar com os advogados dele de Washington? Não consigo falar com eles.

— Por que Junior não fala com eles?

— Ele disse que tem sempre alguém ouvindo na prisão. Acha que os telefones são grampeados. E ele não vê os advogados de Washington há muito tempo. Ele acha que talvez tenham se esquecido dele, agora que o fim está a vista.

— Discordo. Se o informante aparece com uma história diferente e diz sob juramento que a polícia e o promotor sabiam que ele estava mentindo, e ele recebeu dinheiro por isso, acredite, os advogados de Washington vão ficar animados.

— Então, acha que existe esperança?

— Não sei o que pensar, Wilton. Repito, esta não é a minha área.

Ele sorriu e ficou em silêncio. Uma equipe de rodeio com botas e chapéus Stetson idênticos desfilou pelo saguão, suas malas de rodinhas idênticas gemendo num coro surdo. Quando finalmente se foram e o barulho acabou, ele perguntou:

— Você se encontrou com Lyman Gritt, o ex-chefe de polícia?

— Não. Soube que foi substituído. Por quê?

— Ele é um bom homem.

— Tenho certeza disso. Por que está me perguntando sobre ele agora?

— Talvez ele saiba de alguma coisa.

— Você sabe do que ele pode saber, Wilton? Não faça joguinhos comigo.

— Não, não sei. Ele foi demitido pelo cacique da tribo. Eles estão se estranhando. A demissão dele aconteceu poucos dias depois de seu acidente. Os boatos são muitos, Lacy. A tribo está inquieta. Um negro e uma branca estavam na reserva no meio da noite, procurando alguma coisa. Ele acaba morto em circunstâncias suspeitas.

— O fato de ele ser negro é suspeito?

— Na verdade, não. Não estamos nos atendo à cor da pele. Mas você tem de admitir que é incomum. Foi crença geral por muito tempo que uma gente ruim estava por trás do cassino, de conluio com nossos supostos líderes. Agora, finalmente, a coisa pode estar se revelando. Alguém, você e Hugo, se atreve a aparecer e começa a fazer perguntas. Ele teve um fim trágico. Você chegou perto. A investigação está sendo enterrada por nosso novo chefe de polícia, que não é digno de confiança. Há muitos boatos e especulação, Lacy. E agora, do nada, Todd Short volta e entra de mansinho em cena com uma história diferente. É inquietante, para dizer o mínimo.

Espera só até o FBI entrar em cena, pensou ela.

— Promete me manter informada?

— Depende do que vou ouvir.

— Telefonarei para os advogados de Washington — disse ela. — É o mínimo que posso fazer.

— Obrigado.

— E mande lembranças minhas a Junior.

— Por que você não vai vê-lo? Ele não recebe muitas visitas, e parece que pode estar perto do fim.

— Farei isso. Ele sabe a respeito de Hugo?

— Sim. Eu contei a ele.

— Diga a ele que vou tentar dar uma passada assim que conseguir um tempo livre.

— Ele vai gostar de saber, Lacy.

Lacy contou a Michael sobre a conversa com Wilton e depois fez uma análise rápida do arquivo de Junior. Ligou para a firma de advocacia em Washington e, enfim, conseguiu tirar de uma reunião um advogado chamado Salzman. Sua mega firma tinha mil advogados e excelente reputação no trabalho *pro bono*. Eles haviam gastado horas incontáveis representando Junior desde a condenação, quinze anos antes. Ela lhe contou que Todd Short tinha voltado dos mortos e que agora estava prestes a morrer para valer. A princípio, Salzman mostrou incredulidade. Short e Robles haviam ficado fora de cena por tanto tempo, que era quase impossível acreditar na notícia. Lacy confessou sua ignorância nesta área e perguntou se seria tarde demais.

— Ah, é tarde — disse Salzman. — Muito tarde, mas neste negócio nós nunca desistimos, até o último minuto. Chegarei aí assim que puder.

Não foi uma verdadeira surpresa quando o agente especial Allie Pacheco passou no escritório para uma visita. Era o final do dia e, ao telefone, ele disse que estava na área, só precisava de alguns minutos. Quatro dias tinham se

passado desde a reunião no escritório de Luna. Para surpresa deles, Pacheco não havia telefonado ou mandado um e-mail para Lacy.

Eles se reuniram na sala de Michael, numa cabeceira de sua mesa de trabalho abarrotada, e logo ficou evidente que o estado de espírito de Pacheco era bem diferente. Seu sorriso fácil tinha sumido. Ele começou.

- Luna e eu passamos o dia de ontem em Jacksonville apresentando o caso a nosso chefe. Nossa recomendação era abrir uma investigação imediatamente. Concordamos com sua estratégia de que o primeiro passo deva ser tentar resolver o assassinato de Hugo Hatch. Ao mesmo tempo, começaríamos a tarefa formidável de penetrar no labirinto de empresas *offshore* da quadrilha e rastrear o dinheiro. Colocaríamos a juíza McDover, Phyllis Turban, o cacique Cappel e Billy Cappel sob vigilância e talvez até obtivéssemos mandados para grampear os telefones e os escritórios. Nossa recomendação projetou a necessidade inicial de cinco agentes, tendo a mim no comando da investigação. Hoje de manhã, o chefe disse não, disse que simplesmente não podíamos dispor do efetivo neste momento. Eu pressionei um pouco, mas o cara é decidido e se prende às crenças dele. Perguntei se eu teria permissão de investigar com talvez um ou dois agentes mais ou menos no próximo mês. De novo, ele disse não. Nossa resposta oficial é não. Eu sinto muito. Fizemos o máximo e pressionamos o quanto pudemos, nas circunstâncias, mas “pressionar” talvez não seja a palavra certa.

Michael não se abalou. Lacy teve vontade de xingar. Em vez disso, perguntou:

— Existe a possibilidade de as coisas mudarem se soubermos de mais detalhes?

— Quem sabe? — respondeu Pacheco, claramente exasperado. — As coisas podem mudar para o outro lado também. A Flórida é um ponto de entrada favorito, sempre foi. Recebemos uma enxurrada de denúncias sobre entradas ilegais no país, e eles não estão vindo pra cá para lavar pratos ou aplicar concreto. Estão organizando talento interno para conduzir um *jihad*. Descobrir, monitorar e impedir essas pessoas tem sido uma prioridade muito maior do que a corrupção que antigamente nos empolgava. Mas vamos manter um diálogo aberto. Eu estou na escuta. Se acontecer alguma coisa, quero saber.

Se acontecer alguma coisa. Depois que ele foi embora, Michael e Lacy ficaram sentados à mesa por um bom tempo e compararam seus pensamentos. A decepção dos dois foi admitida e, depois, posta de lado. Sem muitos recursos, eles seriam obrigados a ser engenhosos. A essa altura, sua principal arma era a intimação. Usando um dos muitos memorandos de Sadelle, eles decidiram preparar uma lista dos mais ou menos vinte casos em que McDover decidiu em favor das misteriosas empresas construtoras que pressionavam para agir em

várias partes do condado de Brunswick. Onze dos processos envolviam os procedimentos de condenação que levaram à construção da rodovia Tappacola.

Como eles tinham muita liberdade para redigir a intimação, decidiram requisitar os arquivos de McDover de apenas metade dos processos. Requisitar os registros de todos entregaria o jogo e passaria a ela a dica do que eles suspeitavam. Peça alguns registros agora, veja o que ela e sua equipe jurídica de primeira estão dispostos a entregar, depois volte pedindo mais, se necessário. Obedecer à intimação exigiria horas do tempo de Killebrew e companhia, com os caros honorários deles aumentando.

Cada processo estava em um arquivo na sala da secretaria do tribunal do condado de Brunswick', e Sadelle havia muito tempo pegava cópias dos volumosos registros. Agora eles estavam Perfeitamente indexados e com referências cruzadas, e havia pouca dúvida de que os sumários do CEJ seriam muito mais organizados do que qualquer coisa que Killebrew enviasse. Mas todos os juízes tinham seus próprios arquivos que não faziam parte do registro público. Seria fascinante ver até que ponto McDover aquiesceria.

Lacy trabalhou na intimação até escurecer. Isso desviou sua mente do FBI.

Gunther estava de volta. Perturbou uma manhã indolente de sábado com a notícia de que voltava de avião e chegaria no meio da tarde. Embora Lacy não tivesse nada planejado, ela fez uma tentativa fraca de parecer ocupada. Ele não engoliu. Sentia falta da irmã mais nova, estava doente de preocupação com ela e repetidamente pedira desculpas por não ter voltado antes. Ele sabia que ela precisava dele.

Ela estava junto a uma janela do terminal de aviação geral e via os aviões particulares decolarem e pousarem. Às três da tarde, hora esperada da chegada dele, ela observou um pequeno bimotor se aproximar do terminal e desligar os motores. Gunther saiu, sozinho. Sua carreira na aviação cobria as últimas duas décadas e fora interrompida em pelo menos duas ocasiões quando a FAA [Administração Federal de Aviação] suspendeu seu breve. Ele tinha problemas com autoridades e discutiu com os controladores de tráfego aéreo em pleno voo. Essas discussões jamais eram vencidas pelos pilotos, e Gunther se viu preso em terra. Evidentemente, agora tinha de dar um jeito de recuperar o breve.

Ele carregava uma pequena bolsa de viagem, o que ela interpretou como um bom sinal, bem como uma grossa pasta sem dúvida repleta de papelada de negócios importantes. Ele a abraçou intensamente no saguão, disse que ela estava ótima, e parecia à beira das lágrimas enquanto falava do quanto sentia falta da irmã. Ela fez um trabalho passável ao transmitir os mesmos sentimentos.

Enquanto eles saíam do terminal, ela falou:

— Então, você voltou a voar.

— É, aqueles idiotas da FAA não conseguem manter um bom homem em terra. Recuperarei meu brevê duas semanas atrás.

— Belo avião.

— Peguei emprestado com um amigo.

Eles foram até o carro de Lacy, o Ford compacto que ela ainda dirigia, e ele comentou a falta de espaço.

— É só um substituto da seguradora — disse ela. — Ainda não decidi por um novo.

Gunther entendia tudo de carros e, de imediato, começou uma dissertação sobre os vários modelos que ela deveria considerar.

— Se tivermos tempo, devíamos comprar um carro — comentou ele.

— É uma ideia — respondeu ela. O veículo atual dele era um Mercedes caro.

Lacy se lembrava de um Masserati, um Hummer, um Porsche, uma SUV Range Rover preta, e antigamente chegaram a falar de um Rolls-Royce. Apesar dos tropeços no setor de imóveis, Gunther sempre rodava por Atlanta com estilo. Ele era a última pessoa que Lacy conhecia que seria útil na escolha de um carro novo com o orçamento dela.

Eles estavam na rua, no trânsito, e sua direção defensiva era evidente.

— Você já se sente bem dirigindo? — perguntou ele.

— Na verdade, não, mas aos poucos vou chegando lá.

— Eu nunca tive um acidente feio. Acho que leva tempo para voltar a ativa.

— Muito tempo.

— Você está ótima, Lacy — disse ele pela terceira vez. - Gostei do seu cabelo. Já pensou em deixar assim, curto?

— Não, nem por um segundo - retrucou ela, rindo. Um mês depois de sair do hospital, agora seu couro cabeludo estava coberto por uma pequena camada de cabelo fino que parecia um pouco mais escuro do que quando foi raspado, mas ela não estava preocupada. Pelo menos crescia. Ela aposentou os lenços e chapéus, e não ligava se alguém olhasse.

Ele queria saber das mais recentes notícias da investigação que a irmã fazia sobre a juíza vigarista e o cassino, e Lacy contou parte da história principal. Gunther sabia guardar segredo e evidentemente não tinha ninguém a quem contar em Atlanta, mas Lacy não podia ignorar inteiramente as regras da confidencialidade. Ela admitiu que eles ficaram num impasse quando o FBI não quis se envolver.

Isto deu panos para manga a Gunther, ele não largou do assunto até a chegada a casa dela. Ele xingou o governo federal, seu tamanho inchado e as incontáveis agências, burocratas inúteis e políticas sem sentido. Mencionou suas próprias disputas com a Agência de Proteção Ambiental, a Comissão de Oportunidades Iguais de Emprego, a Receita Federal, até com o Departamento de Justiça, embora não desse detalhes de nenhum atrito com a lei, e Lacy não perguntasse. Como podia o FBI, com o milhão de agentes e um bilhão de dólares, negar-se a apurar um caso de corrupção tão patente? Um homem foi morto, e ainda assim os agentes federais recusavam-se a investigar. Ele estava estupefato, até colérico.

Dentro de casa, ele jogou a bolsa e a pasta no quarto de hóspedes, e Lacy ofereceu chá ou água. Gunther pediu um refrigerante diet. Estava em recuperação havia quase dez anos, e bem além da fragilidade do início da sobriedade. Seus dias de bebedeira eram tradição nas lendas da família antes de se tornarem sombrios e assustadores. Por insistência deles, ele foi para a reabilitação duas vezes, sem sucesso. Um flagrante por dirigir embriagado, um

divórcio e uma falência chegaram ao mesmo tempo, e, aos 32 anos, Gunther desistiu da bebida e das drogas, e se rendeu a uma força superior. Ficou radicalmente sóbrio por anos, a ponto de se apresentar voluntariamente para trabalhar em uma clínica de reabilitação para adolescentes. Quando indagado, ele falava abertamente de seus vícios.

Gunther, como sabia bem Lacy, falava abertamente de qualquer coisa. Para manter a conversa longe de questões mais delicadas, ela contou a história de seu encontro com Wilton Mace em um hotel do Centro da cidade. Isto levou a uma extensa narrativa sobre os assassinatos de Son Razko e Eileen Mace, aos julgamentos de Junior e assim por diante. Este não era o caso dela. Seu registro era público. A confidencialidade não importava.

Gunther, como a maioria dos brancos, achava que a ideia de um inocente no corredor da morte era absurda. Certamente Junior era culpado de alguma coisa, ou não estaria lá. Isto levou a uma conversa longa e em geral acalorada e frustrante a respeito do sistema de justiça criminal. A lei era a vida de Lacy, e ela entendia suas falhas. Gunther vivia e respirava imóveis e ganhava dinheiro, e tinha pouco interesse por qualquer outra coisa. Ele confessou que mal lia um jornal, exceto quando dava uma olhada na seção de economia. Não ouvira uma palavra sobre as duas recentes comutações de pena, mediante provas de DNA, uma delas envolvendo um homem que cumpriu 29 anos por estupro e homicídio cometidos por outra pessoa. Na opinião de Gunther, as prisões estavam cheias devido ao crime desenfreado.

E, por falar em negócios, ele precisava dar alguns telefonemas, enfim. Lacy estava exausta e precisava ela mesma de uma folga. Ela lhe mostrou uma pequena varanda junto da cozinha. Uma mesa de ferro batido era o lugar perfeito para ele armar seu escritório.

Para jantar, eles escolheram um restaurante tailandês perto do campus da Universidade Estadual da Flórida. Depois que se acomodaram em seus lugares, de repente Gunther sacou o celular do bolso.

— Preciso mandar um e-mail — disse ele, já digitando.

Ela observou de cenho franzido e, quando ele terminou, falou: — Vamos combinar o seguinte. Todos os telefones na mesa, mudos, e o primeiro que vibrar paga a conta.

— Eu ia pagar mesmo.

— Tenho certeza de que vai. — Da bolsa, ela retirou seu iPhone e o novo BlackBerry fornecido pelo CEJ. Ele colocou seus dois celulares na mesa, ao lado dos dela.

— O que é isso? — perguntou ele, apontando para o BlackBerry.

— Fornecido pelo estado. Seu predecessor foi aquele roubado do carro.

— Nenhum sinal dele?

— Nada. Nosso pessoal de tecnologia disse que não tem como invadir. Acho que estamos seguros. - Ela pôs a mão no bolso da frente da calça e disse: — Ah, eu quase esqueci. — Retirou o celular descartável pré pago que Myers tinha dado a ela.

— Você tem três telefones? — perguntou Gunther.

— Esse, na verdade, não conta — disse ela, colocando o descartável enfileirado com os outros. — É o que Myers usa. Acho que ele usa vários todo mês.

— Cara inteligente. Quando foi a última vez que você falou com ele?

— Algumas semanas atrás. No dia em que ele me deu esse telefone.

Uma asiática exótica apareceu para anotar os pedidos. Gunther pediu chá e estimulou Lacy a pedir uma taça de vinho. Este era um ritual pelo qual eles já haviam passado umas cem vezes. Ela não faria nada para tentá-lo, mas ele tinha orgulho de estar além da tentação. De mais a mais, ele nunca foi de beber vinho. Leve demais, civilizado demais. Lacy pediu uma taça de Chablis. Eles decidiram por uma porção de rolinhos primavera crocantes de entrada. Quando as bebidas chegaram e eles estavam comparando suas últimas conversas com a mãe, Ann, um dos telefones fez um barulho suave. Da impressionante coleção no meio da mesa, era o menos esperado.

Myers estava ligando. Lacy suspirou, hesitou, e disse: — Acho melhor atender essa.

— Claro. E você pode ficar com a conta também.

Lentamente, ela abriu o telefone, olhando em volta ao fazê-lo, e falou em voz baixa: — É melhor que isto seja bom.

Uma voz estranha respondeu:

— Estou tentando encontrar Lacy Stoltz.

Ela hesitou de novo, certa de que não era Greg Myers.

— Lacy sou eu. Quem fala?

— Não nos conhecemos, mas ambos conhecemos Greg. Sou o intermediário, o cara que lida com o infiltrado. Precisamos conversar.

Aquilo parecia tão equivocado, que os pulmões de Lacy ficaram petrificados, e ela achou que fosse desmaiar. Seu rosto deve ter registrado o pavor, porque Gunther estendeu o braço e pegou delicadamente em seu braço.

— Onde está Greg? — perguntou ela. Os olhos de Gunther se estreitaram de preocupação.

— Não sei. É disso que precisamos conversar. Estou na cidade, não muito longe de você. Podemos nos encontrar logo?

— Estou jantando. Eu...

— Em duas horas, então. Digamos às dez em ponto. Entre a assembleia legislativa e o antigo prédio do legislativo existe um pátio. Encontrarei você na escada da frente ali às dez.

— Qual é o nível de perigo agora, se posso perguntar?

— Agora, entre nós dois, eu diria que não há perigo imediato.

— Tudo bem, mas vou levar meu irmão, e ele gosta de brincar com armas. Ele deve levar uma, por precaução?

— Não, Lacy, estamos do mesmo lado.

— Aconteceu alguma coisa com Greg?

— Vamos falar sobre isso depois.

— Perdi o apetite. Chegarei aí em meia hora.

A região da assembleia legislativa era bem iluminada, e alguns pedestres circulavam por ali. Afinal, era noite de sábado, e todos os funcionários do estado desfrutavam do fim de semana. A figura solitária perto da escada do antigo prédio do legislativo estava vestida de bermuda, tênis e boné e não teria chamado atenção em nenhum lugar da cidade. Ele deu um último trago no cigarro, pisou na guimba e foi até eles.

— Você deve ser Lacy — disse ele, de mão estendida.

— Sou eu. Este é meu irmão, Gunther.

— Meu nome é Cooley — disse ele enquanto todos trocavam um rápido aperto de mãos. Ele assentiu e falou: — Vamos andar. — Eles caminharam aleatoriamente pelo pátio na direção do prédio da assembleia legislativa. Cooley voltou a falar. — Não sei o quanto você sabe a meu respeito; provavelmente, muito pouco.

— Eu nunca soube seu nome — disse ela. — O que está havendo? — Neste momento, ela entendeu que tinha acontecido alguma coisa com Greg; caso contrário, Cooley não apareceria, e eles não teriam aquele encontro.

Cooley falou em voz baixa enquanto eles andavam.

— Quatro dias atrás, Myers e a garota dele, Carlita, estavam fazendo mergulho em Key Largo.

— Conheci Carlita.

— Eles atracaram, e ele disse que ia ao bar encontrar-se com alguém. Ele andou pelo píer, e ela ficou no barco. Ele não voltou. Depois de algumas horas, ela começou a se preocupar. Perto do anoitecer, ela notou dois estranhos olhando para o barco dele de longe, ou assim ela pensou. O porto estava movimentado, havia muitos barcos e gente dando festa nos conveses, e os dois homens não ficaram muito tempo. Ela me ligou naquela noite, como era nosso plano de

contingência. Não preciso dizer que ela está angustiada e exasperada e não sabe o que fazer. Greg raras vezes ia em terra e, quando o fazia, ela sabia exatamente quando ele voltaria. Eles compravam mantimentos aqui e ali, mas em geral era Carlita que fazia as compras. Eles arriscavam uma ida ao cinema ou a um restaurante, mas sempre juntos. Greg era cuidadoso e planejava seus movimentos.

Eles estavam na Duval Street, afastando-se do prédio da assembleia legislativa, e pareciam ser apenas três amigos dando uma caminhada em uma noite quente.

— E os telefones, o laptop, os arquivos e registros dele? — perguntou Lacy.

— Tem algumas coisas no barco, ainda são vigiadas por ela. Para falar com franqueza, não sei o que ele tem ali. Ele não conhece a identidade do infiltrado. Ele e eu ou conversamos pessoalmente, ou por celulares descartáveis, com o cuidado de não deixar rastros. Mas ele é advogado, entendeu? Então, existe a possibilidade de ele ter anotações e registros. Por enquanto, Carlita está na dela, esperando. Esperando que ele volte, que eu diga a ela o que fazer. Não posso correr o risco de ir até lá.

— Eles podem identificar você? - perguntou Lacy.

— Quer se arriscar a saber quem são *elas*? Não, acho que não posso ser reconhecido pessoalmente, mas quem sabe? Eu não posso ir pegá-la.

— E ela não pode sair de barco? — perguntou Gunther.

— De jeito nenhum. Ela nem mesmo sabe ligar os motores e dar a ré. E para onde ela iria?

Lacy notou um banco.

— Gostaria de me sentar. — Ela e Gunther se sentaram, ele segurando sua mão, enquanto Cooley acendia outro cigarro e olhava o trânsito. Não havia nenhum outro pedestre por perto. — A história de Greg é de que ele vivia clandestino havia vários anos, que ele fez muitos inimigos quando se meteu em problemas — disse Lacy. — É possível que essa parte de seu passado o tenha alcançado?

Cooley soprou uma nuvem de fumaça.

— Duvido. Nós nos conhecemos na prisão. Antigamente, eu era advogado também, até eles me pedirem para deixar a profissão. Então, éramos só dois rapazes expulsos da Ordem dos Advogados cumprindo tempo em uma penitenciária federal no Texas. De outro prisioneiro, ouvi a história de Vonn Dubose e do cassino indígena, e, assim, quando saí, voltei para a Flórida e comecei a investigar. E uma longa história, mas eu Conheci o infiltrado, e tudo começou. Agora parece uma bela tolice. Você se machucou. Seu amigo morreu. Myers deve estar vagando na correnteza, trinta metros abaixo, com um tijolo

preso no pescoço.

— Acha que foi Dubose? — perguntou Gunther.

— Ele tem meu voto. É claro que Greg tem inimigos, mas essa história é muito antiga. E eu conheço algumas pessoas que ele delatou. Não era gente do crime organizado. É claro que eles se ferraram, mas não são do tipo que passa anos procurando por Greg para meter uma bala na cabeça dele e complicar ainda mais a própria vida. Kurbiak, o líder, ainda está cumprindo pena. Agora, Greg coloca seu nome na denúncia e ameaça o clã Dubose e, sem mais nem menos, em questão de dias, desaparece. Posso fazer uma pergunta técnica?

Lacy deu de ombros. Como queira.

— Uma denúncia formal protocolada por Myers contra a juíza McDover pode seguir adiante se o autor desaparece?

Lacy pensou por um momento.

— Não sei bem. Até onde sei, isso nunca aconteceu.

— Vocês têm certeza de que querem seguir adiante com essa história? — perguntou Gunther.

Nenhum dos dois respondeu. Cooley terminou lentamente seu cigarro e jogou a guimba despreocupadamente na calçada, um ato imprudente de sujar as ruas sobre o qual ela podia ter dito alguma coisa. Agora, porém, não era importante.

— Qual é a nossa prioridade? — perguntou ela.

— Carlita não pode ficar muito mais tempo no barco — disse Cooley. - Ela tem pouca comida e água, e a autoridade portuária a está importunando, cobrando as tarifas de ancoragem. Gostaria de resgatá-la de algum jeito e guardar as coisas dele... telefones, arquivos, qualquer coisa que precise de proteção. Mas repito: é arriscado demais. Há uma boa possibilidade de alguém estar vigiando e esperando.

— Eu posso fazer isso - disse Gunther.

— De jeito nenhum - disse Lacy, surpresa. — Você não vai se envolver nisso.

— Escute aqui, eu tenho um avião pequeno no aeroporto. Posso chegar a Key Largo em duas horas. Eles, se estiverem mesmo lá, não sabem quem eu sou. Carlita vai saber que estou chegando e estará preparada. Ela nos dirá exatamente onde o barco está. Eu vou entrar e sair antes que alguém perceba o que está acontecendo. Se eles perceberem e, de algum modo, conseguirem nos seguir até o aeroporto, não há como conseguirem correr atrás de um avião com rapidez suficiente para nos perseguir. Eu a deixarei em algum lugar pelo caminho, e ela poderá pegar um ônibus para onde quiser ir.

— E se alguém confrontar você? — perguntou Cooley.

— Ouviu a minha irmã, senhor. Gosto de armas e terei uma no bolso. De todo modo, eu não me assusto com tanta facilidade.

— Não sei não, Gunther — disse Lacy. Cooley rapidamente estava gostando da ideia. Lacy, não.

— Vamos fazer isso, está bem, maninha? Sem risco, não há recompensa. E o risco é baixo. Faço isso para ajudar a equipe e proteger você.

Geismar vetou o plano no fim da noite de sábado. Estava furioso por Gunther mais uma vez ter conseguido meter o nariz no caso McDover e repreendeu Lacy pela brecha na descrição profissional. Ela pressionou ao máximo, explicando que Cooley tinha telefonado durante o jantar dos dois, e não havia como esconder isso de seu irmão, que, como agora eles sabiam bem, tinha orelhas grandes e era muito insistente. Ela lembrou ao chefe que ele próprio tinha falado demais com Gunther enquanto os dois tomavam café no hospital e ela ainda estava em coma. Esta não era a investigação típica deles, e exigia regras diferentes.

A questão muito maior era o desaparecimento de Myers e todos os problemas espinhosos que isto acarretava. Lacy insistiu para que eles se reunissem no domingo de manhã cedo no CEJ. Geismar por fim cedeu, mas insistiu para que Gunther não estivesse presente. Assim, o irmão dela esperou no carro, gritando sem parar ao telefone com um banqueiro que ele tirou da cama.

A raiva de Geismar tinha passado durante a noite, e ele estava disposto a escutar. Lacy contou das últimas notícias que recebera de Cooley. Ele tinha falado com Carlita no início daquela manhã, e não houvera mudança nenhuma. Certamente, nenhum sinal de Myers. Ela se ocupava no barco como se estivesse tudo bem, limpando o convés, lavando janelas, tentando aparentar normalidade e, na realidade, sem fazer nada além de observar o movimento de todos a vista. Estava arrasada, apavorada, empacada e pronta para ir para casa, em Tampa, mas não tinha dinheiro, nem plano nenhum. Examinou os papéis de Myers, só que não sabia o que era importante. Havia uma caixa com “suas coisas de advogado” embaixo da cama, mas ele guardava a maioria de “seus papéis” em algum lugar em Myrtle Beach. Também havia dois telefones e um laptop. Cooley prometeu que a ajuda estava a caminho, mas só disse isso para mantê-la calma.

Lacy argumentou que eles tinham a obrigação de resgatá-la, se isto pudesse ser feito sem grandes riscos. Evidentemente, a situação dela era um resultado direto da investigação do CEJ. No momento, não havia mais ninguém em condições de ajudá-la. Ela estava de posse de registros, telefones e um laptop que podiam ser perigosos. Gunther certamente era um descontrolado, mas estava disposto a usar o avião do próprio bolso para ir e voltar. Caso contrário, só a viagem de ida seria de pelo menos dez horas. O tempo era fundamental.

Mais uma vez, Lacy falou: — Michael, não vou aceitar um não como resposta.

— Por que ela não pode ligar para a polícia e dar queixa de seu desaparecimento? — argumentou ele. — Eles que cuidem disso. Ela pode sair do barco com o que quiser levar e ir para casa. Se foi cometido um crime ali, a polícia precisa saber disso.

— Cooley falou nisso, e ela ficou apavorada. Não sei bem por quê, mas não sabemos tudo a respeito de Myers e seu barco. Talvez ela não queira a polícia xeretando. Talvez ela não tenha documentos.

— Diga a ela para destruir os arquivos, qualquer coisa que pareça suspeita, que fique com o telefone que está usando e jogue o outro no mar, junto com o laptop.

— Isto parece ótimo e eficiente sentado aqui em sua sala, Michael, mas não sabemos o que ela sabe. E você pode estar pedindo a ela para destruir provas. De qualquer modo, ela não vai fazer isso. Está morta de medo e não sabe o que fazer. Precisamos ajudar.

— Se ela for embora, o que vai acontecer com o barco?

— E quem se importa? A polícia por fim será chamada, segundo creio. A certa altura, eles vão decidir que há um desaparecido envolvido e farão o que precisarem fazer. Já temos problemas suficientes por aqui.

— Você não vai, Lacy. Não vou arriscar a sua vida de novo.

— Tudo bem, então Gunther pode cuidar disso sozinho. Ele pode pegar Carlita e retirá-la do barco.

— Você confia realmente nele?

— Sim. Em determinadas situações, ele pode ser muito confiável.

Michael claramente estava perturbado. Outra baixa. Talvez Myers tenha deixado algo crítico para trás. O CEJ não tinha experiência nessas questões. Onde estava a polícia de verdade? Ele tomou um gole do café no copo de papel e falou:

— Sabe de uma coisa, Lacy, se Dubose estiver por trás disso, então eles sabem que a denúncia contra McDover foi assinada por um cara que foi neutralizado. Fim de jogo, Lacy. Não podemos continuar sem o autor da denúncia.

— Vamos nos preocupar com isso amanhã, por favor. No momento, precisamos pegar Carlita e qualquer coisa que Myers tenha deixado.

— Acabou, Lacy.

— Não, não acabou, e não vou aceitar um não como resposta.

— Você já disse isso.

— Tenho uma ideia, Michael. Você e Gunther vão para Key Largo juntos e pegam Carlita. O tempo está perfeito. Ele disse que o avião comporta quatro passageiros. Uma viagem tranquila.

— Não gosto de aviões pequenos.

— Também não gosta dos grandes. Ânimo, Michael. Você estará de volta antes de que se dê conta. Não estamos infringindo nenhuma lei. Só uma rápida viagem de avião até lá, para buscá-la, deixá-la em algum lugar, e você voltará para casa.

— E fico preso com Gunther por quatro horas em um avião pequeno?

— Eu sei, eu sei, mas você sabe que é importante.

— Por que ter esse trabalho, Lacy? Este processo está prestes a ser encerrado.

— Não se o FBI se envolver. Quando eles descobrirem que uma testemunha-chave desapareceu, talvez mudem de ideia.

— Parece bem desesperado.

— É porque estamos desesperados.

Michael respirou fundo e meneou a cabeça, frustrado.

— Não posso ir. Vamos dar uma festinha para minha sogra esta tarde. Ela faz 90 anos.

— Então, eu vou. Juro que chegarei a salvo. Olha, é só uma pequena viagem de avião num lindo domingo. É meu dia de folga. Se eu quiser viajar de avião, quem pode me impedir?

— Vou autorizar sua ida com uma condição: você não pode chegar perto do barco. Se houver alguém vigiando, esse alguém pode reconhecê-la. Ninguém conhece Gunther, mas não se pode dizer isso de você. Cuide para tomar posse dos documentos, telefones e do laptop de Myers. Ela te conhece e vai confiar em você mais do que em seu irmão. Quem não confiaria? De qualquer modo, deixe-a pelo caminho, dê-lhe algum dinheiro para pegar um táxi ou ônibus e cuide para que ela entenda que não deve falar com ninguém.

Lacy já se dirigia à porta.

— Entendi, Michael.

Uma hora depois, eles decolaram do aeroporto de Tallahassee no Beech Baron. Gunther, aproveitando o momento e emocionado com a aventura, sentou-se no banco esquerdo e pilotou o avião. Lacy, com fones de ouvido, estava sentada ao lado dele e cativada com a conversa entre os controladores de voo. Eles foram para o sul e logo sobrevoavam o golfo. A quase três mil metros, nivelaram o avião e chegaram a velocidade máxima de 370 quilômetros por hora. O ruído dos motores de pistão diminuiu um pouco, embora a cabine fosse muito mais barulhenta do que ela pensara.

Depois de duas horas, eles começaram a descer, e Lacy olhou a vista do mar e das ilhas. Pousaram às 11h40. Gunther tinha telefonado antecipadamente

pedindo um carro de cortesia a aviação geral. Ele dirigiu, e Lacy ficou encarregada de descobrir o caminho usando um mapa turístico. Cooley ainda estava em algum lugar por Tallahassee e falava com Carlita. À medida que se aproximavam da marina de Key Largo, Cooley deu a Gunther o número dela para facilitar a busca. O porto estava movimentado, com marinheiros partindo para o mar e pescadores chegando com suas pescas matinais. Um barco de mergulho tinha acabado de atracar, e uma dezena de mergulhadores descarregava seu equipamento. Lacy ficou no carro e observou tudo enquanto Gunther andava pelas docas, matando tempo e admirando barcos. Carlita saiu do *Conspirator* e conseguiu sorrir como se estivesse tudo bem. Tinha três bolsas: uma mochila, uma bolsa de náilon cheia do que parecia ser roupa e a bolsa carteiro verde-oliva de Myers. Gunther pegou duas delas, e eles andaram despreocupadamente de volta ao estacionamento. No carro, Lacy correu os olhos por toda a marina e não viu ninguém que parecesse estar vigiando. Carlita ficou emocionada ao vê-la, um rosto conhecido.

Gunther, sempre rápido com uma opinião, acreditava que, depois de cinco dias sem contato nenhum, as pessoas responsáveis pelo desaparecimento de Myers tinham sumido havia muito tempo. Se quisessem falar com Carlita ou vasculhar o barco, a essa altura já teriam tomado uma atitude. Uma hora depois de sair do aeroporto, eles voltaram a aviação geral, embarcaram rapidamente no Baron e decolaram às 13h15. Lacy ligou para Geismar, mas ele não atendeu. Devia estar festejando com a sogra. Ela mandou uma mensagem de texto dizendo que a missão estava cumprida.

Lacy e Carlita estavam sentadas na traseira da cabine, bem próximas. Depois da decolagem, Carlita começou a chorar. Lacy segurou sua mão e lhe garantiu que agora ela estava a salvo. Carlita queria saber se Lacy teve alguma notícia de Myers. Não, não houve uma palavra. Absolutamente nada. O que ia acontecer com o barco? Lacy disse que não sabia. O plano era notificar as autoridades de que Greg Myers estava desaparecido e deixar que eles cuidassem do assunto. Ela interrogou Carlita sobre o barco: havia quanto tempo ela morava ali? Onde Myers o comprou, ou alugou? Ele era seu proprietário, ou havia um banco envolvido? Mais alguém já os visitou no barco?

Ela sabia muito pouco. Estava morando nele havia um ano, mas não sabia nada sobre de onde ele vinha. Myers, disse ela, não falava de seus negócios. De vez em quando, ele ia a terra firme para se encontrar com alguém, mas sempre voltava uma hora depois. Era extremamente cuidadoso e temeroso. Não cometia erros. Quando ele desapareceu, tinha ido à marina para tomar um drinque, nada mais. Não tinha saído para se encontrar com alguém. Simplesmente sumiu.

Quando eles nivelaram o avião e Key Largo ficou bem para trás, Carlita

parou de chorar e ficou em silêncio. Lacy perguntou se eles podiam ficar com a bolsa carteira e a mochila. Carlita disse que sim, claro, ela não queria nenhuma papelada dele. Disse que Myers tinha cuidado com o que deixava no barco porque podia ser procurado, ou pelos bandidos, ou pelas autoridades. Usando o correio, e nunca os serviços de entrega expressa, ele mandou muita papelada ao irmão em Myrtle Beach. Ela não sabia o que ele havia deixado no barco, mas tinha certeza de que não era importante.

Uma hora depois, eles aterrissaram em Sarasota. Gunther tinha pedido um táxi antecipadamente, e Lacy deu a Carlita dinheiro suficiente para ela chegar a sua casa em Tampa. Lacy também lhe agradeceu, abraçou-a e se despediu, sabendo que nunca mais a veria.

De volta ao ar, com Gunther ocupado na pilotagem, Lacy abriu a bolsa carteira. Pegou o laptop fino de Myers e o ligou, mas empacou na senha. Encontrou o celular pré pago e algumas pastas. Uma delas continha o registro do barco, em nome de uma empresa nas Bahamas, junto com garantias, procedimentos de operação e uma pilha grossa de documentos em letras miúdas sobre o seguro. Outra pasta estava recheada de antigos casos envolvendo juízes corruptos. Lacy não encontrou uma só palavra a respeito de McDover, os Tappacolas, Cooley, o infiltrado, ou dela mesma. A mochila estava igualmente limpa; nada além de pesquisa antiga e recortes de jornal sobre Ramsey Mix, também conhecido como Greg Myers. Evidentemente, ele guardava o material atual em algum lugar em terra, pelo menos o material escrito. Ela suspeitava de que o laptop estivesse carregado de provas que podiam ser arrasadoras nas mãos erradas.

Quando eles pousaram em Tallahassee, era esperança de Lacy que Gunther simplesmente ficasse no avião e continuasse a viagem a Atlanta. Pelo visto, isso nunca passou pela cabeça dele. Enquanto eles iam de carro para a casa dela, ficou evidente que Gunther agora se considerava um membro ativo da equipe de investigação do CEJ. Ele pretendia permanecer mais alguns dias, para ficar de olho na irmã.

Lacy telefonou novamente para Geismar, fazendo uma atualização completa. Eles concordaram em se reunir na segunda de manhã cedo. No final da tarde, enquanto Gunther andava pela varanda telefonando para um sócio, advogado, contador, ou banqueiro depois de outro, Lacy estava respondendo a e-mails quando recebeu uma surpresa de Allie Pacheco. Seu texto dizia simplesmente: “Tem tempo para um drinque? ”

Ela respondeu: “Extraoficialmente, depois do expediente, sem falar em negócios? ”

Ele respondeu: “É claro. ”

Mas o que Lacy tinha em mente eram exatamente os negócios. Ela o convidou a sua casa, avisou a ele que seu irmão estava ali e que não haveria muita privacidade.

Pacheco chegou de bermuda e uma camisa polo às sete e meia. Lacy lhe serviu uma cerveja e o apresentou a Gunther, que queria interrogá-lo. O status não oficial do pequeno encontro durou cerca de cinco minutos, até Gunther soltar:

— Precisamos falar de Myers.

Pacheco baixou o copo, olhou para Lacy e perguntou:

— Tudo bem, o que há com Myers?

— Está desaparecido há cinco dias — disse ela. — Ali, no balcão, está o laptop dele. Retiramos de seu barco esta manhã em Key Largo.

— É uma longa história - disse Gunther.

Pacheco olhou os dois. Levantou as mãos, mostrando as palmas, e falou:

— Isto está fora dos limites, OK? Mas me contem tudo o que puderem, e depois vou decidir o que fazer com isso.

Gunther ficou num silêncio extraordinário enquanto Lacy contava a história.

Bebendo a segunda cerveja, Pacheco por fim falou:

— O barco precisa ser lacrado, e, para isso, a polícia tem de ser notificada. Este não é um problema para o FBI, pelo menos ainda não, então, não podemos fazer isso.

— Mas você pode notificar a polícia, não é? — perguntou Lacy. - Prefiro não dar o telefonema, porque eu teria de responder a um monte de perguntas. Prefiro não ter meu nome ligado a um caso de desaparecimento.

— Você já está ligada a ele porque tem o laptop e os arquivos dele.

— Mas eles não têm nada a ver com o desaparecimento de Myers.

— Você não sabe disso. Não sabe o que tem no laptop. Pode haver um rastro ali, alguma referência a algum encontro com alguém no dia em que ele sumiu.

— Ótimo — disse Gunther. — Entregaremos a você tudo, e você entrega a polícia. Eles vão levar as coisas mais a sério se forem notificados pelo FBI.

— Talvez isto funcione — disse Pacheco. — Existe alguma possibilidade de Myers simplesmente ter ido embora? Em vista de seu passado, e do presente, isso não é inteiramente implausível.

— Claro, eu pensei nisso — disse Lacy. — Talvez algo o tenha assustado. Talvez ele estivesse cansado do barco, ou da mulher, ou as duas coisas, e decidiu sumir. Pelo menos, ele estava pensando em retirar a denúncia. Quando veio a minha casa, propôs retirar e se afastar. Lamentou por Hugo, ele se culpava e comentou que jamais deveria ter começado tudo isso. Ele pode ter descartado os

registros, apagado o computador e dado no pé.

— Você não acredita nisso — disse Gunther.

— Não, não acredito. Tive uma conversa com Cooley, e ele nunca vai se convencer de que Myers fugiria e se esconderia de novo. Myers precisa do dinheiro. Ele é um ex-presidiário de 60 anos, sem muito futuro. Estava contando com a sorte nesta denúncia de ilícitos. Ele conhecia a lei por dentro e por fora e já estava contando seu dinheiro. Acreditava que McDover e Dubose roubaram dezenas de milhões e que grande parte do dinheiro podia ser recuperada. Não sei como ele pagou pelo barco, mas tinha muito orgulho dele. Adorava ir de uma ilha a outra e ficar passeando por elas. Era um cara feliz, prestes a ficar rico. Então, não, não acho que ele tenha ido embora.

— Bom, o desaparecimento já tem cinco dias, e a investigação ainda nem começou — disse Pacheco. — Isto cria um rastro pavorosamente frio.

— E não há nada que o FBI possa fazer? — perguntou Gunther.

— Na verdade, não. Os agentes da lei locais precisam entrar primeiro. Se há um sequestro ou coisa parecida, eles podem nos procurar. Mas duvido disso. Para falar com franqueza, eu diria que as chances de encontrar Myers vivo são muito remotas.

— Mais um motivo para ir atrás de Dubose — disse Lacy.

— Concorde, mas não sou eu quem toma essa decisão.

— De quantos outros mortos vocês precisam? — perguntou Gunther.

— Repito, a decisão não é minha. Lacy pode lhe dizer que eu teria entrado nessa uma semana atrás. — Gunther saiu intempestivamente da sala e voltou a varanda.

— Desculpe-me - disse Lacy.

Pacheco tinha entrado na casa dela pensando em tomar um drinque agradável com uma mulher bonita. Saiu com a bolsa carteiro e a mochila de Myers sem ter a menor ideia do que iria fazer.

Lacy acordou cedo na manhã de segunda-feira com um novo plano para se livrar do irmão. Seria preciso uma ida ao corredor da morte, uma ideia que ele não receberia muito bem. E ela iria sozinha, porque as regras do CEJ simplesmente não poderiam ser quebradas a ponto de permitir que ele a acompanhasse. Ela ensaiou sua história enquanto preparava o café. Ficou agradavelmente surpresa quando ele apareceu de banho recém-tomado e vestido. O que não a surpreendeu foi que um dos negócios dele estava indo para o ralo, e ele comunicou a irmã que precisava voltar para casa. Na verdade, ele nem teve tempo suficiente para devorar uma fatia de torrada antes de sair apressado pela porta e para o carro dela. No aeroporto, ela agradeceu novamente e o fez prometer que voltaria. Enquanto o Beech decolava, ela sorriu, respirou fundo e ficou grata por não estar nele.

No trabalho, ela se reuniu com Michael e descreveu em pormenores a viagem a Key Largo. Detalhou o conteúdo da bolsa carteiro e da mochila de Myers e explicou que ambas, junto com seu laptop, estavam de posse do FBI.

— Você se reuniu com o FBI? — perguntou Michael, irritado.

- Pacheco tem uma queda por mim e passou em minha casa ontem para tomar um drinque. Uma coisa levou a outra e, com a ajuda ansiosa de Gunther, acabamos discutindo Myers. Pacheco concordou em entrar em contato com a polícia e denunciar seu desaparecimento. Ele achou melhor que o FBI ficasse de posse das coisas do barco.

— Por favor, me diga que seu irmão saiu da cidade.

— Ele já foi, esta manhã.

— Graças a Deus. Por favor, Lacy, me diga que ele consegue ficar de boca fechada.

— Não se preocupe. Ninguém em Atlanta se interessa e, além disso, ele sempre vai fazer o que for melhor para mim. Relaxe.

— Relaxar? Este é o maior caso de nossa história e está desmoronando para todo lado. Acho que você não teve notícias de Killebrew.

— Não, e não espero ter. Eles ainda têm dezoito dias para responder, e sei que vão fingir frieza até o último minuto. Qualquer movimentação da parte deles seria prematura e poderia entregar o jogo que eles estão fazendo. Eles são espertos demais para entrar em contato conosco agora. A intimação foi entregue na última sexta-feira, e sei que eles estão ruminando.

- E nós só podemos esperar.
- Não posso ficar sentada, Michael. Vou ver Junior Mace no corredor da morte. Só quero que você saiba de meu paradeiro.
- Não sabia que você representava Junior Mace.
- E claro que não represento, mas prometi fazer uma visita. Os advogados dele de Washington vão se reunir com ele esta tarde. Salzman, o advogado principal, convidou-me para a reunião. Junior não se importa. Ele gosta de mim.
- Não chegue perto demais.
- Salzman está confiante em que a execução será adiada. Se o informante aparecer e refizer seu depoimento, Salzman acha que eles podem impedir a execução e talvez até conseguir um novo julgamento.
- Um novo julgamento depois de quê, quinze anos?
- Algo assim.
- E onde, exatamente, você entra nisso?
- Eu não disse que entro. Digamos apenas que não quero ficar sentada no escritório o dia todo. Além do mais, a condenação injusta de Junior Mace faz parte da grande conspiração. Se for retirada, novas provas podem ser descobertas. Se supusermos que o rastro leva a Dubose, então as coisas podem se desenrolar. É importante para nós monitorar o caso dele.
- Mas tenha cuidado, por favor.
- O corredor da morte é um lugar muito seguro, Michael.
- Se você diz.

Lacy fechou a porta de seu escritório e pegou uma pasta grossa, repleta dos memorandos de Sadelle. Retirou um da pilha e leu novamente. Intitulado “Os Assassinatos de Son Razko e Eileen Mace”, o documento dizia:

Junior e Eileen Mace moravam com os três filhos em uma casa de madeira na Tinley Road, a cerca de três quilômetros da reserva Tappacola. (Na época, aproximadamente metade dos Tappacolas morava em terras da tribo, com muitos outros espalhados por perto. Cerca de 80% moravam em Brunswick, mas alguns viviam mais longe, em Jacksonville.) Na tarde do dia 17 de janeiro de 1995, enquanto os três filhos estavam na escola, Son Razko fez uma visita a casa dos Mace. Razko e Junior Mace eram amigos e tinham liderado a oposição ao cassino. Junior estava dirigindo um caminhão para uma empresa de Moreville, na Flórida, e estava no trabalho. Se Son e Eileen tinham um caso amoroso, então o objetivo de sua visita era evidente. Se não, nunca se soube o que motivou a visita. De qualquer modo, eles

foram encontrados despidos e mortos no quarto pelo filho mais velho de Eileen quando ele voltou da escola, por volta das quatro da tarde.

Um médico legista, em depoimento para o estado, estimou a hora da morte entre duas e três da tarde.

Sabia-se que Junior gostava de bebida, e, depois de fazer suas entregas, ele voltou ao armazém em Moreville, entrou em sua picape e passou em um bar. Tomou umas cervejas e jogou dardos com um homem que nunca foi identificado. Por volta das 18h30, foi encontrado no estacionamento, perto da picape, inconsciente e supostamente bêbado. A arma usada nos dois homicídios foi um revólver de cano curto Smith and Wesson calibre 38, sem registro. Foi encontrada embaixo do banco da picape de Junior, junto com uma carteira pertencente a Son. Mace foi levado ao hospital em Moreville. A polícia, agindo com base em uma informação anônima, foi ao hospital e deu a notícia sobre sua mulher e Son. Ele passou a noite no hospital antes de ser transferido para a cadeia. Foi acusado dos dois homicídios e não teve permissão para comparecer ao funeral da mulher. Ele sustentou sua inocência, mas ninguém lhe deu ouvidos.

Em seu julgamento, que foi transferido pela juíza Claudia McDover do condado de Brunswick para Panama City, Mace apresentou como álibi duas testemunhas que trabalhavam para as empresas em que ele havia feito entregas naquela tarde. A primeira testemunha o colocou a cerca de cinquenta quilômetros da cena do crime entre as catorze e quinze horas. A segunda testemunha o colocou a uns vinte quilômetros. A julgar pela transcrição do julgamento, nenhuma das testemunhas foi particularmente eficaz, e o promotor argumentou que Junior poderia ter feito as duas entregas e ainda ter tempo para passar em casa entre duas e três horas. Nunca ficou claro como ele pôde ter estacionado seu caminhão-baú, entrado na picape, dirigido para casa, matado duas pessoas, depois trocado de veículos novamente.

O estado se baseou em grande parte no depoimento de dois informantes do presídio - Todd Short e Digger Robles. Ambos disseram que dividiram uma cela com Junior em ocasiões diferentes, e que ele se vangloriava abertamente de ter apanhado a mulher na cama com outro homem e baleado os dois. Em

depoimentos que foram extraordinariamente semelhantes, eles disseram ao júri que Junior tinha orgulho do que havia feito, não tinha remorsos e não conseguia entender por que estava sendo processado. (Segundo rumores do povo local, os dois informantes teriam desaparecido da região pouco depois do julgamento.)

A presença da carteira de Son na picafe de Junior foi fundamental. Pelas leis da Flórida, um caso de pena capital deve incluir homicídio, evidentemente, mas também outro crime — estupro, roubo, sequestro e assim por diante. Portanto, o fato de Junior ter roubado a carteira elevava o caso de homicídio simples para homicídio qualificado com pena de morte.

A presença da arma na picafe de Junior foi fatal para a sua defesa. Peritos em balística do estado testemunharam não haver dúvida de que as balas retiradas dos corpos foram disparadas pelo revólver calibre 38.

Contrariando os conselhos dos seus advogados (o advogado de defesa de Junior era um novato nomeado pelo tribunal que lidava pela primeira vez com um caso de pena capital), Junior depôs em sua própria defesa. Negou com veemência o envolvimento nas mortes de sua mulher e do amigo. Alegou que estava sendo enquadrado em retaliação por sua oposição ao cassino. Disse que alguém batizou sua cerveja no bar, que ele bebeu apenas três, depois desmaiou e não se lembra de ter saído do bar. O barman disse em depoimento que ele bebeu pelo menos três cervejas e que ele, o barman, ajudou Junior a entrar na picafe e o deixou ali.

No banco das testemunhas, pela transcrição do julgamento, parece que Junior se comportou com dignidade, embora o interrogatório tenha sido extenso.

Com a arma, a carteira, dois informantes, uma defesa que dependia de duas testemunhas fracas como álibi e um réu que aparentemente estava bêbado e não se lembrava de muita coisa, o júri teve o bastante para uma condenação. Durante a fase de sentença de pronúncia, o advogado de Junior ligou para seu irmão Wilton e para um primo, e ambos declararam que Junior era um marido e pai dedicado, não era de beber muito, não possuía uma arma e não havia disparado um só tiro em anos.

O júri voltou com os vereditos para as duas mortes.

Durante todo o julgamento de oito dias, a juíza McDover, que

presidia seu primeiro julgamento de homicídio qualificado, beneficiou a Promotoria em praticamente todas as questões. Apenas quando concordou com a transferência de foro, ela demonstrou alguma preocupação com os direitos de Mace. Deu muita liberdade às testemunhas de acusação e continuamente indeferia as objeções da defesa. Com as testemunhas da defesa, ela aprovou quase todas as objeções da Promotoria. O modo como conduziu o julgamento foi repetidamente atacado no recurso, e algumas preocupações foram observadas em várias decisões recursais. Porém, os tribunais continuamente mantiveram as condenações.

Durante as duas horas e meia de carro até a prisão, os pensamentos de Lacy estavam em Hugo. Menos de dois meses antes, eles fizeram essa mesma viagem juntos, ambos sofrendo de privação de sono e devorando café para continuar acordados. Eles conversaram sobre sua desconfiança de Greg Myers e a relutância em aceitar a teoria dele de uma grande conspiração. Admitiram a sensação de perigo que tinham.

Eles foram muito ingênuos.

Ela entrou no condado de Bradford e seguiu as placas até Starke e, depois, até a penitenciária. Levou meia hora para seguir até a Ala Q. Era meio-dia de segunda-feira, e não havia nenhum outro advogado ali. Ela esperou em uma pequena sala de reuniões por quinze minutos até Junior aparecer algemado. Seus guardas abriram as algemas, e ele se sentou do outro lado da parede de plástico. Ele pegou seu fone, sorriu e falou:

— Obrigado por vir.

— Olá, Junior. É bom te ver de novo.

— Você está ótima, Lacy, apesar do que aconteceu. Acredito que seus ferimentos estejam se curando.

— Bom, meu cabelo está crescendo, e é só isso que importa.

Ele riu. Estava mais animado, mais ansioso para falar. Lacy imaginou que ele aguardava a chegada de seus advogados de Washington com muita expectativa. Pela primeira vez em muitos anos, havia esperanças.

— Lamento por seu amigo Hugo - disse ele. - Eu gostava dele.

— Obrigada. — Ela, na verdade, não queria falar de Hugo, mas, com muito tempo disponível, eles podiam conversar sobre qualquer coisa. Ela disse que a família dele estava tentando superar a dor, mas os dias eram longos e difíceis. Ele quis saber sobre o acidente, como e quando aconteceu, e o que se soube desde então. Duvidou que de fato fosse um acidente, e ela lhe garantiu que não

foi. Ele ficou curioso para saber por que ninguém “de fora” tinha se intrometido para investigar a morte de Hugo. Tendo cuidado com o que dizia, ela explicou que, com sorte, as coisas andariam neste sentido. Eles conversaram sobre Wilton, Todd Short, os advogados de Washington, e um pouco sobre a vida no corredor da morte.

Depois de uma pausa longa, uma entre muitas, ele falou:

— Tive uma visita ontem que eu não esperava de jeito nenhum.

— Quem foi?

— Um homem chamado Lyman Gritt. Já ouviu falar dele?

— Sim; na verdade, nos conhecemos, mas eu não me lembro. Soube que ele estava na equipe de resgate que trabalhou no acidente e me

levou ao hospital. Passei em sua sala para cumprimentá-lo e agradecer, mas parece que ele foi substituído. O fato de isso acontecer logo agora me parece suspeito.

Junior sorriu e se curvou para mais perto.

— Tudo é suspeito, Lacy. As rodas estão girando, e é melhor você ter cuidado.

Ela deu de ombros. Continue falando.

— Gritt é um bom homem — disse ele. — Ele foi a favor do cassino, e assim, muito tempo atrás, ficamos em lados contrários. Mas temos uma história. Meu pai e o tio dele foram criados juntos em uma cabana perto da reserva. Eram como irmãos. Não posso dizer que as famílias sejam próximas agora, porque brigamos por causa do cassino. Mas Gritt tem consciência e sabe da corrupção. Jamais gostou do cacique da tribo; agora, ele o despreza, assim como a família. O filho do cacique agora é chefe de polícia, e qualquer investigação sobre seu acidente não vai dar em nada. Tudo está sendo acobertado, como sei que você deve suspeitar disso. Mas Gritt sabe a verdade e acha que tem como provar. Por isso ele quer falar com você.

— Comigo?

— Isso mesmo. Ele acha que pode confiar em você. Ele não confia no pessoal de Brunswick, nem que eles se envolveriam. Como você deve ter sabido, nossa tribo é cautelosa com estranhos, em particular aqueles que têm distintivos. Mas Gritt tem provas.

— Que tipo de provas?

— Ele não disse, nem diria. Sabemos que essas paredes ouvem demais, então, tivemos cautela. Você precisa entender, Lacy, que Gritt está sendo ameaçado. Ele tem mulher e três filhos, e o cacique da tribo e seus cupinchas podem ser muito intimidadores. A tribo toda vive debaixo de uma nuvem de medo e as pessoas não falam. Além disso, com o cassino, a vida hoje é melhor;

então, por que criar problemas?

Lacy tinha sérias dúvidas a respeito de autoridades prisionais ouvindo conversas entre advogados e seus clientes no corredor da morte, mas percebeu que a reunião com Gritt deve ter acontecido em outra parte da Ala Q. Gritt não era advogado.

- O que o faz pensar que pode confiar em mim? Nós não nos conhecemos.

- Porque você não é policial, e é a primeira pessoa a colocar os pés na reserva e fazer perguntas. Você e o Sr. Hatch.

- Tudo bem. Como vou me encontrar com Gritt?

- Wilton vai intermediar isso.

- E quem toma a iniciativa?

- Gritt e eu combinamos que vou entrar em contato com Wilton e ele vai organizar as coisas. Isto é, se você estiver disposta a conversar com ele.

- É claro que estou disposta a conversar.

- Então, darei o recado a Wilton. Não preciso dizer, Lacy, que isto precisa ser tratado com a maior delicadeza possível. Todo mundo está com medo. Eles estão vigiando Gritt, e provavelmente Wilton também.

- Será que eles sabem, quem quer que eles sejam, que Todd Short voltou a cidade?

- Acho que não. Meus advogados se reuniram com Short esta manhã, em algum lugar longe da reserva. Se ele cumprir a promessa de se retratar e dar outro depoimento, logo todo mundo vai saber. A essa altura, ele será um homem marcado.

- Eles não podem continuar matando gente, Junior.

- Eles mataram seu colega, o Sr. Hatch. E Son e Eileen. E provavelmente cuidaram de Digger Robles, outro informante, que descanse em paz.

Para não falar de Greg Myers.

Ele continuou.

— E eles estão inteiramente dispostos a deixar que o estado da Flórida me mate. Eles não vão parar por nada, Lacy. Nunca se esqueça disso.

— E como posso me esquecer?

Salzman e um associado de nome Fuller chegaram pouco depois da uma hora da tarde. Estavam com roupas informais, calça cáqui e mocassim, uma grande diferença do mundo preto e de risca de giz da advocacia de Washington. Sua firma tinha mil advogados em todos os principais continentes. Os esforços *pro bono* da firma em prol de assassinos condenados eram louváveis, até impressionantes. Lacy havia lido sobre a firma na internet e ficou assombrada com o efetivo humano que eles jogavam numa briga contra a pena de morte.

A reunião deles com Todd Short correu de forma encantadora. O informante dera o depoimento em um vídeo de duas horas em que confessou ter sido recrutado pela polícia e pelo promotor para trocar um depoimento falso por leniência e dinheiro. Eles o acharam digno de crédito e com um remorso verdadeiro. Junior para sempre detestaria o sujeito que o mandou para o corredor da morte, mas ficou emocionado com sua mudança de atitude.

Salzman explicou que eles entrariam de imediato com um pedido de liminar no tribunal do estado e buscariam uma suspensão da execução. Depois que isto fosse providenciado, eles enfrentariam o procurador-geral da Flórida e, se necessário, recorreriam a Justiça Federal. A enxurrada de possíveis litígios era desconcertante, pelo menos para Lacy, mas Salzman já passara por isso muitas vezes. Era um especialista veterano no mundo do *habeas corpus*, e transmitia uma confiança contagiante. Seu objetivo era um novo julgamento, a ser realizado bem longe do interesse pessoal e intervencionista de Claudia McDover.

O celular descartável que Lacy mantinha no bolso vibrou na terça-feira de manhã cedo. Cooley ligava para saber das coisas, pelo menos para informá-la de que não tivera notícia de Greg Myers. Nenhuma surpresa. Ele também disse que havia lhe mandado pelo correio outro telefone pré pago, que deveria chegar no final da manhã. Quando ela o recebesse, deveria destruir aquele que usava agora.

No almoço, ela se encontrou com Allie Pacheco em uma lanchonete perto da assembleia legislativa. Tomando uma tigela de sopa, ele contou que a polícia de Key Largo tinha apreendido o *Conspirator*, e o barco agora estava em segurança, lacrado. Ele se reuniria com eles dali a um dia ou dois e entregaria o laptop, a bolsa carteiro e a mochila. A investigação era deles, e não de Pacheco, mas o FBI prometia plena cooperação. A polícia interrogava os frequentadores da marina, mas, até agora, não havia descoberto ninguém que tivesse visto algo fora do comum. Sem nenhuma foto e apenas com uma descrição genérica do desaparecido, para não falar de um rastro frio por onde começar, encontrá-lo parecia praticamente impossível.

Depois de alguns minutos de conversa profissional, Pacheco disse: — Esta sopa é boa, mas que tal um jantar?

— Em que pé estamos profissionalmente? — perguntou ela.

— Ah, acho que em terreno sólido — disse ele com um sorriso. - Certamente estamos na mesma equipe. Do ponto de vista ético, eu não devia dar em cima das gatas que trabalham para o FBI, então, podemos continuar.

— Gatas?

— É só uma figura de linguagem. Não foi por mal. Tenho 34 anos. Acho que você está na mesma faixa etária. Ambos somos solteiros e, para falar com franqueza, é uma alegria conhecer uma mulher bonita na vida real, e não em um site de encontros. Já fez essas coisas na internet?

— Duas vezes, e ambas foram um desastre.

— Ah, eu podia te contar umas histórias, mas não vou te chatear. E o jantar?

Se ela dissesse sim, só o faria porque ele era bonito e simpático, embora meio presunçoso, mas ela jamais conhecera um jovem agente do FBI que não transbordasse confiança. Ela não diria sim só porque o CEJ estava desesperado por ajuda.

— Quando? — perguntou ela.

— Não sei. Esta noite?

— E se, a certa altura, o FBI se envolver em minha pequena conspiração? Isso deixaria seu chefe pouco a vontade?

— Você conheceu Luna. Ele está sempre pouco a vontade, prefere assim. Mas não, não vejo conflito. Repito, estaríamos trabalhando do mesmo lado. Além disso, você já nos contou tudo. Não existem segredos, não é?

— Existem muitos segredos. Eu só não os conheço ainda.

— E eu não perguntaria. E o seu chefe?

— Dá para manobrar.

— Foi o que pensei. Eu tive a impressão de que, quando você está na sala, é você quem manda. Jantar, uma boa garrafa de vinho, ora essa, quem sabe algumas velas? Pego você às sete, supondo que seu irmão não esteja lá, é claro.

-Ele não está.

— Ótimo. Que figura.

— Gunther é muito protetor com a irmãzinha caçula.

— Eu até compreendo. Às sete?

— Sete e meia. E escolha um lugar bom, mas não requintado demais.

Esqueça as velas. Trabalhamos para o governo e vamos rachar a conta.

— Combinado.

*

Ele a buscou em um SUV último modelo, que fora lavado, polido e aspirado recentemente para a ocasião. Nos primeiros cinco minutos, eles conversaram sobre carros. Lacy já se cansara do carro alugado que dirigia e estava pronta para um novo automóvel. Ela adorava seu antigo híbrido, mas o acidente a fez pensar em um automóvel mais sólido. Eles iam para o sul, longe do Centro.

— Gosta da culinária *cajun*? — perguntou ele.

— Adoro.

— Já esteve no Johnny Ray's?

— Não, mas ouvi dizer que é ótimo.

— Vamos experimentar.

Ela gostou do SUV, mas achou que o modelo era meio masculino. Ficou curiosa sobre seu preço. Com alguma pesquisa rápida, soube que o salário inicial atual de um agente especial era de 52 mil dólares anuais. Allie trabalhava no FBI havia cinco anos, não era mais um novato, então, ela imaginou que eles ganhavam mais ou menos o mesmo. Ele tinha comentado como o apartamento dela era bonito e disse que estava dividindo um imóvel com outro agente. As transferências eram um estilo de vida no FBI, e ele hesitava em comprar uma casa.

Eles conversaram sobre as coisas engraçadas do passado, embora soubessem um do outro pelo que haviam pesquisado na internet. Ele fora criado em Omaha

e tinha feito faculdade e especialização em direito em Nebraska. Quando de folga, ele tinha a tranquilidade relaxada de alguém do Meio-oeste americano, com uma completa ausência de pretensão. O diploma de nível superior dela era da William & Mary, com especialização na Tulane. Eles encontraram um ponto em comum em Nova Orleans, onde ele passara os dois primeiros anos no FBI. Nenhum dos dois sentia muita falta do lugar, pois lá havia umidade e crimes demais, embora, pelo modo como falavam agora, pareciam ter uma nostalgia patente. Quando estacionaram e entraram no restaurante, Lacy estava dando ao cara uma pontuação alta em cada item. Fica fria, disse ela a si mesma com cautela, eles sempre decepcionam.

A uma mesa sossegada no canto, eles abriram os cardápios. Quando o garçom se afastou, ela falou: — Só um lembrete. Estamos rachando a conta.

— Tudo bem, mas eu gostaria de pagar. Afinal, eu convidei.

— Obrigada, mas vamos rachar. — E este foi o fim dessa conversa.

Eles decidiram começar por uma dúzia de ostras cruas cada um, e concordaram com uma garrafa de Sancerre. Quando os cardápios foram retirados, ele falou: — E então, sobre o que gostaria de conversar?

Ela riu da franqueza dele.

— Qualquer coisa, menos o caso.

— Muito justo. Você escolhe um assunto, depois eu escolho um. E vale qualquer coisa, qualquer coisa que não seja o cassino e toda essa história.

— Isso é muito genérico. Você começa, e veremos como as coisas rolam.

— Tudo bem, tenho uma ótima pergunta. E, se você não quiser falar disso, vou entender. Como é receber o impacto de um airbag?

— Posso supor que até agora você não teve essa experiência.

— Sim, até agora.

Ela tomou um gole de água e respirou fundo.

— Acontece num piscar de olhos, vem o barulho e você sente o solavanco. Num segundo, você está só sentada ali, invisível atrás do volante, sem jamais pensar nisso, e um milissegundo depois ele está explodindo na sua cara a trezentos quilômetros por hora. O impacto me fez desmaiar. Não por muito tempo, porque eu me lembro de alguém andando em volta do carro. Depois disso, apaguei. O airbag salvou minha vida, mas de uma forma bruta. Uma vez basta.

— Tenho certeza disso. Você se recuperou completamente?

— Não de todo. Ainda sinto dor aqui e ali, mas melhora a cada dia. Só queria que meu cabelo crescesse mais rápido.

— Você fica linda de cabelo curto.

O vinho chegou. Lacy provou e aprovou. Eles bateram as taças e tomaram

um gole.

— Sua vez — disse ele.

— Que foi? Já teve o suficiente de airbags?

— É só curiosidade. Tenho um amigo que estava dirigindo quando deu uma guinada para não atropelar um pedestre. Em vez disso, bateu num poste de luz, a pouco mais de trinta quilômetros por hora. Ele teria ficado bem, mas o airbag o atingiu feio. Ficou uma semana com sacos de gelo na cara.

— Prefiro ter airbag. Por que você estudou direito?

— Meu pai é advogado em Omaha, e simplesmente me pareceu a coisa certa a fazer. Eu nunca pensei em mudar o mundo, como a maioria dos estudantes de direito no primeiro ano; só estava pensando em um bom emprego. Meu pai se deu muito bem e, na verdade, eu trabalhei com ele por um ano. Fiquei entediado rapidinho e decidi que era hora de sair de Nebraska.

— Por que o FBI?

— A emoção. Não é uma rotina de horário comercial, ficar das oito às cinco atrás de uma mesa. Quando você está caçando bandidos... os grandes, os pequenos, os espertos, os burros... não há muitos momentos de tédio. E você? O que a fez querer investigar juízes?

— Bom, não era com isso que eu sonhava quando fui estudar direito. O mercado de trabalho era muito fraco quando me formei, e, depois, eu não queria entrar na rotina das grandes firmas. Eles enfim estavam contratando um monte de mulheres, metade da minha turma era de mulheres, mas eu não queria trabalhar cem horas por semana. Tenho amigos que tomaram esse caminho, e todos são infelizes. Meus pais se aposentaram na Flórida. Fui até lá, e havia um anúncio de emprego do Conselho de Conduta Judicial.

— Você fez a entrevista e conseguiu o emprego. Que surpresa.

As ostras chegaram em travessas de gelo, e a conversa cessou enquanto eles cumpriam o ritual, ao estilo de Nova Orleans, de espremer limão e acrescentar rábano ao molho do coquetel. Pacheco engoliu as dele das conchas enquanto Lacy usou biscoitos cream-cracker, ambos métodos aceitáveis.

— Então, você visitou Junior Mace ontem — disse ele.

— Foi, pela segunda vez. Já estive no corredor da morte?

— Não, mas sei que um dia vou para lá. Algo de interessante?

— Está procurando informações?

— Sempre. Não consigo evitar. Está em meu DNA.

— Talvez uma dica, uma pista, ou coisa assim. Junior pode ter informações.

Mas principalmente acho que ele gosta das visitas.

— Então, não vai me contar novidade nenhuma?

— Não, bom, talvez. Você sem dúvida examinou nosso documento que

detalha o julgamento e a condenação dele.

— Li cada palavra.

— Então, você se lembra da parte da história em que os dois informantes do presídio desapareceram logo depois do julgamento.

— Todd Short e Digger Robles.

Ela sorriu. Impressionante.

— Isso. Durante anos, a lenda era a de que eles foram retirados de cena antes que pudessem refazer o depoimento, o que acontece com frequência com os informantes. Parece que um deles realmente morreu. O outro, porém, fez um retorno milagroso. Voltou dos mortos, mais ou menos, e está falando. Está morrendo de câncer e quer botar as coisas em pratos limpos.

— É uma ótima notícia, não é?

— Talvez. Os advogados de Junior, de Washington, estiveram ontem em Starke e me pediram para participar. Estão muito animados com suas chances de primeiro adiar a execução e, segundo, conseguir um novo julgamento.

— Um novo julgamento? Mas faz o quê, quinze anos?

— Quinze. Para mim, parece um tiro no escuro, mas esses caras conhecem o próprio trabalho.

— Mas este caso não é seu, não? Você não está envolvida no recurso de *habeas corpus* de Junior. Então, você foi vê-lo por outro motivo.

— Sim. Como eu disse, ele acha que talvez saiba de alguma coisa.

Allie sorriu e deixou passar. Era evidente que ela não ia contar mais nada. Eles terminaram as ostras e debateram sobre os pratos principais. Ele decidiu pedir outra dúzia. Ela pediu uma tigela de *gumbo*, um guisado geralmente feito com vários tipos de carne ou mariscos.

— De quem é a vez? — perguntou ele.

— Acho que é sua.

— Tudo bem, em que outros casos interessantes você está trabalhando?

Ela sorriu e bebeu mais vinho.

— Bom, respeitando os limites da confidencialidade, sem mencionar nomes, estamos tentando destituir um juiz que anda bebendo demais. Dois advogados e dois litigantes entraram com a denúncia. O coitado vem combatendo o alcoolismo há muito tempo e agora está perdendo feio. Ele só marca audiências para depois do almoço. Às vezes, se esquece completamente delas. Uma de suas estenógrafas disse que ele guarda um frasco de uísque embaixo da toga e coloca a bebida na xícara de café.

Sua lista de processos pendentes só faz crescer, e ninguém está satisfeito. Na verdade, é muito triste.

— Então, deve ser fácil.

— Nunca é fácil afastar um juiz. Eles gostam de seus cargos e geralmente não têm para onde ir quando penduram a toga. Minha vez. No que você está trabalhando?

Por uma hora, eles trocaram seus relatos de guerra. O mundo de localizar células terroristas e narcotraficantes de Pacheco era muito mais empolgante do que a caça a juízes degenerados, mas ele não estava julgando e parecia fascinado com o trabalho dela. Quando o vinho acabou, eles pediram café e continuaram conversando.

Na casa dela, ele a acompanhou a escada como um cavalheiro e parou junto da porta.

— Podemos falar de negócios? — perguntou Pacheco.

— Se quer dizer sexo, a resposta é não. Ainda estou dolorida demais para entrar no clima.

— Eu não estava pensando em sexo.

— Esta é sua primeira mentira da noite?

— Talvez a segunda. — Ele se colocou de frente para ela e se aproximou. — Luna está mordendo a isca, Lacy. O desaparecimento de Myers tem nossa atenção. Passei a maior parte do dia tentando convencê-lo de que este caso pode ser muito maior do que imaginamos. Precisamos de algo mais, de outra prova cabal, e Luna pode ficar pronto para entrar em ação.

— E o seu chefe em Jacksonville?

— Ele é durão, mas também é ambicioso. Se enxergar o potencial como nós, vai reconsiderar. Só precisa nos dar mais alguma coisa.

— Estou tentando.

— Sei que está. Estou esperando ao telefone.

- Gostei da noite.

— Eu também. — Ele lhe deu um beijo rápido no rosto e um boa noite.

Wilton Mace disse que estava ligando de um telefone público, e ele de fato parecia muito nervoso, até assustado, como se olhasse por cima do ombro. No dia seguinte, Lyman Gritt levaria a esposa a uma consulta com um médico em Panama City, algum especialista. Ele queria se encontrar com Lacy no consultório do médico, um lugar de que ninguém desconfiaria. Wilton repassou os detalhes e perguntou se ela conseguia identificar Gritt. Ela disse que não, nunca se encontrara com ele, mas o chefe podia. E seu chefe insistiria em estar com ela. Wilton não sabia como Gritt reagiria a isso, mas eles podiam resolver as coisas no consultório. Mas não seria nenhuma surpresa se Gritt não gostasse.

Lacy e Michael chegaram com uma hora de antecedência. Enquanto ele ficou no carro, ela entrou no prédio, parte de um complexo médico movimentado com médicos e dentistas em quatro andares. Ela zanzou pelo térreo, leu o quadro de consultórios, parou para tomar um café, depois pegou o elevador para o terceiro andar. O consultório pertencia a um grupo de ginecologistas, e sua ampla e moderna sala de espera estava cheia de mulheres, só duas acompanhadas por homens. Lacy voltou ao carro e esperou enquanto Michael entrava e cobria o mesmo território. Quando ele voltou, os dois concordaram em que o lugar era inofensivo. Um local perfeito para uma reunião clandestina. Dezenas de pacientes entravam e saíam do prédio. Às 13h45, Michael apontou com a cabeça um casal que saía do carro e disse, “Lyman Gritt é aquele ali.” Com cerca de um metro e oitenta de altura, magro, mas exibindo uma barriguinha. A esposa tinha cabelo preto e comprido numa trança e era muito mais baixa e mais atarracada.

— Gravou a cara? — perguntou Michael.

— Sim. - Quando eles entraram no prédio, Lacy saiu do carro e os seguiu. Michael ficaria sentado, esperaria e torceria para que não houvesse nenhuma ligação frenética. Ele observou a circulação de pedestres atentamente, na esperança de não ver nada de suspeito. Dentro do prédio, Lacy leu o quadro de consultórios novamente, perdendo alguns minutos, e pegou o elevador até o terceiro andar. Entrou na sala de espera e viu Gritt e a mulher sentados juntos a uma parede distante, tão pouco a vontade quanto todos os outros. Ela escolheu uma revista e uma cadeira do outro lado da sala. Amy Gritt, cabisbaixa, olhava para o chão como se esperasse alguma notícia terrível. Lyman folheava despreocupadamente um exemplar da revista *People*. Lacy não sabia se Wilton fizera uma descrição de sua aparência a Gritt, mas ele não demonstrava interesse

nela. A recepcionista estava ocupada demais para notar a jovem que não se deu o trabalho de se apresentar. Um nome foi chamado. A paciente foi lentamente até a mesa, recebida por uma enfermeira apressada, e desapareceu por um canto. O ritmo lânguido continuou por meia hora enquanto mais mulheres chegavam para substituir aquelas que saíam. Lacy espiou por cima da revista e observou Gritt. Depois de uma hora, ele olhou o relógio como se estivesse frustrado. Enfim, foi chamado o nome de Amy Gritt, e ela foi a recepção. Assim que ela saiu de vista, Lacy se levantou e encarou Lyman. Quando ele a olhou nos olhos, ela assentiu de leve e saiu da sala de espera. Foi até o final do corredor e esperou apenas alguns segundos, quando Gritt saiu, fechando a porta, e foi até ela.

Ela estendeu a mão e disse em voz baixa:

— Sou Lacy Stoltz.

Ele apertou com gentileza, sorriu, e, por instinto, olhou por cima do ombro.

— Eu sou Lyman Gritt, e você está muito melhor do que da última vez que a vi.

— Estou indo bem. Obrigada por aquela noite.

— É o meu trabalho. Foi horrível de se ver. Lamento por seu amigo.

— Obrigada.

Ele foi a uma janela e se encostou nela, de frente para o corredor e para as pessoas que passavam. Pacientes chegavam e saíam de vários consultórios, mas ninguém se importou com a presença deles.

— Não temos muito tempo - disse ele. — Não estou envolvido em nenhuma maracutaia em nossas terras. Sou um policial, honesto, e tenho uma família a proteger. Meu nome jamais pode ser usado em investigação nenhuma. Não vou testemunhar em nenhum tribunal. Não vou apontar dedos para ninguém de meu povo, nem para os vigaristas com quem eles se envolveram. Entendido?

— Entendido, mas você sabe que não posso controlar tudo o que pode acontecer. Tem a minha palavra, e é só o que posso controlar.

Ele retirou um pendrive do bolso da frente da calça jeans.

— Tem dois vídeos aqui. O primeiro é propriedade da polícia de Foley, no Alabama. Eles tiveram sorte quando alguém, e não sei quem, pegou o ladrão da picafe no vídeo. O segundo foi feito cerca de quinze minutos depois do acidente, em uma mercearia um pouco ao norte da cidade de Sterling. Acho que mostra claramente o cara que estava dirigindo a picafe quando ela bateu em seu carro. Incluí um memorando com todas as informações de que tenho ciência.

Lacy olhou o pendrive.

Gritt retirou de outro bolso um saco plástico.

— Isto é o que acredito ser um pequeno pedaço de papel toalha coberto de sangue. Encontrei a cerca de quatrocentos metros do local do acidente, dois dias

depois. Minha teoria é de que pertence ao carona do segundo vídeo. Se eu fosse você, mandaria fazer um exame de DNA imediatamente e rezaria para que o DNA seja identificado. Se você tiver sorte, receberá um nome, que você poderá ligar ao cara do vídeo.

Lacy pegou o saco plástico.

— E você tem cópias?

— Tenho, e tenho o resto do papel toalha, mas ninguém jamais poderá encontrá-lo.

— Não sei o que dizer.

— Não diga nada. Faça seu trabalho e pegue esses cretinos e deixe meu nome fora disso.

— Eu prometo.

— Obrigado, Srta. Stoltz. Este encontro nunca aconteceu. — Ele ia se afastando quando ela falou:

— Obrigada, e espero que sua esposa esteja bem.

— Ela está ótima. Só um exame de rotina. Ela tem medo de médicos, então, eu a acompanho.

Nem Michael, nem Lacy tinham pensado em colocar um laptop numa pasta; caso contrário, eles teriam entrado no estacionamento vazio de uma lanchonete, comprado café, encontrado uma mesa no canto e visto as gravações. Em vez disso, correram para casa, especulando sem parar sobre o que podiam revelar os vídeos.

— Por que não perguntou a ele? — Michael quis saber, com certa irritação.

— Porque ele tinha pressa — rebateu ela. — Ele entregou o material, disse o que queria dizer, e foi só isso.

— Eu teria perguntado.

— Você não pode saber o que teria feito. Pare de reclamar. Quem é o chefe do Departamento de Segurança Pública do estado?

— Gus Lambert. Ele é novo, e não o conheço.

— Bom, quem você conhece?

— Um velho amigo. — Michael telefonou para o velho amigo duas vezes e não conseguiu falar com ele. Lacy ligou para uma amiga que trabalhava na Procuradoria Geral e conseguiu o nome de um supervisor do Laboratório Regional de Criminalística de Tallahassee. O supervisor estava ocupado, foi pouco cooperativo e prometeu retornar a ligação no dia seguinte.

Quando ambos saíram do telefone, Michael falou:

— O Laboratório de Criminalística só fará isso se o Departamento de Segurança Pública se envolver.

— Vou ligar para Gus Lambert — disse Lacy. — Posso jogar um charme para conseguir.

A secretária do comissário Lambert não foi atingida pelo charme e disse que o chefe estava numa reunião e era um homem muito ocupado. O velho amigo de Michael ligou e perguntou o que estava havendo. Michael explicou, enquanto eles disparavam pela pista de ultrapassagem da Interestadual 10, que era uma questão urgente sobre a morte suspeita de um funcionário do estado. Abbott, o amigo, disse que se lembrava da história da morte de Hugo Hatch.

— Temos motivos para acreditar que é mais complicada do que um acidente de carro grave — disse Michael. — Tenho uma fonte de dentro da tribo, e agora estamos de posse de uma amostra de sangue que pode ser importante. Como podemos ter acesso ao Laboratório de Criminalística?

Enquanto eles conversavam, Lacy navegava na internet pelo celular. Sem jamais ter lidado com exames de DNA, ela não sabia quase nada a respeito do assunto. Segundo um artigo em um site de ciência, os técnicos forenses agora podem testar o DNA de um suspeito em duas horas, rápido o bastante para a polícia correr o resultado pelos bancos de dados de criminosos e determinar se o homem detido cometeu o crime em questão, bem como outros. Recentemente, cinco anos antes, o teste levava entre 24 e 72 horas, tempo suficiente para o suspeito pagar a fiança e sair da cadeia.

Michael estava falando.

— Não, não há nenhuma investigação aberta, nem pelos locais, nem pelo Departamento de Segurança Pública. Aconteceu em terras indígenas, e os Tappacolas estão no comando. Isto é parte do problema. Estou pedindo um favor, Abbott. E um favor rápido.

Michael ouviu e depois falou:

— Obrigado - e encerrou a ligação. — Ele disse que vai tentar ver o comissário.

Eram quase cinco da tarde quando Michael e Lacy chegaram ao Laboratório Regional de Criminalística do Departamento de Segurança Pública nos arredores de Tallahassee. Abbott esperava na porta de entrada, junto com o Dr. Joe Vasquez, chefe do laboratório. Foram feitas apresentações rápidas, e eles o seguiram a uma pequena sala de reuniões. Lacy colocou o saco Ziplock na mesa a frente do Dr. Vasquez, que o olhou, mas não tocou nele.

— O que sabemos sobre isso? — perguntou ele.

— Não muito — respondeu Lacy. — Conseguimos menos de duas horas atrás com nossa fonte confidencial. Ele acredita ser um pedaço de papel toalha com sangue.

— Quem o manipulou?
— Não sabemos, mas nossa fonte se considera um profissional da lei. Posso apostar que foi muito pouco manipulado.
— Quanto tempo vai levar? — perguntou Michael.
Vasquez sorriu com orgulho.
— Nos dê duas horas.
— Isso é incrível.
— De fato, é. A tecnologia avança rapidamente, e pensamos que daqui a dois anos os detetives na cena do crime poderão examinar sangue e sêmen com um dispositivo portátil. É o exame de DNA por chip.
— E quanto tempo leva para correr os resultados no banco de dados do estado? - perguntou Lacy.
Vasquez olhou para Abbott, que respondeu, dando de ombros.
— Meia hora.

Eles passaram por um restaurante chinês delivery em um lugar preferido perto da assembleia legislativa. O CEJ estava deserto, como eles esperavam, quando chegaram logo depois das seis. Ignorando o jantar, foram diretamente ao desktop de Michael e inseriram o pendrive. Viram os dois vídeos, imprimiram o memorando de duas páginas de Gritt, leram-no atentamente, discutiram-no linha por linha e viram os vídeos repetidas vezes. Lacy estava quase entorpecida ao perceber que olhava a arma do crime, a picape, e talvez até o assassino, o cara de nariz ensanguentado.

Havia dois homens em cada vídeo; os quatro eram diferentes. Poderia isto ser o primeiro vislumbre de outros membros da família criminoso de Dubose? Eles tinham fotos de Vonn entrando na casa em Rabbit Run, porém de ninguém mais. O motorista no segundo vídeo, aquele da loja de Frog, era particularmente fascinante. Era mais velho do que os outros três, tinha talvez uns 45 anos, vestia-se melhor, usava uma camisa de golfe e calça cáqui bem passada. Ele tinha planejado as coisas bem o bastante para prender o jogo de placas Perfeitamente falsificadas da Flórida em sua picape. Ele não era Vonn, mas seria um membro da chefia? Seria ele o encarregado da operação? Poderia ter estado no local, com uma lanterna, vasculhando o Prius amassado de Lacy, procurando pelos celulares enquanto Hugo sangrava e morria? Embora fosse inteligente, tinha cometido o erro idiota de estacionar bem na frente da loja de Frog e se deixar apanhar em vídeo. Allie salientara várias vezes que até os criminosos mais inteligentes cometem besteiras.

Enfim, eles comeram frio o *chow mein* de frango, mas nenhum dos dois sentia fome. O celular de Michael tocou às 19h50, e Abbott anunciou

alegremente, “Pegamos o seu cara”.

O sangue pertencia a um tal de Zeke Foreman, um jovem de 23 anos em liberdade condicional, com duas condenações relacionadas com drogas. Seu DNA estava no banco de dados do estado havia cinco anos, desde a sua primeira prisão. Abbott tinha três fotos, duas da Ficha policial, e uma dos arquivos da penitenciária. Estava mandando a eles por e-mail.

Michael disse a Abbott que lhe devia uma, e das grandes, e agradeceu.

Lacy estava junto da impressora quando as três fotos rolaram para fora. Michael parou o segundo vídeo com um instantâneo nítido dos dois rostos. O carona, mesmo com o nariz ensanguentado, era muito parecido com Zeke Foreman.

Allie Pacheco ficou mais do que feliz em passar na casa de Lacy para um drinque tarde da noite, embora o tom de voz dela claramente não fosse romântico. Lacy disse que era urgente e não falou mais nada. Eles viram os vídeos e examinaram as fotos. Leram o memorando de Gritt e falaram sobre o caso até a meia-noite, enquanto acabavam com uma garrafa de vinho.

Zeke Foreman morava com a mãe perto da cidadezinha de Milton, na Flórida, não muito longe de Pensacola. O FBI vigiou sua casa por dois dias, mas não viu nenhum sinal dele, nem de seu Nissan 1998. O agente da condicional disse que ele faria sua verificação mensal em 4 de outubro, e ele nunca perdia uma reunião, pois isso poderia levar a uma revogação da liberdade condicional e volta a prisão. Foreman trabalhava fazendo bicos, e tinha conseguido ficar longe de problemas nos últimos treze meses.

E, no dia 4, Foreman entrou no escritório de liberdade condicional, no centro de Pensacola, e cumprimentou seu agente de condicional. Quando indagado sobre onde esteve, contou uma história bem ensaiada sobre dirigir um caminhão para um amigo até Miami. Fique sentado aí, disse o agente da condicional, tem dois caras que querem dar uma palavrinha com você. Ele abriu a porta, e os agentes Allie Pacheco e Doug Hahn entraram e se apresentaram. O agente da condicional saiu da sala.

— O que significa isso? — perguntou Foreman, retraindo-se com o súbito aparecimento do FBI.

Nenhum dos dois agentes se sentou. Pacheco falou:

— Em 22 de agosto, uma segunda-feira, você estava na reserva indígena Tappacola por volta da meia-noite. O que estava fazendo por lá?

Foreman tentou ao máximo aparentar surpresa, embora desse a impressão de que ia desmaiar. Deu de ombros, fez cara de burro e respondeu:

— Não sei do que você está falando.

— Sabe exatamente do que estamos falando. Você dirigia uma picape roubada, e ela se envolveu em um acidente. Você fugiu do local. Lembra alguma coisa disso?

— Vocês pegaram o cara errado.

— É o melhor que você pode fazer? - Pacheco assentiu para Hahn, que sacou um par de algemas. Pacheco disse: - Levante-se. Você está preso por homicídio.

— Vocês devem estar brincando.

— Ah, claro, isso é só um número de comédia. Levante-se e coloque as mãos para trás. — Eles o algemaram, fizeram uma revista, pegaram seu celular e o levaram da sala por uma saída lateral do prédio. Colocaram-no no banco traseiro do carro e dirigiram quatro quadras até os escritórios do FBI. Ninguém disse uma palavra durante o percurso.

Dentro do prédio, eles o fizeram entrar em um elevador que parou no sexto andar. Passaram por um labirinto de corredores e entraram em uma sala de reuniões pequena. Uma jovem advogada esperava e, com um sorriso, ela disse:

— Sr. Foreman, meu nome é Rebecca Webb, assistente da Procuradoria Geral. Por favor, sente-se.

O agente Hahn retirou as algemas.

— Talvez você fique algum tempo por aqui - disse ele. Gentilmente, ele empurrou Foreman para uma cadeira, e todos se sentaram.

— Qual é o problema? — perguntou Foreman. Embora tivesse apenas 23 anos, não projetava o ar de um garoto assustado. Ele teve tempo para se recompor e era de novo um cara durão. Tinha muita experiência nas costas, cabelo comprido, feições duras e toda uma coleção de tatuagens baratas da prisão.

Pacheco leu para ele os “direitos de Miranda” — advertência que se deve dar a um imputado em custódia da polícia americana antes que lhe façam perguntas sobre a prática de um ilícito — e lhe entregou um formulário com as mesmas palavras por escrito. Foreman leu devagar, depois assinou no final, reconhecendo que compreendia o que estava acontecendo. Ele já havia passado por isso.

— Você enfrenta acusações federais de homicídio qualificado sujeito a pena capital, injeção letal, tudo isso — disse Pacheco.

— E quem eu matei?

— Um cara chamado Hugo Hatch, o carona do outro carro, mas não vamos discutir sobre isso. Sabemos que você esteve na reserva naquela noite, dirigindo uma picape roubada, uma Dodge Ram grande, e sabemos que você atravessou a faixa central de propósito e atingiu um Toyota Prius. Você ficou por ali um tempo, você e o motorista de seu carro de fuga, e os dois pegaram dois celulares e um iPad do Prius. Sabemos que isto é um fato e, assim, não é objeto de discussão.

Foreman manteve a compostura e não revelou nada.

— Quinze minutos depois de fugir do local do acidente — prosseguiu Pacheco —, você e seu companheiro pararam em uma mercearia e compraram gelo, cerveja e álcool de farmácia. Isto o faz se lembrar de alguma coisa?

— Não.

— Eu achava que não. — De uma pasta, Pacheco retirou uma foto do vídeo de Frog e deslizou-a até Foreman pela mesa. — Acho que não é você, com o nariz estourado.

Foreman olhou a foto e meneou a cabeça.

— Acho que preciso de um advogado.

— Vamos arrumar um, daqui a um minuto. Mas primeiro deixe-me explicar

que isto não é o que você poderia chamar de nosso interrogatório típico. Não estamos aqui para interrogar sobre seu envolvimento, porque sabemos o que aconteceu. Negue tudo que quiser, não estamos nem aí. Temos a prova e ficaremos felizes em ver você no julgamento. Vou deixar que a Srta. Webb esclareça por que realmente estamos aqui.

Foreman recusou-se a olhar para ela. Ela o encarou e falou:

— Temos um acordo para você, Zeke. E é um acordo de mãe. Sabemos que não foi você que roubou a picape e, por algum motivo, dirigiu até a parte de trás da reserva e causou um acidente, e fugiu do local, e deixou um homem morrer, tudo pela mera aventura. Sabemos que você estava trabalhando para alguém, criminosos sérios e sofisticados.

Provavelmente eles lhe pagaram com um bom maço de notas, depois disseram para você sair da cidade por algum tempo. Talvez você tenha feito outro trabalho sujo para eles. Tanto faz. Só estamos preocupados com o assassinato e os homens que o planejaram. Estamos atrás de bandidos maiores, Zeke, e você é simplesmente um figurante nessa história. Um assassino, sim, mas, para nós, é um peixe pequeno.

— Que acordo? — perguntou ele, olhando para ela.

— Um acordo especial. Você fala e vai embora. Você nos conta tudo o que sabe, dá nomes, nos dá números de telefone, históricos, tudo, e um dia vamos retirar as acusações. Deixaremos você sob a guarda do programa de proteção a testemunhas, arrumaremos um belo apartamento bem longe, num lugar como a Califórnia, daremos um novo nome a você, documentos novos, emprego novo, vida nova. Seu passado será esquecido, e você ficará livre como um passarinho. Caso contrário, irá para o corredor da morte, onde vai apodrecer por dez, talvez quinze anos, até que seus recursos se esgotem e você leve a injeção.

Os ombros dele finalmente arriaram enquanto seu queixo caía.

— E o acordo está valendo agora e só agora - prosseguiu Webb. — Se você disser não e sair desta sala, nunca mais vai respirar de novo como um homem livre.

— Acho que preciso de um advogado.

— Tudo bem, em sua última condenação, você foi representado por um advogado nomeado pelo tribunal chamado Parker Logan. Lembra-se dele?

— Sim.

— Ficou satisfeito com os serviços dele?

— Acho que sim.

— Ele está esperando lá embaixo. Quer falar com ele?

— Hum, claro.

Hahn saiu da sala e voltou minutos depois com Parker Logan, um veterano

local na defesa daqueles que não têm dinheiro para pagar um advogado. Foram feitas as apresentações rápidas pela mesa, e Logan apertou a mão de seu antigo cliente. Sentou-se ao lado de Foreman e falou:

— Muito bem, o que está pegando?

Webb sacou alguns papéis de uma pasta.

— O magistrado nomeou você para representar o Sr. Foreman. Aqui está a papelada, junto com a acusação. — Logan pegou os papéis e começou a ler.

Virou uma página e falou:

— Parece que vocês estão com pressa.

— Chegaremos a isso em um minuto — respondeu Webb.

Logan continuou lendo e, quando terminou, assinou um formulário e o entregou a Foreman.

— Assine aqui.

Foreman assinou.

Webb passou mais papelada a Logan.

— Este é o acordo — disse ela. — A acusação será selada e suspensa até o Sr. Foreman não ser mais necessário para a Promotoria.

— Proteção a testemunhas? - perguntou Logan.

— Isso mesmo. Começando hoje.

— Tudo bem, tudo bem. Preciso falar com meu cliente.

Webb, Pacheco e Hahn se levantaram e foram até a porta. Pacheco parou.

— Preciso de seu celular. Nada de telefonemas.

Isto irritou Logan, e, por um segundo, ele hesitou. Em seguida, pegou o celular e o entregou.

Uma hora depois, Logan abriu a porta e disse que eles estavam prontos. Webb, Pacheco e Plahn voltaram a sala e assumiram seus lugares. Logan, agora sem o paletó e de mangas arregaçadas, falou:

— Primeiro, como advogado de defesa, sinto-me compelido a pelo menos perguntar que provas o governo tem contra o meu cliente.

Pacheco se encarregou da resposta.

— Não vamos perder tempo discutindo sobre as provas, mas digamos que temos prova de DNA recolhida de uma amostra de sangue encontrada perto da cena do acidente. Seu cliente esteve lá.

Logan deu de ombros como quem diz “nada mal”. Em vez disso, perguntou:

— Tudo bem, e o que acontece quando meu cliente sair desta sala, supondo que ele aceite o acordo?

— Como sabe, o programa de proteção a testemunhas é da competência do Serviço de Delegados dos Estados Unidos — respondeu Webb.

— Eles o levarão daqui, vão tirá-lo da cidade, e da Flórida, e colocá-lo em

algum lugar distante. Um bom lugar.

— Ele está preocupado com a mãe e a irmã mais nova.

— Elas terão a opção de se juntar a ele. Não é incomum que o programa de proteção a testemunhas transfira famílias inteiras.

— E posso acrescentar que o Serviço de Delegados nunca perdeu uma testemunha, e estão protegendo mais de cinco mil — disse Pacheco.

— Em geral, eles lidam com grandes quadrilhas do crime organizado que operam em nível nacional, e não em nível local, como os caras que procuramos.

Logan assentiu demoradamente, remoendo ideias, e, por fim, olhou para seu cliente.

— Como seu advogado, recomendo que aceite este acordo.

Foreman pegou uma caneta e falou:

— Vamos fazer.

Webb estendeu a mão para uma pequena câmera de vídeo instalada em um tripé. Focalizou a câmera em Foreman enquanto Flahn colocava o gravador na mesa diante dele. Quando ele e seu advogado acabaram de assinar o acordo, Pacheco colocou uma foto na frente dele. Apontou o motorista da picape com a placa falsa e perguntou:

— Quem é ele?

— Clyde Westbay.

— Tudo bem, agora nos conte tudo o que sabe sobre Clyde Westbay. Agora jogamos no mesmo time, Zeke; então, quero a história toda. Tudo.

— Westbay é dono de dois hotéis em Fort Walton Beach. Eu...

— Nomes, Zeke, os nomes dos hotéis?

— Blue Chateau e Surfbreaker. Arrumei um emprego lá dois anos atrás, de meio período, limpando as piscinas, serviço de jardinagem, essas merdas, era pago em dinheiro, por fora. Eu via Westbay de vez em quando, e alguém me disse que ele era o dono. Um dia, ele veio falar comigo no estacionamento do Surfbreaker e me perguntou sobre a minha ficha na polícia. Disse que normalmente não contratava criminosos, então, era melhor eu me comportar. Ele, no começo, foi um tremendo babaca, depois aliviou um pouco. Ele me chamava de Prisioneiro, e eu não gostava disso, mas deixei passar. Ele não é o tipo de cara a quem você responde. Os hotéis são mais bonitos do que alguns outros, e estavam sempre movimentados. Eu gostava do trabalho porque sempre tinha muitas garotas nas piscinas, a paisagem era bonita.

— Não estamos aqui para falar de garotas — disse Pacheco. — Quem mais trabalhava nos hotéis? E não me refiro a um zero à esquerda como você. Quem era o gerente, ou subgerente, gente desse tipo?

Foreman coçou a barba, deu alguns nomes, tentou pensar em mais. Hahn

digitava em seu teclado. Na sala do FBI em Tallahassee, dois agentes assistiam a Foreman por um monitor e trabalhavam em seus laptop. Minutos depois, eles souberam que o Blue Chateau e o Surfbreaker eram de propriedade de uma empresa chamada Starr S, sediada em Belize. Uma rápida referência cruzada revelou que a mesma empresa era dona de um pequeno centro comercial no condado de Brunswick. Uma pequena peça no quebra-cabeças do império Dubose se encaixou.

— O que você sabe sobre Westbay? — perguntou Pacheco.

— Na verdade, não sei muito. Depois de trabalhar lá por alguns meses, houve boatos de que ele estava envolvido com uns caras que eram donos de um monte de terra e campos de golfe e até bares e boates de strip-tease, mas eram só boatos, nada de concreto. Além disso, como você disse, eu era apenas um zero à esquerda.

— Fale sobre o dia 22 de agosto, aquela segunda-feira.

— Bom, na véspera, Westbay me encurralou e disse que tinha um serviço para mim, que podia ser perigoso e exigia muito sigilo; disse que me pagaria cinco mil em dinheiro e perguntou se eu estava interessado. Eu disse: claro, por que não? Quer dizer, até parece que eu estava em condições de dizer não. Acho que eu queria impressionar o cara; além do mais, Westbay era o tipo de sujeito que me demitiria se ficasse contrariado. Não é fácil encontrar trabalho com uma ficha suja, entende? Então, na segunda à tarde, eu estava no Blue Chateau e esperei, esperei até escurecer, quando ele e eu entramos em sua picape e viemos para cá, Pensacola. Paramos em um bar a leste da cidade, e ele me disse para esperar no carro. Ele ficou lá dentro por uma meia hora, e, quando saiu, me passou a chave de uma picape, a Dodge Ram, que também estava estacionada na frente do bar. Notei que tinha placa do Alabama, mas não sabia que era roubada. Entrei na picape e o segui até o cassino. Estacionamos atrás do prédio. Ele entrou em meu carro e explicou o que íamos fazer, disse que íamos provocar um acidente. Entramos mais fundo na reserva, por uma estrada em ziguezagueie, e ele me disse que ali era onde tudo ia acontecer. Eu ia bater em um Toyota pequeno, sair, e ele estaria ali para me levar embora. Preciso dizer que, naquela hora, eu quis ir embora de verdade, mas não havia para onde ir. Voltamos ao cassino, e ele pegou sua picape. Dirigimos de novo para a reserva, pelo mesmo trecho de estrada, e esperamos em uma mata por um bom tempo. Ele ficou andando em volta do meu carro, muito nervoso, falando no telefone. Por fim, ele disse para a gente ir. Me deu um capacete preto de moto e umas luvas acolchoadas e joelheiras, do tipo usado por ciclistas. Vimos umas luzes de farol ao longe, na nossa direção, e ele disse que aquele era o carro. Eu deveria imprimir a maior velocidade possível e, depois, atravessar a faixa central. A

picape tinha o dobro do peso, e ele me garantiu que eu ficaria bem. Para falar a verdade, tudo era muito assustador. Não acho que o carro estivesse muito acelerado. Atingi uns 75 por hora; depois, no último segundo, cruzei a faixa central. O airbag explodiu na minha cara e me deixou meio nocauteado por um ou dois segundos, e, quando saí da picape, Westbay estava bem ali. Tirei o capacete, as luvas e as joelheiras e os entreguei a ele. Ele notou que meu nariz estava sangrando e verificou o airbag da picape, procurando por sangue. Não achou nada. Meu nariz não estava quebrado e, no início, não sangrou muito, mas depois começou a esguichar. Contornamos o carro. A mulher, a motorista, tentava se mexer e falar, mas estava péssima. O cara negro estava preso no para brisa e praticamente acabado. Havia muito sangue.

Sua voz falhou só um pouco, e ele engoliu em seco.

- Tinha uma garrafa de uísque quebrada na picape. Você estava bebendo? - perguntou Pacheco.

- Não, nem uma gota. Era só parte da encenação, eu acho.

- Westbay tinha uma lanterna?

- Não, ele usou uma pequena lanterna de cabeça. Ele disse para eu entrar na picape, na picape dele, e acho que foi o que eu fiz. Ele passou um ou dois minutos no carro. Eu estava meio tonto e não me lembro de muita coisa. Tudo estava acontecendo rápido, e eu tinha muito medo, para falar a verdade. Já saiu andando de uma colisão frontal?

— Não que eu me lembre. Quando Westbay voltou ao carro, levava alguma coisa?

— Tipo o quê?

— Tipo dois celulares e um iPad.

Ele meneou a cabeça.

— Não, não me lembro de ver nada assim. Ele estava com pressa. Olhou para mim e disse algo sobre o sangue. Tinha um rolo de toalha de papel na picape e arrancou várias folhas. Eu limpei o nariz.

Pacheco olhou para Logan.

— Temos uma amostra das toalhas de papel, com sangue.

— Ele está falando, não está? — disse Logan.

— Você sofreu outros ferimentos? — perguntou Pacheco.

— Bati o joelho e estava doendo pra cacete, mas foi só isso.

— E aí vocês fugiram no carro?

— Acho que sim. Westbay cortou caminho por um campo, o que foi complicado, porque os faróis dele estavam apagados. Eu não sabia aonde íamos. Acho que eu ainda estava abalado depois de ver o negro coberto de sangue. Eu me lembro de pensar que aquilo valia muito mais do que cinco mil pratas. Mas,

então, demos numa estrada de cascalho e ele acendeu o farol. Quando chegamos a uma estrada pavimentada, ele acelerou e saímos da reserva. A certa altura, perguntei a ele: “Quem eram aquelas pessoas? ”, e ele falou: “Que pessoas? ” Então, eu não disse mais nada. Ele falou que precisávamos de gelo para colocar no meu nariz; então, parou em uma loja que ficava aberta até tarde. Acho que foi onde vocês conseguiram essa foto.

— E depois que vocês saíram da loja?

— Voltamos de carro para o Blue Chateau, em Fort Walton. Ele me colocou em um quarto naquela noite, me levou uma camiseta limpa e disse para eu deixar o gelo na cara. Falou que, se alguém perguntasse, eu devia dizer que me meti numa briga. Foi o que eu disse a minha mãe.

- E ele te pagou?

— Pagou; no dia seguinte, ele me deu o dinheiro e me disse para ficar de boca fechada. Disse que, se alguém descobrisse, eu seria acusado de fugir do local de um acidente e provavelmente coisa pior. Pode contar, eu estava me cagando de medo, então, fiquei de bico fechado. Medo da polícia, mas também de Westbay. Passaram-se algumas semanas, e eu imaginei que estava liberado. E, então, Westbay um dia me procurou no hotel e disse para eu pegar o meu carro e sair da Flórida imediatamente. Ele me deu mil dólares e disse para ficar longe até que ele telefonasse.

— E ele telefonou?

- Uma vez, mas não atendi. Achei que eu nunca ia voltar, mas estava preocupado com minha mãe e não queria perder uma reunião com meu agente da condicional. Eu meio que entrei escondido na cidade hoje e pretendia ver minha mãe a noite.

Com a narrativa geral feita, Pacheco voltou ao início da história e martelou em alguns detalhes. Ele dissecou cada movimento e pressionou a testemunha a se lembrar de cada nome. Depois de quatro horas, Foreman estava exausto e ansioso para sair de novo da cidade. Quando Pacheco finalmente se deu por satisfeito, dois agentes do Serviço de Delegados entraram na sala e saíram com Zeke Foreman. Levaram-no de carro a um motel em Gulfport, no Mississípi, onde ele passou a primeira noite de sua vida nova.

Clyde Westbay morava com sua segunda mulher em uma bela casa com portões, não muito longe da praia de Brunswick. Tinha 47 anos e não era fichado na polícia. Possuía uma carteira de habilitação da Flórida e um passaporte americano atualizado e jamais se cadastrou para votar, pelo menos não na Flórida. De acordo com os registros de emprego do estado, ele era gerente do Surfbreaker Hotel em Fort Wilton Beach.

Andava com dois celulares e usava duas linhas fixas, uma em seu escritório,

outra em casa. Três horas depois de Zeke sair da Flórida, agentes do FBI estavam na escuta dos quatro telefones.

A correspondência da manhã incluía três pacotes grossos dos escritórios de advocacia de Edgar Killebrew. Lacy os abriu com relutância e encontrou a carta de apresentação dele. Ele explicava, em uma linguagem concisa e com a arrogância que lhe era característica, que o “anexo” era a resposta da juíza McDover às intimações “frívolas” de Lacy. Anexada a carta, estava sua exigência formal de que todas as alegações contra sua cliente fossem abandonadas, e a investigação, encerrada. Na alternativa, ele exigia “uma audiência imediata e confidencial perante todo o Conselho de Conduta Judicial”.

Lacy tinha requisitado todos os registros da cliente dele, oficiais e pessoais, relacionados com dez processos específicos. Enquanto começava a examinar a pilha de papéis, ficou evidente que não aparecia nada de novo. Killebrew e seus associados simplesmente copiaram os arquivos do tribunal e os amontoaram de qualquer jeito. Havia um ou outro memorando ditado pela juíza e não arquivado, e até algumas anotações a mão, mas nada que revelasse seus pensamentos, intenções ou observações; nada que a ligasse ao favorecimento de um lado ou de outro. Porém, em todos os dez casos, ela havia decidido em favor das entidades *offshore* sem rosto e contra proprietários e litigantes locais.

Como não era de surpreender, a papelada era muito menos organizada do que o material que Sadelle havia indexado fazia muito tempo. Todavia, Lacy não tinha alternativa senão analisar cada documento e registro. Quando terminou, ela comunicou a Geismar.



Em 5 de outubro, a primeira quarta-feira do mês, a juíza McDover saiu de seu gabinete uma hora mais cedo do que o habitual e foi de carro ao mesmo imóvel em Rabbit Run, sua segunda visita ali desde que deram entrada na denúncia que a acusava de receber o imóvel no esquema de suborno. Estacionou seu Lexus no mesmo lugar, deixando espaço para outro veículo, e entrou na casa. Não deu sinais de estar nem um pouco nervosa ou assustada, não olhou nem uma vez por cima do ombro, nem para os dois lados da rua.

Dentro da casa, ela verificou a porta do pátio e todas as janelas. Foi a seu cofre e passou alguns momentos admirando seus “ativos”, bens que ela estivera colecionando por tanto tempo, que agora acreditava que os merecia. Dinheiro e

diamantes em cofres pequenos, portáteis, e a prova de fogo. Armários de aço trancados e recheados de joias, moedas raras, taças de prata, xícaras e talheres antigos, primeiras edições autografadas e limitadas de romances famosos, cristal antigo e pequenas pinturas de artistas contemporâneos. Tudo isso foi adquirido com dinheiro do cassino, habilidosamente lavado pela compra sistemática com dezenas de negociantes que nunca suspeitaram de que ela e Phyllis Turban estivessem violando aquelas irritantes leis de transação financeira. O gênio do esquema das duas era a paciência. Comprar objetos refinados e raros em pequenas quantidades e, com o tempo, ver sua coleção aumentar. Encontrar os negociantes certos, evitar aqueles que fizessem perguntas ou demonstrassem hesitação e, quando possível, retirar os objetos do país.

Ela adorava sua coleção, mas, pela primeira vez em onze anos, sentiu os primeiros sinais do pânico. Todas as coisas deviam ter sido despachadas ou contrabandeadas para um local mais seguro, agora que ela foi acusada. Alguém sabia de seus imóveis e das misteriosas empresas proprietárias. Vonn Dubose podia ter água gelada nas veias, mas Claudia McDover não tinha. Seu apetite insaciável por dinheiro finalmente esmorecia. A juíza tinha o suficiente. Ela e Phyllis podiam viajar pelo mundo com estilo e rir dos índios. Mais importante, ela podia cortar todos os laços com Dubose.

Ele chegou e preparou uma vodca dupla. Ela bebeu chá-verde enquanto eles se sentavam a uma mesa de café da manhã e olhavam o campo de golfe. As duas bolsas estavam no sofá; uma, cheia do saque, a outra, vazia.

— Fale-me de Killebrew — disse ele depois do papo habitual.

— Ele descarregou um monte de papelada neles, a quinhentos dólares a hora, devo acrescentar. E exigiu que a acusação fosse retirada, é claro. Ele está enrolando com aquela conversa de uma audiência imediata, mas pensa que pode adiar isso por pelo menos seis meses. Onde estaremos daqui a seis meses, Vonn?

— Bem aqui, contando o nosso dinheiro. Nada vai mudar, Claudia. Está preocupada?

— É claro que estou preocupada. Essa gente não é idiota. Posso mostrar a eles os cheques cancelados de quando comprei os imóveis, dez mil por cada um quando o valor de mercado era muito maior. Posso mostrar a nota promissória, cuja maior parte ainda devo ao mesmo banco duvidoso do Caribe.

— Você fez pagamentos ao longo dos anos. Seu acordo com o banco não é da conta deles.

— Pagamentos muito pequenos, Vonn, muito pequenos. E os pagamentos eram redirecionados a mim por intermédio de outro banco *offshore*.

— Eles não podem rastrear isso, Claudia. Quantas vezes já discutimos esse assunto?

— Não sei, Vonn. E se eu simplesmente renunciar ao cargo?

— Renunciar?

— Pense nisso, Vonn. Posso alegar problemas de saúde, dizer alguma besteira a imprensa e deixar o gabinete. Killebrew armaria um circo e alegaria que o CEJ não teria mais jurisdição. Há uma boa possibilidade de a denúncia dar em nada.

— De qualquer modo, a denúncia está morta.

Ela respirou fundo; depois, bebeu o chá.

— Myers?

— Myers desapareceu.

Ela afastou a xícara e o pires e falou:

— Não suporto mais isso, Vonn. Este é o seu mundo, e não o meu.

— Ele está foragido, está bem? Ainda não o pegamos, mas estamos chegando perto.

Não disseram nada por um bom tempo enquanto ela contava os mortos e ele pensava no dinheiro a mais que podia embolsar com a aposentadoria dela.

— Quem é o sujeito? — perguntou ela.

— Um advogado expulso da Ordem de Pensacola chamado Ramsey Mix. Cumpru algum tempo em uma penitenciária federal, saiu, encontrou algum dinheiro que escondeu quando os federais chegaram, trocou de nome para Greg Myers e morou em um barco com sua namoradinha mexicana.

— Como você o encontrou?

— Isso não importa. O que é importante é que o CEJ não pode seguir em frente sem ele. Acabou, Claudia. Foi um bom susto, mas acabou. Agora você pode relaxar.

— Eu não teria tanta certeza disso. Examinei as regras do CEJ até pelo avesso, e não há nenhum procedimento rigoroso que engavete acusações quando o autor da denúncia perde o interesse.

Ela era advogada. Ele não, e não ia discutir com ela.

— Tem certeza de que eles vão desistir se você se aposentar?

— Vou repetir, não posso prever o que eles farão. Os procedimentos deles nem sempre são precisos. Mas, se eu não estiver no tribunal, por que eles se importariam?

— Talvez não se importem.

Ela não sabia sobre os dois vídeos e os esforços frenéticos de Vonn para conter os danos que eles podiam ter criado. Ela não sabia de Lyman Gritt e de suas atividades suspeitas. Havia muita coisa que ela não sabia, porque, no mundo dele, saber demais pode ser perigoso. Confidentes dignos de confiança podem ser convencidos a falar. Segredos são expostos. De qualquer modo,

Claudia tinha o bastante com que se preocupar.

Houve outro longo hiato na conversa. Nenhum dos dois parecia ansioso para falar, embora ambos tivessem a cabeça girando. Ele sacudiu os cubos de gelo e finalmente falou: — Então, ainda nos resta a pergunta, juíza: como Myers descobriu sobre os imóveis? Algum rastro possível de documentos não levaria a lugar nenhum. Há barreiras demais, empresas estrangeiras demais regidas por leis que não podem ser penetradas. Alguém contou a Myers, o que significa, naturalmente, que existe um vazamento. Olho as pessoas a minha volta e aquelas que cercam você. Meu pessoal é profissional e administra uma organização que é hermeticamente fechada, e estamos no negócio há muito tempo, sem vazamento nenhum. E quanto a você, juíza?

— Já tivemos essa conversa.

- Teremos de novo. E Phyllis? Ela sabe de tudo. O escritório dela é seguro?

- Phyllis é minha parceira no crime, Vonn. É tão culpada quanto eu.

- Não estou sugerindo que ela possa falar. Mas quem está em volta dela ultimamente? Sei que ela não tem sócios, só lacaios, mas quem são eles?

— Ela é fanática por segurança. Nada de sigiloso e comprometedor fica em seu escritório, nem em sua casa. Para as coisas importantes, ela trabalha em um escritório pequeno que ninguém conhece. É tudo muito seguro.

— E o seu gabinete?

- Já lhe falei, Vonn. Uso uma secretária em tempo integral que troco mais ou menos a cada 18 meses. Nenhuma delas durou dois anos porque não quero que fiquem à vontade, metendo o nariz por ali. De vez em quando, tenho um estagiário por um ano, mas esses coitados não suportam a pressão. E tenho uma estenógrafa que está comigo há anos, e eu confiaria minha vida a ela.

— JoHelen.

— JoHelen Hooper. Uma menina muito meiga que faz maravilhosamente seu trabalho, mas guarda distância de todo o resto relacionado com o tribunal.

— E há quanto tempo ela é sua estenógrafa?

— Sete ou oito anos. Nós nos entendemos porque ela fala pouco, puxa o meu saco quando é preciso e, caso contrário, sai do caminho.

— E por que você confia tanto nela?

— Porque a conheço. Por que você confia tanto em seus rapazes?

Ele ignorou a pergunta.

— Ela tem acesso a seu gabinete?

— Nunca. Ninguém tem acesso.

— Não existe completa confiança, juíza. E, em geral, é alguém em que você confia que mais provavelmente vai cortar sua garganta pelo preço certo.

— Você deve entender dessas coisas.

— Mas é claro que entendo. Fique de olho nela, está bem? Não confie em ninguém.

— Eu não confio em ninguém, Vonn, particularmente em você.

— Isso aí, garota. Eu também não confiaria em mim.

Eles riram forçado da própria vigarice. Vonn foi pegar mais vodca, e ela bebeu o chá frio. Enquanto se sentava, ele falou: — Vamos fazer o seguinte: vamos nos reunir uma vez por semana, nos encontrar aqui toda quarta-feira às cinco e monitorar as coisas. E me dê algum tempo para pensar em sua aposentadoria.

— Ah, sei que você vai gostar do plano de aposentadoria. Você já está contando o dinheiro a mais a cada mês.

— É verdade, mas, como aprendi, é muito útil ter uma juíza no bolso. Você me deixou mimado, Claudia, e não sei se um dia vou conseguir encontrar outro juiz que possa corromper com tanta facilidade.

— Esperemos que não.

— Está ficando religiosa nos últimos anos?

— Não. Só estou cansada do trabalho. Tive de tirar uma criança de sua mãe hoje. Ela é viciada em metanfetamina e uma tragédia completa, e a criança corre perigo; mas, ainda assim, não é fácil. É a terceira vez que arranco uma criança desta mulher e, depois de uma audiência de seis horas, com toda sorte de emoções e palavrões, tive de ordenar a assistência social que levasse a criança. Assim, enquanto está indo embora, a mãe anuncia em pleno tribunal: “Aí, grande coisa, já estou grávida de novo.”

— Que jeito horrível de ganhar dinheiro.

— Estou cansada disso. Roubar dos índios é muito mais agradável.

Lacy estava em uma esteira de ioga, tentando aflitivamente completar uma posição básica de ioga que ela fazia durante anos, mas não desde o acidente. Com as pernas esticadas e unidas no chão, ela estava quase tocando os dedões do pé quando o celular descartável de Cooley vibrou na mesa de centro. Como não podia viver sem ele ultimamente, ela aprendera a desprezá-lo. Ainda assim, de imediato esqueceu a ioga e pegou o telefone.

— Só para dar notícias, Lacy — disse ele. — Nenhum sinal de Myers. Eu não esperava nenhum, mas é perturbador do mesmo jeito. A polícia de Key Largo procura por ele, mas é um rastro muito frio. Um banco qualquer confiscou o barco uns dois dias atrás. Acabei de falar com o infiltrado, e nada de novo por lá também, exceto que nossa garota se encontrou com Dubose hoje para sua festinha mensal do dinheiro.

— E como ele sabe disso? — perguntou Lacy, mas a essa altura era uma pergunta velha.

— Talvez um dia você possa perguntar a ele. Não sei. Olha, Lacy, se os bandidos conseguirem encontrar Myers, vão conseguir me encontrar também. Estou muito assustado. Estou em movimentação constante ultimamente, de um hotel barato para outro, e, para ser franco, estou esgotado. Mando a você um pacote com outro celular pré pago amanhã, junto com um número telefônico. É de um telefone de posse do infiltrado. Nós trocamos todo mês. Se acontecer alguma coisa comigo, você liga para o número.

— Não vai acontecer nada com você.

— Obrigado, mas você não sabe do que está falando. Myers se achava inteligente.

— É verdade, mas ele também colocou o nome dele na denúncia. Os bandidos não sabem quem é você.

— Não sei mais se acredito nisso. De qualquer modo, preciso correr. Tenha cuidado, Lacy. - A ligação acabou, e Lacy ficou olhando para o aparelho barato, esperando mais.

33

Com a temporada de outono se aproximando, o Surfbreaker se preparava para a invasão anual de canadenses. O saguão estava silencioso, a piscina e o estacionamento, praticamente vazios. Clyde Westbay entrou em um elevador para uma ida rápida ao terceiro andar, para verificar uma reforma nos quartos. Um hóspede de bermuda e sandálias entrou no elevador justo quando a porta se fechava e apertou o botão do sexto andar. Quando o elevador entrou em movimento, o hóspede falou: — Tem alguns minutos, Sr. Westbay?

Clyde olhou para ele.

— Está hospedado aqui?

— Estou. Na suíte Dolphin. O nome é Allie Pacheco, FBI.

Os olhos de Clyde caíram nas sandálias enquanto Allie sacava seu distintivo.

— O que o FBI está fazendo no meu hotel?

— Pagando uma diária gorda por um quarto passável. Estamos aqui para falar com você.

O elevador parou no terceiro andar, mas Clyde não saiu. Ninguém entrou. A porta se fechou, e eles continuaram a subir.

— Talvez agora eu esteja ocupado.

— Nós também. Só algumas perguntas, é só isso.

Clyde deu de ombros e saiu no sexto andar. Acompanhou Pacheco até o final e olhou enquanto ele abria a porta da suíte Dolphin.

— O que acha de meu hotel? — perguntou Clyde.

— É passável. O serviço de quarto é uma bosta. Encontrei uma barata no meu banheiro esta manhã. Morta.

Lá dentro, estavam outros três cavalheiros, todos de bermuda e sandália, junto com uma jovem que dava a impressão de estar pronta para jogar tênis. Os homens eram do FBI. A mulher, Rebecca Webb, assistente da Procuradoria Geral.

Westbay olhou em volta do espaçoso ambiente e falou:

— Bom, não estou gostando da cara dessa festa. Acho que devo pedir que vocês se retirem de meu hotel.

— Claro — disse Pacheco -, será um prazer ir embora, mas você vai conosco, algemado e com correntes nos tornozelos, atravessando o saguão principal: um desfile e tanto para os olhos de seus hóspedes e empregados. Podemos até convocar os repórteres locais.

— Estou sendo preso?

a Está, por homicídio qualificado sujeito a pena capital.

Seu rosto empalideceu, e os joelhos vergaram. Ele procurou as costas de uma cadeira e se atrapalhou para chegar a ela. O agente Hahn lhe estendeu uma garrafa de água, que ele bebeu enquanto deixava escorrer pelo queixo. Ele respirou fundo e olhou nos olhos dos agentes, desesperado por socorro. Um homem inocente já teria protestado.

Por fim, ele conseguiu murmurar:

— Isto não pode estar acontecendo. — Mas estava, e a vida de Westbay estava acabada. Ele agora entrava em um pesadelo.

Rebecca Webb colocou uns papéis no colo dele e falou:

— Aqui está a acusação, lacrada, entregue ontem por um júri federal em Tallahassee. Uma acusação de homicídio qualificado. O assassinato de Hugo Hatch foi contratado; assim, as circunstâncias agravantes fazem dele um caso de homicídio qualificado sujeito a pena de morte. Além disso, a picape roubada que você comprou em dinheiro atravessou a divisa do estado. Não foi muito inteligente.

— Eu não fiz isso. — Ele quase gemia. — Juro.

— Jure o que quiser, Clyde. Não vai ajudar — disse Pacheco num arremedo de simpatia.

— Quero um advogado.

— Ótimo. Vamos arrumar um, mas, primeiro, a papelada. Vamos nos sentar aqui à mesa e bater um papo. — A mesa era pequena e redonda, com apenas duas cadeiras. Westbay sentou-se em uma, e Pacheco ficou com a outra de frente para ele. Hahn e os outros dois agentes ficaram de pé atrás de Pacheco, uma demonstração de força que intimidava apesar das camisas de golfe, das bermudas e das pernas brancas.

— Pelo que podemos determinar - disse Pacheco —, você não tem ficha na polícia, não é verdade?

— É verdade.

— Então, esta é sua primeira prisão?

— Sim, acho que sim. - Era difícil raciocinar. Ele estava desnorteado, seus olhos disparavam de um rosto a outro.

Lenta e nitidamente, Pacheco leu os “direitos de Miranda” de Clyde e depois lhe entregou uma folha de papel com os dizeres impressos. Ele meneou a cabeça enquanto lia, e parte da cor finalmente voltava ao seu rosto. Assinou embaixo com uma caneta que Pacheco lhe passou prestativamente.

— Eu tenho direito a dar um telefonema? - perguntou Westbay.

— Claro, mas você precisa saber que estamos ouvindo seus telefonemas nos

últimos três dias. Você tem pelo menos dois celulares, e, se usar um agora, ouviremos cada palavra.

— Vocês o quê? — perguntou Westbay, sem acreditar.

A Srta. Webb mostrou outra papelada e a colocou na mesa.

— Aqui está o mandado judicial de quebra de sigilo telefônico assinado por um juiz federal.

Pacheco falou.

— Parece que você usa o iPhone para a maioria de seus telefonemas pessoais. Seu Nokia é pago pelo hotel e parece ser usado para o trabalho e para ligações a sua amante, Tammy James, ex-garçonete do Hooters. Estou supondo que sua mulher não saiba da Srta. Tammy.

O queixo de Clyde caiu, mas ele não conseguia falar. Será que as revelações sobre Tammy podiam ser mais perturbadoras do que a acusação de homicídio? Talvez, mas seu cérebro estava embaralhado, e nada fazia sentido.

Pacheco, desfrutando inteiramente do momento, continuou: - A propósito, temos um mandado também para o telefone de Tammy, e ela está dormindo com um cara chamado Burke, e com outro de nome Walter, e pode haver outros. Mas você precisa esquecer Tammy, porque a possibilidade de você chegar a tocar seu corpo quente de novo é muito remota.

De algum lugar na garganta de Westbay, houve um som de erupção de gases que só um agente conseguia interpretar. Ele pegou um cesto de lixo plástico e disse: “Tome aqui”, justo quando o réu se virou e começou a vomitar ruidosamente. Seu rosto assumiu um tom vermelho sangue enquanto ele tinha ânsias e ofegava, e enfim conseguiu vomitar direito. Todos viraram a cara por alguns segundos, mas os barulhos eram igualmente nauseantes. Quando todo seu café da manhã finalmente estava no fundo da lixeira, Westbay limpou a boca com as costas da mão. Ficou cabisbaixo e soltou um gemido estranho. Um agente lhe passou uma toalha molhada, e ele limpou a boca de novo. Por fim, ele se sentou reto e cerrou os dentes, como se agora estivesse fortalecido e pronto para o esquadrão de fuzilamento.

Um cheiro pútrido irradiava do cesto de lixo. Um agente o levou para o banheiro.

Hahn aproximou-se um passo da mesa e disse com orgulho: - Além disso, temos registros de todas as ligações nos dois telefones pelos últimos dois anos. Estamos rastreando esses números enquanto falamos. Em algum lugar por ali, está Vonn Dubose. Vamos acabar encontrando o número dele.

Westbay parecia ter parado de respirar. Ficou boquiaberto e de olhos arregalados para Pacheco, do outro lado da mesa, e enfim conseguiu falar: — Quero um advogado.

— Quem você tem em mente?

Seu cérebro estava paralisado no momento. Ele fechou os olhos e tentou pensar no nome de um advogado, qualquer advogado, ou qualquer um que pudesse resgatá-lo. Havia um advogado de imóveis com quem ele jogava golfe; um advogado de falências com quem ele bebia; um advogado de divórcios que o havia livrado da primeira mulher, e assim por diante. Por fim: — Tudo bem, Gary Bullington.

Pacheco deu de ombros.

— Ligue para ele. Vamos torcer para ele fazer visita domiciliar.

— Não tenho o número dele.

— Eu consegui - disse um dos outros agentes, olhando seu laptop. Ele cantou o número, mas as mãos de Westbay tremiam demais. Ele conseguiu na terceira tentativa e colou o aparelho no ouvido. O Sr. Bullington estava em uma reunião, mas Westbay não aceitaria uma resposta negativa. Enquanto esperava, olhou para Pacheco e perguntou: — Posso ter alguma privacidade?

— Por que se incomodar com isso? — disse Pacheco. — Estamos ouvindo mesmo. O juiz nos deu permissão.

— Por favor.

— Claro. O hotel é seu. No quarto. — Pacheco o levou para o quarto, mas continuou ali com ele. Foi divertido ouvir Westbay se apresentar a Bullington quando ele finalmente atendeu do outro lado. Se os dois se conheciam, não parecia. Westbay tentou explicar seus apuros, mas Bullington, o advogado, mandava uma saraivada de perguntas. De costas para Pacheco, Westbay se esforçava para completar uma frase.

— Não, sim, olha, eles estão aqui agora, o FBI, em Fort Walton, no hotel... sim, uma acusação... federal, mas... você pode me ouvir? Preciso que venha ao hotel imediatamente. Largue tudo... seus honorários? Claro, quanto... tá de sacanagem... sim, homicídio qualificado com pena capital... Um agente do FBI está me encarando agora, ouvindo cada palavra... tudo bem...

Westbay virou-se para Pacheco.

— O advogado disse para você sair do quarto.

— Diga ao advogado para tomar no cu. Não vou sair.

Westbay virou-se e falou:

— Ele disse para você tomar no cu. Olha, quanto custará só por hoje, sabe, para vir correndo aqui e me dar algum conselho antes que eles me prendam?... Nossa! Por que tão caro?... Entendi, entendi. Tudo bem, mas rápido.

Westbay encerrou a ligação.

— Ele disse que vai precisar de uma hora.

— Não temos pressa, Clyde. Na verdade, reservamos a suíte por dois dias, a

uma diária cujo preço devia ser da baixa temporada, mas ainda está alto demais.

Eles voltaram a sala, onde Hahn e os outros agentes mexiam em duas câmeras em tripés.

— Agora, Clyde, isto não é um interrogatório — disse Pacheco. — Vamos esperar seu advogado antes de interrogar você. Mas, para a segurança de todos, gravaremos tudo o que acontecer daqui em diante. Não queremos que algum pistoleiro alegue depois que houve uma violação dos “direitos de Miranda”, queremos? Enquanto esperamos pelo Sr. Bullington, temos um vídeo que você pode achar interessante.

Westbay estava sentado a mesa, assim como Pacheco. Um laptop foi colocado entre eles, e Hahn apertou uma tecla.

— Isto é uma gravação real do Dodge Ram sendo roubado em Foley, no Alabama — disse Pacheco você sabe, aquele pelo qual você pagou em dinheiro no bar a leste de Pensacola na tarde do dia 22 de agosto, enquanto o jovem Zeke Foreman esperava em sua picape, aquela com a placa falsa da Flórida. Dê uma olhada.

Os olhos de Westbay se estreitaram em fendas minúsculas enquanto ele olhava Fixamente a tela. Depois de ver o vídeo pela segunda vez, ele perguntou: — Quem fez o vídeo?

Pacheco levantou as mãos.

— Espere aí! Você não faz perguntas. Nós também não. Só quando o advogado estiver aqui. Isto é simplesmente para sua informação. Talvez esses vídeos o ajudem a tomar algumas decisões boas ainda hoje.

Hahn explicou o segundo vídeo, o da loja de Frog Freeman. Quando Clyde se viu estacionando o carro e saindo, seus ombros arriaram uns três centímetros. Com a arriada, o vômito, o quase desmaio, a cara lívida e a voz fraca e instável, Westbay estava se transformando em patê. Allie sentiu que a vitória estava perto, mas o advogado podia complicar as coisas, como costumavam fazer.

Jogando sal na ferida, Pacheco falou:

— Que puta burrice estacionar bem na frente da loja para ser fotografado. — Westbay assentiu, derrotado.

Hahn exibiu o segundo vídeo duas vezes e perguntou:

— Já viu o bastante?

Westbay concordou com a cabeça e se recostou na cadeira.

— Como temos bastante tempo - disse Pacheco -, há um vídeo muito mais longo, que pensamos que você vai achar igualmente convincente. Tivemos uma conversa com seu amigo Zeke Foreman uns dias atrás. Lembra-se de Zeke?

— Não vou responder a pergunta nenhuma.

— É verdade. Então, nós apertamos um pouco, assustamos bem o garoto, e

ele começou a cantar. Quer dizer, ele cantou de verdade. Toque a música, Hahn.

A cara assustada de Zeke apareceu no laptop. Ele jurou dizer a verdade, e fez isso por 56 minutos. Clyde ouviu atentamente, enquanto sua vida lhe escapulia a cada minuto.

Quando Gary Bullington chegou, o FBI tinha seu perfil, que não era nada impressionante. Ele tinha 40 anos, um advogado medíocre com anúncios na internet que procurava acidentes automobilísticos lucrativos, mas sobrevivia defendendo casos de indenização trabalhista e de tráfico de drogas insignificantes. Sua imagem na rede era a de um jovem advogado bem vestido, de cintura fina e cabelo farto, evidentemente photoshopado para fins de propaganda e ego. Em carne e osso, usava um terno amarrotado esticado na barriga, e o cabelo rebelde ficava ao mesmo tempo grisalho e ralo. Depois das apresentações desajeitadas, ele levou seu cliente ao quarto, bateu a porta e o manteve ali por mais uma hora.

Enquanto isso, Pacheco pedia uma bandeja de sanduíches do serviço de quarto e pensou em colocar tudo na conta do dono do hotel. Não fez isso; não ganharia nada causando mais embaraço a Westbay do que estava por vir.

Quando Westbay e Bullington voltaram a sala, parecia que tinham acabado de sair de uma discussão acalorada. Pacheco ofereceu sanduíches e bananas. Bullington pegou um de cada, mas seu cliente não tinha apetite.

— Agora podemos continuar? — perguntou Pacheco.

Bullington, de boca cheia, falou:

— Aconselhei meu cliente a não responder a pergunta nenhuma.

— Ótimo. Mas não estamos aqui para um interrogatório.

— Então, que diabos é isso?

Rebecca Webb estava sentada em um sofá pequeno, escrevendo em um bloco.

— Estamos preparados para propor um acordo — disse ela. — Culpado de uma acusação de homicídio simples. A acusação de homicídio qualificado com pena de morte será retirada depois, à medida que as coisas progredirem. Simples significa perpétua, mas recomendaremos muito menos.

— Muito menos quanto? - perguntou Bullington.

— Começaremos por vinte anos e veremos como ele se sai. Seu cliente poderá trabalhar fora enquanto cumpre pena.

— Que tipo de trabalho?

— Trabalho interno. Informante. Duvidamos de que a infiltração seja necessária porque seu cliente já faz parte da quadrilha. Teremos de usar um grampo, criar algumas conversas, esse tipo de coisa.

Westbay lançou a ela um olhar de puro terror.

— A versão curta, Sr. Bullington - disse Pacheco —, é que queremos que seu cliente nos entregue a Máfia da Costa.

— E o que ele ganha com isso?

— Talvez só cinco anos — disse Webb. — Esta pode ser nossa recomendação, mas, como sabe, a decisão final caberá ao juiz.

— Cinco anos, depois uma vida tranquila graças ao programa de proteção a testemunhas — disse Pacheco. — Isto, ou os próximos dez anos no corredor da morte antes do encontro com o carrasco.

— Não ameace meu cliente — disse Bullington, com raiva.

— Não estou ameaçando. Estou prometendo. Ele é culpado agora de homicídio qualificado com pena de morte, o que a Procuradoria Geral poderá provar com muita facilidade. Estamos propondo um acordo de mãe que inclui a possibilidade de o Sr. Westbay sair em cinco anos.

- Tudo bem, tudo bem - disse Bullington, terminando o sanduíche numa só dentada. — Vamos ver essa droga de vídeo.

Eram quase quatro e meia quando advogado e cliente ressurgiram do quarto depois de outra reunião tensa. Dois agentes jogavam cartas na mesa. Rebecca Webb estava ao telefone. Hahn tirava um cochilo no sofá. Pacheco dizia a camareira para ir embora. Eles tinham prometido ao Sr. Bullington que a reunião duraria a noite toda, se necessário. Eles não tinham para onde ir no momento e, se não chegassem a um acordo, sairiam com o Sr. Westbay algemado e o levariam a Tallahassee, onde ele seria jogado numa cela de prisão, a primeira de muitas que o confinariam pelo resto da vida. Se eles saíssem sem acordo nenhum, não haveria outra oportunidade.

O paletó de Bullington estava pendurado em uma maçaneta. Ele usava suspensórios vermelhos que se esforçavam para manter as calças no lugar. Ficou de pé no meio da sala e se dirigiu ao governo.

— Creio que convenci meu cliente de que o caso contra ele é muito sério e que a probabilidade de um veredito de inocência parece muito pequena. Não é de surpreender que ele queira evitar a prisão o máximo possível, sem falar nessa história de injeção letal.

Westbay envelhecia a cada hora. Estava pálido e, como não era um homem grandalhão, parecia agora ter encolhido a um estado quase sem vida. Evitava olhar nos olhos de todos na sala, a cabeça claramente em outro lugar. Os agentes o observavam atentamente e, durante a última reunião entre advogado e cliente no quarto, concordaram que estavam preocupados com ele. Usar um grampo em uma sala com Vonn Dubose exigiria coragem, descaramento e um desempenho convincente. Westbay, agora em seu estado diminuído, não inspirava confiança. No início, os agentes desfrutaram da rotina dele de bancar o durão, o que eles já

esperavam, mas estavam espantados ao ver a rapidez com que tudo derreteu.

Mas, ora, nem sempre podem-se ficar escolhendo informantes, e eles já haviam treinado informantes muito mais instáveis emocionalmente.

— E então, qual é o procedimento? — perguntou Bullington.

— Ele será acusado de homicídio doloso qualificado sujeito à pena capital junto com o resto da quadrilha — respondeu a Srta. Webb. — Esta acusação será posta de lado a medida que acharmos que ele está disposto a colaborar. Se ele colaborar, um dia apelará ao doloso simples, e vamos lutar por uma sentença mais leve. Se ele fizer alguma idiotice, como fugir ou estragar seu disfarce, vamos baixar a oferta e ele pega perpétua.

— Foi o que pensei. Sr. Westbay?

Clyde jogou as mãos para o alto delicadamente, derrotado, e soltou uma risada de pateta.

— E eu tenho alguma alternativa?

Nunca ficou claro, pelo menos não para Clyde, se Vonn Dubose era um nome verdadeiro ou um codinome. Clyde não era um dos cinco “Primos”, o apelido dos membros que chefiavam a gangue. Nenhum dos outros quatro usava o sobrenome Dubose. O irmão mais novo de Vonn havia sido baleado e morto em um negócio de drogas que não dera certo em Coral Gables em 1990, e seu nome era Nash Kinney. Segundo a pesquisa do FBI, Nash Kinney nascera na Louisiana em 1951 e não tinha irmãos.

Clyde confessou que a maior parte do que sabia a respeito da história da quadrilha tinha chegado em partes e não era confiável. Os rapazes não se sentavam em volta da mesa de pôquer e falavam dos dias de glória. Na realidade, ele passara muito pouco tempo com os Primos. Ele nem mesmo sabia se eram parentes de sangue. Clyde estivera na folha de pagamento havia dois anos quando conheceu todos os cinco.

Vonn Dubose não tinha endereço, carteira de habilitação, número de Seguro Social, identidade de contribuinte do imposto de renda, passaporte, contas bancárias nem cartões de crédito. Isto foi verificado pelo FBI, que desenvolveu a teoria de que o nome era um codinome que fora criado e cuidadosamente protegido com o passar dos anos. Não havia registro de restituição de imposto de renda para tal pessoa. De acordo com Greg Myers, Dubose havia se casado e se divorciado mais de uma vez. Porém, o FBI não encontrou nenhuma evidência de certidões de casamento ou processos de divórcio.

Henry Skoley era o primeiro Primo que eles precisavam descobrir. Ele atendia por Hank e supostamente era sobrinho de Vonn, filho do irmão que fora baleado e morto. Mas, se não havia irmão, então quem diabos era Hank? A história já estava desmoronando.

Hank tinha uns 40 anos e trabalhava para Vonn como motorista, segurança, companheiro de golfe, amigo de bebedeira, o que fosse. Tudo o que Vonn quisesse ou precisasse estava em nome de Hank. Se Vonn quisesse um carro novo, Hank era mandado para comprar um em seu nome. Se Vonn quisesse ir a Las Vegas para se divertir num fim de semana, Hank arrumava o avião, a limusine, os quartos de hotel, as prostitutas e, é claro, o acompanhava para trabalhar em todos os detalhes. Mais importante, Hank transmitia as ordens de Vonn aos outros. Vonn não usava telefones nem e-mail, pelo menos não para seu trabalho sujo.

Clyde entregou seus dois celulares, deu as senhas e observou enquanto dois agentes começavam a descarregar seus dados. Havia dois números para Hank Skoley, mas o FBI já sabia disso.

Clyde não sabia onde Vonn morava atualmente. Ele se mudava muito, passava alguns meses aqui e ali em imóveis novos que construía na costa oeste da Flórida. Ele também não sabia se Dubose morava sozinho.

Dois Primos, Vance e Floyd Maton, eram considerados parentes de Dubose. Contando com Hank, formavam quatro. O quinto era Ron Skinner, um suposto sobrinho de Vonn. Skinner morava no litoral, perto de Panama City, e administrava os bares, lojas de bebidas, lojas de conveniência e boates de strip-tease da quadrilha, estabelecimentos que eram fundamentais para a lavagem de dinheiro. Os irmãos Maton cuidavam dos negócios imobiliários do bando. Hank supervisionava hotéis, restaurantes e parques de diversão. Era uma equipe administrativa sólida e disciplinada, com todas as grandes decisões tomadas por Vonn, e tudo garantido pelo dinheiro desviado do Treasure Key.

A camada mais abaixo na hierarquia era formada por gerentes, homens como Clyde, que administravam muitos dos negócios aparentemente legítimos. Havia cerca de uma dúzia neste grupo, mas Clyde não chegou a conhecer todos eles. Para ficar claro, não se tratava de uma grande e feliz família corporativa que organizava piqueniques anuais e dias de levar as crianças ao trabalho. Era como se Vonn não quisesse que um departamento soubesse muito a respeito dos outros. Dez anos antes, Clyde estava trabalhando em um hotel em Orlando quando soube de uma vaga de emprego em Fort Walton Beach. Ele se mudou porque gostava de morar perto do mar. Um ano depois, conseguiu o cargo de subgerente no Blue Chateau e entrou, sem querer, no mundo do crime da Máfia da Costa, embora nunca tivesse ouvido falar nessa expressão. Conheceu Hank, gostou muito dele e logo foi promovido a gerente e teve um aumento enorme no salário. Ele era bem pago, muito acima da média do setor, e acreditava que isto era comum em todo o império Dubose. A compra da lealdade. Depois que Clyde passou ao comando e fazia um bom trabalho, Hank informou a ele que a empresa tinha acabado de comprar o Surfbreaker a oitocentos metros adiante, na praia. A empresa, uma organização estranha com sede em Belize, estava sendo reestruturada, e Clyde administraria os dois hotéis na área de Fort Walton Beach. Seu salário dobrou novamente, e ele recebia uma participação de 5% da Starr S, a nova empresa. Ele foi levado a acreditar que Hank e alguns associados eram donos dos outros 95%, mas não tinha certeza. Mais tarde, ele soube que tudo fazia parte da mesma conspiração.

Sua vida no crime começou quando Hank um dia chegou com quarenta mil dólares em dinheiro, tudo em notas de cem. Hank explicou que era difícil lavar

dinheiro sujo usando os hotéis, porque quase todas as transações são feitas por cartões de crédito. Porém, cada um dos hotéis tinha bares movimentados onde muitos clientes ainda pagavam em dinheiro. Hank passou então a delinear detalhadamente como o dinheiro sujo seria sistematicamente acrescentado ao fluxo de caixa de cada bar. Hank nunca usava a expressão “lavagem de dinheiro”, preferindo o eufemismo “ajuste de contabilidade”. A partir desse dia, a receita diária em dinheiro de cada bar seria entregue a Clyde e a mais ninguém. Com o tempo, ele aprendeu a ajustar os números, dependendo do fluxo de tráfego nos hotéis. Ele até imaginou um método de fazer o dinheiro sujo correr pela receita bruta da recepção. A contabilidade manipulada parecia imaculada. Os contadores de Pensacola deram os parabéns a ele pelo aumento nas vendas, mas nunca perguntaram por nada de suspeito.

Clyde mantinha registros em um caderno, bem longe dos computadores, e, com uma olhada rápida, ele pôde dizer ao FBI exatamente quanto dinheiro tinha lavado em seus hotéis e bares nos últimos nove anos. Sua melhor conjectura era de cerca de trezentos mil por ano. E isto era só café pequeno. A lavagem seria acontecia nos bares, lojas de bebidas e boates de strip-tease da quadrilha.

A quadrilha aos poucos o sugou para dentro. Depois de dois anos como gerente, ele foi convidado a Las Vegas para uma viagem só de rapazes. Foi num jato particular com Hank e os irmãos Maton. Uma limusine os levou ao cassino grandioso, onde Clyde ficou hospedado em uma suíte só para ele. Todas as despesas foram pagas por Hank — jantares fartos, vinhos caros, prostitutas lindas. Em uma noite de sábado, Hank o convidou a uma suíte na cobertura para tomar um drinque com Vonn. Só Vonn Dubose e os Primos, e Clyde Westbay, agora um membro confiável da organização. No dia seguinte, ele e Hank tomaram café em um bar do cassino, e foram reveladas algumas regras. Elas eram básicas e se resumiam a: 1) fazer o que mandavam; 2) ficar de boca fechada; 3) não confiar em ninguém além de nós; 4) ficar de olhos abertos e nunca se esquecer de que está infringindo a lei; e 5) nunca dedurar, porque a deduração pode ser fatal para você e sua família. Exigia-se lealdade e, em troca, Clyde ganharia muita grana. Ele não viu problema nas regras.

Os gerentes também deviam visitar o cassino pelo menos duas vezes por mês. A lavagem de dinheiro era simples. Clyde receberia de cinco a dez mil dólares em espécie de Hank para apostar — dinheiro que vinha do cassino, por intermédio de Dubose, mediante Hank e Clyde, e agora devolvido ao cassino. Em troca, Clyde, o jogador, receberia uma pilha de fichas de cem dólares. Seu jogo favorito era o blackjack, e ele podia jogar bem o bastante para quase quebrar a banca. Depois de comprar, digamos, dois mil em fichas, ele jogava por uma hora e fazia um intervalo. Em vez de sair com suas fichas, ele dizia ao

supervisor de apostas para “sacar suas fichas” e acrescentar ao saldo de sua conta na casa, que ele tinha com um nome fictício. Uma vez por ano, ele transferia o saldo para uma conta bancária controlada por Hank. No ano passado, em 2010, Clyde movimentou 147 mil dólares de dinheiro limpo para fora do cassino.

Ele tinha quase certeza de que os Primos e todos os gerentes lavavam dinheiro desta forma, usando as fichas do cassino.

Refletindo agora, ele não se lembrava do exato momento em que decidiu cruzar o limite e começar a infringir a lei. Ele fazia o que o chefe mandava, e não parecia haver nenhum mal nisso. Ele sabia que a lavagem era ilegal, mas era muito fácil. Não havia como ser apanhado. Ora essa, seus próprios contadores não tinham a menor noção. Além disso, estavam lhe pagando muito dinheiro, e ele gastava muito, a vida era boa. É claro que ele trabalhava para uma organização criminosa, mas sua pequena participação nos negócios fraudulentos certamente não podia contar muito. Com o tempo, aquilo se tornou a sua vida, sua segurança. Ele rodava de carro pelo litoral de Brunswick, notava um novo edifício sendo erguido, ouvia sinais de uma nova comunidade fechada com campo de golfe e sentia certo orgulho porque Vonn estava se dando bem. Se os federais um dia viessem fuçar, certamente iriam atrás dos grandes, dos Primos, não se preocupariam com um peixe pequeno como ele.

Mas ninguém estava fuçando. Ninguém parecia se importar. Depois de alguns anos, passou a ser simplesmente um negócio como qualquer outro.

Por isso, foi muito assustador quando Hank telefonou para dizer que eles estavam com um problema. a juíza McDover, uma pessoa que ele nunca conheceu, estava recebendo atenções indesejadas. Clyde morava em outro distrito judicial e nem sabia o nome dela. Ele não entendia o papel dela na organização Dubose, mas supôs que fosse importante, em vista do nível de alarme. Hank, que raras vezes mencionava o tio, admitiu que Vonn estava preocupado. Algo precisava ser feito.

Hank fez uma visita ao escritório de Clyde no Surfbreaker e, tomando café a uma mesa na área da piscina, informou-lhe que Vonn precisava de um favor. Vonn tinha escolhido a ele, Clyde Westbay, para um negócio sujo porque ninguém jamais suspeitaria de Clyde. Nunca se falou em matar alguém. Era apenas intimidação, mas certamente de uma natureza mais violenta. Um acidente de carro, em terras indígenas, tarde da noite. Era evidente que Clyde não queria fazer isso, mas achou impossível dizer não. Na realidade, ele conseguiu empenhar-se como se fosse tudo um dia normal de trabalho — ele faria qualquer coisa para os Primos.

Hank concordou que Zeke Foreman seria o pau-mandado adequado. Hank

arrumou a entrega da picape roubada; Clyde não tinha conhecimento desses arranjos. Isso era típico da organização: manter as informações limitadas, para que os vazamentos fossem controlados. Hank providenciou a placa falsa da Flórida para a picape dirigida por Clyde. A operação corria tranquila, com Hank por perto na área controlando tudo pelos telefones. Clyde não sabia a identidade do homem que fingiu ser um informante e atraiu Lacy e Hugo para a reserva. Segundos depois da colisão, Clyde estacionou atrás do Dodge Ram e disse a Zeke para se afastar do Prius e que ele entrasse em sua picape. Mas, como o nariz de Zeke sangrava, Clyde verificou o airbag do Dodge e não encontrou sangue. Hugo estava péssimo, preso no para brisa espatifado, gemendo e esperneando, sangrando demais. Seu celular estava no bolso direito de trás dos jeans. Clyde notou que seu cinto de segurança não tinha sido fechado, mas não sabia dizer se o airbag do carona abriu.

Não, ele não tinha conhecimento de ninguém sabotando o cinto de segurança e o airbag. Não, ele não tocou de jeito nenhum em Hugo, a não ser para pegar seu celular. Ele usou luvas de látex e ficou horrorizado ao ficar tão perto de um homem que se debatia e sangrava profusamente. Westbay admitiu se sentir péssimo por estar ali. Mas tinha ordens de obedecer. O celular e o iPad de Lacy estavam no chão do carro, atrás a esquerda, mas a porta traseira estava presa, amassada por causa da batida. Ele conseguiu abrir a porta atrás de Hugo e pegar os dois aparelhos. Ela sangrava, gemia e tentava se mexer.

Clyde passou por esta parte de sua narrativa sem emoção nenhuma. Se sentia remorsos, recusou-se a demonstrar. Porém, ele precisou de uma pausa para ir ao banheiro. Eram quase seis horas da tarde.

Ele e Zeke pegaram a trilha de terra, aquela que ele e Hank tinham encontrado na véspera. Não, ele não se lembrava de Zeke jogando alguma coisa pela janela. Pacheco exibiu a ele uma amostra da toalha de papel ensanguentada. Ele não sabia explicar por que estacionou na frente da loja de Frog. Sua única desculpa era a de que ele não tinha nem certeza de que a loja ainda estava aberta. Além disso, o lugar era um lixo - teria mesmo câmeras de vigilância? Muita burrice, pensando bem agora. Ele e Zeke beberam uma cerveja enquanto saíam do condado de Brunswick. Pararam em uma área de descanso na Interestadual 10 e esperaram por Hank. Clyde entregou a ele uma sacola de compras contendo os dois celulares e o iPad. Dali, eles voltaram para Fort Walton Beach e ao Blue Chateau, onde o garoto foi para um quarto passar a noite. No dia seguinte, Clyde o levou ao médico, e os raios X não revelaram ossos quebrados. Ele deu cinco mil dólares em espécie a Zeke e pensou que a questão estava encerrada. Clyde viu o noticiário a manhã toda e ficou espantado quando soube que Hugo Hatch

tinha morrido. Mais ou menos uma semana depois, Hank passou em seu escritório, furioso e fumegando de raiva por conta do vídeo. Disse que Vonn estava enfurecido e se mexendo para conter os danos. Eles expulsaram Zeke da cidade, com instruções para que ele ficasse bem longe até segunda ordem.

Não, ele, Clyde, não falava com Vonn desde muito antes do acidente e agora não tinha nenhuma vontade de falar. Embora Clyde estivesse atento a cada movimento e tivesse o sono agitado, as coisas pareciam ter se acomodado, pelo menos até hoje. Agora, o mundo estava de cabeça para baixo.

Hahn pediu mais sanduíches e frutas e, quando foram entregues, Westbay e Bullington entraram no quarto. Eram quase oito horas da noite, e Westbay disse que sua mulher talvez estivesse preocupada. Ele telefonou para ela e alegou estar resolvendo um assunto inesperado.

Enquanto eles comiam, Allie Pacheco e Rebecca Webb se prepararam para outra rodada de interrogatório. Quando finalmente terminaram, quase às 22 horas, Clyde Westbay estava no vídeo por mais de seis horas e tinha dado informações mais do que suficientes para lançar um ataque contra Dubose e seus Primos. Em Tallahassee, outra equipe de agentes tinha assistido a tudo e já estava tecendo sua teia.

Clyde saiu do Surfbreaker como um homem livre, livre no sentido de que não usava algemas, nem correntes nos tornozelos. Mas tinha deixado sua alma ali, na suíte Dolphin, tudo devidamente gravado em vídeo e arquivado para atormentá-lo mais tarde. Ele teria alguns dias, talvez semanas, de liberdade antes de ser capturado em uma batida amplamente divulgada. Pânico para sua mulher e seus filhos; fotos na primeira página; telefonemas frenéticos de familiares e amigos. Clyde, como membro de uma organização criminosa, acusado de homicídio qualificado e sujeito à pena de morte.

Enquanto ele dirigia sem rumo por Destin, passou rapidamente por sua cabeça sua ex-amante Tammy! Que piranha! Dormindo com metade da cidade, inclusive com aquele verme do Walter. Talvez sua mulher nunca soubesse. E o quanto ele deveria contar a ela agora? Deveria abrir o jogo logo, ou esperar pela batida policial, pelo horror de ser levado algemado?

Como é que ele devia saber o que fazer? Sua vida estava acabada.

Quanto mais ele dirigia, mas gostava da ideia de uma bala nos miolos, de sair do seu jeito, e não pelas mãos de algum assassino de aluguel contratado por Dubose. Ou talvez um mergulho longo de uma ponte alta, ou um frasco de comprimidos. O FBI tinha um vídeo dele.

O trabalho mais sujo de Vonn era feito por um pistoleiro antigo conhecido como Delgado. Se este era seu nome verdadeiro ou só outra ficção no mundo de Vonn, isso não estava claro.

O trabalho diário de Delgado era administrar um bar, uma das muitas máquinas de fazer dinheiro e outro local de lavagem de dinheiro da empresa, mas seu verdadeiro valor para a organização era o seu emprego adicional. Ele possuía habilidades técnicas impressionantes com armas, mecânica e eletrônica. Delgado tinha levado Son Razko a casa dos Mace e calmamente deu um tiro nele e em Eileen no quarto e, então, desapareceu sem deixar rastros. Uma hora depois, ele encontrou Junior em um bar e lhe pagou uma bebida.

Depois do julgamento de Junior, Delgado levou o primeiro informante, Digger Robles, para um passeio de barco no meio da noite e o largou no golfo com correntes nos tornozelos. O segundo informante, Todd Short, esteve a cinco segundos de ter a cabeça estourada por uma espingarda de caça apontada por Delgado. A bala teria atingido sua orelha esquerda antes até que o ouvido registrasse o tiro, mas outra cabeça entrou no campo de visão, e Todd sobreviveu por mais um dia. Sensatamente, ele fugiu da região. Delgado quase o apanhou em Oklahoma.

O erro definitivo da carreira de Vonn foi escolher Clyde Westbay, e não Delgado, para dar cabo de Hugo. Ele escolheu um amador, e não um profissional. Sua lógica era firme: ninguém jamais suspeitaria de Clyde; não haveria armas envolvidas; era uma operação simples, em termos relativos; e Vonn queria que Clyde progredisse na organização.

Ele via talento ali e precisava de uma lealdade mais profunda. Se ele envolvesse Clyde em um crime mais sinistro, Vonn seria dono dele pela vida toda. O fator decisivo, porém, que veio à tona apenas no último minuto, foram cálculos renais repentinos deflagrados em Delgado, uma crise tão grave, que ele ficou hospitalizado por três dias. A dor debilitante o atingiu poucas horas depois de ele ter arrombado o carro de Lacy e sabotado o airbag e o cinto de segurança do carona. Com Delgado temporariamente incapacitado e com a urgência da situação, Vonn instruiu Hank a procurar Clyde e bolar o plano.

Delgado vivia em um mundo de câmeras de vigilância e jamais se deixaria ser filmado por Frog.

De todo modo, seus rins agora estavam livres e limpos, e ele voltara aos

negócios. Ele estacionou sua pequena picape vermelha disfarçada de carro de dedetizadora na frente de uma casinha em um campo de golfe oito quilômetros ao norte do golfo. O local era um condomínio fechado, mas Delgado tinha o código do portão. Uma empresa das Bahamas construíra o lugar. Uma empresa de Nevis era dona da empresa das Bahamas. Em algum lugar dessa cadeia de títulos de propriedade, estava Vonn Dubose. A dona desta casa em particular estava no tribunal, onde passava as horas de trabalho. Ela registrava questões importantes para a juíza McDover, que foi quem lhe sugeriu que comprasse a casa.

Delgado vestia um uniforme bonitinho, camisa vermelha e boné da mesma cor, e carregava uma lata de inseticida em spray volumosa, como se pudesse aniquilar cada inseto da costa da Flórida. Ele tocou a campainha, mas sabia que não havia ninguém em casa. Habilmente, passou uma chave de fenda fina entre o ferrolho e a tranca e girou a maçaneta. Ele não poderia ter aberto a porta mais rápido nem com a chave certa. Fechou-a depois de entrar e ficou atento ao aviso de um alarme. Depois de alguns segundos, ele começou a bipar. Dali a trinta segundos, seria o inferno na terra. Ele avançou até o painel atrás da porta e calmamente digitou a senha de cinco números, que havia conseguido ao hackear a empresa de segurança. Delgado respirou fundo e apreciou o completo silêncio. Se a senha não tivesse funcionado, ele simplesmente teria ido embora.

Ele calçou um par de luvas de látex apertadas e verificou se as portas da frente e dos fundos estavam trancadas. Agora podia relaxar. Havia dois quartos. O maior obviamente era usado pela proprietária; o menor tinha um beliche barato. Delgado sabia que a mulher morava sozinha. Tinha 43 anos e era divorciada, sem filhos. Ele vasculhou as duas cômodas e não encontrou nada além de roupas. O mesmo nos armários e nos dois banheiros. No pequeno escritório abarrotado, encontrou um desktop e uma impressora acima de um jogo de arquivos baixos. Lenta e metodicamente, examinou cada gaveta, cada pasta, cada folha de papel.

Havia um homem em sua casa! JoHelen Hooper manipulava o iPhone. O aplicativo de segurança doméstica a alertou que seu sistema tinha sido desarmado às 9h44, dois minutos antes. Ela tocou a tela novamente e encontrou a gravação. A câmera oculta no ventilador de teto da saleta o flagrou enquanto ele andava por ali, indo para os fundos. Homem, branco, cerca de 40 anos, com uma camiseta e um boné idiotas, fingindo ser outra pessoa. A câmera oculta na saída de ar acima de sua cama o filmou enquanto ele entrava no quarto e examinava atentamente suas gavetas. Ele tocou em tudo.

Ela engoliu em seco e tentou manter o autocontrole. Estava sentada a menos

de seis metros da juíza McDover, na principal sala de tribunal de Sterling, esperando enquanto um grupo de advogados apressados reunidos perto do banco dos jurados tentava tomar decisões. Felizmente, não havia júri; Sua Excelência só estava recebendo petições.

Na frente de JoHelen, estava sua máquina de estenografia no tripé. Em sua mesa, um bloco, alguns papéis e seu iPhone, que ela tentava olhar despreocupadamente, sem aparentar estar alarmada. Alarmada! Havia um homem em sua casa lentamente vasculhando sua roupa íntima. Agora ele fechava essa gaveta e passava à seguinte.

Um advogado começou a falar, e JoHelen registrava. Era uma audiência menor de um caso sem importância, e, se ela perdesse uma palavra aqui ou ali, sempre podia verificar a gravação em áudio. Sua cabeça rodava, e ela estava apavorada, mas olhava fixamente o advogado, com o foco em seus lábios, e tentava se concentrar. O aplicativo gravaria tudo das quatro câmeras ocultas em sua casa; assim, ela não perderia nada quando visse as gravações durante o almoço.

Fique calma, fria, pareça entediada enquanto captura a algaravia jurídica deles a duzentas palavras por minuto. Depois de oito anos de estenografia impecável, ela quase podia fazer isso dormindo. Mas dormir agora seria outra questão.

Seu grande momento finalmente chegara. Na última semana, Sua Excelência tinha inadvertidamente se revelado com uma súbita mudança de humor. Ela jamais fora considerada uma pessoa calorosa e fofa; ela sempre fora simpática e profissional com JoHelen, e as duas desfrutavam da companhia uma da outra sempre que fofocavam e riam das coisas que aconteciam no tribunal. Não eram amigas íntimas, porque Claudia era distante demais para relacionamentos comuns. Reservava suas atenções para Phyllis Turban, uma pessoa que JoHelen conhecia bem, mas só pela reputação.

Desde o dia em que as autoridades do CEJ chegaram e entregaram a denúncia, Claudia estivera fora de si. Estivera mais tensa, um tanto distante, como que distraída ou preocupada. Normalmente, ela mantinha suas emoções sob controle e não era dada a oscilações de humor. Ultimamente, porém, e em particular nos últimos dias, ela vinha sendo ríspida e abrupta com JoHelen e até tentava evitá-la, mas, ao mesmo tempo, procurava disfarçar seus sentimentos com um sorriso falso e um comentário indulgente ocasional. Por oito anos, as duas mulheres passaram quase todo dia de trabalho na mesma sala. JoHelen sabia que alguma coisa havia mudado.

E o alarme? Era um sistema novo com monitores em cada janela e porta, instalado por Cooley dois meses antes. Para fugir dele, o cara de camiseta e boné

vermelhos devia ser um profissional.

Uma breve pausa enquanto o advogado procurava uma folha de papel, e JoHelen deu uma olhada em seu telefone. O invasor quase não podia ser visto em seu closet, vasculhando o guarda-roupa. Será que ela devia chamar a polícia e dar um flagra no sujeito? Deveria ligar para a vigilância do bairro? Não - telefonemas deixam rastros, e ultimamente parecia que a maioria dos rastros levavam a JoHelen.

Dois advogados subitamente falavam ao mesmo tempo, algo que acontecia todo dia em seu mundo, e ela separou habilidosamente os dois no registro oficial sem perder uma palavra. Seu único incômodo verdadeiro era quando três advogados falavam ao mesmo tempo. Um simples olhar dela para a juíza e Claudia McDover restaurava a ordem. Em geral, elas se comunicavam por leves movimentos no rosto ou nas mãos, mas hoje JoHelen procurava não olhar para a chefe.

O invasor não encontraria nada de incriminador. Ela não era burra de esconder registros em um lugar tão fácil de encontrar. Seus registros estavam em outro lugar, trancados e seguros. Mas o que *eles* fariam depois? Eles mataram um homem para intimidar e impedir a investigação pelo CEJ. Era evidente que tinham localizado Greg Myers e o silenciaram. Agora Cooley, seu amigo, confidente, contato e parceiro na conspiração, ou estava indo, ou já tinha ido embora, apavorado e aparentemente a beira de um colapso nervoso. Ele garantiu a ela que estava segura, que sua identidade jamais seria revelada, mas aquelas eram palavras vazias desde a semana passada.

Sua Excelência pediu um receso de dez minutos, e JoHelen calmamente andou pelo corredor até sua sala pequena, onde trancou a porta e olhou, em tempo real, o invasor. O homem ainda estava em sua casa, agora vasculhando as gavetas da cozinha, cuidadosamente retirando panelas e frigideiras e as recolocando como as havia encontrado. Ele não era ladrão e não deixaria rastro. Estava de luvas. Enfim, ele foi a seu escritório, onde se sentou e olhou em volta. Começou a retirar pastas das gavetas, como se tivesse todo o tempo do mundo.

Ele trabalhava para Vonn Dubose. E agora *eles* suspeitavam dela.

Allie Pacheco passou ao meio-dia para uma atualização. Eles se reuniram na sala de Geismar, a mesa de trabalho abarrotada de pastas de outros casos pendentes. Allie não foi presunçoso quando falou de seu sucesso com Clyde Westbay, mas era evidente que tinha orgulho de seu trabalho. E o melhor ainda estava por vir.

Todas as solicitações deles de grampos telefônicos e vigilância foram aprovadas por um juiz federal, e sua equipe de tecnologia estava na escuta de

dezenas de telefones. O FBI tinha localizado as casas de Vance e Floyd Maton, Ron Skinner e Hank Skoley, quatro dos cinco Primos. O chefe deles, o Sr. Dubose, atualmente morava em um chalé em Rosemary Beach. Na noite anterior, Hank levou Vonn de carro a um restaurante requintado perto de Panama City, onde eles se encontraram com um terceiro homem, um cara que por acaso era um supervisor do condado de Brunswick. O propósito da reunião não ficou claro, e o FBI não estava fazendo uma escuta ali.

Dubose ainda os desconcertava. Eles agora concordavam que o nome tinha de ser fictício, e que ele fizera um trabalho incrível nos últimos trinta ou quarenta anos vivendo como outra pessoa. Quanto à linhagem sanguínea, o passado era nebuloso. Em vista dos caprichos morais de seus ancestrais, estava se provando difícil determinar o grau de relação entre os Primos. Mas isto só importava em sua busca pela verdadeira identidade de Vonn.

Clyde lhes deu os nomes de outros sete gerentes. Até agora, o FBI havia identificado quase trinta bares, restaurantes, hotéis, shopping-centers, boates de strip-tease, lojas de bebidas, lojas de conveniência, projetos imobiliários, condomínios fechados e campos de golfe que acreditavam ser administrados pelos oito homens, incluindo Clyde. Cada entidade era de propriedade de uma empresa *offshore*, a maioria sediada em Belize, nas Bahamas ou nas ilhas Cayman.

A investigação deles se expandia a cada minuto. O chefe em Jacksonville empregava todo o efetivo e os recursos que Tallahassee pedia. Luna, supervisor de Pacheco, tinha largado tudo e coordenava a operação. A Procuradoria Geral tinha quatro advogados trabalhando com o FBI.

Pacheco estava tenso e só queria saber de trabalhar. Eles trabalhavam vinte horas por dia; ele parecia ter pouco interesse em Lacy, pelo menos fora do escritório. Quando ele saiu às pressas, Geismar perguntou a ela:

— Você está se encontrando com ele?

— Acabei de encontrá-lo.

— Sabe o que quero dizer.

— Nós almoçamos uma vez, jantamos duas e bebemos duas garrafas de vinho tarde da noite. Acho que gosto dele, mas estamos indo muito devagar.

— E você não vai sempre devagar?

— Vou. Isso te incomoda?

— Mais ou menos. Não acho nem ruim nem bom.

— Ele e eu conversamos sobre isso. Estamos no mesmo lado da rua, mas não no mesmo escritório. Ele não pode namorar outra agente

nesta cidade, mas as regras deles não incluem a mim. Você quer que eu termine?

— E se eu disser que sim?

— O chefe é você, e eu obedeceria às instruções. Ele vai continuar por aí. Não vai a lugar nenhum.

— Não estou pedindo. Acho que não tem problema você com ele, mas tenha cuidado com o que disser. Pode ter certeza de que ele não está nos contando tudo.

— É verdade, mas ele sabe muito mais do que nós.

Durante a lenta volta de carro para casa, JoHelen remoía as opções e percebia que nenhuma delas era atraente. Não podia simplesmente fugir e desaparecer. Tinha de pelo menos entrar, olhar e ver se faltava alguma coisa, embora as gravações claramente mostrassem o invasor saindo sem levar nada dela. Ele ficou lá dentro por 93 minutos, tempo longo demais para dedetização mensal. Ele entrou e saiu sem chave, mas com seu código do alarme. O que o impediria de retornar às duas da manhã para outra visita domiciliar? Ela deveria ficar em casa ou partir? Se partisse, para onde iria?

Ela xingou Cooley com uma amargura que a surpreendeu. Eles tinham dado início a esta pequena conspiração juntos, eram parceiros em um esquema para fazer o bem e ganhar uma grana pelo caminho, mas agora ele roera a corda. Tinha ido embora, fugindo antes que Dubose pudesse pegá-lo também e deixando-a para trás, desprotegida, vulnerável, assustada e sem rumo.

O portão foi aberto automaticamente pelo adesivo magnético. Sandy Gables, casa 58. Ela estacionou em sua entrada, olhou para a casa e sabia que jamais seria a mesma. Este era o momento, não? Ficar? Fugir? Esconder-se? E como saberia ela? Nesta situação crítica, JoHelen devia ter um amigo para protegê-la.

Ela pegou a bolsa, desceu do carro e foi até a porta da frente. Destrancou-a, mas não a abriu. Do outro lado da rua, viu o Sr. Armstrong em sua garagem, sem fazer nada. Ela se aproximou e explicou que encontrou sua porta da frente destrancada e estava com medo. Será que ele poderia acompanhá-la? Ela detestava incomodar, e provavelmente estava exagerando, mas hoje em dia todo cuidado é pouco para uma mulher, não é mesmo? O Sr. Armstrong era uma alma gentil, aposentado e entediado, e concordou. Eles entraram juntos e ela desligou o alarme. Ele ficou na saleta e falou da mais recente crise herpes-zóster da mulher enquanto JoHelen disparava pela casa, verificando cada cômodo, enquanto fazia cada pergunta concebível sobre a enfermidade. Ela sondou armários, olhou embaixo das camas, nos boxes dos banheiros, na despensa, qualquer lugar em que uma pessoa podia se esconder. Sabia que não havia ninguém, mas isso não importava. Não podia pensar em ficar se pelo menos não desse uma busca no lugar.

Ela agradeceu ao Sr. Armstrong e lhe ofereceu um refrigerante diet. Ele aproveitou a oportunidade para bater papo e, uma hora depois, ainda estava ali. Ela não tinha pressa para ficar sozinha. Quando ele finalmente foi embora,

JoHelen ficou sentada na saleta, tentando organizar o raciocínio. Uma tábua estalou no sótão, e ela tomou um susto. Enquanto seu coração disparava e a respiração se intensificava, ela tentou ouvir outro ruído. Poderia ser um passo? Mas não havia nada além do silêncio. Ela decidiu partir e rapidamente trocou de roupa e vestiu jeans. O que colocar na mala? Se *eles* estivessem vigiando e ela saísse com bagagem, seus planos seriam evidentes. JoHelen podia esperar até o anoitecer e colocar furtivamente uma bolsa no carro, talvez duas, mas não desejava ficar na casa depois que escurecesse. Pegou a bolsa mais volumosa e guardou produtos de toalete e roupa íntima. Colocou uma bolsa de academia vazia e duas mudas de roupa em um saco de papel. Havia lojas na região; ela sempre poderia comprar o que fosse necessário.

Enquanto se afastava de carro, ela acenou para o Sr. Armstrong e ficou imaginando quando poderia voltar.

Ela foi para o sul, às praias, entrou a leste na rodovia 98 e vagou com o trânsito pelo litoral, atravessando comunidades costeiras e o trecho ocasional de costa intocada. Enquanto dirigia, tentou vigiar tudo atrás de si, mas logo desistiu. Se *eles* quisessem localizá-la do outro lado do país, como os impediria? Abasteceu em Destin e continuou, logo contornando Pensacola por estradas menores. Quando percebeu que estava no Alabama, entrou a leste e deu uma longa volta para a Interestadual 10. Ao anoitecer, parou em um motel de beira de estrada e pagou por um quarto em dinheiro.

JoHelen nunca havia falado com Greg Myers. Sabia seu nome, mas ele nada sabia a respeito dela. Por intermédio de Cooley, ela recebera uma cópia da denúncia protocolada contra sua chefe por Myers. Ele estava disposto a correr o risco de expor a corrupção por uma fatia do bolo, embora nenhum dos três — Myers, Cooley, JoHelen — tivesse qualquer ideia concebível de quando seria dada entrada na ação de denúncia. Myers, o advogado e acusador, seria quem encabeçaria os esforços judiciais para reivindicar o dinheiro. Cooley, ex-advogado, trataria com Myers e JoHelen e intermediaria as questões por uma parcela justa. O mesmo para Myers. Ela ficaria com o resto. O acordo era razoável, preciso e, em tese, parecia bom.

Agora Myers presumivelmente estava morto. Cooley medrou e fugiu. E JoHelen Hooper estava escondida em um motel barato, de olhos fixos em um celular pré pago descartável com apenas um número a chamar. Não havia mais ninguém. Eram quase dez da noite quando ela falou:

— Srta. Stoltz, meu nome é JoHelen Hooper. Cooley me deu seu número. Lembra-se dele?

— Sim.

— E este é o telefone que ele deu a você?

— Sim. Você é o infiltrado?

— Sou eu. O infiltrado, a fonte, a informante. Na verdade, Cooley disse que Myers preferia se referir a mim como o Delator, porque eu é que devo delatar a juíza McDover. O que sabe a meu respeito?

— Nada, nem mesmo sabia que era uma mulher. Por que está me telefonando?

— Porque Cooley me deu seu número, disse que você estava com um celular descartável, disse para ligar para você se as coisas ficassem ruins e eu tivesse medo. Bom, estou com medo.

— Onde está Cooley?

— Não sei. Ele ficou com medo e fugiu, disse que ia sair do país antes que Dubose o encontrasse. Ele encontrou Myers, como sabe. Não tenho mais ninguém com quem falar.

— Tudo bem, vamos conversar. Como você conhece a juíza McDover?

— Tenho trabalhado como estenógrafa dela nos últimos oito anos, mas essa é outra história, fica para outro dia. Enquanto estávamos no tribunal hoje, um homem invadiu minha casa e vasculhou cada centímetro do lugar. Sei disso porque tenho câmeras ocultas em casa com um aplicativo que permite vigilância em tempo real por telefone. Ele não levou nada porque não era ladrão. Não encontrou nada, porque não guardo material sigiloso em casa, por motivos óbvios. Cooley e eu começamos a planejar esta pequena aventura anos atrás e fomos muito cautelosos. Por isso, ele acrescentou ao esquema a segurança na casa, os celulares pré-pagos, a armazenagem de registros em outros locais e muitas outras medidas e hábitos de proteção.

— Mora mais alguém lá?

— Ah, não. Sou sozinha, divorciada, sem filhos.

— Alguma ideia de quem era seu visitante?

— Nenhuma, mas eu poderia reconhecê-lo, acho, embora duvide de que tenha essa oportunidade. Sei que ele trabalha para Dubose de algum jeito e desconfio de que ele está chegando perto de mim. As informações que dei a Cooley e Myers sobre Claudia vieram de um pequeno número de pessoas. Eu estou na lista. Lamento pelo seu amigo.

— Obrigada.

— É sério. Ele estaria vivo se eu não tivesse decidido derrubar a juíza.

— Por que você quer derrubar a juíza?

— É outra história. Vamos deixar para depois. Agora preciso de conselhos e não tenho a quem recorrer. Estou escondida em um motel de beira de estrada porque não posso passar a noite em casa. Não sei sobre o amanhã. Se eu não

aparecer para trabalhar, os alarmes vão soar. Em oito anos, não faltei muitos dias, e Claudia já está desconfiada. Se for trabalhar, corro o risco de voltar para o território dela, e isso me deixa nervosa. E se eles, quem quer que sejam, tomarem a decisão de que preciso morrer? Sou um alvo fácil, não importa para que lado vá. Sabe como as estradas podem ser perigosas.

— Alegue doença, uma virose gástrica altamente contagiosa. Acontece com todo mundo.

JoHelen sorriu. Tão simples, por que ela não pensou nisso? Talvez porque sua cabeça girasse e nada estivesse claro.

— Talvez, mas o que vou fazer amanhã?

— Continue em movimento.

— Sabia que Cooley escondeu um dispositivo de rastreamento dentro do carro de Claudia? Pagou 300 dólares por ele e precisou de um minuto para instalar. Disse que foi moleza. Você sabia disso?

— Sabíamos, sim, que ela estava sendo rastreada. Não sabia por quem, nem como.

— O que quero dizer é que é fácil seguir as pessoas, e, portanto, continuar me deslocando não é a resposta. Eles podem grampear meu carro, meu celular, quem sabe o que mais. Dubose tem dinheiro para comprar o que for preciso. No momento estou me sentindo muito vulnerável, Srta. Stoltz.

— Pode me chamar de Lacy. Esse motel tem um bar?

— Acho que sim.

— Fique no bar até ele fechar as portas. Se um jovem bonito e musculoso der em cima de você, leve-o para passar a noite em seu quarto. Se você não der sorte, entre no carro e encontre um restaurante que fique aberto a noite toda, talvez em uma parada de caminhões. Passe algumas horas lá. Se o motel tiver alguém na recepção à noite, fique no saguão até o sol nascer. Depois, me ligue.

— Posso fazer isso.

— Só fique perto de outras pessoas.

— Obrigada, Lacy.

Como havia sido instruído, Clyde encontrou-se com Hank Skoley em um canteiro de obras pouco mais de três quilômetros a oeste de Panama City e cerca de um quilômetro e meio ao norte do golfo. Placas enormes anunciavam o lançamento de Honey Grove, uma comunidade planejada com belas casas, lojas fantásticas, campo de golfe, tudo a poucos minutos da Costa Esmeralda. Ao longe, tratores terraplanavam um bosque. Mais perto, turmas de operários instalavam meios-fios e canaletas. E, perto da estrada principal, casas eram erigidas.

Clyde estacionou seu carro e assumiu o lugar no SUV Mercedes preto de Hank. Eles rodaram por uma das poucas ruas pavimentadas, costurando por dezenas de caminhões e furgões de empreiteiras estacionados de qualquer jeito nos lotes. Centenas de trabalhadores estavam atarefados. Mais para o fim da rua, as casas estavam quase terminadas, e, bem na ponta, havia três casas modelo novas em folha sendo usadas para atrair compradores. Hank estacionou em uma das entradas, e eles foram para dentro. A porta da garagem estava destrancada. A casa não continha nem gente, nem mobília.

- Venha comigo - disse Hank, e eles subiram a escada.

Vonn Dubose esperava na suíte master vazia. Olhava pela janela da frente, como se admirasse o frenesi de outro empreendimento imobiliário de sua política de terra arrasada. Eles se falaram, trocaram um aperto de mãos, e Vonn, na verdade, sorriu e parecia de bom humor. Clyde não o via fazia mais de um ano, e ele não tinha mudado nada. Magro, bronzeado, camisa de golfe e calça cáqui, apenas outro aposentado rico.

Vonn falou.

— E então, o que você tem em mente?

O grampo estava instalado no relógio Timex no pulso esquerdo de Clyde, um modelo idêntico ao que ele vinha usando nos últimos três anos. Clyde não notara os relógios usados por Hank ou Vonn, e tinha quase certeza de que eles não prestaram atenção no dele. Os homens tendem a não reparar nessas coisas, mas Pacheco e seus técnicos não queriam correr riscos. A pulseira de couro era apertada porque havia um vibrador minúsculo 11a parte de trás do relógio. Quando o furgão estivesse no raio de alcance, ela vibraria, e Clyde saberia que eles estavam na escuta.

Era uma réplica exata de um furgão de entregas da FedEx, e ele rodou até parar na frente da casa vizinha. O motorista, trajando o uniforme oficial da FedEx, saiu e abriu o capô; algum defeito mecânico. Na traseira, estava o FBI - Allie Pacheco e três técnicos com seu equipamento. Quando ficaram a sessenta metros do Timex, eles apertaram o botão e o relógio vibrou. Dentro do quarto, o microfone no relógio pegaria um sussurro a dez metros de distância.

No dia anterior, Clyde ficara quatro horas com Allie Pacheco e outros dois agentes, ensaiando seu papel. Chegara a hora de seu grande momento. Se entregasse Vonn Dubose, ele, Clyde Westbay, cumpriria poucos anos e envelheceria um homem livre.

Clyde começou:

- Duas coisas, Vonn. Não consigo encontrar Zeke Foreman. Eu disse a ele para sumir duas semanas atrás e me ligar de vez em quando. Conversamos algumas vezes, e depois o telefone dele ficou mudo. Acho que o garoto entrou em pânico e fugiu.

Vonn olhou para Hank, deu de ombros, olhou para Clyde, e falou:

— Já sei disso.

Clyde, com o estômago se revirando com rapidez suficiente para produzir ruídos para o Timex, mexeu os pés e continuou.

- Olha, Vonn, tudo isso é minha culpa, e estou assumindo a responsabilidade. Foi um erro idiota de minha parte e, bom, quem sabe o que pode acontecer.

Vonn olhou novamente para Hank.

- Pensei ter dito a você para transmitir meu desagrado com relação ao que aconteceu. — Ele voltou a olhar para Clyde. — Claro, foi idiotice, mas está feito, e eu já superei. Parece que os danos estão contidos. Você continue a fazer seu trabalho, cuidando dos hotéis, e vou arrumar outro pessoal para o trabalho sujo.

— Obrigado, Vonn — disse Clyde. — A outra coisa é que só queria que você soubesse que estou a fim de sair da cidade por mais ou menos um ano. Acho que pode ser inteligente se eu, sabe como é, fizer uma viagem e sumir até a poeira baixar. Olha só, Vonn, minha mulher e eu não estamos nos dando muito bem ultimamente e, para falar com franqueza, é uma boa hora para eu me afastar dela. Não estamos nos separando, mas, para ela, não importa se eu pegar a estrada por um tempo.

- Talvez não seja uma má ideia. Vou pensar no caso.

— Quer dizer, é a minha cara no vídeo, e não sei o que vou fazer se algum policial aparecer no escritório fazendo perguntas. Isso me deixa meio nervoso, Vonn. Prefiro sumir por um tempo. Tenho um bom pessoal subordinado a mim, e

vou ver como estão as coisas toda semana. Os hotéis vão bem.

— Como eu disse, vou pensar nisso.

- Tudo bem. — Clyde deu de ombros como se não tivesse mais nada a dizer. Deu um passo para a porta, parou, e se virou para Vonn. Hora de merecer o Oscar.

- Olha, Vonn, vou te dizer uma coisa, adoro meu trabalho e tenho orgulho de fazer parte de sua organização, mas, bom, você falou no “trabalho sujo” e... - Sua voz começou a falhar, as palavras saíam ásperas. — Olha, Vonn, não sou talhado para isso, entendeu o que quero dizer? Eu não sabia que aquele cara ia morrer. Não sabia que era tudo, bom, sabe como é, planejado. Alguém sabotando o cinto de segurança e o airbag e o coitado voando pelo para brisa. Você devia ter visto, Vonn. A cara dele toda cortada, jorrando sangue pra todo lado, e ele estava se debatendo. Ele olhou para mim, Vonn. Ele me olhou daquele jeito e falou assim: “Por favor! Por favor!” Eu tenho pesadelos com isso, Vonn.

Simplesmente o deixei lá. Não sabia o que estava fazendo. Alguém devia ter me dito o que eu estava fazendo, Vonn.

— Você recebeu a ordem de fazer um trabalho — rosnou Vonn, aproximando-se um passo.

— Mas eu não sabia que o trabalho envolvia matar alguém.

— Chama-se intimidação, Clyde. Isso é o principal, e é assim que cuido das coisas. Se não fosse a intimidação, eu não estaria aqui, e você não ganharia um salário gordo para cuidar de meus hotéis. Às vezes, neste negócio, você precisa colocar os caras na linha, e às vezes esses caras não entendem nada além da intimidação. Se você não quer fazer isso, tudo bem. Acho que julguei você mal. Pensei que tivesse colhões.

— Eu também pensei que tivesse, mas perdi quando vi o cara morrendo de tanto sangrar.

— Isso faz parte.

— Já viu alguém sangrar até morrer, Vonn?

— Vi - disse Vonn com orgulho.

— Que pergunta idiota.

— Mais alguma coisa? — Vonn fuzilava Hank com os olhos como quem diz: “Tire esse cara daqui.”

Clyde levantou as mãos, rendendo-se, e recuou.

— Tudo bem, tá legal, mas eu só quero sair por um ano, para me afastar de tudo isso. Por favor, Vonn.

— Vou pensar nisso.

No furgão, Allie Pacheco tirou os fones de ouvido e sorriu para os técnicos.

Resmungou consigo mesmo.

— Lindo. “Chama-se intimidação, Clyde. Isso é o principal, e é assim que cuido das coisas. ”

O cara da FedEx de repente achou um jeito de dar a partida no furgão. Arrancou com o carro justo quando Clyde e Hank saíam da casa modelo. Clyde notou, mas não sabia que o furgão estava carregado de agentes do FBI.

Hank não disse nada enquanto eles costuravam pelo labirinto de obras. O trânsito estava bloqueado por um caminhão carregado de tijolos. Na frente deles, o furgão da FedEx também esperava. Hank bateu os dedos no volante e falou:

— O que será que a FedEx está fazendo aqui? Ninguém se mudou ainda.

— Acho que eles estão em todo lugar — disse Clyde.

O Timex vibrou de novo. Pacheco estava perto e dizia: “Continue falando. ”

— E aí, Hank — disse Clyde —, acha que eu errei em dizer o que disse a Vonn, sobre não querer fazer o trabalho sujo?

— Não foi inteligente. Vonn despreza gente fraca. Você teria se saído melhor se não dissesse nada. Você queria a reunião para poder dizer que daria um tempo. Até aí, tudo bem. Mas o lance da covardia não caiu bem com Vonn.

— Eu estava tentando deixar claro que não concordo em matar gente.

— Não, você não concorda. Mas Vonn pensou ter visto algo em você. E eu também. Acho que estávamos enganados.

— E o que foi? O que você acha que viu?

— Um cara que pode gostar de sujar as mãos.

— Você gosta?

— Por que não cala a boca, Clyde? Já falou o suficiente para um dia.

E você também, pensou Allie, e sorriu de novo.

Clyde saiu de carro de Honey Grove e, como havia sido orientado, voltou ao Surfbreaker Hotel em Fort Walton Beach. Falou com a secretária, deu um telefonema e saiu. Usando uma porta dos fundos perto de uma rampa de carga, afastou-se do prédio e pulou no banco traseiro de um SUV cinza. Dois agentes do FBI estavam na frente. Enquanto eles partiam do Surfbreaker, o motorista disse por cima do ombro:

— Bom trabalho. Pacheco disse que você foi maravilhoso. Pegou o cara.

Clyde não falou nada. Não queria conversar nem ser parabenizado. Sentia-se um verme por trair os colegas e sabia que as coisas só ficariam piores. Nem podia começar a contemplar o dia em que entraria em um tribunal lotado e contaria a história, para o júri, do assassinato de Hugo Hatch enquanto Vonn Dubose olhava da mesa da defesa.

Ele tirou o relógio e o entregou ao agente na frente dele.

— Vou tirar um cochilo - disse. — Acorde-me quando chegarmos a Tallahassee.

Às nove da manhã de sexta-feira, Lacy ainda não tinha notícias de JoHelen, e ela não atendia ao telefone que usara na noite anterior. Lacy comunicou a Geismar, e eles ficaram preocupados. Usando uma linha fixa do escritório, Lacy telefonou para a secretaria do tribunal de Sterling e, depois de ser passada de um funcionário para outro, foi informada de que a juíza McDover não estava no tribunal naquela manhã. Talvez estivesse presidindo um julgamento na cidade de Eckman. Como havia uma possibilidade de JoHelen ter ido trabalhar, Lacy ligou para a secretaria do tribunal de Eckman, onde uma garota ao telefone disse sim, Sua Excelência estava no prédio, mas não em julgamento. Não havia nada na agenda do tribunal.

Depois de mais alguns becos sem saída, Lacy não teve alternativa senão ficar sentada e esperar. Ela retornou uma ligação de Gunther e teve uma conversa agradável. Ele não tinha nada planejado para o fim de semana além do habitual “negócios pendentes” e disse que podia passar para jantar no sábado à noite. Ela prometeu que ligaria novamente depois.



JoHelen acordou com um dia luminoso de sol e o telefone mudo. O celular descartável, o último que Cooley lhe dera, estava sem carga, e ela esquecera o carregador em casa. Usando seu celular pessoal, ela ligou para Claudia e, de forma bem convincente, contou a história do distúrbio estomacal. Claudia pareceu engolir a história e até se mostrou meio solidária. Felizmente, não havia nada em sua agenda naquele dia que exigisse uma estenógrafa. Não era um dia de folga. JoHelen vivia com um atraso permanente de transcrições de julgamento para preparar.

Ela precisava da droga do carregador, o que exigiria uma volta para casa. Havia ficado no bar até ele fechar, a meia-noite. A única companhia possível para dormir era um motorista de caminhão quarentão com uma barba comprida e descuidada que descia até sua barriga enorme. Ela deixou que ele lhe pagasse uma bebida, mas não ficou nem remotamente tentada em seguir adiante.

Ela fechou a conta do motel às nove e foi de carro para as praias, uma hora ao sul e a leste. No caminho, repetia para si mesma para ficar de olho no retrovisor, mas não estava com cabeça para aquela besteirada de espionagem. Estacionou em sua entrada com um nó no estômago e disse a si mesma que nunca conseguiria voltar a viver naquela casa. Cada centímetro de seu espaço privado tinha sido tocado e examinado por um homem com más intenções.

Mesmo que trocasse as fechaduras e dobrasse a segurança, nunca mais conseguiria relaxar ali. O Sr. Armstrong estava arrancando mato perto de sua varanda da frente e aparentemente queria flertar um pouco mais. Ela o seduziu com um largo sorriso.

- Vamos pegar alguma coisa para beber.

Ele entrou na casa com ela e ficou na porta enquanto ela desarmava a segurança. Ela foi a seu quarto, verificando cada cômodo pelo caminho e falando sem parar, curiosa a respeito do zóster e de tudo sobre a Sra. Armstrong. Encontrou o carregador onde o havia deixado, na bancada do banheiro. Plugou no telefone e voltou a saleta.

— Onde você esteve na noite passada? — perguntou ele. Ele e a mulher eram famosos pela curiosidade e falta de discrição. Monitoravam as coisas na rua e sabiam da vida de todo mundo.

— Na casa de minha irmã — respondeu JoHelen, sabendo a pergunta que estava vindo.

— Onde ela mora?

— Pensacola.

Com a casa aparentemente segura, ela falou:

— Pensando bem, vamos tomar um refrigerante com Gloria.

— Ah, ela ia adorar.

Eles se sentaram na sombra da varanda dos fundos dos Armstrong e tomaram a bebida com canudinhos. Felizmente, o zóster de Gloria aparecera na região lombar, e uma olhadela apropriada revelaria um pouco de pele demais. JoHelen foi poupada do exame.

— Está com algum ralo entupido? — perguntou o Sr. Armstrong.

— Acho que não. Por quê?

— Aquele encanador apareceu lá pelas nove da manhã.

Encanador? JoHelen rapidamente decidiu não preocupar os dois.

— Tem um vazamento, mas ele devia vir na segunda.

— Sujeito insistente, vou te contar. No seu lugar, eu não confiaria nele.

— Por que não?

— Bom, eu vi quando ele foi a porta e tocou a campainha. Depois, começou a mexer na porta, sabe, até tirou do bolso uma espécie de lâmina, como se estivesse arrombando. Espero que você não se importe, mas gritei para ele e me aproximei. Perguntei que diabos ele estava fazendo. Ele meteu a lâmina ou o que fosse no bolso e tentou agir como se não fosse nada. Eu disse que você não estava em casa. Ele resmungou algo sobre voltar mais tarde e ficou louco para sair daqui. Eu procuraria outro encanador. Juro que ele era suspeito.

— Não se pode confiar em ninguém hoje em dia — disse JoHelen e voltou

ao zóster, assunto que Gloria estava disposta a discutir extensamente. Enquanto falava nele, seu terceiro episódio em vinte anos, a mente de JoHelen disparava.

Subitamente, Gloria perguntou ao marido:

— Você contou a ela sobre o homem da dedetização de ontem?

— Não, esqueci. Eu estava no campo de golfe, e Gloria jura que um sujeito da dedetização esteve em sua casa por pelo menos uma hora ontem.

Novamente, preferindo não alarmar os dois e provocar outras cem perguntas, JoHelen falou:

— Ah, é só o cara novo, Freddie. Ele tem uma chave.

— Ele demorou a beça — disse Gloria.

Na oportunidade seguinte, JoHelen escapuliu da conversa e disse que ia telefonar ao encanador e registrar uma queixa. Despediu-se e atravessou a rua. Foi direto ao celular descartável, ligou para Lacy e relatou sua situação.

O júri federal atual foi convocado para as 13 horas de sexta-feira, 14 de outubro. Quando organizado quatro meses antes, tinha 23 membros, todos eleitores registrados e residentes devidamente qualificados dos seis condados que constituíam o Distrito Norte da Flórida. Servir era uma tarefa exigente, em especial para cidadãos que não eram exatamente voluntários. O pagamento era baixo, 40 dólares por dia, e mal cobria as despesas. O trabalho, porém, era importante e às vezes empolgante, em particular quando o FBI e a Procuradoria Geral estavam no rastro de membros do crime organizado.

Dezessete conseguiram responder à convocação rapidamente, e, como eram necessários apenas 16 para ter quórum, eles rapidamente passaram aos trabalhos. Com a investigação aumentando a cada minuto e com a rara possibilidade de acusar brancos ricos por homicídio qualificado com pena capital, a procuradora geral assumira o controle do caso. O nome dela era Paula Galloway, nomeada por Obama e promotora veterana. Sua principal assistente era Rebecca Webb, que na época sabia mais a respeito do caso do que qualquer outro além de Allie Pacheco, este convocado como primeira testemunha.

Como já havia acusado Zeke Foreman e Clyde Westbay, o júri já sabia dos fatos que cercavam a morte de Hugo Hatch. Allie recapitulou rapidamente para eles e respondeu a algumas perguntas do outro lado da mesa. A Sra. Galloway os surpreendeu chamando como sua próxima testemunha o próprio motorista.

Das profundezas do mundo da proteção a testemunhas dos federais, Zeke Foreman apareceu e jurou dizer a verdade. Não foram discutidos nem seu acordo de delação premiada, nem seu paradeiro. Ele contou sua história, e o júri ficou cativado por ela. Como já o haviam acusado, eles pareciam satisfeitos com sua decisão e fascinados com seu relato detalhado dos acontecimentos do dia 22 de agosto. Fizeram muitas perguntas, e Zeke se comportou bem. Estava relaxado, cheio de remorsos e foi completamente crível. Galloway, Webb, Pacheco e os outros agentes do FBI na sala observavam atentamente. Um dia, ele testemunharia em tribunal contra os Primos, e os advogados deles tentariam aniquilá-lo.

A testemunha seguinte foi Clyde Westbay, que parecia à vontade na presença do mesmo júri federal que o havia acusado de homicídio menos de uma semana antes. Clyde tinha acabado de sobreviver a seu primeiro grande teste, uma conversa cara a cara com o próprio chefe da quadrilha enquanto usava um

transmissor e arrancava declarações incriminadoras. Na primeira hora, Clyde discutiu o papel que teve no acidente de carro. Nas duas horas seguintes, falou da organização de Dubose e de seu papel nela. Não sabia nada do desvio de dinheiro do cassino, mas encantou o júri com suas descrições de lavagem de dinheiro nas mesas de blackjack.

Um dos jurados, um tal de Sr. Craft, de Apalachicola, confessou o gosto pelo blackjack e disse que passou muito tempo no Treasure Key. Ele estava fascinado com o esquema de lavagem de dinheiro e fez tantas perguntas detalhadas, que a Sra. Galloway sugeriu que passassem à próxima testemunha.

No final da tarde, Pacheco mostrou o áudio da conversa de Clyde com Vonn Dubose, que acontecera oito horas antes.

Quando Clyde terminou, depois de quase cinco horas de depoimento, a Sra. Galloway instruiu o júri a respeito das leis federais aplicáveis ao caso. O fato de a picafe roubada atravessar divisas estaduais significava que a arma do crime foi usada em comércio interestadual. O fato de Zeke receber cinco mil dólares por sua participação colocava o crime em cheio na categoria de homicídio por encomenda; era, portanto, um crime qualificado punível com pena de morte. E o fato de haver uma quadrilha organizada de criminosos e que um ou mais membros da quadrilha cometia um crime que beneficiava a organização significava que todos os integrantes da quadrilha estavam sujeitos a processo.

Eram quase oito horas da noite quando o júri acatou por unanimidade a denúncia contra Vonn Dubose, Hank Skoley, Floyd Maton, Vance Maton e Ron Skinner por homicídio doloso qualificado de Hugo Hatch e pela lesão corporal qualificada de Lacy Stoltz. Clyde Westbay foi apresentado como réu, mas seria dispensado depois. Seu acordo de delação para homicídio simples substituiria a condenação por homicídio qualificado com pena de morte. Era fundamental que Dubose e os outros considerassem Clyde réu como eles, e ainda parte da equipe. Muito mais tarde, saberiam de seu acordo com o governo.

Lacy estava à beira do fogão, mexendo o último ingrediente, mariscos frescos, em sua versão de *cioppino*, um prato de peixe italiano que incluía vieiras, amêijoas, camarão e bacalhau. A mesa estava posta, as velas, acesas, e o Sancerre, no gelo. Allie telefonou assim que saiu do prédio federal, a dez minutos dali. Ela o recebeu à porta com um beijo oficial, mas afetuoso. Eles se beijavam, porém nada mais, pelo menos no sentido físico. Sem dúvida nenhuma estavam avaliando-se mutuamente e se perguntando o que o futuro traria. Lacy não estava nem física, nem emocionalmente preparada para o passo seguinte, e não havia pressão da parte dele. Ele parecia adorá-la e estava disposto a esperar.

Ela serviu o vinho enquanto ele tirava o paletó e a gravata. Os dias de

dezoito e vinte horas de trabalho cobravam seu preço, e ele estava exausto. Embora os procedimentos do júri fossem muito sigilosos, ele sabia que podia confiar nela. Afinal, estavam na mesma equipe e compreendiam a confidencialidade.

As acusações foram aceitas, por enquanto estavam seladas, mas logo seriam entregues enquanto o FBI cercava a quadrilha. Ele não sabia exatamente quando, mas as prisões eram iminentes.

Paula Galloway e o FBI adotaram a estratégia de usar duas acusações. A primeira era a mais urgente e mais importante e também a mais fácil. Com os depoimentos de Zeke Foreman e de Clyde Westbay, o caso de homicídio era claro, e as provas pareciam estar acima de dúvidas. Supondo-se que Dubose e seus homens não tivessem ideia do que estava por vir, eles seriam presos dali a poucos dias e trancafiados sem nenhuma chance de fiança. Ao mesmo tempo, o FBI daria uma batida em suas casas e escritórios, assim como nos de Claudia McDover, Phylis Turban, o chefe Cappel, Billy Cappel e os advogados de Biloxi que representavam Dubose havia vinte anos. Cada empreendimento identificado até agora como parte da organização sofreria uma batida, e muitos seriam temporariamente fechados. O cassino seria invadido por agentes com mandados de busca. A procuradora geral tentava convencer um juiz federal a fechá-lo por tempo indeterminado. A segunda acusação, por formação de quadrilha, incluiria uma onda de prisões que seria coordenada com as batidas, tendo McDover como prioridade, e talvez Cappel, o cacique da tribo, logo depois dela.

— Myers costumava chamar a lei RICO de bomba de fragmentação — disse Lacy. — Foi isso que o pegou.

— E é uma ótima descrição. Terá cinco centímetros de espessura. Assim, enquanto Dubose estiver encontrando seu caminho para a cela de prisão e se perguntando como diabos foi acusado de homicídio, ele receberá um presentinho da RICO.

— Ele vai precisar de dez advogados.

— É verdade, mas não poderá contratá-los. Todas as contas dele serão congeladas.

— Myers, Myers. Onde será que ele está? Eu gostava de verdade do cara.

— Bom, duvido de que você o veja novamente.

— Será que um dia vamos saber o que houve com ele?

— Duvido. A polícia de Key Largo não descobriu nada. É um rastro frio, e, se Dubose estiver por trás disso, provavelmente jamais vamos saber, a não ser que um de seus assassinos de aluguel possa ser convencido a abrir o bico.

Ela serviu mais vinho. O júri trabalharia amanhã, no sábado e no domingo, se necessário. A urgência era óbvia: uma longa investigação com testemunhas

sendo levadas perante o júri podia provocar o vazamento e entregar a jogada deles. Aqueles que trabalhavam para a organização tinham os meios e a expertise para desaparecer instantaneamente. Depois que os Primos forem presos por homicídio, seus gerentes, office boys, motoristas, seguranças e mensageiros podiam sentir a necessidade de fugir. Depois de oito dias de escuta intensiva e ininterrupta, o FBI tinha 29 nomes em sua lista de prováveis membros da quadrilha.

— Então, vocês atiram primeiro e perguntam depois — disse Lacy.

— Mais ou menos assim. E lembre-se, sempre podemos alterar uma acusação. Sempre podemos acrescentar ou dispensar réus. É uma investigação enorme, e vai levar muito tempo para se resolver tudo, mas pretendemos seguir firme e conseguir que todo mundo seja preso antes que eles possam manipular qualquer elemento das provas. Estou morto de fome.

— Você almoçou?

— Não. Comi um hambúrguer gorduroso em um drive-thru.

Ele misturou a salada enquanto ela servia o cioppino em duas tigelas.

— Isto é um molho de tomate, e estou pensando que um tinto pode ser melhor. O que você acha?

— Prefiro o tinto.

— Ótimo. Abra aquele Barolo ali.

Ela retirou uma baguete amanteigada do forno e serviu a salada. Eles se sentaram a mesa um de frente para o outro e beberam o vinho. Ele falou:

— O cheiro está delicioso. Obrigado por esperar.

— Na verdade eu não queria comer sozinha.

— Você costuma cozinhar?

— Não. Não há necessidade. Tenho uma pergunta para você.

— Pode falar.

— A essa altura da investigação, onde entra o informante?

— Que informante?

— O infiltrado, aquele próximo de McDover, aquele que deu os detalhes a Cooley, que os transmitiu a Myers.

Allie mastigou uma garfada de salada e examinou o rosto dela.

— Ele não é importante agora, mas vamos precisar dele depois.

— Ele é ela, e ela me ligou ontem, muito assustada. Alguém invadiu sua casa e vasculhou suas coisas. Ela vê McDover diariamente e acha que a juíza está desconfiada.

— Quem é ela?

— Eu jurei não revelar sua identidade, pelo menos por enquanto. Talvez mais tarde. Como eu disse, ela está com medo, confusa e não sabe em quem

confiar.

— Um dia, ela será uma testemunha importante.

— Não tenho certeza de que ela vai se apresentar.

— Talvez ela não tenha escolha.

— Mas vocês não podem obrigá-la a depor.

— Não, não podemos, mas há meios de convencê-la. Essa comida está deliciosa. — Ele mergulhou uma fatia de pão no molho e comeu com os dedos.

— Que bom que você gostou. E então, vai trabalhar amanhã?

— Ah, sim. O júri se reúne às nove. Tenho de estar lá às oito para o que deve ser outro longo dia. Domingo também.

— Vocês sempre trabalham desse jeito?

— Não, mas raramente temos casos tão grandes. A adrenalina bate. Como naquela manhã, quando eu estava na traseira do furgão com três de nossos técnicos, a temperatura nuns cinquenta graus, e ouvimos Westbay em seu encontro com Dubose. Isso pode colocar seu batimento cardíaco na estratosfera. É uma emoção e um dos motivos para eu adorar esse trabalho.

— O quanto você pode me contar?

Allie olhou a cozinha como se houvesse espiões por perto.

— O que quer saber?

— Tudo. O que Dubose disse?

— Foi uma maravilha.

39

Lacy dormiu até quase as sete de sábado, uma hora a mais para ela, e mesmo assim não estava pronta para começar o dia. Seu cachorro Frankie, porém, passava pelo ritual matinal de farejar, bufar e garantir que ela não dormisse porque ele precisava fazer xixi. Ela finalmente o deixou sair e foi pegar os grãos de café. Enquanto o café era preparado, seu iPhone tocou. Allie Pacheco, 7h02.

— Gostei do jantar — disse ele. — Dormiu bem?

— Muito bem. E você?

— Não, tem coisas demais acontecendo. Olha, pegamos uma conversa ontem a noite que é no mínimo problemática. Suponho que a informante que você mencionou na noite passada não seja uma estenógrafa do tribunal.

— Por quê?

— Porque, se for a estenógrafa de McDover, ela corre perigo. Estamos agora na escuta de muitos telefones, e não posso lhe dar o linguajar exato, falavam numa espécie de código imbecil, mas parece que o chefe deu a ordem.

— Ela é a informante, Allie. Myers a chamava de o Delator.

— Bom, eles estão prestes a descobrir quem ela é. Sabe onde ela está?

— Não.

— Pode entrar em contato com ela?

— Vou tentar.

— Faça isso e me ligue depois.

Lacy deixou o cachorro entrar e se serviu de uma xícara de café. Pegou o celular pré pago e ligou para o número de JoHelen. Depois do quinto toque, atendeu uma voz tímida:

— Lacy?

— Sim, sou eu. Onde você está?

Uma longa pausa.

— E se alguém estiver ouvindo?

— Não tem ninguém ouvindo. Ninguém sabe sobre esses telefones. Onde você está?

— Panama City Beach, num motel barato, pago em dinheiro vivo. Estou olhando o mar.

— Falei com o FBI agora mesmo. Um dos grampos pegou uma conversa no início desta manhã. Eles acham que você corre perigo.

— Estou te dizendo isso há dois dias.

— Fique em seu quarto. Vou ligar para o FBI.

— Não! Não faça isso, Lacy. Cooley me disse para nunca confiar no FBI. Não ligue para eles.

Lacy roeu a unha e olhou para Frankie, que agora queria o café da manhã.

— Você precisa confiar neles, JoHelen. Sua vida corre perigo.

O telefone ficou mudo. Lacy ligou duas vezes, sem resposta nenhuma.

Rapidamente, ela alimentou o cachorro, vestiu jeans e saiu de casa. Ao volante de seu compacto Mazda novo e reluzente, que ela havia comprado quatro dias antes e no qual ainda tentava relaxar, ela ligou para Allie e contou o que estava acontecendo. Ele disse que, no momento, estava ocupado com o júri, mas que ela devia mantê-lo informado. JoHelen enfim atendeu ao quinto telefonema. Parecia apavorada e se recusou a dar a Lacy o nome do hotel. Lacy sabia que Panama City Beach era um trecho movimentado da rodovia 98, com dezenas de pequenos hotéis espremidos no lado do mar e lanchonetes e lojas de camisetas pela estrada.

— Por que você desligou antes? — perguntou Lacy.

— Não sei. Estou assustada e com medo de que alguém esteja ouvindo.

— Os telefones são seguros. Fique com a porta trancada e, se vir alguém suspeito, ligue para a recepção ou chame a polícia. Estou a caminho.

— Você o quê?

— Vou buscá-la, JoHelen. Espere. Chegarei mais ou menos em uma hora.

Delgado tinha um quarto no terceiro andar do vizinho West Bay Inn. Ela estava no Neptune. Ambos eram motéis vagabundos com metade dos quartos ocupados por turistas do norte que procuravam pechinchas depois da temporada de verão. A porta dela abria-se para uma passarela estreita de concreto no segundo andar. A escada ficava perto. As toalhas de praia e roupas de banho estavam penduradas para secar na grade. Ela, porém, não tinha ido nadar. Isso facilitaria demais as coisas para ele.

A trinta metros dali, ele observava a porta e a janela da mulher. Ela fechara bem as cortinas, o que havia salvado sua vida. Com seu fuzil de mira telescópica, ele só precisava de uma fresta, mas até agora não tivera uma abertura dessas. Assim, ele esperou com paciência e, a medida que as horas se passavam naquela manhã de sábado, pensou em simplesmente ir até lá e tocar a campainha. “Desculpe, senhora, quarto errado”, depois ele meteria o pé na porta e tudo estaria acabado em segundos. O problema óbvio era a possibilidade de um grito curto, ou estridente, ou outro ruído de pânico que chamasse atenção; arriscado demais. Se ela saísse do quarto, ele a seguiria e esperaria uma oportunidade, mas ele não estava otimista. Os motéis e bares ao longo da rua

eram movimentados. Havia gente demais por perto, e ele não gostava da distribuição do espaço.

Ele esperou e se perguntou por que ela se escondia. Por que se esconder se você não tem medo nem se sente culpada? O que aconteceu para assustá-la tanto a ponto de fugir e pagar em dinheiro por quartos pequenos em motéis baratos? A casa dela ficava a menos de uma hora de distância e era muito mais agradável do que essas pocilgas. Talvez os vizinhos o tivessem visto lá como o cara da dedetizadora na quinta-feira. Talvez aquele chato do outro lado da rua tenha falado com ela que o encanador na manhã de sexta-feira parecia desajeitado. Ela sabia que era culpada e agora estava paranoica.

Delgado perguntou-se se ela estava se encontrando com algum homem, alguém com quem não devia, mas não havia sinal de nada suspeito. Ela estava sozinha ali, passando o tempo, esperando pelo quê? O sexo devia ser a última coisa a passar pela cabeça da mulher. Um passeio na praia seria algo sensato a fazer. Ou nadar no mar. Fazer o que todo mundo faz e criar algumas oportunidades. Mas a porta nunca se abria, ela não estava em movimento, pelo que ele via.

— Não gosto disso, Lacy — disse Pacheco. — Você não sabe o que está fazendo.

— Relaxa.

— Deixe a polícia local cuidar disso. Pegue o nome do hotel e chame a polícia.

— Ela não vai me dar o nome do hotel e não vai falar com a polícia. Está apavorada e não está sendo racional, Allie. Ela mal falou comigo.

— Posso arrumar dois agentes de nosso escritório em Panama City rapidinho.

— Não, ela tem medo do FBI.

— Isso é burrice, em vista das circunstâncias. Como você vai encontrá-la, se não sabe onde ela está?

— Estou torcendo para que ela me diga quando eu chegar lá.

— Tá legal, tudo bem. Preciso voltar ao júri. Me ligue daqui a uma hora.

— Vou ligar.

Ela pensou em telefonar para Geismar dando uma atualização, mas não queria perturbar o sábado dele. Ela havia recebido ordens de discutir quaisquer viagens que tivesse o impulso de fazer ultimamente, mas ele era exageradamente protetor. Era seu dia de folga, e ela não estava com vontade de passar informes. E onde estava o perigo, aliás? Se ela encontrasse JoHelen, poderia levá-la de carro e achar um lugar seguro.

JoHelen sabia que ele estava no hotel vizinho West Bay Inn, observando e esperando. Ele não era tão inteligente quanto pensava. Não sabia que ela o havia visto em seu pequeno vídeo caseiro, passando de um quarto ao seguinte, tendo sua imagem roubada e gravada pelas câmeras dela enquanto admirava sua lingerie e remexia em suas pastas. Um homem parrudo, de pelo menos 1,88m, cintura estreita e braços grossos, e mancando um pouco da perna esquerda. Ela o avistara pouco antes do nascer do sol, atravessando o estacionamento do motel com uma bolsa de formato estranho. Mesmo sem o uniforme da dedetizadora, ela sabia que se tratava do mesmo homem.

Ela telefonou para Cooley, mas ele não atendeu. Que covarde, um pulha, mentiroso, sem colhão, fugiu e deixou-a completamente só. Ela sabia que era uma perda de tempo se fixar em seu antigo parceiro, mas estava ressentida. Tinha pensado em ligar para Lacy, mas ela estava em Tallahassee. E o que ela poderia fazer? Assim, JoHelen esperou e tentou raciocinar com clareza. O botão de discagem rápida estava preparado para chamar o número da emergência caso alguém batesse na porta.

Às 9h50, o celular pré pago tocou e ela o pegou.

— Alô, Lacy - disse ela, com a maior calma possível.

— Estou na rua. Onde você está?

— Em um lugar chamado Neptune Motel, na frente de um McDonakTs. Que carro você dirige?

— Um Mazda vermelho compacto.

— Tudo bem, vou esperar no saguão. Rápido.

JoHelen passou pela porta e fechou-a em silêncio. Andou decidida, mas sem pânico, e desceu a escada ao primeiro andar. Atravessou o pátio e passou pela piscina, onde um casal idoso se lambuzava com filtro solar. No saguão, cumprimentou o recepcionista e ficou perto de uma janela para ver o motel vizinho. Passaram-se minutos. O recepcionista perguntou se ela precisava de alguma coisa. Claro, que tal um fuzil de assalto? Não, obrigada, respondeu ela. Quando viu um compacto meio reluzente sair da estrada para o estacionamento do motel, ela passou por uma porta lateral do saguão e foi encontrá-lo. Enquanto abria a porta, ela olhou para o West Bay Inn. Ele corria pela passarela do terceiro andar, olhando para ela, mas de maneira nenhuma poderia alcançá-las.

— Acho que você é JoHelen Hooper — disse Lacy enquanto ela fechava a porta.

— Sim. É um prazer conhecê-la. Ele está vindo. Vamos dar o fora daqui.

Elas pegaram a rodovia 98 e foram para o leste. JoHelen virou-se e olhou o trânsito atrás do carro.

— Tudo bem, quem é ele? - perguntou Lacy.

— Não sei o nome. Não nos conhecemos, e, na verdade, não quero conhecê-lo. Vamos despistá-lo.

Lacy virou a esquerda no sinal e, depois, a direita no sinal seguinte. Não havia sinal de ninguém seguindo o carro. JoHelen encontrou um mapa das ruas em seu iPhone e fez as vezes de copiloto enquanto elas ziguezagueavam por Panama City Beach e seguiam para o norte, afastando-se do litoral. O congestionamento diminuiu, assim como o trânsito. Lacy voava, sem medo de nenhum policial, porque, no momento, eles seriam bem-vindos. Ainda usando o mapa, elas entravam à direita ou a esquerda em cada estrada e rodovia do condado.

As duas vigiavam a estrada atrás e pouco falavam. Depois de uma hora, passaram por baixo da Interestadual 10 e, meia hora depois, viram uma placa de boas-vindas à Geórgia.

— Sabe para onde estamos indo? - perguntou JoHelen.

— Valdosta.

— Quem escolheu Valdosta?

— Imagino que ninguém nos espere por lá. Já estive na cidade?

— Acho que não. E você?

— Não.

— Você parece meio diferente da sua foto naquele site do CEJ.

— Na época, eu tinha cabelo — disse Lacy. Ela reduziu a uma velocidade sensata. Na cidade de Bainbridge, pararam em uma lanchonete, usaram o toalete e decidiram comer alguma coisa lá dentro e observar o trânsito. Estavam convencidas de que ninguém podia tê-las seguido, mas não conseguiam relaxar. Sentaram-se lado a lado perto da janela da frente, recurvadas sobre hambúrgueres e batatas fritas, e vigiavam cada carro que passava na rodovia.

— Tenho mil perguntas — disse Lacy.

— Não sei se tenho tantas respostas, mas pode experimentar.

— Nome, patente e número de registro. O básico.

— Quarenta e três anos, nascida em 1968 em Pensacola de uma mãe de 16 anos que era meio índia. Só um pouco, não o suficiente, pelo visto. Meu pai era um libertino que se mandou, não o Conheci. Fui casada duas vezes e não levo muito em consideração esse arranjo agora. E você, Lacy?

— Solteira, nunca me casei.

Ambas estavam famintas e comeram rapidamente.

— O lance índio, isto tem importância em sua história? — perguntou Lacy.

— Sim, tem. Fui criada por minha avó, uma mulher refinada, e ela era metade índia. O marido era um homem sem parentes de sangue, índios ou quaisquer outros, e, portanto, minha mãe era um quarto índia. Ela alegava que

meu pai era metade índio, mas isto não pôde ser verificado porque ele tinha ido embora havia muito tempo. Passei anos tentando encontrá-lo, não por qualquer motivo emocional ou sentimental, mas puramente por dinheiro. Se ele fosse meio índio, então eu seria um oitavo.

— Tappacola, não é?

— Claro, e um oitavo garante seu “fichamento”. Um termo medonho, não acha? Devíamos fichar criminosos comuns e sexuais, mas não gente de verdade com sangue mestiço. Lutei contra a tribo por minha herança, mas simplesmente não tinha provas suficientes. E, graças a alguém lá atrás, em minha genética, tenho esses olhos castanhos e cabelo mais claro e, assim, não tenho a aparência certa. De qualquer modo, os que mandam na classificação racial acabaram decidindo contra mim, e negaram minha entrada na tribo. Não que algum dia eu tenha sido uma integrante de verdade.

— Nada de dividendos.

— Nada de dividendos. Existem pessoas com linhagens sanguíneas mais ralas que conseguiram e vivem do cassino, mas eu fui ferrada.

— Não Conheci muitos Tappacolas, mas sem dúvida você não tem a aparência. — JoHelen era uns três ou cinco centímetros mais alta do que Lacy, magra e em forma, vestindo jeans e blusa apertados. Os olhos castanhos e grandes brilhavam mesmo quando ela estava preocupada. Seu rosto não tinha rugas ou qualquer sinal de envelhecimento. Ela não usava maquiagem, nem precisava.

— Obrigada, acho. Minha aparência só me causou problemas.

Lacy meteu o último pedaço do cheeseburger na bolsa e falou:

— Vamos sair daqui.

Elas foram para o leste pela rodovia 84. De olho na estrada atrás e com pouco trânsito com que se preocupar, ela se manteve no limite de velocidade. E prestava atenção.

Não era surpresa nenhuma que Cooley não fosse o nome verdadeiro do homem, e JoHelen não o revelou. Ela o conhecera quase vinte anos antes, quando terminou seu primeiro casamento. Ele tinha um escritório pequeno em Destin e uma boa reputação como advogado de divórcios. O primeiro marido dela bebia muito e era fisicamente abusivo, e ela se tornou uma grande fã de Cooley quando ele a protegeu durante uma altercação no escritório dele. Ela o encontrava ali para discutir os problemas quando o marido entrou de rompante, embriagado, procurando problemas. Cooley sacou uma arma e se livrou dele. O divórcio correu com tranquilidade, e o ex-marido desapareceu. Pouco depois, Cooley, ele mesmo divorciado, telefonou para saber como JoHelen estava. Eles

ficaram juntos, se separando e reatando por vários anos, nenhum dos dois disposto a se comprometer. Ele se casou com outra, mais uma decisão ruim, e ela cometeu o mesmo erro. Cooley cuidou de seu segundo divórcio, e eles voltaram a seus namoricos.

Ele era um bom advogado, que podia ter sido muito melhor se tivesse ficado longe do lado sombrio. Adorava tratar de divórcios em que houvesse baixaria e de processos penais que envolvessem traficantes de drogas e motociclistas. Andava com homens estranhos que administravam boates de strip-tease e bares na região do Panhandle. Era inevitável que o caminho dele se cruzasse com o de Vonn Dubose. Eles nunca fizeram negócios, e Cooley disse a ela várias vezes que nunca encontrara Dubose,

mas tinha inveja de sua organização. Quinze anos antes, Cooley ouviu o boato de que a Máfia da Costa estava envolvida com os índios e o cassino que propunham. Ele queria parte da ação, mas foi desviado quando os federais o pegaram por evasão fiscal. Perdeu a licença e foi preso, e na cadeia conheceu Ramsey Mix, outro advogado caído e seu futuro parceiro no crime.

Ela só tomou conhecimento do nome de Greg Myers quando ouviu-o na denúncia protocolada contra Claudia McDover. Cooley e JoHelen ficaram assustados demais para assinar uma denúncia e acusar a chefe dela de conduta ilícita. Foi ideia dele encontrar um terceiro para fazer isso, alguém que corresse o risco por uma boa fatia do processo.

Ela estava curiosa a respeito de Myers, e assim, Lacy contou suas histórias: a primeira reunião no barco dele na marina em St. Augustine; sua amiguinha mexicana Carlita; o segundo encontro no mesmo lugar; a terceira reunião para almoçar em México Beach; a surpresa que ele fez indo a casa dela depois que ela se feriu; o desaparecimento dele em Key Largo e o resgate de Carlita. De acordo com sua fonte no FBI, a investigação do desaparecimento não chegava a lugar algum.

Lacy queria saber de quem elas fugiam, quem estava naquele motel vigiando JoHelen. Ela não sabia o nome dele, mas vira o homem no vídeo. Lacy parou em uma mercearia perto da cidade de Cairo e, no iPhone de JoHelen, viu parte do vídeo de um homem passando um pente fino na casa dela. JoHelen explicou que Cooley era fera em eletrônica e engenhocas e tinha instalado as câmeras. Também foi ele que instalou um monitor GPS por dentro do para choque traseiro do Lexus de Claudia, e ele também alugou um imóvel do outro lado da rua, tirou fotos e fez vídeos dela e de Vonn chegando e saindo na primeira quarta-feira de cada mês.

O que aconteceu com Cooley? JoHelen não sabia, mas estava furiosa. Toda a operação foi ideia dele. Ele sabia muito sobre Vonn Dubose e o cassino. Ele e

JoHelen tiveram um relacionamento, se separando e reatando por muitos anos, e ele aproveitou-se do ressentimento dela com relação à tribo. Ele a convenceu a se candidatar ao cargo de estenógrafa de McDover quando ela demitiu a anterior, oito anos antes. Depois que estava no emprego, como funcionária do estado, eles ficaram com o caminho liberado para entrar com a denúncia formal. Ele conhecia a lei e pesquisou os casos, processos e decisões, e se convenceu de que McDover estava no bolso de Vonn. Estudou a construção civil no condado de Brunswick e tentou rastrear o labirinto de empresas *offshore* em operação. Recrutou Greg Myers para ser a linha de frente do ataque. Teve inteligência suficiente para esconder a identidade dela de Myers. Esteve tramando durante anos, metodicamente colocando em prática seu grande plano, e havia ocasiões em que ele de fato parecia genial.

Agora Hugo Hatch estava morto, e Myers, desaparecido, se é que não tinha morrido também. Cooley pulou fora do barco e a deixou totalmente só. Por mais que ela odiasse Claudia McDover, já havia desejado mil vezes nunca ter concordado em ajudar a denunciá-la.

JoHelen especulava que, se Dubose pusesse as mãos em Myers, podia obrigá-lo a falar, e rapidamente. A essa altura, Cooley passaria a ser um homem marcado. Mais cedo ou mais tarde, eles suspeitariam dela como a informante, e não havia ninguém para protegê-la.

Antes da prisão, Cooley era um cara durão que andava armado e gostava de sair com mafiosos de pouca monta. Mas os três anos atrás das grades o transformaram. Ele perdeu a presunção, a coragem e, quando saiu, precisava desesperadamente de dinheiro. Sem licença para advogar e com ficha criminal, suas opções eram limitadas. Uma extorsão por denúncia de juiz parecia, para ele, a operação perfeita.

Elas não tiveram dificuldade para encontrar um terminal de aviação geral no Aeroporto Regional de Valdosta. Enquanto trancava o carro, Lacy olhou em volta mais de uma vez e não viu nada de suspeito. Gunther estava lá dentro, batendo papo com a garota da recepção, e abraçou a irmã como se não a visse havia anos. Ela não o apresentou a JoHelen porque ela não queria usar nomes.

— Sem bagagem — disse ele.

- Temos sorte por estar com nossas bolsas - disse Lacy. - Vamos.

Eles saíram apressadamente do terminal, passaram por vários aviões pequenos na pista e pararam no mesmo Beech Baron que Gunther usara para resgatar Carlita. Mais uma vez, ele disse que pertencia a um amigo. A medida que o dia passava, eles descobririam que Gunther tinha uns amigos muito bons. Pouco antes de subir pela porta pequena, Lacy ligou para Allie Pacheco para dar as últimas notícias. Ele atendeu de imediato, disse que o júri ainda estava em sessão e trabalhava arduamente, mas onde diabos ela estava? Ela disse que as duas estavam a salvo, prestes a decolar. Ela telefonaria depois.

Gunther fechou o cinto de segurança das duas e, em seguida, foi para o assento do piloto. A cabine parecia uma sauna, e de imediato eles estavam suando. Ele deu a partida nos motores, e o avião estremeceu das hélices à cauda. Enquanto começava a taxiar, ele abriu uma fresta da janela, e uma leve brisa rompeu o calor sufocante. Não havia tráfego, e ele foi liberado para a decolagem. Enquanto ele soltava os freios e eles eram jogados para trás, JoHelen fechou os olhos e segurou o braço de Lacy. Felizmente, o tempo estava limpo — ainda quente e pegajoso, mas era outubro. Mais precisamente, dia 15 de outubro, quase dois meses desde a morte de Hugo.

JoHelen conseguiu relaxar enquanto eles alcançavam os mil e quinhentos metros. Agora o ar-condicionado estava ligado, e a cabine era confortável. O ronco constante dos dois motores dificultava a conversa, mas JoHelen tentou.

— Só por curiosidade. Aonde vamos?

— Não sei — respondeu Lacy. — Ele não quis me contar.

— Que ótimo.

O Baron nivelou numa altitude de cruzeiro de dois mil metros, e o barulho do motor baixou de um ronco para um zumbido. JoHelen passara as últimas duas noites em motéis baratos, fugindo e esperando pelo pior, e o cansaço a pegou feio. Seu queixo baixou ao peito enquanto ela caía em sono profundo. Lacy, sem

nada para fazer, também tirou um cochilo.

Quando ela acordou, uma hora depois, Gunther lhe passou fones de ouvido. Ela ajustou o microfone e falou: “Alô.” Ele assentiu e manteve os olhos voltados para frente, nos instrumentos.

— E aí, como você está, maninha?

— Ótima, Gunther, e obrigada.

— Ela está bem?

— Parece ter entrado em coma. Foram dois dias muito difíceis. Vou contar a você em terra.

— Quando você quiser. Fico feliz em ajudar.

— Para onde estamos indo?

— Para as montanhas. Tenho um amigo com uma cabana que ninguém pode encontrar. Você vai adorar.

Uma hora e meia depois, ele reduziu aos poucos a velocidade, e o Baron começou uma descida lenta. O terreno abaixo era muito diferente da planície que descobriram voando da Flórida a Valdosta poucas horas antes. Pelo que Lacy podia ver, havia cristas de montanhas escuras e ondulantes já em tons de vermelho, amarelo e laranja. Eles chegaram mais perto enquanto Gunther posicionava o avião para a aproximação final. Ela sacudiu o braço de JoHelen e a acordou. A pista ficava em um vale todo cercado de lindas montanhas, e Gunther fez uma aterrizagem perfeita. Eles taxiaram ao pequeno terminal, passando por outros quatro aviões, todos Cessnas pequenos.

Quando ele desligou os motores, falou:

— Bem-vindas ao aeroporto do condado de Macon, Franklin, Carolina do Norte. - Ele saiu do cockpit, abriu a porta da cabine, e as ajudou a desembarcar. Enquanto seguiam até o terminal, ele disse:

— Vamos conhecer um sujeito chamado Rusty, um morador que vai nos levar direto para lá, a trinta minutos de carro. Ele cuida de algumas cabanas por aqui.

— Você vai ficar? - perguntou Lacy.

— Claro. Não vou abandonar você, maninha. E este clima? E só estamos a seiscentos metros.

Rusty era um urso, com uma barba grossa, peito grande e um sorriso largo com um certo tom de malícia ao olhar para as duas mulheres atraentes. Dirigia um Ford Explorer que, pelo jeito, tinha passado toda sua vida em trilhas montanhosas. Ao partirem do aeroporto, ele perguntou:

— Vamos parar na cidade?

— Seria bom ter uma escova de dentes — disse Lacy.

Ele parou no estacionamento de um mercadinho.

— A cabana está abastecida? - perguntou Gunther.

— Uísque, cerveja, pipoca. Se quiser mais alguma coisa, é melhor comprar.

— Quanto tempo podemos ficar? — perguntou JoHelen. Ela havia falado pouco, como se estivesse em choque com a mudança de ambiente.

— Alguns dias — disse Lacy. — Quem sabe?

Eles compraram artigos de toalete, ovos, pão, e frios e queijo embalados. Na periferia da cidade, Rusty pegou uma estrada de cascalho,

deixando para trás o asfalto. Subiu um morro, o primeiro entre muitos, e Lacy notou que seus ouvidos estalavam. Ele falava sem parar e com muita despreocupação enquanto acelerava pela margem de penhascos e atravessava pontes de madeira cruzando corredeiras. Por acaso, Gunther havia estado lá apenas um mês antes, com a mulher, para passar uma semana em temperaturas amenas e ver o início da mudança de cor na folhagem. Os homens falavam; as mulheres na traseira se limitavam a ouvir. A estrada de cascalho terminou em outra de terra, estreita. A última investida morro acima foi reta e apavorante, e, quando eles chegaram ao topo de uma montanha, havia um lindo lago diante deles. A cabana ficava aninhada em sua margem.

Rusty os ajudou a descarregar os mantimentos e mostrou a cabana. Quando chegaram, Lacy esperava algo rústico, sem água encanada, mas estava muito enganada. A cabana era espetacular, uma estrutura de chalé com três andares, decks e varandas, um píer dando para a água com um barco ancorado em sua ponta e confortos materiais mais modernos do que em seu apartamento em Tallahassee. Um jipe Wrangler reluzente estava estacionado em uma garagem pequena. Gunther disse que seu dono, um amigo, ganhara uma grana com hotéis e construiu o lugar para escapar dos verões abafados de Atlanta.

Rusty se despediu e disse a eles para telefonarem se precisassem de alguma coisa. O sinal do celular era bom, e os três tinham ligações a fazer. Lacy ligou para o síndico de seu prédio e pediu para solicitar ao vizinho Simon que cuidasse de Frankie. Telefonou para Pacheco e explicou que elas estavam escondidas nas montanhas e estavam na maior segurança possível. JoHelen ligou para o Sr. Armstrong e pediu que ele vigiasse sua casa, algo que ele e Gloria, de qualquer modo, faziam por pelo menos 15 horas por dia. Gunther, é claro, tinha alguns negócios pendentes e estava frenético ao telefone.

Lentamente, eles relaxaram. Recém-saídos do calor da Flórida, ficaram admirados com o ar limpo e claro. De acordo com um velho termômetro na varanda, fazia 18 graus. A cabana, a uma altitude de 1. 200 metros, tinha tudo, menos ar-condicionado.

No Final da tarde, com o sol se pondo atrás das montanhas e Gunther ao

telefone, andando de um lado a outro de uma varanda distante, Lacy e JoHelen sentaram-se na extremidade do píer, perto do pequeno barco de pesca, e beberam cerveja gelada na lata.

— Fale-me de Claudia McDover — disse Lacy.

— Nossa. Por onde começar?

- Pelo primeiro dia. Por que ela a contratou e manteve por oito anos?

- Bom, digamos que sou muito boa no que faço. Depois de meu primeiro divórcio, decidi me tornar estenógrafa de tribunal e me esforcei muito para isso. Treinei com os melhores, trabalhei com os melhores e me mantive atualizada com relação à tecnologia em evolução. Quando Cooley descobriu que Claudia precisava de uma garota nova, pressionou para eu me candidatar ao emprego. Quando consegui, seu esquema se encaixou, porque de súbito ele tinha alguém lá dentro. Os estenógrafos sabem de tudo, Lacy, e, quando consegui o emprego, já estava suspeitando de Claudia. Ela não sabia, e isso facilitou muito. Notei algumas coisas. O guarda-roupa dela era caro, mas ela tentava esconder. Quando tinha um dia agitado no tribunal, com muita gente por perto, ela se vestia discretamente. Porém, em dias tranquilos no gabinete, ela usava coisas refinadas. Não conseguia evitar; adorava coisas de grife. Suas joias estavam sempre mudando, muitos diamantes e rubis, mas não sei se mais alguém percebeu, em particular em um lugar como Sterling, na Flórida. Ela gastava uma fortuna com roupas e joias, mais do que se esperaria de uma pessoa com o salário dela. Tinha uma secretária nova a cada dois anos, porque não queria que ninguém ficasse próximo demais. Era indiferente, distante, sempre rigorosa, mas nunca desconfiou de mim porque eu guardava distância. Ou assim ela pensava. Um dia, estávamos no meio de um julgamento, e eu afanei seu chaveiro. Cooley correu ao tribunal, e entreguei a ele o chaveiro. Ele fez uma cópia do molho de chaves. Depois de uma procura frenética, ela encontrou as chaves perto de um cesto de lixo e não tinha noção de que haviam sido copiadas. Com acesso ao gabinete dela, Cooley pôde fazer a festa. Ele grampeou os telefones e pagou a um hacker para invadir seu computador. Foi assim que conseguimos tantas informações. Ela era cautelosa, em particular quando tratava com Phyllis Turban. Usava seu desktop para assuntos oficiais e um laptop para os pessoais. Mas tinha outro laptop que ela usava para muitas coisas secretas. Ele não contou tudo isso a Myers porque, como eu disse, tinha medo de que, se algo acontecesse com Myers, toda a operação fosse comprometida. Ele deu a Myers informações suficientes para convencê-lo a convencer você a começar a investigar. - Ela tomou um longo gole. Elas olharam a água ondular onde os peixes se alimentavam.

-As roupas e joias chamaram minha atenção, mas, quando notamos que ela e

Phyllis viajavam de jatinho para todo lado... Nova York, Nova Orleans e Caribe... entendemos que devia vir muito dinheiro de algum lugar. E todos os jatos eram reservados por Phyllis, não havia nada em nome de Claudia. Depois, descobrimos um apartamento em Nova Jersey, uma casa em Cingapura, uma casa de veraneio em Barbados, não me lembro de tudo. Estava tudo bem escondido, ou assim elas pensavam. Mas Cooley estava de olho.

— Por que ele não procurou o FBI e nos deixou fora dessa?

— Eles conversaram sobre isso, mas nenhum dos dois confiava nos federais, particularmente Myers. Na verdade, ele disse que não se envolveria se o FBI se metesse. Acho que eles o ferraram quando ele foi apanhado, e Myers tinha medo dos caras. Como a polícia do estado não tinha jurisdição sobre os índios, enfim eles bolaram o plano de envolver o CEJ. Eles sabiam que vocês têm poderes limitados, mas a investigação precisava começar por algum lugar. Não havia como prever como ela se desdobraria, mas ninguém esperava cadáveres.

O telefone de Lacy vibrou ao lado dela. Pacheco.

— Preciso atender — disse ela.

— Claro.

Ela voltou a cabana e disse baixinho:

— Sim.

— Onde você está?

— Em algum lugar no meio das montanhas da Carolina do Norte. Gunther nos trouxe de avião para cá e está montando guarda, mais ou menos.

— Então, ele ainda está envolvido?

— Ah, sim. Ele tem sido ótimo.

— Olha, o júri encerrou o dia. Vai se reunir novamente amanhã. Temos mandados de prisão.

— Quando?

— Vamos nos reunir agora para decidir. Manterei você informada.

— Tenha cuidado.

— Cuidado? Essa é a parte divertida. Acho que vou ficar acordado a noite toda.

Ao crepúsculo, eles fizeram uma fogueira em um recanto de pedra perto do lago e se aconchegaram com cobertores em antigas cadeiras de vime. Gunther encontrou um garrafão de vinho tinto que Lacy considerou adequado para beber. Ela tomou só um pouco, e JoHelen, ainda menos. Gunther, o abstêmio, bebeu café descafeinado e cuidou do fogo.

JoHelen quis ouvir a história do pavoroso acidente e da morte de Hugo, e Lacy lhe deu sua melhor versão. Gunther queria saber tudo a respeito de Cooley

e os esforços impressionantes dele para seguir McDover. JoHelen falou por uma hora. Lacy quis saber como o irmão sobrevivera a três falências e ainda estava nos negócios, e as histórias de guerra de Gunther seguiram pela noite. Eles jantaram sanduíches de queijo com presunto, com pão branco, é claro, perto da fogueira, e conversaram e riram até tarde.

41

As primeiras prisões foram uma dádiva.

Dos sete campos de golfe de propriedade de Vonn, seu preferido era o Rolling Dunes, um clube exclusivo no extremo sul do condado de Brunswick, com uma vista atraente do Golfo e toda a privacidade que um golfista sério pode almejar. Para um homem preocupado com rituais, ele se permitia uma indulgência semanal. Todo domingo, às oito da manhã, ele e seus capangas se reuniam no bar só para homens do Rolling Dunes para tomar um café da manhã com Bloody Mary. O estado de espírito era sempre leve, animado, até turbulento. Para homens em seus 60 e 70 anos, era diversão sem nenhuma mulher por perto. Eles estavam prestes a passar cinco horas em um lindo campo, bebendo cerveja, fumando charutos caros, apostando em cada buraco, trapaceando quando possível, falando palavrões à vontade, contando piadas sujas e fazendo tudo isso sem interferência de *caddies* ou outros jogadores. O jogo deles sempre se iniciava às nove da manhã, e Vonn fechava o acesso ao campo trinta minutos antes e trinta minutos depois. Detestava um campo lotado e, certa vez, demitiu um *starter* no ato quando teve de esperar cinco minutos por um quarteto lento à frente deles.

Os irmãos Maton, Vance e Floyd se bicavam constantemente e, portanto, tinham de ser separados. Vonn sempre jogava com Floyd. Ron Skinner sempre jogava com Vance. No domingo, 16 de outubro, quatro Primos começaram a jogar às nove da manhã, sem saber o que esperava por eles. Estavam começando sua última partida de golfe.

O quinto, Hank Skoley, deixou o seu chefe no bar do clube com planos de buscá-lo cinco horas depois. Hank detestava golfe e, em geral, passava as manhãs de domingo junto da piscina com a mulher e os filhos pequenos. Ia de carro para casa, cuidar da sua própria vida, dirigindo sensatamente e no limite de velocidade, quando um policial da Flórida o parou na rodovia 98. Ele não foi nem um pouco educado com o policial e, enquanto alegava sua inocência em qualquer delito de trânsito possível, foi informado de que estava preso por homicídio. Minutos depois de ser parado, ele estava no banco traseiro de um carro de patrulha, com algemas apertadas.

No Rolling Dunes, o quarto buraco tinha um *par* 5 longo com um *dogleg* à direita. Do *tee box*, o *green* não era visível e ficava quase na beira da propriedade, perto de uma via pública que era protegida por árvores e uma

vegetação densa. Dali, Allie Pacheco e sua equipe vigiavam e esperavam. Quando os dois carrinhos de golfe vieram chocalhando pela trilha e pararam perto de um *bunker* ao lado do *green*, os agentes aguardaram até que Vonn, Floyd, Vance e Ron fossem para o *green* com seus *putters*. Eles fumavam charuto e riam quando uma dúzia de homens de ternos pretos se materializou do nada e informou que o jogo estava encerrado. Eles foram algemados no gramado, conduzidos pelas árvores e pela vegetação e levados dali. Seus celulares e carteiras foram confiscados, mas os tacos, chaves e cervejas geladas tinham ficado nos carrinhos. Seus *putters*, bolas e charutos ficaram espalhados pelo gramado.

Aconteceu meia hora antes do próximo quarteto chegar para jogar. O mistério dos golfistas desaparecidos espantaria o clube por 24 horas.

Os Primos foram colocados em veículos separados. Allie Pacheco foi no banco traseiro com Vonn Dubose, que, depois de alguns minutos de confinamento, falou:

— Isso é sacanagem. Eu estava num bom *round* lá. Cheguei a fazer um *birdie*.

— Que bom que você curtiu — disse Allie.

— Pode me dizer de que se trata tudo isso?

— Homicídio punido com pena de morte.

— E quem é a suposta vítima?

— São muitas para se lembrar, não é, Vonn? Hugo Hatch.

Ele ouviu calmamente e não disse mais nada. Fiel ao código deles, Hank Skoley, os irmãos Maton e Ron Skinner foram para a prisão no mais completo silêncio.

Assim que eles foram algemados e os celulares foram confiscados, equipes de agentes do FBI deram uma batida nas casas e escritórios e apreenderam computadores, telefones, talões de cheques, arquivos inteiros, qualquer coisa que pudesse conter provas. Os Maton e Ron Skinner administravam escritórios aparentemente legítimos com assistentes e secretárias, mas, como era domingo, não havia ninguém para testemunhar as invasões do FBI. Hank Skoley guardava seus registros no porão de sua casa, e a mulher e os filhos apavorados olharam enquanto agentes de expressão severa carregavam um caminhão alugado. Vonn Dubose não guardava nada com ele ou no chalé que pudesse implicá-lo em alguma coisa.

Depois de tirarem digitais e fotografias dos acusados, eles foram colocados em celas separadas. Na verdade, meses se passariam antes que um dos cinco tivesse o menor vislumbre do outro.

Ofereceram a Vonn um sanduíche velho de almoço. Ele rejeitou e foi levado a uma sala de interrogatório, onde esperavam Allie Pacheco e Doug Hahn. Ele disse não ao café e a água e falou que queria um advogado. Pacheco leu para ele os “direitos de Miranda”, mas ele se recusou a assinar o formulário que certificava que os direitos haviam sido lidos para ele. Mais uma vez, exigiu um advogado e o direito de dar um telefonema.

- Isto não é um interrogatório, Jack - disse Allie com frieza. - É só um bate-papo, uma espécie de sessão de apresentação, agora que sabemos seu nome verdadeiro pelas digitais. Fizemos uma busca no banco de dados de digitais, e conseguimos uma combinação por conta de sua prisão em 1972 por lesão corporal grave com intenção de matar. Na época, você era Jack Henderson, parte de uma quadrilha de matutos envolvida em tráfico de drogas, prostituição e jogatina. Depois que você cumpriu pena em Slidel, na Louisiana, decidiu que a prisão não servia para você; então, arrumou uma forma ardilosa de escapar. Abandonou o antigo nome, tornou-se Vonn Dubose e, nos últimos quarenta anos, fez um trabalho extraordinário sendo o homem invisível. Mas a festa acabou, Jack.

- Quero um advogado.

— Claro, você vai arrumar um, Jack, mas não o espertinho que você tem em mente. Esses caras custam uma grana preta, e às nove horas desta manhã você estará tão falido quanto seu papai quando ele próprio foi preso. Todas as suas contas bancárias serão congeladas, Jack. Todo aquele dinheiro preso para sempre, intocável.

— Arranje um advogado para mim.

Clyde Westbay recebeu a cortesia de uma prisão quase discreta. No domingo de manhã cedo, recebeu um telefonema de um agente do FBI informando que a hora tinha chegado. Clyde disse à mulher que havia um problema no trabalho e saiu de casa. Foi de carro ao estacionamento vazio de um shopping e estacionou ao lado de um Chevy Tahoe preto. Pôs as chaves no painel, saiu, foi algemado e colocado no banco traseiro do Tahoe. Ele não havia contado a mulher o que ia lhe acontecer. Simplesmente não teve coragem.

Usando as chaves do escritório dele, duas equipes de agentes do FBI deram uma batida nos hotéis que ele gerenciava para a Starr S, a empresa *offshore*. Na segunda-feira, todos os hóspedes seriam convidados a partir, e todas as reservas, canceladas. Os hotéis ficariam fechados por tempo indeterminado.

Enquanto os Primos finalmente tinham a permissão de dar telefonemas, logo vazou a notícia das prisões; depois, ela se espalhou como fogo de palha pela organização. Fugir ou não fugir - esta era a pergunta que se faziam os gerentes

em pânico. Antes que pudessem decidir, a maioria era presa enquanto seus escritórios eram praticamente saqueados pelo FBI.

Em Biloxi, um advogado chamado Stavish entrava com a mulher em uma igreja católica para a missa de domingo quando dois agentes pararam e anunciaram um desvio. Quando ficou claro que ele e seu parceiro tinham sido acusados por violações a lei RICO e que ele estava preso, deram-lhe a opção de entregar as chaves dos escritórios ou de o FBI arrombar as portas. Stavish deu um beijo de despedida na mulher, ignorou os olhares assombrados de seus companheiros paroquianos e saiu aos prantos com os agentes para seu escritório.

No Treasure Key, quatro agentes encontraram o gerente de serviço e informaram que o cassino iria fechar. Faça o anúncio, tire todos daqui. Outro agente telefonou para o cacique Cappel e lhe pediu para ir ao cassino. Era urgente. Quando ele chegou, vinte minutos depois, foi preso às pressas. Uma equipe de policiais federais ajudou a conduzir os jogadores furiosos para fora do prédio, ao estacionamento. Aqueles que estavam hospedados nos dois hotéis receberam a ordem de fazer as malas e partir imediatamente. Quando Billy Cappel chegou, apressado, também foi preso, junto com Adam Horn e três gerentes do cassino. Eles deixaram os policiais federais encarregados do caos enquanto jogadores, hóspedes e empregados zanzavam por ali, sem querer ir embora, mas percebendo que colocavam trancas em todas as portas.

Por volta das três horas da tarde de domingo, Phyllis Turban tomava um chá gelado em sua varanda e lia um livro. Seu celular tocou com uma ligação de um número desconhecido. Ela atendeu, e um interlocutor anônimo falou:

- Você foi denunciada, junto com sua amiguinha McDover e Vonn Dubose e cerca de outros cem picaretas. O FBI está dando batidas nos escritórios por toda a costa, e o seu será o próximo.

Usando o celular descartável, porém conhecido do FBI, de imediato ela ligou para Claudia, que não sabia de nada. Claudia ligou para seu contato, Hank Skoley, mas ninguém atendeu. As duas mulheres procuraram notícias na internet e não viram nada. Phyllis sugeriu que elas pegassem um avião para escapar, e ligaram para uma empresa de táxi aéreo em Mobile. Havia um jato disponível que podia decolar em duas horas.

Seguindo instruções, a empresa de táxi aéreo ligou para o FBI. Agentes seguiram Phyllis, que corria a seu escritório secreto em um centro comercial de elite no subúrbio perto do aeroporto. Ela entrou sem nada, mas com a chave na mão, e saiu com duas volumosas bolsas Prada. Eles a rastreamos enquanto ela ia de carro ao terminal de aviação geral no Aeroporto Regional de Mobile.

A empresa de táxi aéreo informou ao FBI que a cliente assídua desejava parar em Panama City para pegar uma passageira, tendo como último destino

Barbados. O FBI, em conjunto com a Administração Federal de Aviação, instruiu a empresa a prosseguir. As 16h50, o Lear 60 decolou de Mobile para o voo de vinte minutos a Panama City.

Enquanto isso, a juíza McDover corria até sua casa preferida em Rabbit Run, pegava alguns objetos, enfiava-os em uma bolsa grande e corria para o aeroporto. Estava lá as 17h15 quando o Lear taxiou e parou, e ela se dirigiu ao avião apressadamente. O comandante a cumprimentou, deu as boas-vindas a bordo e depois foi ao terminal para cuidar da papelada necessária. Após quinze minutos, o comandante informou a Claudia e Phyllis que havia mau tempo no Golfo, e a decolagem atrasaria.

- Não pode simplesmente contornar? - gritou Phyllis.

- Lamento.

Dois SUV pretos apareceram por trás do jato e estacionaram na frente de sua asa esquerda. Claudia os viu primeiro e disse em voz baixa:

- Ah, merda.

Depois que as mulheres foram algemadas e levadas, os agentes deram uma busca no jato. As mulheres não se incomodaram com vestuário; em vez disso, tinham agarrado todos os bens que pudessem levar. Diamantes, rubis, moedas raras e pilhas de dinheiro. Meses depois, fariam um inventário, e os bens seriam avaliados em 4, 2 milhões de dólares. Quando indagadas como pretendiam passar pela alfândega em Barbados, elas não responderam.

Um butim ainda maior foi apreendido em batidas na casa de McDover em Rabbit Run. Quando os agentes finalmente encontraram o quarto seguro que ela havia construído na casa, ficaram espantados com o dinheiro, as joias, obras de arte, livros raros, relógios raros e antiguidades. A batida na casa, por outro lado, pouco produziu em termos de ativos de valor. Em seu gabinete, os agentes confiscaram a lista habitual de computadores, telefones e arquivos. Os computadores do escritório de Phyllis Turban aparentemente não foram usados para o trabalho sujo. Porém, os dois laptop em seu escritório secreto estavam recheados de registros de contas bancárias, transferências eletrônicas, registros corporativos, imobiliários e correspondência com advogados em países conhecidos como paraísos fiscais.

A varredura pelo Panhandle foi ampla e rápida. Ao anoitecer de domingo, 21 homens e duas mulheres haviam sido presos e enfrentavam uma bateria de acusações de formação de quadrilha que só aumentaria nas semanas seguintes. Neste grupo, estava incluído Delgado, que malhava em uma academia quando dois agentes estragaram seu dia. No papel, ele trabalhava para um bar de propriedade de uma empresa de terceiros e foi acusado dos crimes habituais de

lavagem de dinheiro. Anos se passariam até que seus crimes mais graves viessem à luz.

Os noticiários da TV a cabo descobriram a história por volta das 18 horas de domingo e pareciam despreparados para ela. Como os crimes eram desconhecidos, assim como os acusados, houve pouca cobertura. Isto mudou drasticamente com dois acontecimentos: a notícia do fechamento do cassino e a descoberta, por algum pesquisador desconhecido, da expressão “Máfia da Costa”. Esta última simplesmente era sensacional demais para ser ignorada, e logo havia reportagens ao vivo dos portões trancados do Treasure Key.

Lacy e JoHelen olhavam fixamente a televisão com um fascínio que beirava a incredulidade. A conspiração foi destruída. A quadrilha, presa. A corrupção, exposta. Os criminosos estavam presos. A justiça ainda existia. Era avassalador até pensar que as duas tinham desencadeado esses acontecimentos impressionantes. Tanta coisa se perdera pelo caminho, que era difícil sentir orgulho, pelo menos naquele momento. Quando um “Urgente” surgiu na tela, interrompendo outra reportagem, e a cara da juíza Claudia McDover apareceu, JoHelen cobriu a boca com as mãos e começou a chorar. A repórter falou efusivamente sobre a juíza McDover e sua advogada sendo presas em um jato particular enquanto tentavam fugir do país. Cerca de metade das informações eram corretas, mas o que faltava de veracidade na repórter, ela compensou com entusiasmo.

— Suas lágrimas são de alegria? — perguntou Lacy.

— Talvez. Agora eu não sei. Claro que triste eu não estou. Só é difícil de acreditar.

— É mesmo. Alguns meses atrás, eu nunca tinha ouvido falar dessas pessoas e não me lembro de pensar muito no cassino.

— Quando vai ficar tudo bem para ir para casa?

— Não sei. Vamos esperar até eu falar com o FBI.

Gunther tinha ido com o jipe à cidade em busca de carne vermelha e carvão. Agora estava na varanda, com costeletas na grelha e batatas assando na brasa. De vez em quando, ele aparecia para ouvir as últimas notícias, mas, ao anoitecer, a imprensa já estava reciclando as mesmas histórias. Por várias vezes, ele disse: “Meus parabéns, meninas, vocês simplesmente derrubaram a juíza mais corrupta da história da América. Saúde! ”

Mas elas não estavam com vontade de comemorar. JoHelen tinha quase certeza de que manteria o emprego, embora o juiz que substituísse McDover

estivesse livre para contratar uma nova estenógrafa. Se ela estava pensando em alguma recompensa pela denúncia que fez, apoiada no estatuto de proteção ao informante, não falou nisso. Naquele momento, um plano desses parecia complicado demais e consumia muito tempo; sem falar que ela perdera seu advogado, o cara que supostamente sabia como navegar no estatuto.

Antes do jantar, Lacy telefonou a Geismar, e eles compararam observações. Ela ligou para Verna, e as duas conversaram sobre a prisão dos homens acusados da morte de Hugo. Telefonou para Allie Pacheco, mas não obteve resposta. Eles não se falaram o dia todo e, por ela, estava tudo bem. Lacy suspeitava de que ele estaria muito ocupado.

As nove horas da manhã de segunda-feira, a procurador-geral Paula Galloway apareceu perante um juiz federal em Tallahassee e requereu uma série de decisões que fecharia imediatamente 37 empreendimentos comerciais. A maioria deles ficava no condado de Brunswick, mas todo o Panhandle seria afetado. Incluía bares, lojas de bebidas, restaurantes, boates de strip-tease, hotéis, lojas de conveniência, shopping-centers, parques de diversão, campos públicos de golfe e três condomínios residenciais em construção. Os tentáculos da organização se estendiam a cada comunidade residencial, como Rabbit Run, mas, devido ao fato de a maioria das propriedades ter sido vendida a pessoas físicas, seriam deixadas em paz. Galloway forneceu ao juiz uma lista de 84 contas bancárias e pediu que elas fossem congeladas temporariamente. A maioria tinha relação com as empresas, mas algumas eram de pessoas físicas. Hank Skoley, por exemplo, guardava duzentos mil dólares em certificados de depósito bancário de baixo risco, e cerca de quarenta mil em uma conta-corrente conjunta. Ambos foram congelados pelo juiz, um veterano com os mesmos ideais da procuradora Galloway. Devido a natureza dos processos, não havia ninguém para contestar seus requerimentos. Ela pediu que determinado advogado de uma firma grande em Tallahassee fosse nomeado depositário de todas as empresas enumeradas até então.

Os deveres de depositário seriam extensos. Ele assumia o controle jurídico de todas as empresas que tinham originado o financiamento, no todo ou em parte, das atividades criminosas do que agora era adequadamente mencionado como “o sindicato Dubose”. Ele voltaria aos primórdios de cada negócio e empresa e reconstituiria registros contábeis precisos. Com a ajuda de contadores forenses, tentaria percorrer os rastros do dinheiro que ligavam as empresas e estabelecer a conexão delas com o sindicato. Trabalhando com o FBI, tentaria penetrar o labirinto de empresas *offshore* criadas por Dubose e descobriria os ativos de cada uma delas. Mais importante, o depositário lidaria com o confisco,

ou venda, de todas as propriedades ligadas ao sindicato Dubose.

Duas horas depois, Galloway dava uma coletiva bem coreografada, o sonho de todo procurador-geral. Enfrentou uma multidão de repórteres e falou em um ninho de microfones. Atrás dela, estavam seus assistentes, inclusive Rebecca Webb, e vários agentes do FBI. A direita, numa tela grande, estavam as fotos das fichas policiais ampliadas dos cinco Primos e de Clyde Westbay. Ela explicou as acusações de homicídio contra eles, disse que já estavam detidos e, sim, ela pretendia conseguir a pena de morte. Segurando as perguntas até o fim, ela foi da acusação de homicídio às acusações da lei RICO. A captura estava ainda em andamento, mas 26 dos 33 acusados foram presos. O FBI e seu escritório estavam na fase inicial da investigação, ainda com muito terreno para cobrir. As atividades criminosas do sindicato Dubose eram extensas e bem organizadas.

Quando liberou para perguntas, ela foi bombardeada.

Ao meio-dia de segunda-feira, o refúgio nas montanhas perdia seu apelo. Eles estavam cansados de ver os noticiários; cansados de cochilar; cansados de tentar ler livros velhos que outra pessoa tinha escolhido para eles; cansados de ficar sentados no deque se impregnando com as cores do início do outono, por mais bonitas que fossem. O amigo de Gunther queria o avião de volta. Lacy tinha trabalho a fazer. E JoHelen estava ansiosa para entrar no tribunal de Brunswick sabendo que nunca mais veria a cara de Claudia McDover. Estava louca para ouvir as fofocas.

Mais importante, na opinião de Allie, a ameaça a JoHelen tinha acabado. Dubose tinha questões muito mais importantes do que uma estenógrafa dedoduro com que se preocupar. Com todos os principais

participantes trancafiados e sem telefones, seria difícil para ele conseguir fazer as coisas. Allie também disse que o FBI ficaria de olho em JoHelen por duas semanas.

Rusty veio buscar os três às 14 horas, e a viagem descendo a montanha foi mais apavorante do que na subida. Até Gunther estava nauseado quando eles chegaram a Franklin. Eles agradeceram a Rusty, passaram pelos rituais falsos de prometer vê-lo novamente e decolaram.

Lacy queria seguir diretamente para casa, mas isto não era possível. Ela havia deixado seu carro novo em Valdosta e não teve alternativa senão parar ali. O voo foi complicado, com Gunther se esquivando de tempestades e tentando em vão encontrar uma altitude tranquila. Quando eles pousaram, Lacy e JoHelen estavam abaladas e felizes por entrar em um carro. Elas abraçaram Gunther, agradeceram e se despediram. Esperaram até que ele estivesse no ar e rapidamente saíram da cidade. Tallahassee ficava a meio caminho entre Valdosta

e Panama City, onde JoHelen tinha deixado seu carro no estacionamento do Neptune Motel.

Com a longa viagem de carro se estendendo diante delas, Lacy teve uma ideia melhor. Elas passariam a noite em Tallahassee, em sua casa e convidariam Allie para jantar. Comendo uma massa e bebendo um bom vinho, elas ouviriam as histórias dele dos últimos três dias. Pediriam os detalhes que estavam ansiosas para saber. Quem prendera Dubose e o que ele disse? Conte-nos sobre Claudia e sua tentativa de fuga. Quem são os outros acusados e onde estão? Quem estava ameaçando JoHelen? À medida que os quilômetros voavam, elas pensavam em dezenas de perguntas.

Lacy telefonou a Allie e perguntou sobre o jantar. O bônus era que JoHelen Hooper estaria presente.

- Então, vou conhecer a informante? — perguntou ele.
- Em carne e osso.
- Mal posso esperar.

Epílogo

Nos dias que se seguiram às prisões e batidas, a história era manchete por toda a Flórida e no Sudeste. Repórteres de toda parte corriam, cavando aqui e ali, procurando provas e buscando novidades. Os portões trancados do Treasure Key tornaram-se o pano de fundo preferido para suas reportagens televisionadas. Eles acamparam na entrada da casa de Verna, até que foram obrigados a ir embora, e assim se retiraram para a rua na frente de sua casa e bloquearam o trânsito. Depois que dois foram presos e quando perceberam que Verna não tinha nada a dizer, perderam o interesse e se dispersaram. A procurador-geral Paula Galloway dava informes diários em que não era revelado quase nada de novo. Allie Pacheco, respondendo oficialmente pelo FBI, recusava-se a falar. Por alguns dias, os repórteres filmaram o lado de fora da casa de McDover em Sterling e a frente do Tribunal Regional de Brunswick. Filmaram o exterior do escritório trancado de Phyllis Turban, bem como a firma de advocacia em Biloxi. Aos poucos, as notícias do caso foram migrando da primeira página para a página dois.

Com o foco no FBI e na Procuradoria Geral, havia pouco interesse pelo Conselho de Conduta Judicial. Na verdade, a agência mínima sobreviveu à tempestade porque quase não atraía atenção nenhuma. Lacy e Geismar receberam alguns telefonemas de jornalistas, mas não retornaram nenhuma ligação. Como todos os outros, eles acompanhavam o caso pela imprensa, e ficaram admirados com a quantidade de desinformações que eram divulgadas. Para o CEJ, o caso estava encerrado. Seu alvo estava preso, e esperava-se sua exoneração do cargo em breve.

Mas era difícil seguir em frente, pelo menos para Lacy. Ela se envolveu emocionalmente demais no caso para simplesmente encerrá-lo e abrir outro arquivo. O maior caso de sua carreira tinha acabado, mas consumiria sua vida pelos meses seguintes. Ela e Pacheco passavam muito tempo juntos e achavam impossível falar de outra coisa.

Duas semanas depois da prisão de McDover e da quadrilha de Dubose, Lacy voltou para casa no final de uma tarde. Estava prestes a sair do carro, quando notou um homem sentado despreocupadamente em sua soleira, esperando. Telefonou para Simon, o vizinho, e pediu para dar uma olhada. Ele já estava vigiando. A medida que Lacy se aproximava do prédio, Simon saiu para monitorar a situação.

O homem usava uma camisa de golfe branca e bermuda cáqui, com um boné de aba puxada para baixo, quase cobrindo os olhos. O cabelo era curto, e os olhos, pretos. Enquanto ela se aproximava, ele sorriu e disse:

— Oi, Lacy. — Era Greg Myers.

Ela dispensou Simon com um gesto e eles entraram.

Ao fechar a porta de entrada, ela falou:

— Achei que você estava morto.

— Quase. — Myers riu. — Preciso muito de uma cerveja.

— Somos dois.

Ela abriu duas garrafas e eles se sentaram a mesa da cozinha.

— Acho que você não viu Carlita — disse Lacy.

Ele riu novamente.

— Fiquei com ela na noite passada. Ela está bem. Obrigado por resgatá-la.

— Obrigado? Sem essa, Myers, comece a falar.

— O que você quer saber?

— Tudo. Por que você desapareceu?

— É uma longa história.

— Imagino que sim. Comece a falar.

Myers estava pronto para falar, pronto para se reinserir na narrativa que ele ajudara a criar. Tomou um longo gole da garrafa, limpou a boca com as costas da mão, um gesto meio grosseiro que Lacy já havia visto, e começou:

- Por que desapareci? Por acaso, por dois motivos. Primeiro, eu tinha um plano de apoio o tempo todo. Eu sabia que o FBI relutaria em se envolver e, a medida que as coisas evoluíam, vi que tinha razão. Se eu sumisse, você e o FBI iam acreditar que Dubose tinha me encontrado. Outro assassinato, como o meu, levaria o FBI a olhar com mais atenção. Eu não queria o FBI nessa história, mas nós, todos nós, logo percebemos que o caso não daria em lugar algum sem eles. Eu não tinha razão nisso?

- Talvez. Certamente seu desaparecimento tornou tudo mais interessante, mas não mudou exatamente a decisão do FBI.

- E o que mudou?

- O DNA. Tínhamos uma amostra de sangue da cena do acidente, e isso nos levou ao motorista da picape. Depois que ele foi identificado, o FBI entendeu que o caso podia ser resolvido. Eles farejaram uma vitória imensa e entraram já disparando as armas, por assim dizer.

- Como vocês obtiveram uma amostra de sangue?

- Vou te contar sobre isso depois. Você disse que havia dois motivos para pular do barco.

- Sim, bom, o segundo era muito mais importante do que o primeiro. Eu

estava no barco numa manhã em Key Largo, cuidando da minha vida, mexendo no motor, quando o celular descartável vibrou. Eu o abri, cumprimentei ou coisa assim e uma voz falou: “Myers?” Imaginei que fosse Cooley, mas depois algo me disse que não era. Desliguei e liguei para Cooley de outro aparelho. Ele disse que não, não tinha tentado me telefonar. Eu sabia que alguém tinha apanhado meu rastro, e esse alguém era Vonn Dubose. Desci, apaguei tudo do meu laptop, enchi os bolsos com dinheiro e disse a Carlita que ia a marina comprar gelo. Andei pela marina por meia hora, observando tudo, e, por fim, subornei um morador para me levar de carro a Homestead. Dali, fui para Miami e caí na clandestinidade. Foi por pouco, e quase me matou de susto.

— Por que você deixou Carlita sozinha daquele jeito?

Outro longo gole da garrafa.

— Eu sabia que eles não iriam machucá-la. Eles podiam fazer ameaças e assustá-la, mas deduzi que ela ficaria a salvo. Era arriscado. E eu tinha de convencê-la,, também a Cooley, você, e talvez o FBI, de que eu era outra baixa. As pessoas podem ser obrigadas a falar, até Carlita e Cooley. Era importante que eles nada soubessem do meu desaparecimento.

— Você fugiu. Cooley fugiu. E vocês deixaram as mulheres para trás para lidar com o perigo.

— Tudo bem, olhando por esse ângulo parece horrível, mas foi muito mais complicado. Ou eu fugia, ou levava um tiro. Cooley fugiu por motivos diferentes. Depois que fui embora, ele entendeu que estava comprometido. Entrou em pânico e se entocou.

— E agora vocês voltaram procurando o pote de ouro.

— Mas é claro que sim. Lembre-se, Lacy, nada disso teria acontecido sem nós, Cooley foi o cérebro que montou tudo por um longo tempo. Ele é o verdadeiro gênio por trás disso. Recrutou JoHelen e preparou-a maravilhosamente até que, é claro, ficou com medo. Quanto a mim, tive a coragem de assinar a denúncia e por um triz não paguei muito caro por isso.

— Ela também.

— Ela receberá sua recompensa, acredite em mim. Haverá o bastante para nós três.

— Cooley fez as pazes com JoHelen?

— Digamos que eles estejam negociando. Eles vêm dormindo juntos há uns vinte anos, com algumas separações, e eles se entendem.

Lacy suspirou e meneou a cabeça. Não tinha tomado um gole da cerveja, mas sua garrafa estava vazia. Ela pegou outra na geladeira e foi à janela.

— Tente ver desse jeito, Lacy — disse Myers. — Cooley, JoHelen e eu planeamos todo esse ataque a Dubose e McDover. As coisas correram mal. Seu

amigo foi morto. Você se machucou. Tivemos sorte por não sofrermos outras baixas. Pensando bem agora, retrospectivamente, eu não teria feito isso. Mas tudo acabou, e os bandidos estão presos, e nós três ainda estamos de pé. Estamos em vias de fazer as pazes, e um dia vamos nos divertir dividindo o bolo.

— Tenho certeza de que você andou lendo os jornais.

— Cada palavra.

— Então viu o nome de Allie Pacheco?

— Ah, sim. Parece ser um grande agente.

— Bom, estamos namorando, e acho que ele precisa ouvir essa história.

— Traga o cara. Não fiz nada de errado e quero falar.

A investigação do sindicato Dubose pelo FBI durou outros 14 meses e gerou mais 6 denúncias. Ao todo, 39 pessoas foram presas, e praticamente todas apresentavam risco de fuga, e ficaram portanto sem direito a fiança. Cerca de metade delas era de alvos menores que trabalhavam em empresas de propriedade da organização criminosa, mas poucos sabiam a respeito da lavagem de dinheiro e nada sobre o desvio de grana do Treasure Key. Com suas contas bancárias congeladas e a liberdade cerceada, e com advogados nomeados pelo tribunal, elas começaram a fazer acordos na velocidade com que Paula Galloway conseguia colocá-los na mesa. Seis meses depois da prisão de Vonn Dubose, cerca de uma dúzia de seus colegas acusados concordaram em se declarar culpados e apontar o dedo para os chefes. Enquanto o governo comia pelas beiradas, o laço ficava mais apertado no pescoço dos verdadeiros criminosos. Mas eles aguentaram firme. Nenhum dos onze gerentes, exceto naturalmente Clyde Westbay, e certamente nenhum dos cinco Primos, cedeu.

Porém, foi encontrado um ponto fraco fora da organização. Gavin Prince, um Tappacola benquisto com diploma da Universidade Estadual da Flórida, concluiu que não tinha futuro na prisão. Era o segundo em comando no cassino e conhecia a maioria dos segredos sujos. Seu advogado convenceu Paula Galloway de que Prince não era um bandido e podia ajudar imensamente no caso deles em troca do acordo certo. Ele concordou em declarar-se culpado de uma acusação com direito a condicional.

De acordo com Prince, cada mesa de jogo — blackjack, roleta, pôquer e dados - tinha uma caixa de metal impossível de ser aberta pelo crupiê. Noventa por cento do dinheiro chega em espécie, e o crupiê o recebe, conta para que os jogadores e as câmeras vejam, coloca na caixa fixada a mesa e o converte em fichas. As mesas de blackjack geram mais dinheiro; a roleta é a que gera menos. O cassino nunca fechava, nem mesmo no Natal, e sua hora de menor movimento era às cinco da manhã. Todo dia a essa hora, guardas armados recolhiam as

caixas, as colocavam em um carrinho e as substituíam por caixas vazias. Elas eram levadas até uma sala fortificada — a “sala de contagem” oficial —, onde uma equipe de quatro profissionais — a “equipe de contagem” — trabalhava em cada caixa. Cada homem da contagem tinha um guarda a suas costas e uma câmera diretamente acima. Cada caixa era contada quatro vezes. Em geral, havia sessenta caixas. A missão de Prince toda manhã era retirar a caixa de número BJ-17 da mesa de blackjack de receita mais alta. Ele fazia isso simplesmente retirando-a do carrinho antes que este fosse empurrado para a sala de contagem. Ele nunca dizia uma palavra. Os guardas viravam a cara. Era um procedimento habitual. Com a BJ-17, Prince entrava em uma sala pequena, sem câmeras, e colocava a caixa em uma gaveta trancada. Pelo que ele sabia, só havia mais uma chave, e esta pertencia ao cacique da tribo, que ia ao cassino todo dia e recolhia o dinheiro.

Em média, as caixas das mesas de blackjack coletavam 21 mil dólares por dia, embora se soubesse que a BJ-17 coletava muito mais. Prince estimava que a caixa coletava pelo menos 8 milhões por ano, todo esse dinheiro desaparecido e fora da contabilidade.

As gravações de vigilância da mesa da BJ-17 eram misteriosamente apagadas a cada três dias, para o caso de alguém fazer perguntas, mas nunca ninguém fez. Quem exatamente ia aparecer para bisbilhotar? Eles estavam em território indígena!

Prince era um dos três supervisores que reorientava o dinheiro a pequena gaveta do cacique da tribo. Todos os três estavam presos, acusados, e encarariam longas sentenças. Quando Prince resolveu colaborar, os outros dois rapidamente seguiram o exemplo. Os três alegaram que não tinham alternativa senão facilitar o desvio. Eles sabiam que o cacique da tribo não ficaria com todo o dinheiro, que este era usado para subornar outras pessoas e assim por diante. Mas eles trabalhavam em um ambiente onde não se faziam perguntas, onde tinham suas próprias leis e acreditavam verdadeiramente que nunca seriam apanhados. Nenhum dos três alegou saber alguma coisa a respeito de Vonn Dubose.

O cassino ficou fechado por três semanas. Com duas mil pessoas sem trabalho e os dividendos em risco, os Tappacolas contrataram advogados caros que enfim convenceram um juiz de que eles podiam corrigir os malfeitos. Concordaram em contratar uma equipe de gestão profissional do cassino Harrah's.

Com o cacique Cappel preso e enfrentando a probabilidade de ficar ali por décadas, e com a tribo completamente humilhada, começou um esforço para a mudança. Noventa por cento dos Tappacolas assinaram uma petição exigindo sua renúncia e uma nova eleição. Ele renunciou, assim como o filho Billy e o

acólito Adam Horn. Dois meses depois, Lyman Gritt foi eleito chefe de lavada. Depois de sua eleição, ele fez a Wilton Mace a promessa de tirar o irmão da prisão.

Advogados dos Primos procuraram em vão liberar parte de seu dinheiro. Queriam contratar alguns grandes advogados que podiam procurar brechas. O juiz, porém, não gostava da ideia de permitir que dinheiro sujo fosse gasto em honorários advocatícios. Disse não enfaticamente e nomeou criminalistas experientes para defendê-los.

Embora mais grave do que a acusação de crime organizado, o caso de homicídio punido com pena de morte foi mais fácil de preparar. Tirando Clyde Westbay, só haveria cinco réus no julgamento, ao contrário dos mais ou menos vinte do caso em que a lei RICO se aplica. Paula Galloway havia muito tempo decidira pressionar pelo julgamento de homicídio, torcer pelas condenações, e, com os Primos trancafiados ou em prisão perpétua ou condenados a pena de morte, negociar agressivamente com os demais réus da RICO. Depois que todos fossem apanhados e estivessem presos, ela e sua equipe acreditavam que o julgamento por homicídio poderia ser marcado para dali a 18 meses. O julgamento por crime organizado poderia demorar dois anos para ser preparado.

Em abril de 2012, cerca de seis meses depois das prisões, o depositário nomeado pelo tribunal começou a vender os ativos. Usando um estatuto federal controverso, ele organizou um leilão de nove automóveis de último tipo, quatro embarcações e dois aviões bimotores. Os advogados dos Primos protestaram, alegando que esse confisco, enquanto seus clientes tecnicamente ainda eram considerados inocentes,

era prematuro. Era o mesmo argumento que os advogados de defesa estiveram gritando por cerca de vinte anos. Embora parecesse injusto, a lei era a lei, e o leilão arrecadou 3,3 milhões de dólares. A primeira gota do que se tornaria um balde muito grande.

Uma semana depois, o depositário vendeu um shopping-center por 2, 1 milhões e a assunção de dívida. O desmonte do sindicato Dubose estava em andamento.

Um advogado que representava Verna Hatch observava tudo atentamente. Após o leilão, ele entrou com um processo pedindo dez milhões de indenização por homicídio culposo com base no estatuto civil da rico e notificou o depositário de que ele pretendia entrar com uma ação judicial contra o patrimônio. O depositário não deu a mínima. O dinheiro não era dele. Seguindo o mesmo caminho de Verna, Lacy entrou com um processo por lesões corporais.

Localizar os ativos de Claudia McDover e Phyllis Turban não foi tão complicado quanto procurar o dinheiro sujo usado pela quadrilha. Depois que o

FBI tinha todos os registros de Turban, o rastro ficou claro. Em nome de empresas *offshore*, as mulheres tinham comprado uma casa de veraneio em Barbados, o apartamento em Nova Jersey e uma casa em Cingapura. Os imóveis foram descarregados de forma organizada e renderam 6, 3 milhões. Elas controlavam onze contas bancárias de pessoa jurídica escondidas pelo mundo, com um saldo agregado de pouco mais de cinco milhões. Por ordem do tribunal e pressão do Departamento de Estado, o banco de Cingapura abriu um cofre de propriedade das duas. Estava cheio de diamantes, rubis, safiras, moedas raras e barras de ouro de dez onças. Foram avaliados em onze milhões. A mesma pressão foi feita sobre um banco de Barbados e produziu o mesmo butim. Foi avaliado em 8, 8 milhões de dólares. Os quatro imóveis em Rabbit Run foram vendidos por cerca de um milhão cada um.

Nos escritórios do FBI em Tallahassee, o saque impressionante cometido pelas mulheres era conhecido como o Fundo Delator. Seus ativos foram lentamente vendidos pelo depositário e, um ano depois das prisões, o Fundo Delator tinha um saldo de 38 milhões. No papel, a soma era impressionante, mas aos poucos aumentou nos meses em que o choque passou.

O advogado Greg Myers entrou com uma ação pedindo uma recompensa do Fundo Delator. Advogados nomeados pelo tribunal para McDover e Turban entraram com os protestos de sempre contra a venda dos ativos, sem sorte nenhuma. Depois que tudo foi confiscado e não havia nada além de uma pilha de dinheiro, os advogados não tiveram argumento nenhum. O que eles poderiam dizer? Que o dinheiro não foi roubado? Então, eles se retiraram e, depois, desapareceram.

Advogados dos Tappacolas argumentaram que o dinheiro pertencia a tribo, e o juiz concordou. Contudo, o dinheiro jamais teria sido encontrado, e toda a teia de corrupção, exposta, se não fosse pela coragem de JoHelen, Cooley e Greg Myers. Os Tappacolas não estavam isentos de culpa. Elegeram duas vezes um cacique criminoso. Dos 38 milhões, o juiz destinou dez milhões de dólares - metade para JoHelen, e Myers e Cooley ficaram, cada um, com 25%. Ele também não deixou dúvida de que eles teriam direito a uma recompensa ainda maior um dia, no futuro distante, quando todos os ativos do sindicato Dubose enfim fossem encontrados e vendidos.

Em 14 de janeiro de 2013, quinze meses depois de eles serem presos, os cinco Primos foram levados a julgamento no Tribunal Federal de Pensacola. Na época, eles souberam que Clyde Westbay e Zeke Foreman testemunhariam contra eles. Souberam que Clyde tinha se declarado culpado de homicídio simples no dia em que foi preso e que ele cumpriria uma sentença menor, ainda a ser decidida. Eles não sabiam onde se escondia Zeke Foreman, e não se

importaram. A festa deles tinha acabado. Eles se concentravam em seus futuros melancólicos.

Em um tribunal com muitos espectadores, Paula Galloway, uma advogada que ainda adorava entrar na arena, apresentou o caso do governo. Sua primeira testemunha foi Verna Hatch. Lacy foi a segunda. Foram exibidos fotografias e vídeos da cena do acidente. Ela ficou no banco de testemunhas o dia inteiro e achou a experiência exaustiva. Mas ficou sentada por ali durante todo o julgamento com Verna. Muitos amigos e familiares de Hugo chegavam e saíam durante o julgamento de oito dias. Eles viram o vídeo do Dodge Ram sendo roubado e o da loja de Frog. Zeke Foreman foi uma testemunha excelente. Clyde Westbay convenceu a todos, mas estava nervoso e se recusou a olhar para qualquer um dos réus. Nenhum deles depôs. Sua defesa continuou unificada. Um por todos, todos por um. Se iam cair, eles se queimariam juntos.

O júri deliberou por seis horas e condenou os cinco. Na semana seguinte, Paula Galloway dedicou-se a sua busca pela pena de morte, mas fracassou. O júri não teve problemas para sentenciar Vonn Dubose e Hank Skoley a morte. Vonn tinha encomendado o crime. Hank organizou os detalhes. Mas nunca ficou claro se os irmãos Maton e Ron Skinner sabiam do plano. Segundo a lei, um membro de quadrilha é culpado dos crimes de sua quadrilha, esteja envolvido neles ou não, mas o júri não conseguiu se decidir a sentenciar os outros três a morte. Em vez disso, receberam a pena de prisão perpétua, sem direito a condicional.

Com os Primos condenados e banidos para sempre, Paula Galloway não estava mais disposta a fazer acordos com os outros réus do caso que envolvia a lei RICO. A maioria concordou em alegar culpa para ter acusações reduzidas e receberam, em média, seis meses de prisão.

Um antigo pau-mandado de confiança, chamado Willis Moran, queria distância da prisão. Teve um irmão que foi estuprado e morto em uma delas, e ele, Willis, morria de medo dessa possibilidade. Durante vários interrogatórios, ele sugeriu que sabia algo a respeito das mortes de Son Razko e Eileen Mace, e até do desaparecimento de Digger Robles, o informante da penitenciária. O FBI tinha pouco interesse em manter Moran preso com uma sentença longa, ou mesmo uma curta, e um acordo foi negociado em que ele cumpriria só o tempo que já havia passado preso.

Com o correr dos anos, Moran às vezes trabalhara com Delgado, que era o assassino de aluguel preferido de Vonn. Sabia-se, pelo menos entre os veteranos, que Delgado era muito competente em tirar pessoas do caminho e que ele provavelmente tinha sido o assassino de Son e Eileen.

Com relutância, Allie Pacheco abriu outro capítulo na história de Dubose.

Dois meses depois do julgamento de homicídio, Claudia McDover e Phyllis Turban foram levadas ao tribunal no prédio federal de Tallahassee, cercadas por seus advogados. Ambas já haviam se declarado culpadas de suborno e lavagem de dinheiro. Agora, receberiam a sentença. O juiz se dirigiu primeiro a Phyllis e, depois de uma boa reprimenda, mandou-a para cumprir dez anos de prisão.

O ataque dele a Claudia foi digno de ser registrado nos arquivos. Em um texto preparado, ele atacou sua “ganância espantosa”, sua “desonestidade nauseante”, sua “traição covarde” da confiança depositada nela pelos eleitores. Uma sociedade estável baseia-se em conceitos de equidade e justiça, e por isso resta a “juízes como você e eu” cuidar para que todos os cidadãos sejam protegidos dos corruptos, dos violentos e das forças do mal. Às vezes mordaz, em outras ocasiões cáustico e sarcástico, e nem por um momento demonstrando a menor solidariedade, a invectiva do juiz dando a sentença grassou por 30 minutos e sobressaltou muitos no tribunal. Claudia, frágil e muito mais magra depois de 17 meses com a comida da cadeia, ficou de pé o mais reta possível e absorveu os golpes. Só uma vez pareceu vacilar, como se os joelhos perdessem as forças. Em nenhum momento, verteu uma lágrima que fosse, nem tirou os olhos do juiz.

Ele a sentenciou a 25 anos.

Na fila da frente, Lacy, com Allie de um lado e JoHelen do outro, quase sentiu pena dela.

Table of Contents

[Contra Capa](#)

[Orelhas](#)

[Rosto](#)

[Ficha](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[11](#)

[18](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[42](#)

